

Serie 5.^a BRASILIANA Vol. 64
Bibliotheca Pedagogica Brasileira

GILBERTO FREYRE

S O B R A D O S
E
M U C A M B O S

Decadencia do Patriarchado Rural no Brasil

(Edição ilustrada)



1936
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo

SERIE 5.a - BRASILIANA

IBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios.
- 2 — Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena.
- 3 — Alcides Gentil: As idéas de Alberto Torres.
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação.
- 5 — Auguste de Saint-Hilaire: Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo (1822) — Trad. e pref. de Affonso de E. Taunay.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e episodios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrizes de Ruy Barbosa.
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro.
- 11 — Luis da Camara Cascudo: O Conde d'Eu.
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cote-gipe.
- 13 — Vicente Lleinio Cardoso: A' margem da Historia do Brasil.
- 14 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira.
- 15 — Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda de Rozas
- 16 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 17 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II.
- 19 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII).
- 20 — Alberto de Faria: Mauá.
- 21 — Baptista Pereira: Pelo Brasil Maior.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Anthropologia Brasileira.
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Pandiá Calogeras: Problemas de Administração.
- 25 — Mário Marroquim: A lingua do Nordeste.
- 26 — Alberto Ranjel: Rumos Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaya.
- 29 — Josué de Castro: O Problema da alimentação no Brasil.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio.
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Anyone Costa: Introdução á Archeologia Brasileira.
- 35 — A. J. de Sampaio: Phytogeographia do Brasil.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do meridiano.
- 37 — J. F. d' Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil.
- 38 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exilio.
- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondonia.
- 40 — Pedro Calmon: Espirito da Sociedade Colonial.
- 41 — José-Maria Bello: A intelligencia do Brasil.
- 42 — Pandiá Calogeras: Formação Historica do Brasil.
- 43 — A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os indigenas do Nordeste.
- 45 — Basilio de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
- 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brasil.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil.
- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas habianos.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil.
- 50 — Maro Travassos: Projecção Continental do Brasil.
- 51 — Octavio de Freitas: Doenças Africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O Selvagem.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeographia Dynamica.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho: Calogeras.
- 55 — Hildebrando Accioly: O reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.

- | | |
|---|---|
| <p>56 — Charles Exilly — Mulheres e costumes do Brasil.</p> <p>57 — Flausino Rodrigues Valle: Elementos do Folk-lore Musical Brasileiro.</p> <p>58 — Auguste de Saint-Hilaire — Viagem á Provincia de Sta. Catharina (1820).</p> <p>59 — Alfredo Ellis Junior — Os primeiros troncos Paulistas e o cruzamento euro-americano.</p> | <p>60 — Emilio Rivasseau — A vida dos Indios Guaycurús.</p> <p>61 — Conde d'Eu — Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe de Orleans commentadas por Max Fleuiss).</p> <p>62 — Agenor Augusto de Miranda — O Rio São Francisco (Edição illustrada).</p> <p>63 — Raymundo Moraes — Na Planície Amazonica (4.^a edição).</p> |
|---|---|

SOBRADOS E
MUCAMBOS

3878

A meu pae e a minha mãe

*em cuja casa ainda meio-patriarchal
foi escripta grande parte deste
trabalho.*

INDICE

Prefacio	11
I — O sentido em que se modificou a paizagem social do Brasil durante o seculo XVIII e a primeira metade do XIX	29
II — O Engenho e a Praça; a Casa e a Rua . .	57
III — O Pae e o Filho	87
IV — A Mulher e o Homem	117
V — O Sobrado e o Mucambo	159
VI — O Brasileiro e o Europeu	257
VII — Ascensão do Bacharel e do Mulato	302
Appensos	379
Bibliographia	393

PREFACIO

A tentativa de reconstituição e de interpretação de certos aspectos mais intimos da historia social da familia brasileira, iniciada em trabalho anterior, é agora continuada, dentro do mesmo criterio e da mesma technica de estudo.

Nestas paginas, procura-se principalmente estudar os processos de subordinação e, ao mesmo tempo, os de accommodation, de uma raça a outra, de varias religiões e tradições de cultura a uma só, que caracterisaram a formação do nosso patriarchado rural e, a partir dos fins do seculo XVIII, o seu declinio e o desenvolvimento das cidades; a formação do Imperio; ia quasi dizendo, a formação do povo brasileiro.

A principio, os processos mais activos foram os de subordinação e até de coerção. O procurador do Estado do Maranhão em 1654, Manoel Guedes Aranha, chega a ser tão incisivo na expressão de suas idéas de subordinação dos indios ou dos pretos aos brancos, como qualquer aryanista ou occidentalista moderno: "Si os nobres nos paizes civilisados — pensava elle — são tidos em grande estima, com maior razão devem ser estimados os homens brancos em paiz de herejes; porque aquelles foram creados com o leite da Igreja e da fé christã". Além do que, "sabido é que differentes homens são proprios para differentes coizas; nós (brancos) somos proprios para introduzir a religião entre elles (indios e pretos); e elles adequados para nos servir, caçar para nós, pescar para nós, trabalhar para nós".

Mas ao lado de procuradores do typo e das tendencias exclusivistas de Guedes Aranha, foram apparecendo, desde os principios do seculo XVII, theoricos da accommodação entre as raças. Estas não estariam destinadas tão rigidamente por Deus — uma a dominar, as outras a servir. Um desses theoricos foi o Padre Antonio Vieira — elle proprio neto de preta. Diante da invasão da colonia por um povo mais branco que o portuguez — os hollandeses — pergunta um dia o grande orador si “não eramos tão pretos em respeito delles como os indios em respeito de nós?” Si podia “haver maior inconsideração do entendimento nem maior erro de juizo entre homens, que cuidar eu que hei de ser vosso senhor porque nasci mais longe do sol, e que vós haveis de ser meu escravo, porque nascestes mais perto?”

Era a duvida em torno do proprio fundamento da escravidão nos tropicos: a inferioridade das raças de côr. As duas tendencias continuariam a ter seus apologistas francos, atravez do seculo XVIII e do XIX. Uns, certos da necessidade de continuarem as raças de côr — pelo menos a negra — subordinadas á branca, que seria a raça superior; outros defendendo, como Arruda Camara, a livre incorporação dos negros e mulatos á sociedade brasileira, sua ascensão ás responsabilidades politicas e intellectuaes.

Em 1834, o Dr. Henrique Felix de Dacia, não sabemos si negro ou mulato, mas “Bacharel e advogado publico” muito orgulhoso do seu titulo e até de sua côr, apparece n’O Censor Brasileiro, insurgindo-se contra o preconceito de se reservarem “as sciencias e os cargos” para os brancos: “querem que hum pobre homem de côr não passe de hum simples artista”; “querem antes dar-lhe huma esmola do que franquear-lhe aquellas condecorações, e lucros, que por direito lhe pertencem: eu não tenho descansado; hei de ser sempre victima desses soberbos, porém, jamais serei humilde com elles...” Era a voz

do Bacharel de côr se fazendo expressão já arrogante dos seus proprios direitos. Querendo livrar-se quasi revolucionariamente da subordinação ao branco.

Motivou o grito de orgulho e até de arrogancia do Dr. Dacia o facto de não lhe terem admittido ás funcções de Juiz de Facto. Mas noutro jornal da mesma epoca surge-nos voz bem mais brasileira, isto é, bem mais accommodaticia, discutindo o assumpto. Embora o jornal se chame Sentinella da Liberdade na sua primeira Guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada Alerta!! os termos do artigo são todos no sentido da accommodação: "Pergunto qual he mais: ser Juiz de facto, ou ser Padre, Deputado, Senador, Ministro d'Estado, Official Militar, Camarista, Lente de Academias, Magistrado, Empregado em Tribunaes &c? Parece-me que todos estes cargos são maiores do que ser jurado. Ora, nós vemos Padres Pardos e Pretos (o meo Vigario na Bahia era Preto), vemos hum Senador Pardo, hum Deputado Rebouças Pardo, Membros das Camaras Municipaes Pardos e o Senhor Canamerim de côr preta em circumstancias de tomar assento na Camara da Bahia: vemos na Medecina e Cirurgia pardos, meos honrados amigos e companheiros; vemos Lentes de Academias medicas Pardos em grande numero; temos visto Ministros d'Estado pardos; e nos tribunaes estão Pardos; nas Rellações tambem Pardos: e nos Cursos Juridicos estudão Pardos; em todas as sociedades chamadas Secretas estão Pardos nossos Carissimos Irmãos; & nada pois influe o acidente das côres pois andamos iguaes em direitos, em tudo occupamos lugares e cargos sem distincção mais do que nas luzes e comportamento... He pois necessario dispir prevenções e chamar os animos á conciliação, evitando estímulos sem justo motivo; todos somos filhos da Patria; ella pertence a todos; nós a devemos amar, soccorrer, defender e pôr em socego, por que isto redundo em nosso beneficio; haja união bem serrada em nossas almas..."

A situação, porém, não era tão idyllica. A subordinação da gente de côr, baseando-se na diferença de raça, era também uma subordinação de classe. E a ascensão de uma classe a outra não se fazia tão facilmente, nem era possível que se fizesse, num Imperio escravocrata e agrario como o Brasil. Em 1835 salientava o General José Ignacio de Abreu e Lima, no seu Bosquejo Historico, politico e literario do Brasil que a nossa população, dividindo-se em dois grandes grupos — pessoas livres — e — pessoas escravas — estes, por sua vez, se sub-dividiam em outros grupos ou “familias distinctas”, como elle chama aos sub-grupos, “tão oppostas e inimigas umas das outras como as duas grandes secções entre si”. E accrescentava: “Que somos todos inimigos e rivaes uns dos outros na proporção de nossas respectivas classes, não necessitamos de argumentos para prova-lo, basta que cada um dos que lerem este papel, seja qual for sua condição, metta a mão na sua consciencia e consulte os sentimentos do seu coração.”

Essas distancias sociaes, si por um lado diminuíram com o declínio do patriarchado rural no Brasil atravez do seculo XIX, e com o desenvolvimento das cidades e das industrias, por outro lado se accentuaram — entre certos sub-grupos, pelo menos — com as condições de vida industrial desenvolvidas no paiz, outrora quasi exclusivamente agricola; com os maiores e mais frequentes attritos entre os homens, que a Revolução Industrial excitou em nosso meio. A casa patriarchal perdeu, nas cidades e nos sitios, muitas das suas qualidades antigas: os senhores dos sobrados e os negros libertos, ou fugidos, dos mucambos, foram se tornando extremos antagonicos; bem diversas, as relações entre elles, das que haviam se desenvolvido entre senhores das casas-grandes e negros de senzala, sob o longo patriarchado rural. Entre esses duros antagonismos é que agiu sempre de maneira poderosa, no sentido de amollecel-os, o elemento social-

mente mais plastico e em certo sentido mais dynamico, da nossa formação: o mulato. Principalmente o mulato valorisado pela cultura intellectual ou technica.

O centro de interesse para o nosso estudo de choques entre raças, entre culturas, entre idades, entre côres, entre os dois sexos, e, sobretudo, de accommodation entre elles, não é nenhum campo sensacional de batalha — Palmares, Canudos, Pedra Bonita — onde os antagonismos de raça e, principalmente, os de cultura, tomaram, por vezes, formas dramaticas em nosso paiz. Nem mesmo as ruas, como a da Praia, que chegaram a dar nome a algumas das nossas revoltas de povo das cidades contra os restos de feudalismo das casas-grandes de engenho e de fazenda a se estender sobre o governo das provincias. O centro de interesse para o nosso estudo desses antagonismos e das accommodações que lhes attenuaram as durezas, continua a ser a casa — a casa maior em relação com a menor, as duas em relação com a rua, com a praça, com a terra, com o solo, com o matto, com o proprio mar.

O systema casa-grande-senzala, que procurámos estudar em trabalho anterior, chegára a ser — em alguns pontos pelo menos — uma quasi maravilha de accommodation: do escravo ao senhor, do preto ao branco, do filho ao pae, da mulher ao marido. Tambem uma quasi maravilha de adaptação do homem, atravez da casa, ao meio physico.

Quando a paizagem social começou a se alterar, entre nós, no sentido das casas-grandes se urbanisarem em sobrados mais requintadamente europeus, com as senzalas reduzidas quasi a quartos de creado, as moças namorando das janellas para a rua, as aldeias de mucambos, os "quadros", os cortiços crescendo ao lado dos sobrados, mas quasi sem se communicarem com elles, os xangôs se diferenciando mais da religião catholica do que nos engenhos e nas fazendas, aquella accommodation quebrou-se e novas relações de subordinação, novas distancias so-

ciaes, começaram a desenvolver-se entre o rico e o pobre, entre o branco e a gente de côr, entre a casa-grande e a casa pequena. Maiores antagonismos entre dominadores e dominados. Entre meninos criados em casa e muleques criados na rua (sem a velha zona de confraternização entre as duas meninices que fôra a bagaceira nos engenhos). Entre a dona de casa e a mulher da rua. Entre a gente dos sobrados e a gente dos mucambos. Maior desajustamento economico entre os dois extremos, as casas-grandes com cacimba no fundo do sitio chegando a vender agua á gente das casas mais pobres como "a grande casa de pedra e cal, estribaria, bastantes cafeeiros que dão annual 10 a 12 arrobas, algum arvoredado de fundo" que apparece num annuncio de jornal de 13 de Abril de 1835.

Só aos poucos é que se definem não tanto zonas como momentos de confraternização entre aquelles extremos sociaes: a procissão, a festa de igreja, o entrudo, o carnaval. Porque os jardins, os passeios chamados publicos, as praças sombreadas de gamelleiras, por muito tempo se limitaram ao uso e gozo da gente de botina, de cartola, de gravata, de chapéu de sol — insignias de classe e ao mesmo tempo de raça, mas principalmente de classe, no Brasil do seculo XIX e até dos principios do seculo actual. Ao uso e gozo do homem de certa situação social — mas do homem, só do homem, a mulher e o menino conservando-se dentro de casa, ou no fundo do sitio, quando muito na varanda, no postigo, no palanque do muro. Porque o menino que viesse empinar seu papagaio ou jogar seu pião no meio da rua virava muleque. A dona de casa que sahisse rua afóra para fazer compras corria o risco de ser tomada por mulher publica. Mme. Durocher — um virago, uma mulher-homem, vestindo-se de sobrecasaca, calçando-se com botinas de homem — foi uma das primeiras mulheres a andarem a pé pelas ruas do Rio de Janeiro.

Não só aos negros de pé no chão — grandes pés, chatos e esparramados, alguns de dedos torados pelo ainhum, outros roídos de aritim ou inchados de bicho — como aos proprios caixeiros de chinelo de tapete e cabello cortado á escovinha e até aos portugas gordos de tamanços e cara rapada estavam fechados aquelles jardins e passeios publicos, aquellas calçadas de ruas nobres, por onde os homens de posição, senhores de barba fechada ou de suissas, de botinas de bico fino, de cartola, de gravata, ostentavam todas essas insignias de raça superior, de classe dominadora, de sexo privilegiado, á sombra de chapéus de sol quasi de reis. Chapéus de sol de seda preta e cabo de ouro. As vezes de panno de côr, o cabo formando cabeças de bicho, os grandes bichos quasi symbolicos do dominio patriarchal no Brasil, os mesmos dos umbraes dos portões das casas: leões, gatos, cachorros, papagaios.

Aquelles momentos de confraternisação entre os extremos sociaes, a que nos referimos — a procissão, a festa de igreja, o entrudo — é que foram fazendo das ruas e praças mais largas — da rua em geral — zonas de confraternisação. Marcaram um prestigio novo no nosso systema de relações sociaes: o prestigio da rua.

A partir dos principios do seculo XIX, a rua foi deixando de ser o escoadouro das aguas servidas dos sobrados, por onde o pé bem calçado do burguês tinha de andar com geito sinão se emporcalhava todo, para ganhar em dignidade e em importancia social. De noite, foi deixando de ser o corredor escuro que os particulares atravessavam com um escravo na frente, de lanterna na mão, para ir se illuminando a lampeão de azeite de peixe suspenso por correntes de postes altos e tristonhos. Os principios de illuminação publica. Os primeiros brilhos de dignidade da rua, outrora tão subalterna que era preciso que a luz das casas particulares e dos nichos dos santos

a illuminasse pela mão dos negros escravos ou pela piedade dos devotos.

Ao mesmo tempo, a partir daquella epoca, as posturas municipaes começaram a defender a rua, dos abusos da casa-grande que se installara nas cidades com os mesmos modos derramados, quasi com as mesmas arrogancias, da casa de engenho ou de fazenda: fazendo da calçada, picadeiro de lenha, atirando para o meio da rua o bicho morto, o resto de comida, a agua servida, ás vezes até a sujeira do pinico. A propria architectura da sobrado se desenvolvera fazendo da rua uma serva: as biqueiras descarregando com toda a força sobre o meio da rua as aguas da chuva; as portas e os postigos abrindo para a rua; as janellas servindo para os homens escarrarem na rua, onde tambem se derramava o sobejo das quartinhas e das bilhas, ou moringues, onde se deixava a agua esfriar ao sereno, sobre o peitoril das janellas. Estas, em certos sobrados mais desconfiados das ruas, eram raras no oitão — duas ou tres, as outras sendo apenas fingidas, janellas falsas, pintadas na parede immensa.

As posturas dos começos do seculo XIX são quasi todas no sentido de limitar os abusos do particular e da casa e de fixar a importancia, a dignidade, os direitos da rua, outrora tão por baixo e tão violados. Tão violados pelos proprietarios de terras; tão violados, no Rio de Janeiro, pelos jesuitas, que aqui se fizeram donos de muitos sitios e casas de sitios. Alguns desses sitios comprehendidos na sesmaria da cidade e estendidos ou explorados contra o interesse publico. O padre Cepeda, em documento celebre, refere-se aos "insignes ladrões que havia neste Collegio" (o Collegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro). Um delles, o "Padre Luiz de Albuquerque que em vinte e quatro annos foi Procurador de Causas"... e "tantas terras furtou para a Religião". Era vulgar, entre os mesmos jesuitas — accrescenta a exposição de Cepeda — "que nunca perdia uma demanda porque se via

alguma mal parada, furtava os autos custasse o que custasse". Por taes meios é que grandes sitios, verdadeiras fazendas de padres e de particulares se derramaram pelas sesmarias das cidades, encarecendo o terreno, obrigando as casas menores a se ensardinharem ao pé dos morros e até nos mangues (depois por cima dos morros) e concorrendo para o agarrado anti-hygienico das habitações pobres e mesmo dos sobrados mais modestos. Os moradores das casas de sitio dos padres eram no Rio de Janeiro simples caseiros; o trabalho desses caseiros beneficiava o solo e valorisava as terras, tambem valorisadas — informa João da Costa Ferreira em pesquisa recentemente publicada sobre o termo da cidade — pela "proximidade em que se achavam do centro urbano que prosperava incessantemente, pelo crescimento de sua população, pelo desenvolvimento do seu commercio". Mas essa valorisação, com sacrificio da parte mais pobre da população e do patrimonio da cidade. Com sacrificio das ruas que deviam existir e não existiam, seu lugar tomado e suas funções pervertidas pelos simples caminhos dos sitios dos padres e dos particulares, pelos beccos, pelas vielas sempre fedendo a miço.

Por muito tempo, as camaras, os juizes, as Ordens Reaes, quasi nada puderam contra particulares tão poderosos. A sombra do feudalismo da casa-grande cahia em cheio sobre as cidades. As ruas eram simples caminhos a serviço das casas poderosas.

A partir dos principios do seculo XIX é que foi se prohibindo aos proprietarios de casas dentro das cidades uns tantos abusos: as biqueiras que desaguavam tão arrogantemente sobre a rua; as janellas e as portas que se escancaravam tão insolentemente sobre a rua; o abuso de certos moradores de criar porco no meio da rua. Só o porco "com canga triangular e argola no beijo", determinava em 1834 a Camara de Olinda que se deixasse

solto pelas ruas. As ovelhas e cabras, também: só de canga.

As camaras foram também prohibindo ás negras dos mucambos lavar roupa nas bicas do centro das cidades: que fossem para os riachos fóra-de-portas. Porque algumas cidades, como o Recife, tiveram seus arcos, fóra dos quaes estava-se medievalmente fóra-de-portas. Vieram também outras restricções á liberdade dos particulares: a dos senhores dos sobrados surrarem seus escravos depois que o sino da igreja — de tão grande influencia sobre a vida domestica e até publica, das cidades brasileiras, antes da vulgarisação dos relógios — batesse solemnemente nove horas da noite. O sino da igreja batia nove horas da noite; acordava o burguês para o banho de rio; batia meio-dia; batia Ave Maria; annunciava incendio — algum sobrado grande se queimando; annunciava missa, enterro, casamento.

Outras posturas foram apparecendo no sentido de se fazer respeitar a rua, pelo matuto que descia da serra, dos sertões ou dos engenhos e entrava pela cidade muito descansado de seu: no alto do seu cavallo de cangalha ou dentro do seu carro de boi chiando. Que descesse e puxasse o animal pela arreada ou pelo cabresto sob pena de vinte e quatro horas de prisão; os negros escravos, de duas duzias de palmatoadas. E ninguem tivesse mais a sem-cerimonia de entrar pela cidade de camisa e ceroula; nem esquipando ou galopando a cavallo pelas ruas, por onde desde fins do seculo XVIII começaram a rodar carruagens: a principio coches, seges, traquitanas; depois cabriolets, cabs, tilburys, balancés, todos aos solavancos pelas pedras e pelos buracos.

Os constructores e os proprietarios dos predios urbanos também foram sendo obrigados a respeitar a rua. Obrigados a levantar seus sobrados com as testadas em alinhamento regular e não a esmo ou a tóa como antigamente. Obrigados a entulhar os buracos e as poças de

lama defronte das casas com calça, areia, osso queimado. Obrigados a conservar o mesmo alinhamento nos passeios e calçadas, acabando-se com os constantes degraus e batentes de uma calçada para outra, cada proprietario não fazendo sinão sua vontade nem attendendo sinão uos interesses de sua casa.

E, por sua vez, a rua foi se desforrando do antigo dominio absoluto da "casa nobre", da "casa grande", do sobrado. O muleque — expressão mais viva da rua brasileira — foi se exaggerando no desrespeito pela casa. Emporcalhando os muros e as paredes com seus calungas ás vezes obscenos. Mijando e defecando ao pé de portões illustres e até pelos corredores dos sobrados, no patamar das escadas velhas.

Mas mesmo desprestigiada pela rua e diminuida nas funcções patriarchaes (que manteve até no centro de algumas cidades); diminuida pela matriz, pela cathedral, pela fabrica, pelo collegio, pelo hotel, pelo laboratorio, pela botica — a casa do seculo XIX continuou a influir, como nenhuma dessas forças, sobre a formação social do brasileiro de cidade. O sobrado, mais europeu, formando um typo, o mucambo mais africano, formando outro typo de homem. E a rua, a praça, a festa de igreja, o mercado, a escola, o carnaval, todas essas facilidades de communicacão entre as classes e de cruzamento entre as raças, foram attenuando os antagonismos de classe e de raça e formando uma media, um meio-termo, uma contemporisação mais verdadeiramente brasileira de estylos de vida, de padrões de cultura e de expressão physica e psychologica de povo.

O "sobrado de esquina" ou "com a porta para a rua" representa o maximo de approximação entre o patriarchalismo em declinio e a rua já triumphal. O fim da phase de grande distancia, de distancia quasi prophylatica entre os dois; de urupemas em vez de vidraça nas janellas; de muros e cercas de espinho separando a casa, da rua. No

Recife, no meado do século XIX, os burgueses dos sobrados mais modestos já veem cear na calçada, aproveitando a luz da lua.

Da habitação rigidamente patriarcal — como foi entre nós a casa-grande de engenheiro ou mesmo a de sítio — poudes dizer Gustav Schmoller, em pagina hoje classica, que a sua architectura creara nos homens, costumes, methods de trabalho, habitos de conforto. E não é sem razão, segundo o sociologo allemão, que em historia economica se faz da “economia da casa” o fim da barbaria e o começo de uma cultura mais alta. Como não é sem razão, lembra ainda Schmoller, que os povos civilizados designam ainda hoje toda a forma de exploração e actividade creadora pela palavra que em grego queria dizer casa: economia.

Spengler quasi repete Schmoller quando exalta a influencia do atrium patriarcal. Quando oppõe a influencia da casa, com tudo que ella representa de “economia” — e como meio de adaptação do homem ao meio — á influencia da raça e á capacidade desta persistir, estatuesca, bronzea e perfeita, dentro de estylos diversos de habitação e de vida e de climas differentes. E a casa é, na verdade, o centro mais importante de adaptação do homem ao meio. Mesmo diminuida de importancia, como nas phases de decadencia da economia patriarcal, ou com a economia agraria substituida pela metropolitana, o antigo bloco partido em muitas especialisações — residencia, igreja, collegio, botica, hospital, hotel, banco — não deixa de influir poderosamente na formação do typo social.

O brasileiro, pela sua profunda formação patriarcal e pela semi-patriarcal, que ainda continua a actuar sobre elle em varias regiões menos asphaltadas, é um typo social em quem a influencia da casa se accusa em traços da maior significação. Gosta da rua, mas a sombra da casa o acompanha. Gosta de mudar de casa, mas ao pobre nada preoccupa mais que comprar seu mucambo; e

o rico, logo que faz fortuna, levanta palacete bem á vista da rua. O phenomeno de preferencia pelo hotel, pela pensão, pela casa-de-apartamento — que aliás ainda é casa — limita-se, por ora, ao Rio de Janeiro. No resto do Brasil ainda se prefere

*“a minha casa, a minha casinha
não ha casa como a minha”.*

O privatismo patriarchal ou semi-patriarchal ainda nos domina. Mesmo que a casa seja mucambo — o aliás tão calumniado mucambo.

*

* *

Continuação de estudo já publicado, este ensaio resulta da mesma serie de pesquisas. De modo que os andaimes foram os mesmos, não sendo preciso conservá-los agora em volta do desenvolvimento mais livre — porém de modo nenhum autonomo, e sim condicionado por aquellas bases — que tomou o assumpto, em sua nova phase. As principaes fontes de que se soccorreu o auctor, para este trabalho, vão indicadas no fim do ensaio. Impossivel esquecer, num estudo que se occupe do desenvolvimento das tendencias urbanas no Brasil do seculo XVIII e principalmente do seculo XIX, em contraste com as tendencias ruraes, os trabalhos de João Ribeiro e Oliveira Vianna sobre a formação das cidades entre nós; os de Capistrano; o de Felisbello Freire, o de Escraignolle Doria, o de Delgado de Carvalho, os de Noronha Santos, sobre o Rio de Janeiro; o de Luiz Edmundo sobre esta cidade no tempo dos vice-reis; o de Affonso d'E. Taunay sobre a formação da cidade de São Paulo; o de Oliveira Lima e o de Tobias Monteiro sobre o Rio de Janeiro no tempo de Dom João VI, o de Wätjen sobre o Recife durante o dominio hollandês. Mas o ponto de vista especialisadissimo em que se collocou o auctor diante do desenvolvimento daquellas tendencias — o ponto de

vista quasi proustiano da casa — obrigou-o a socorrer-se menos desses illustres historiadores e dos chronistas do typo de Macedo, de Vieira Fazenda e de Pereira da Costa do que de material ainda virgem, ou quasi esquecido: archivos de familia, livros de assento, actas de camaras, livros de ordens regias e de correspondencia da côrte, theses medicas, relatorios, collecções de jornal, de figurinos, de revistas, estatutos de collegios e recolhimentos, almanacks. Sem desprezar, é claro, diarios e livros de viajantes estrangeiros.

Na traducção e na copia de alguns desses documentos ou livros, foi valiosissimo o auxilio de José Antonio Gonsalves de Mello Neto, que se vem especializando no estudo da lingua hollandesa, para melhor conhecimento da historia do dominio hollandês no Brasil; tambem o de Manuel Diegues Junior, José Valadares, Diogo de Mello Menezes, nos archivos do Recife e de Alagôas e o do joven escriptor Francisco de Assis Barbosa, na copia de annuncios das gazetas coloniaes, da excellente collecção da Bibliotheca Nacional, que tão gentilmente me franqueou o seu director, o velho e sabio mestre Rodolpho Garcia. Devo tambem agradecer as gentilezas e facilidades que me dispensaram o Dr. Alcides Bezerra, director do Archivo Nacional e o Dr. José Maria C. de Albuquerque, director da Bibliotheca Publica de Pernambuco. Valiosa, ainda, a collaboração de D. Vera Mello Franco de Andrade, que traduziu do sueco, especialmente para este trabalho, as paginas que Johan Brelín dedica á architectura da cidade do Rio de Janeiro, no seu livro de viagens do seculo XVIII. E não devo esquecer a excursão á Minas Geraes — a visita a algumas de suas casas-grandes mais typicas, a alguns dos seus sobrados mais caracteristicos, o contacto, embora rapido, com alguns dos seus archivos, na boa e intelligente companhia de Affonso Arinos de Mello Franco e de Luis Camillo de Oliveira Penna. Nem as horas passadas no Museu Paulista,

entre as reconstituições de velhos sobrados da cidade de São Paulo e até do burgo inteiro, no fim da primeira metade do seculo XIX, trabalho de intelligencia e de pachorra, realisado por Affonso d'E. Taunay.

E' consideravel a massa de noticias, avisos e principalmente de annuncios de jornal da epoca colonial e do tempo do Imperio, em que se baseiam algumas das generalisações, neste livro. Annuncios de escravo, de casa, de movel, de dentista, de sapato, de chapau, de medico, de modista, de theatro, de magico, de collegio, de livros, de comidas e gulodices recebidas da Europa. Annuncios nos quaes veem se accusando, atravez do seculo XIX, a admiração quasi supersticiosa do brasileiro pelo estrangeiro, pelo europeu, pelo inglês, pelo francês, — cujos nomes "Edgar", "Lamartine", "Arthur" e até "Benjamin Franklin", foram substituindo, no baptismo dos meninos, os "Thales", "Ulysses" e "Temistocles", dos principios do seculo XIX, e competindo com os nomes indigenas — a ponto das melhores casas, as melhores creadas, os melhores moveis, acabarem sendo annunciados "para familia estrangeira", para "casa estrangeira", para "senhor estrangeiro" — facto, aliás, que ainda se observa nos annuncios dos nossos dias. Ha mais de quarenta annos o phenomeno já servia de assumpto a uma das chronicas mais interessantes e finas de França Junior.

O estudo dos annuncios de jornal, nos quaes antes só se enxergava o pittoresco, creio estar sendo utilizado pela primeira vez, dentro da technica sociologica, para interpretação sociologicas e anthropologicas. A essa utilização e a essas interpretações outras poderão se ajuntar com igual ou maior proveito: medicas por exemplo. Folk-loricas. Philologicas. Puramente historicas. Aliás, já o Dr. Luiz Robalinho Cavalcanti, em trabalho que prepara sobre o ainhum, no Brasil, vem colhendo naquella fonte sua melhor e mais flagrante documentação historica.

Si as possibilidades de utilização de material, na apparencia tão vil, ou apenas pittoresco, mas na verdade rico e até opulento de substancia do maior interesse historico e da mais profunda significação social, escapam aos que só comprehendem os estudos sociaes, solemnes e grandiosos e servindo-se apenas de documentos illustres, mestres como Affonso d'E. Taunay e Paulo Prado souberam reconhecer a importancia e o valor de riqueza tão grande e até hoje, tão desaproveitada. Agradeço a Affonso d'E. Taunay as boas palavras de animação, e mais do que isso, de lucida e sympathica comprehensão, que me dirigiu primeiro em carta, depois em artigo, justamente quando criticos menos autorisados e mais afoitos proclamavam não enxergar sinão pittoresco e blague em todo aquelle esforço.

O presente trabalho tem, como o anterior, defeitos de distribuição de material; repetições; ás vezes a materia de um capitulo transborda no outro. Tambem fui obrigado a insistir em certos assumptos já tocados no estudo anterior; mas de ponto de vista diverso.

O que João Ribeiro extranhou na primeira parte do trabalho — a já publicada — tambem extranharia nesta: não conclue. Procura interpretar e esclarecer o material reunido e, tem um rumo ou sentido novo de interpretação; mas não conclue. Suggere mais do que affirma.

A ausencia de conclusões, a pobreza de affirmações, não significa, porém, repudio de responsabilidade intellectual pelo que possa haver de pouco orthodoxo nestas paginas. De contrario ao estabelecido, ao acceito, ao consagrado. Porque essa qualidade revolucionaria vem da propria evidencia do material reunido e aqui revelado, e interpretado, dentro da maior objectividade possivel, de methodo e de technica.

E' tempo de procurarmos ver na formação brasileira a serie de desajustamentos profundos, ao lado dos ajustamentos e dos equilibrios, e de vel-os em conjuncto, desembrasçando-nos de estreitos pontos de vista e de ancias

de conclusão. Do estreito ponto de vista economico, ora tão em moda, como do estreito ponto de vista politico, até pouco tempo quasi o exclusivo. O humano só pode ser explicado pelo humano, mesmo que se tenha de deixar espaço para a duvida e até para o mysterio, pelo menos provisório.

A "humildade diante dos factos", a que ainda ha pouco se referia um critico illustre, ao lado do sentido mais humano e menos doutrinario das coisas, cada vez se impõe com maior força aos novos franciscanos que procuram salvar as verdades da historia, tanto das duras estratificações em dogmas, como das rapidas dissoluções em extravagancias de momento.

GILBERTO FREYRE

Rio, 1936.

I

O SENTIDO EM QUE SE MODIFICOU A PAIZAGEM SOCIAL DO BRASIL DURANTE O SECULO XVIII E A PRIMEIRA METADE DO XIX.

Com a chegada de Dom João VI ao Rio de Janeiro, o patriciado rural que se consolidara nas casas-grandes de engenho e de fazenda, as mulheres gordas e fazendo doce, os homens muito anchos dos seus titulos e privilegios de sargento-mór e capitão, de seus pucaros, de suas esporas e dos seus punhaes de prata, de alguma çolcha da India guardada na arca, dos muitos filhos legitimos e naturaes, espalhados pela casa e pela senzala, começou a perder a majestade dos tempos coloniaes. Majestade que a descoberta das minas, já vinha compromettendo. Crescera desde então o interesse da Corôa pela sua colonia americana. O Brasil deixara de ser a terra de pau de tinta tratada um tanto de resto por el-Rei, para tornar-se a melhor colonia de Portugal — sobretudo do Portugal beato de Dom João V — e por isso mesmo, a mais profundamente explorada, a vigiada com maior ciume, a governada com mais rigor.

A presença no Rio de Janeiro de um principe com poderes de rei; principe aburguesado, porcalhão, os gestos molles, os dedos sempre melados, de molho de gallinha, mas trazendo consigo a corôa; trazendo a rainha, a

côrte, fidalgos para lhe beijarem a mão gordurosa mais prudente, soldados para desfilarem em dia de festa diante do seu palacio, ministros estrangeiros, physicos, maestros para lhe tocarem musica de igreja, palmeiras imperiaes a cuja sombra se levantariam as primeiras escolas superiores, a primeira Bibliotheca, o primeiro Banco; a simples presença de um monarcha em terra tão republicanisada como o Brasil, com suas Rochellas de insubordinação, seus senhores de engenho, seus mineiros e seus Paulistas que desobedeciam o Rei distante, que desrespeitavam, prendiam e até expulsavam representantes de Sua Magestade (como os de Pernambuco com o Xumbergas); que já tinham tentado se estabelecer em republicas; a simples presença de um monarcha em terra tão anti-monarchica nas suas tendencias para autonomias regionaes e até feudaes, veio modificar a physionomia da sociedade colonial; alteral-a nos seus traços mais característicos.

Uma serie de influencias economicas e sociaes, algumas anteriores á chegada do príncipe, mas que só depois della se definiram ou tomaram côr, começaram a alterar a estrutura da colonia, principalmente no sentido do maior prestigio do poder real. Mas não só do poder real — que se avigorou, mesmo nas mãos molleronas de Dom João; tambem das cidades e das industrias urbanas. Tambem estas se avigoraram e ganharam maior prestigio.

A intervenção mais directa da Corôa nos negocios do Brasil, desde que se descobrira ouro e se desenvolvera a industria das minas, intervenção que provocou em Villa Rica a revolta de 1720 e a Inconfidencia, ha tempo que vinha preparando o ambiente para a maior centralisação de governo e o avigoramento do poder real. Ao chegar Dom João ao Rio, a independencia dos senhores de engenho, dos Paulistas, dos mineiros e dos fazendeiros já não era a mesma do seculo XVII; nem tamanha, sua arrogancia.

Em Pernambuco definira-se o antagonismo entre o patriciado rustico das casas-grandes da zona da matta e a burguesia dos sobrados do Recife — esta prestigiada pelo Rei, já desunido dos senhores de engenho, seus allia-dos de outrora e aquella pelo alto clero — na guerra civil chamada dos Mascates. Guerra que terminaria com a victoria, embora uma victoria aos pedaços, incompleta, pela metade, dos interesses burgueses sobre os privilegios da nobreza rural, tão fortes e resistentes na capitania dos Albuquerque.

Nessa capitania, porém, como em Minas por effeito da exploração do ouro, se anteciparam condições de vida urbana — a um tempo industrial e commercial, contrarias áquelles privilegios. Em Pernambuco, essa antecipação se verificou em consequencia do dominio hollandês, que compromettera ao mesmo tempo o poder dos senhores de engenho e o da Igreja.

Com o dominio hollandês e a presença, no Brasil, do Conde Mauricio de Nassau, este incomparavelmente mais principe nas attitudes e nos gestos decisivos do que o marido de Dona Carlota Joaquina — embora Dom João não fosse, como já demonstrou o historiador Oliveira Lima, o toleirão das anedotas — o Recife, simples povoado de pescadores em volta de uma igrejinha, e com toda a sombra feudal e ecclesiastica de Olinda para abafal-o, se desenvolvera na melhor cidade da colonia, e talvez do continente. Sobrados de quatro andares. Palacios de rei. Pontes. Canaes. Jardim botanico. Jardim zoologico. Observatorio. Igrejas da religião de Calvino. Synagoga. Muito judeu. Extrangeiros das procedencias mais diversas. Prostitutas. Lojas, armazens, officinas. Indus-trias urbanas. Todas as condições para uma urbanisação vertical e intensa.

Fôra esta a primeira grande aventura de liberdade, o primeiro grande contacto com o mundo, com a Europa

nova — burguesa e industrial — que tivera a colonia portuguesa da America, até então conservada em virgindade quasi absoluta. Uma virgindade agreste, apenas arranhada pelos ataques de piratas franceses e ingleses e pelos attrictos de vizinhança e de parentesco, nem sempre cordial, com os hespanhoes. Mas de modo nenhum ferida ou mesmo affectada nos seus motivos mais profundos de vida nem nos seus valores essenciaes; de modo nenhum perturbada na sua rotina agricola nem na essencia de sua uniformidade de fé catholica e de moral peninsular. A não ser por elementos de diferenciação fracos, diante do grupo luso-catholico: judeus que só em casa mangavam de Nosso Senhor, negros mandingueiros, indigenas das *santidades*. Nem os judeus, nem os negros, eram gente que hostilisasse propriamente a religião dominante: grandes diplomatas ou contemporisadores, como tendem a ser as nações, os grupos, as mulheres e os meninos mais inteligentes, quando muito oprimidos, o que elles principalmente realisaram foi obra de substituição: seus santos ficaram com os nomes e a apparencia dos catholicos. Só por dentro diversos.

A grande aventura pernambucana não dera para quebrar a homogeneidade aparentemente frouxa, mas na verdade, resistente, em que vinha se desenvolvendo a “consciencia de especie” entre os colonos do Brasil. Desenvolvendo-se sob aquella uniformidade de fé e de moral, animada pela orthodoxia intransigente dos jesuitas. Desenvolvendo-se pela facilidade de communicação e pela identidade de technica de producção economica e de trabalho, permittida, ou antes estimulada, pela similhança de clima e de condições de solo: a monocultura latifundiaria e escravocrata. E intensificando-se pela endogamia geralmente praticada nos varios grupos colonisadores, embora não se desprezassem contactos com as chamadas “negras” da terra e até com as Minas, nem fossem raros os casos

de estrangeiros — Felipe Cavalcanti e Gaspar van der Lei, em Pernambuco, John Whital, em São Vicente — admittidos como genros nas famílias já ricas dos patriarchas portuguezes ou catholicos da colonisação.

Passados trinta annos de dominio hollandês, o Norte voltaria á rotina agricola e á uniformidade catholica, aos vagares da integração social, no sentido portugûes, ficando daquella aventura de differenciação uma lembrança quasi de sonho: o “tempo dos framengo”, de que ainda hoje a gente do povo fala para explicar o excepcional, o extraordinario, o maravilhoso, o quasi diabolico de algum resto de obra de engenharia ou de arte que lhe pareça superior á capacidade technica do portugûes ou do caboclo da terra. Uma especie de “tempo dos mouros” em Portugal.

Mesmo assim, o “tempo dos framengo” deixara no brasileiro do Norte, principalmente naquelle colono — insignificante como realidade, mas consideravel pelo potencial — que não era senhor nem escravo, mas o primeiro esboço de povo e de burguesia miuda que houve entre nós, o sabôr, o gosto physico, a experiencia de alguma coisa de differente, a contrastar com a monotonia tristonha de vida de trabalho á sombra das casas-grandes; o gosto da vida de cidade, — não daquellas cidades antigas, do seculo XVI e dos principios do XVII, dependencias dos engenhos, burgos de familia onde os senhores vinham passar as festas, reunindo-se para as cavalladas e os banquetes; mas o gosto de cidades com vida propria; independentes dos grandes proprietarios de terras. Provavelmente, deixara ainda o “tempo dos framengo”, como e'elemento de revolta e de differenciação, entre o futuro “povo — que era então apenas um agglomerado de mestiços independentes junto com mechanicos e mascates de origem européa — o gosto pelo bem estar material, experimentado durante as administrações hollandesas — neste sentido mais efficien-

tes que as portuguesas. O flamengo, vindo de uma civilização mais urbana do que rural, trouxera para uma colônia de matutos chapados, novidades de um efeito quasi de magica: conhecimentos e recursos da nova technica européa, isto é, a burguesa-industrial.

O conflicto entre Olinda, simples cidade ecclesiastica e de senhores de engenho, e o Recife, cidade de gente burguesa e mechanica, que no seculo XVII reunira a população mais heterogenea da colônia, não terá sido apenas a reacção nativista de que falam as historias officiaes: brasileiros contra portugueses. Terá sido principalmente um choque, que os antagonismos politicos e, confusamente, os de raça ainda mais dramatisaram, entre os interesses ruraes e os burgueses.

1710, tudo nos leva a crer que tenha sido um movimento distinctamente aristocratico e um tanto anti-monarchico, rural e anti-urbano, o interesse nacional ostensivamente identificado com os da nobreza agraria — as grandes familias proprietarias a quem convinha o minimo de intervenção da parte d'el-Rei e das camaras dominadas por portugueses ou mechanicos, nos negocios da colônia. A não ser a seu favor — como no caso de provisões regias reforçando privilegios de familia ou fazendo de algumas camaras municipaes puras instituições domesticas, ao serviço da classe rural; ou prohibindo execuções contra senhores de engenho. Franca protecção dos interesses dos devedores ruraes contra os credores urbanos.

Essa parcialidade, porém, soffrera alteração profunda, em face da descoberta das minas e do desenvolvimento, nas cidades, da riqueza de burgueses cuja força convinha aos reis ir oppondo á arrogancia dos grandes proprietarios de terra e de escravos.

Minas Geraes foi outra area colonial onde cedo se processou a differenciação no sentido urbano. Em Minas, o seculo XVIII é de differenciação intensa, ás vezes em

franco conflicto com as tendencias para a integração no sentido rural, catholico, portuguez. Da colonisação por Paulistas afoitos, alguns talvez judeus, resultaram as primeiras gerações, tambem afoitas, independentes, de magnatas do ouro, animadores de cidades que tiveram um character especialissimo em nossa formação. Attrahindo fornecedores de generos, intermediarios de negocios, technicos na manipulação de pedras preciosas e no fabrico de moeda falsa, mechanicos, artesãos. — provavelmente, judeus, muitos delles — essas cidades parecem ter-se dividido — nos momentos dramaticos, pelo menos — em metades antagonicas. Mas de modo geral, dominaram-nas os grandes magnatas das minas. Autocratas de sobrados, ou de *casas nobres*, levantados dentro das cidades e envolvendo as casas menores nas suas sombras. Um alongamento das casas-grandes ruraes e semi-ruraes, que alguns desses magnatas davam-se tambem ao luxo de possuir, nada os enchendo de maior orgulho — observou Saint-Hilaire — do que intitularem-se de fazendeiros.

Villa Rica, os interesses que parece ter representado na sua primeira revolta — a de 1720 — contra os excessos da politica fiscal dos representantes d'el-Rei (a segunda revolta, a de Tiradentes, seria mais popular) foram os interesses daquelles magnatas mais antigos. Elles se esconderam por traz da figura de demagogo de Fellipe dos Santos e parece que até o negaram na hora undecima. Sente-se, porém, sua presença no movimento. Eram homens de vida já patriarchal e estavel; donos de casações cujas varandas davam para as ruas burguesas. *Cazas nobres*, dizem alguns documentos coloniaes. *Sobrados*, dizem outros.

Nos documentos do seculo XVIII, já se recolhem evidencias de uma nova classe, anciosa de dominio: burgueses e negociantes ricos querendo quebrar o exclusivis-

mo das famílias privilegiadas de donos simplesmente de terras na direcção das camaras ou dos senados. Aventu-
reiros enriquecidos nas minas, reinos, dos chamados pés-
de-bois ou pés de chumbo, bem succedidos nos negocios,
“marinheiros” que começaram vendendo alho e cebola, ou
mascateando pelo interior e pelas ruas para terminarem
mercadores de sobrados — são esses os novos elementos,
anciosos de dominio. Ricaços de *casas-nobres*, que ás
vezes, por imitação á nobreza rural, tornavam-se tambem
donos de fazendas, proprietarios de engenhos de canna e
de sitios, onde suas famílias iam passar a festa. O des-
dem da gente das casas-grandes de engenho e de fazenda
confunde-os, ás vezes, com os outros, com os mercadores
de quitandas ou de casas terreas — tudo mascate.
Mas elles são de *sobrado*. Fazem-se identificar e distin-
guir por um typo nobre de casa urbana ou semi-urbana.

Aos antigos passamentos de festa nas cidades —
Olinda, por exemplo — succederam-se, no seculo XVIII
e no XIX, passamentos de festa em sitios e até em enge-
nhos, que se tornaram, em certo sentido, dependencias
pittorescas dos sobrados burgueses. Sitios e engenhos
conservados pelos donos, não como base de sua vida eco-
nomica, mas por prazer e para recreio; e tambem, por
uma especie de decoração social.

Esboçado desde o seculo XVII, o antagonismo entre
os começos de cidades coloniaes e as casas-grandes, iso-
ladas, de fazendas e engenhos; desenvolvida a força das
cidades; a nobreza rural conservaria, entretanto, quasi
intactos, alguns dos seus privilegios, e principalmente o
elemento decorativo, da sua grandeza, até os fins do seculo
XIX. Esse elemento, como todo o ritual, toda a liturgia
social, sabe-se que tem uma extraordinaria capacidade para
prolongar a grandeza ou pelo menos a apparencia de
grandeza, e extincta a grandeza a vida, ou apparencia de
vida, de instituições já feridas de morte nas suas raizes,

O mercador ou reinol de origem baixa, — plebéa ou pequena burguesa — como o aventureiro das minas, a maior seducção por que se deixava empolgar, quando bem succedido nos negocios, era a de tornar-se membro da nobreza rural, ou imitar-lhe o genero de vida, comprando engenho, plantando canna ou café. O caso, no seculo XVIII, de Lourenço Gomes Ferraz, que sendo filho de Portugal, e tendo feito fortuna no Recife como mercador, tornou-se depois senhor de engenho e vereador da Camara de Olinda e um dos mais duros adversarios dos mascates. O caso, no seculo XIV, de Bento José da Costa. O casamento foi o meio de varios desses triumphadores, de origem burguesa ou popular, se elevarem socialmente até a classe rural, ao habito de Christo, ao titulo de sargento-mór ou capitão nos tempos coloniaes, ao de barão ou visconde, no Imperio.

Nesse sentido, o exemplo que se pode considerar mais completo, reunindo todos os caracteristicos de ascensão social, é o de João Fernandes Vieira, heroe da guerra contra os hollandeses. Vieira era ao mesmo tempo ilheu, mulato e homem de origem social baixa; fôra até moço de açougue e caixeiro de mercador. Entretanto acabou um dos representantes mais decididos e energicos da nobreza pernambucana, sua figura de aventureiro de cabellos cacheados e de beiços grossos tendo eclypsado a de Antonio Cavalcanti, homem provavelmente louro e muito mais authentico na sua fidalguia rural e de sangue que o ilheu. Vieira se incorporara á classe de que tudo o distanciava, pelo casamento com a filha de Francisco Berenguer de Andrade, homem rico e da nobreza rural.

A ascensão de elementos dos sobrados e até, das casas terreas, dos casebres de simples mechanicos, aos casarões dos grandes proprietarios de terras, seria mais frequente no seculo XIX, com o maior prestigio das cidades; com o prestigio de um elemento novo e brilhante — os

bachareis e medicos, alguns filhos de mechanicos ou de mascates com negras ou mulatas; com a maior dependencia dos senhores ruraes em relação aos seus correspondentes e commissarios de escravos, de assucar e de café. Dependencia que só veio a enfraquecer-se com o desenvolvimento das communicações por estrada de ferro, já quasi no fim da éra imperial. Mas para accentuar-se outra: a da lavoura com relação aos bancos — ainda mais desprestigiadores da gente rural endividada.

Os senhores ruraes, pelas proprias condições feudaes em que se iniciou a colonisação agraria do Brasil — condições que veem resumidas do modo mais claro no *Regimento* de Thomé de Sousa — como que se tinham habituado a um regimen de responsabilidade frouxa, ou mesmo de irresponsabilidade, com relação dos financiadores de suas lavouras. Nisso os favoreceu por longo tempo a Corôa, interessada nos lucros dos grandes proprietarios e necessitando delles e de seus cabras e indios de arco-e-flecha, para a segurança da colonia, contra as tentativas de invasão de estrangeiros.

Mesmo cheio de riscos, o financiamento á grande lavoura colonial — a de assucar — attrahiu desde cedo agiotas, que parecem ter se dedicado ao mesmo tempo á importação de escravos para as plantações. E ha indícios de haver preponderado entre esses negociantes, judeus com o espirito de aventura commercial aguçado como em nenhuma outra gente. Dahi, talvez, o relevo que Sombart dá aos judeus na fundação da lavoura de canna e na industria do assucar no Brasil.

Com esses intermediarios, talvez em grande numero judeus, parece ter se iniciado a riqueza das cidades coloniaes no Brasil. A capacidade de differenciação que revelaram esses burgos, crescendo de simples pontos de armazenagem e embarque do producto da terra em populações autonomas, com os senhores dos sobrados falando

grosso para os das casas-grandes do interior, ou perdoando-lhes talvez as dividas mediante ajuste de casamento entre a moça burguesa e o filho de senhor de engenho, ou então entre o filho do mercador ou o proprio mercador e a sinhásinha fina da casa-grande, parece ter sido, em grande parte consequencia das fortunas accumuladas pelos intermediarios e negociantes, alguns de origem israelita.

A situação de endividados, dos senhores de engenho do Norte, é facto que vem indicado pelas primeiras chronicas: pela do padre Cardim, por exemplo, que aliás sugere a ligação entre esse estado de coisas e a base principal da riqueza colonial — o escravo. Riqueza, na verdade, em extremo corruptivel, apodrecendo facilmente a um sopro mais forte de epidemia de bexiga ou de cholera.

De modo que a figura do intermediario — negociando principalmente com escravos — não podia deixar de assumir importancia consideravel dentro do regimen morbido de economia patriarchal. Este a exigiu pelas duas feridas sempre abertas da monocultura e da escravidão. Duas boccas enormes pedindo dinheiro e negro. O intermediario viveu, como um medico de um doente a quem explorasse, dessas feridas conservadas abertas. E as cidades começaram a crescer a custa dos senhores de terras e de escravos, assim explorados.

João Lucio de Azevedo não admitte a these, defendida por Sombart e por historiadores judeus mais ou menos apologeticos de sua raça, da agricultura de canna, ou antes da industria do assucar no Brasil, ter sido obra dos judeus. De terem sido estes os fundadores dos engenhos que aqui se estabeleceram no seculo XVI, inundando de tal modo o mercado europeu com o seu assucar, a ponto de excitarem a cobiça hollandesa. Para João Lucio de Azevedo, sendo "consideravel o cabedal necessario para erigir uma fabrica" não se pode crer o trouxessem consigo os immigrants "da familia hebréa, gente na maior parte fugida á Inqui-

sição, degredados e outros a quem na penúria sorriam a esperança de sorte fagueira além-mar”. Ponto que, na verdade, merece ser tomado na maior consideração. Mas é preciso não esquecer, por outro lado, que entre os da família hebréa, dispersos por varios paizes e em todos elles entregues a formas diversas, mas entrelaçadas, de mercancia e de usura, existia então — como até certo ponto, existe hoje — uma como maçonaria. Especie de sociedade secreta de interesses commerciaes, ligados aos de religião ou de raça perseguida, e aos de finança e politica internacionaes, e funcçãoando com particular efficiencia nos momentos de grande adversidade.

Lembra o abbade Raynal, para quem os judeus teriam sido, com effeito, dos primeiros a cultivar a canna e a fabricar o assucar na America, que “plucieurs trovèrent des parens tendres, des amis fidèles; les autres, dont l’intelligence & la probité étaient connues obtinrent des fouds des négocians de différentes nations avec lesquels ils avoient de liaisons d’affaires. Ces secours mirent des hommes entreprenans au état de cultiver des cannes de sucre, dont les premières leur vinrent de l’Isle de Madère”. São palavras que tiram um pouco a força ás de João Lucio.

É bem provavel que, expulsos de Portugal, os judeus que tomaram o rumo da “terra de Santa Cruz” tenham sido amparados fraternalmente por outros, de comunidades prosperas. Dahi lhes teria advindo capital, não diremos para iniciativas agricolas, — que estas aqui, como em toda parte, devem ter repugnado ao seu horror tradicional e “canonico” — a expressão é de Webber — pe’a terra e á sua politica calculada de aventura commercial, de preferencia a qualquer genero de vida estavel ou sedentaria — mas para o financiamento da lavoura e da industria que então nasciam, no Brasil, anciosas de dinheiro e de negro. Nessas duas actividades é que provavelmente

se especializou no Brasil dos primeiros tempos o genio economico dos immigrants judeus, dando áquella lavoura e áquella industria suas condições commerciaes de desenvolvimento. Sem o intermediario judeu, é quasi certo que o Brasil não teria alcançado dominio tão rapido e completo sobre o mercado europeu de assucar a ponto de só o producto dos engenhos de Pernambuco, de Itamaracá e da Parahyba render mais á Corôa, nos principios do seculo XVII, que o commercio inteiro da India, com todo o seu brilho de rubis e todo o seu rugeruge de sedas.

Os traços que se encontram da presença do judeu nos começos da agricultura da canna e da industria do assucar entre nós, permitem a reconstituição, ou pelo menos a tentativa de reconstituição, de sua figura. Não é a de um grande creador de riqueza e de vida, que se confunda siquer com a do portuguez dessa primeira phase de formação do Brasil — portuguezes bons gigantes do typo de Duarte Coelho e dos seus colonos, abrindo claros enormes no matto virgem e levantando engenhos, casas-fortes, fortalezas; deitando raizes na terra, embora a saudade de Portugal os acompanhasse a todo instante, uma coceira sem fim no coração, nesse coração que o portuguez si pudesse vivia coçando; construindo casas-grandes de pedra, e dentro dellas igrejas com o lugar marcado para seus tumulos; ligando-se a mulheres da terra, cujos filhos seus testamentos reconhecem. A figura do judeu não teve essa grandeza de creador, com um sentido profundo de permanencia a animar-lhe o esforço. Ao contrario: viveu á sombra do portuguez patriarchal. E sempre movel e provisório nos lugares.

Mas não foi um parasita que só tivesse sugado a riqueza do outro e os dois a energia do negro, que era quem mais duramente trabalhava nessa sociedade nova.

Os judeus devem ter chegado ao Brasil com dinheiro bastante, sinão para se estabelecerem como industriaes de

assucar, para emprestarem aos senhores de engenho as sommas de que tanto necessitavam para as despesas de safra e de renovação de escravatura. O proprio João Lucio, depois de retratar os degredados judeus uns pobretões incapazes de aqui fundar engenho para o fabrico de assucar, reconhece que “adiantando mercadorias ou dinheiro, mas principalmente escravos aos senhores de engenho constantemente em difficuldade” alguns hebreus “por ahi chegaram a possuir terras e fabricas...” Signal de que não eram pobretões tão ralos, mas homens de alguma solidez, capazes de mover mercadorias e escravos e até de adiantar dinheiro aos fidalgos do interior, das casas-grandes. Não importa que esse capital, elles o desenvolvessem com o talento quasi macabro, especializados nos “homens de nação” por uma experiencia muitas vezes secular, para adquirir, diz João Lucio um tanto emphaticamente, “a vil preço, os salvados de naufragios”. Os naufragios, no caso, não eram os de mar, mas os de terra: os engenhos que encalhavam por falta de negro e de dinheiro para as safras.

Para o historiador portuguez era aos judeus que se referia Brandonio naquellas palavras a Alviano sobre umas tantas creaturas que viviam no Brasil do seculo XVII de “comprarem fazendas aos mercadores assistentes nas villas ou cidades, e as tornarem a levar a vender pelos engenhos e fazendas, que estão dali distantes, com ganharem muitas vezes nellas cento por cento”. Mascates que por esses lucros de cento por cento se faziam “riquissimos”. Brandonio. refere ainda nos *Dialogos* o caso, que parece tambem arte de “homem de nação”. ou de cidade, manobrando com matutos — arte que, depois, tanto se desenvolveu nos negocios de assucar, de ouro e de café — de comprar um espertalhão “para pagar de presente uma partida de peças de escravos de Guiné por quantidade de dinheiro e logo no mesmo ins-

tante, sem lhe entrarem os taes escravos em poder", os tornar a vender a um lavrador "fiados por certo tempo, que não chegava a um anno, com mais de oitenta e cinco por cento de avanço".

Mas não foi só entre os fidalgos das capitanias assu-careiras que se exerceu a actividade do intermediario e do usurario — provavelmente, no maior numero de casos, "homens de nação". Tambem entre os mineiros, quando para as minas de ouro e de diamantes começou a deslocar-se o commercio mais grosso de escravos. *Comboeiro* ficou se chamando na região das minas esse papão, não de meninos, mas de homens; esse boi-tátá, não do matto, mas da cidade, a quem o mineiro acabou creando o mesmo horror que o filho pequeno áquelles bichos. Horror enorme, mas não sem certa attracção, certo "it" no sentido mystico da palavra. Um chronista das minas de diamante define o comboeiro: "o comboeiro era o judeu usurario..." "O comboeiro era o "hediondo vampiro", etc. O mineiro temia-o; fugia d'elle, mas afinal "a necessidade ou novas esperanças o lançavam em suas garras".

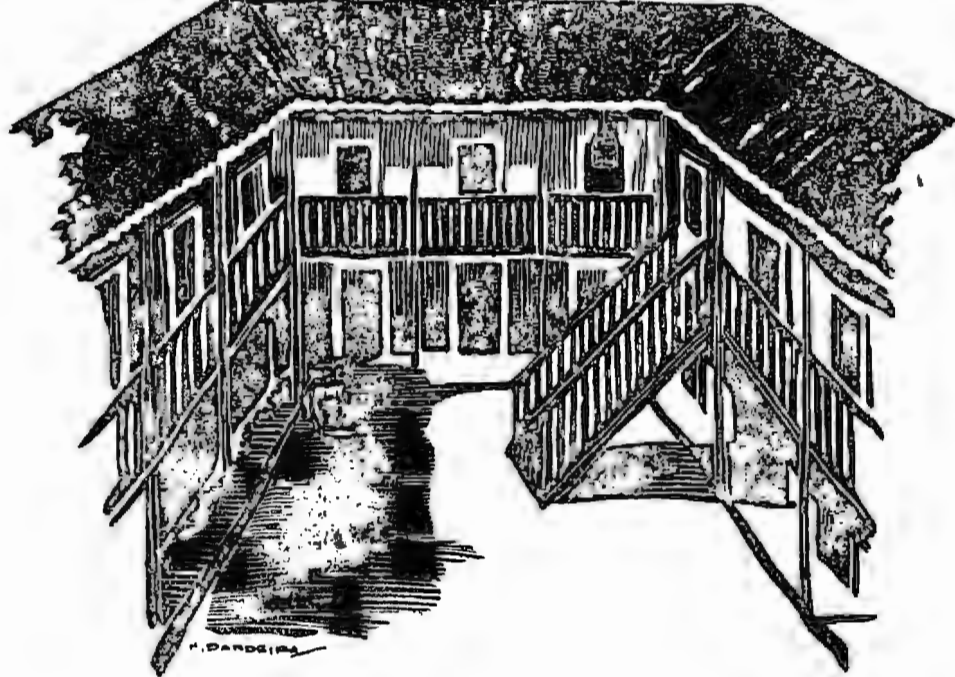
Outro chronista, mais antigo, deixara pormenores interessantes sobre a figura do comboeiro. E não só sobre a figura: sobre sua technica subtil de vendedor de homens a prestações.

Os escravos, elle os comprava nos portos a 100\$, os melhores, a 120\$; gastava de direitos e em despesa de viagem, uns 20\$; e ia vendel-os aos mineiros e aos roceiros de serra-acima, fiados por dois annos, mas por 180 ou 200 oitavas de ouro em pó, de uma vez ou "em dois pagamentos iguaes de anno a anno". Os mesmos lucros, que Brandonio tinha por illicitos, dos negociantes de escravos em Pernambuco no seculo XVII; os mesmos lucros de cento por cento sobre fazendas e mercadorias das cidades vendidas nos engenhos. "Não tomam outra informação — accrescenta o chronista das minas — não

tomam outra informação para venderem mais do que si o comprador, que quer comprar um escravo, tem ao menos outro pago; e sendo dois, melhor”.

No século XVIII e atravez do XIX, a força do intermediario, vinda do século XVII, só fez accentuar-se. Sua figura acabou ennobrecida na do correspondente, na do commissario de assucar ou de café, na do banqueiro. Aristocrata da cidade de corrente de ouro, em volta do pescoço, de cartola inglesa, morando em sobrado de azulajo, andando de victoria de luxo, comendo passa, figo, ameixa, bebendo vinho do Porto, as filhas uns encantos quando vestidas pelos figurinos de Paris por alguma Madame Theard para assistirem á estréa de Thalberg no theatro lyrico. Tudo á custa, muitas vezes, do maria-borrallheira que ficava no matto, junto á fornalha do engenho, moendo canna, fabricando assucar, distillando aguardente; ou então plantando seu café ou cavando sua mina. Divertindo-se com os bumbas-meu-boi e as palhaçadas dos negros da bagaceira. Muitas vezes não comendo sinão carne do Ceará e bebendo vinho de genipapo e cachaça. E nem sempre capaz de mandar para Coimbra, para Paris, para São Paulo, para Olinda, o filho que ia ficando em casa e dando para viver com os muleques, depois com os cabras, atraz de muleca, de canario de briga e — nos grandes dias — atraz de mestra ou contra-mestra de pastoril.

“O antigo fazendeiro ou senhor de engenho”, diria Joaquim Nabuco em 1884, recordando a vida do velho senhor de terra, que trabalhava para o traficante que lhe fornecia escravos “como o actual trabalha para o correspondente...” Para o correspondente “ou para o banco” — outra instituição de cidade que com a chegada de Dom João VI se levantou no Brasil, modificando-lhe a paizagem social no sentido da urbanisação. Accentuando a gravitação de riqueza e de energia para as capitais, parti-



Pateo interior de sobrado mineiro do século XIX.
(Desenho de M. Bandeira)

cularmente para a Côrte. Para as capitaes e para os capitalistas, pode-se dizer, sem receio de prejudicar a verdade com o trocadilho facil.

A lavoura no Brasil, gosara nos primeiros tempos — principalmente nesse extraordinario seculo XVI, que marcou o esplendor da actividade creadora de Portugal, ou antes do colono portugûes na America — de favores excepcionaes. Favores com que a Corôa prestigiou a iniciativa particular dos colonos de posse, concedendo-lhes grandes privilegios politicos, e á sombra desses, privilegios economicos. Os desbravadores de matto-virgem, os desvirginadores de sertões, os fundadores de grandes lavouras viram-se, por mais de um seculo — por dois seculos inteiros, pode-se dizer — rodeados de mercês dando-lhes o dominio politico dos senados de camara. E com esse dominio, os contractos, a arrecadação de impostos, as obras publicas. Viram-se ao mesmo tempo resguardados dos credores menos pacientes, que se puzessem com afoitezas para os lados das casas-grandes.

Mas com o desenvolvimento da industria das minas, com o crescimento das cidades e dos burgos, sente-se declinar o amor d'el-Rei pelos senhores ruraes; enfraquecer-se a aristocracia delles, reduzida agora nos seus privilegios pelo prestigio novo de que veem investidos os capitães-generaes, os ouvidores, os intendentes, os bispos, e vice-rei. Alguns, como o conde de Valladares em Minas, fazendo dos mulatos e dos negros, officiaes de Regimento e desprestigiando assim os brancos da terra.

Os capitães mandados para as Minas é como si viessem para terras que acabassem de ser conquistadas: arrogantes, dominadores, seu olhar duro fiscalizando tudo, até as libertinagens dos frades. A propria tradição dos grandes proprietarios acoitarem criminoso em suas fazendas, dentro da porteira tabú dos seus engenhos, é quebrada em Minas no proprio seculo XVIII: o conde

de Assumar manda prender certo brigadeiro Macedo — que matara a mulher — não na fazenda de um João-Ninguém, mas na do Mestre de Campo Paschoal da Silva Guimarães, o dono de Ouro Podre, o proprietario das lavras mais ferteis do mundo, senhor de dois mil homens, de não sabemos quantos cavallos e de dois grandes engenhos. Aliás, alguns nobres da colonia haviam soffrido deminuição no seu prestigio, com a carta de 25 de abril de 1719 mandando dar baixa dos postos aos officiaes de Ordenança onde não houvesse corpos organisados. O que lhes cortava as azas e punha-os quasi no mesmo pé que os plebeus, os mulatos e os pés de chumbo das villas. É agora, aquelle horror. Fazendas e engenhos invadidos pela policia. Quebrado o maior tabú da aristocracia rural.

É nas capitánias do sul — em São Paulo, nas Minas — que se faz sentir mais forte, a partir dos principios do seculo XVIII, a pressão do imperialismo português, agora simplesmente explorador da riqueza que nos dois primeiros seculos ajudara a descobrir ou deixara desenvolver-se. Convem-lhe a alliança com a plebe das cidades, contra os magnatas ruraes; com os mascates, contra os nobres; com os *negociantes de sobrado* do littoral, contra os senhores das casas-grandes do interior; com os mulatos, até, contra os brancos d'agua doce.

Essa nova politica da metropole, saliente-se mais uma vez, ficou claramente indicada por occasião do conflicto entre a aristocracia rural de Pernambuco e a cidade do Recife. E indicada ainda com mais clareza em Minas Geraes durante o governo do conde de Assumar. Este não hesitou em investir contra as proprias oligarchias dos senados de Camara.

Entretanto, em 1670, o capitão-general de Pernambuco Bernardo de Miranda Henriques, por ter mandado prender o presidente da Camara de Iguarassú — uma das taes camaras dominadas pela aristocracia do assucar —

teve contra seu gesto uma solemne carta regia. E quatro annos antes, havendo a Camara de Olinda deposto o capitão-general Jeronymo de Mendonça Furtado, o vice-rei approvara-lhe o acto insolente. E não precisamos de aqui relembrar a serie de actos e manifestações as mais claras de insolencia da Camara de S. Paulo, no mesmo seculo XVII.

A nova politica economica da Metropole portuguesa deixando a lavoura colonial um tanto de lado, e collocando sob o seu melhor favor, as cidades e os homens de commercio, e até a gente miuda, encontraria interprete generoso em Dom João VI. Ou melhor: nos responsaveis pela sua orientação, antes burguesa do que rural, de governo.

Accentuou-se com Dom João VI o desprestigio da aristocracia rural. Acabaram-se aquellas ternuras d'el-Rei com os devedores sempre em atraso. As camaras deixaram de ser privilegio dos grandes proprietarios de terras. "Impostos pesadissimos" e "juros despropositados" diria um chronista do meado do seculo XIX, vieram diffcultar desde então a vida do dono de terras. Porque "si o desfavorecido lavrador não pode acudir de prompto aos seus pagamentos, por lhe ter corrido mal o anno", os productos do seu trabalho não chegando para "pagar os juros exorbitantes do valor dos generos comprados" deve considerar-se perdido.

O Banco do Brasil, — estabelecido por Dom João VI — emprestando ao agricultor do seculo XIX, a 9 %, com 8 %, de amortisação e com hypotheca no valor duplo da quantia emprestada, reformaveis as lettras de seis em seis mezes improrogavelmente, allegavam os agricultores que não se tornara nenhum apoio para a lavoura. Ao contrario: impunha-lhe "prazos fataes" para suas dividas emquanto o commercio, descansado de seu, gosava "o favor das moratorias».

E entretanto era um commercio — dizia um apolo-gista da agricultura — que ainda por cima “recorria ao contrabando e á fraude”. Bons tinham sido, para a lavoura, os primeiros tempos coloniaes, com os privilegios concedidos aos senhores de engenho; privilegios — deve-se accentuar — que iam quasi ao ponto de favorecer o calote, quando praticado por um senhor graúdo.

“Todos roubam ao incauto lavrador”, escrevia o velho Mello Moraes em 1870. Incauto, não: desfavorecido pelo governo, agora mais chegado ao commercio das cidades e ás industrias urbanas que começavam a repontar na paizagem brasileira com seus boeiros e suas chaminés, sujando de fuligem o verde das mangueiras lyricas dos sitios. A cobrança de dividas, atravez de agentes, que os bancos despachavam para as casas-grandes do interior, parecia ao chronista vir concorrendo poderosamente para o desprestigio social dos agricultores. Mas seria menos um abuso que a regularisação de relações entre credor e devedor — outrora irregularissima, o devedor da casa-grande quasi não fazendo caso do credor de sobrado.

Os engenhos, lugares santos donde outrora ninguem se approximava sinão na ponta dos pés e para pedir alguma coisa — pedir asylo, pedir voto, pedir moça em casamento, pedir esmola para festa de igreja, pedir comida, pedir um côco d’agua para beber — deram para ser invadidos pelos taes agentes de cobrança, representantes de uma instituição arrogante da cidade — o Banco — quasi tão desprestigiadora da majestade das casas-grandes quanto a policia do conde de Assumar, em Minas, ou a do presidente Chichorro da Gama, em Pernambuco.

Para o velho Mello Moraes o agente de cobrança desacreditava “o lavrador por toda a parte, a ponto de produzir no mesmo lugar onde mora, o seu descredito, trazendo assim a ruina das familias, pois que muitos casamentos se teem desmanchado nos nossos sertões pelos des-

creditos espalhados por esses agentes de cobranças, obrigando alguns homens susceptiveis aos desatinos que se teem dado pelo interior do Brasil". Esses "desatinos" dos "homens susceptiveis" do interior eram menos o suicidio, que o assassinato. Alguns agentes de cobrança acabaram esfaqueados por cabras de engenho, de emboscadas pelas estradas de massapê.

A attitude da gente de dinheiro das cidades contra os senhores endividados teve quasi o caracter de uma desforra fulminante. A's vezes eram filhos e netos vingando-se de humilhações recebidas pelos paes e avós pés de chumbo.

E é curioso constatar que as proprias gerações mais novas de filhos de senhores de engenho, os rapazes educados na Europa, na Bahia, em São Paulo, em Olinda, no Rio de Janeiro, foram-se tornando, em certo sentido, desertores de uma aristocracia cujo genero de vida, cujo estylo de politica, cuja moral, cuja justiça já não se conciliavam com seus gostos e estylos de bachareis, medicos e doutores europeizados, afrancesados, urbanisados, policiados.

O bacharel — magistrado, presidente de provincia, ministro, chefe de policia — seria na lucta quasi de morte entre a justiça imperial e a do pater-familias, o alliado do Imperador contra o proprio pae ou o proprio avô; o medico, o desprestigiador da medicina caseira, que era um dos aspectos mais seductores da auctoridade de sua mãe ou de sua avó, senhora de engenho. Os dois, alliados da cidade contra o engenho. Do Estado contra a Familia.

Além do que, bachareis e medicos raramente voltavam ás fazendas e engenhos patriarchaes depois de formados. Com seu talento e sua sciencia foram enriquecendo a Côrte, abrilhantando as cidades. A diplomacia, a politica, as profissões liberaes, ás vezes a alta industria, absorveram-n'os. Empolgaram-n'os.

As cidades tomaram das fazendas e dos engenhos esses filhos mais illustres — e tambem os padres e os que se dedicavam á carreira das armas. Os inferiores em intelligencia, ou os sem saude para emigrar ou seguir a vida militar é que foram succedendo os avós na administração dos dominios ruraes; e estes se reduzindo em importancia e extensão; dividindo-se entre herdeiros distantes, indifferentes á agricultura, fixados nas cidades. Raro um bacharel como Antonio de Moraes Silva, largando-se com toda a sua sabedoria, seus livros, seu grego, seu latim, da Côrte para um engenho de Muribeca; e ahi dedicando-se não só ao trabalho formidavel de escrever o *Diccionario*, hoje classico, como ao de melhorar os methodos pernambucanos de plantar canna e fazer assucar. Apenas esse doutor de Coimbra que no seu engenho recebia a visita de lettrados como o padre Souza Caldas e de sua casa-grande de Muribeca correspondia-se com os maiores philologos portuguezes do seu tempo, não deixou de manter sobrado no Recife, com a janella para a rua e vista para o mar.

Mas não vá ninguem abandonar-se á idéa de que os grandes proprietarios de terra, tão poderosos a principio, acabaram todos uns reis Lear traídos pelos filhos doutores e pelas filhas casadas com bachareis — todos abandonando as velhas casas-grandes de engenho e de fazenda como a navios que não tardassem a naufragar; traídos por el-Rei que dantes lhes fizera todas as vontades e todas as festas; traídos pela Igreja, que outrora os adulara.

Houve senhores que esmagados pelas hypothecas e pelas dividas, encontraram amparo no filho ou no genro, deputado, ministro, funcionario publico. O Estado foi afinal o “grande asylo das fortunas desbaratadas da escravidão”, como disse Joaquim Nabuco.

Houve os que tiveram no commissario ou no correspondente, amigo honesto, que em vez de parasita do dono de terras, ao contrario, conservou e até augmentou a fortuna do committente desmazelado, ignorante de tudo, até da extensão ou dos limites de seus dominios e do volume de sua producção.

E muito fidalgo de casas-grande do interior foi caloteiro em toda a extensão da palavra, e não victima dos judeus da cidade. Em vez de roubado, na cidade, elle é que roubou nas remessas de assucar ou de café. Houve, enfim muito velhaco e espertalhão escondido por traz de barbas patriarchaes e engabelando, com suas manhas, commissarios, agentes de cobrança e até ciganos, vendedores de cavallo pelos engenhos.

No assucar — dizia em 1833 Frederico Burlamaque referindo-se a senhores de engenho velhacos — “misturão-lhe diversas qualidades inferiores e alguma terra ou arêa e vendem-no como de qualidade superior”. E em Pernambuco, a tradição guarda a memoria de certo fidalgote rural muito sabido que não punha nome nos seus negros: era tudo numero — Dez, Quinze, Vinte. Quando o representante do commissario o visitava, o manhoso senhor, dono de dez ou doze negros magros, simulava a maior opulencia deste mundo gritando para o capataz: “Mande Dez para tal trabalho”, “Quinze para isto”, “Vinte para aquillo”. Com o que, dizem que assegurava o credito: o homem da cidade deixava-se emprenhar pelos ouvidos.

Exaggero de anecdota, sem duvida. Mas pelo numero de escravos se avaliava, com effeito, a importancia do senhor rural: base, aliás precaria, exigindo um augmento tal de população escrava, que só se fazendo como o velhaco: chamando cada escravo “Dez” ou “Vinte” ou “Trinta”, para effeito commercial sobre o commissario. “Hum senhor d’Engenho — argumentava Burlamaque em 33 — que tem empregado em escravos, terras e machinas hum

capital de 600 a 800.000 cruzados, apenas pode contar com huma renda precaria de 12 a 15 mil crusados annuaes, que as despesas consomem e ás vezes excedem". Despesas quasi todas com escravos; minimas com as terras e as machinas. Que as terras não se exploravam sinão pelo processo mais brutal: o dos caboclos, a *coivara*, o fogo, o machado. Nada de adubo nem de gasto ou cuidado com a terra: esta tornando-se maninha, era abandonada quasi sem saudade, principalmente nas regiões de casas-grandes menos estaveis. Casas de taipa que não prendessem o dono com raizes tão fortes como as da pedra e cal.

Em toda a parte, o processo de agricultura destruidora da natureza, dominou com maior ou menor intensidade no Brasil patriarchal. Grandemente no Norte — no Maranhão, no Pará; em certos trechos de Pernambuco e da Bahia; em Minas, no Rio de Janeiro, em São Paulo. Em São Paulo, no seculo XVIII, quando declinou o furor expansionista e começou a phase mais caracteristicamente agricola, D. Luiz Antonio de Sousa, escrevendo em 1767 ao rei de Portugal admirava-se do "mau methodo" da lavoura: "só se planta em matto virgem pelo pouco que custa e pela repugnancia que tem de se sujeitarem ao maior trabalho de cultivarem os campos, como nesse Reino". Com relação a Minas o seu presidente em 1835, Antonio Paulino Limpo de Abreu, lamentava, em relatório, que a facilidade em adquirir-se terra conservasse "cômo que esquecidos os recursos com que a Arte costuma tornal-as productivas". O mal não vinha só da facilidade em adquirir-se terra mas tambem, e principalmente, da facilidade na sua exploração pelo escravo. O mal vinha da base de riqueza e até do credito rural ter sido, no nosso regimen patriarchal, menos a terra que o escravo. O numero de escravos.

Si o escravo — base de riqueza e de credito — dispensava o emprego de machinas e de adubos caros, pelo proprietario rural, eram por outro lado, não dez, mas cincoenta boccas a dar de comer, cincoenta corpos a vestir, mesmo que fosse de estôpa ou de baeta, muitas vezes cincoenta feridas a tratar. Si havia senhores ruraes que calculavam o valor do escravo pela producção intensa, de que fosse capaz, matando seus negros de trabalho, fazendo dez trabalharem por trinta, a maior parte não tinha essa ancia toda de lucro: nem esse sentido commercial da vida agricola; e na conservação dos seus negros, ia-se quasi todo o dinheiro ganho com a canna ou o café.

*

* *

O periodo de historia social do Brasil que procuramos estudar nestas paginas, por um lado, continuou um periodo de integração: durante elle é que se consolidou a sociedade brasileira, em torno de um Governo mais forte, de uma Justiça mais livre da pressão dos individuos poderosos, de uma Igreja tambem mais independente das oligarchias regionaes e mais pura na vida dos seus padres. De uma Igreja falando alto e grosso pela voz dos seus bispos, clamando pela de Dom Vital contra os excessos do proprio Governo de Sua Majestade. Por outro, foi um periodo de differenciação profunda — menos patriarchalismo, menos absorpção do filho pelo pae, da mulher pelo homem, do individuo pela familia, da familia pelo chefe, do escravo pelo proprietario; e mais individualismo, da mulher, do menino, do negro, ao mesmo tempo que mais prostituição, mais miseria mais doença. Mais velhice desamparada. Periodo terrivel de transição.

Mauá e os ingleses modernisariam a technica de transporte. Os serviços urbanos se aperfeiçoariam e com

elles — iluminação, calçamento, saneamento — os estylos de vida. A vida ficaria mais livre da rotina domestica. A rua — outrora só de negros, mascates, muleques — se aristocratisaria.

Dentro das cidades, fabricas fabricando o sabão, a vela, o panno que outrora se fabricava em casa, nos engenhos, vagarosa e patriarchalmente. Extrangeiros de procedencias e officios diversos — marceneiros, cabellereiros, modistas, fabricantes de queijo — estabelecendo-se nas cidades ou em colonias. As senhoras mais chics penteando-se não mais á portuguesa, ou quasi á oriental, mas á francesa, vestindo-se tambem á francesa, indo ao theatro ouvir operas cantadas por italianas gordas, a quem os estudantes offereciam *bouquets*, faziam discursos, dedicavam sonetos. Os meninos se educando em collegios — alguns de extrangeiros — e em academias, e não apenas em casa, com o tio-padre ou o capellão.

Periodo de equilibrio entre as duas tendencias — a collectivista e a individualista — nelle se accentuaram alguns dos traços mais sympathicos da physionomia moral do brasileiro. O talento politico de contemporisação. O juridico, de harmonisação. A capacidade de imitar o extrangeiro e de assimilar-lhe os traços de cultura mais finos, e não apenas os superficiaes.

É certo que os caturras da primeira metade do seculo XIX só enxergavam nos homens das gerações novas, defeitos, fraquezas, imitações ridiculas dos europeus, dentes postiços, desrespeito ao mais velho. “Onde estavam — chegou a perguntar o velho Mello Moraes — os capitães-generaes do tempo dos reis de Portugal, homens da importancia e da experiencia do “famoso Franco de Almeida”, que outrora governavam com tão profundo bom senso os povos das capitancias, agora provincias desgobernadas por “umas criancolas sahidas das escolas de Direito?” Referia-se á geração de João Alfredo, de Alfredo

de Taunay, de Sancho de Barros Pimentel, do Barão de Lucena, bachareis que na verdade começaram a governar o paiz uns meninos, com barbas que pareciam postilhas.

E o padre Lopes Gama, indignava-se de só enxergar em torno de si gamenhos com “jaquetinhas pelas virilhas”, “barbas e bigodes de Mouro”, “meias alcatifadas”; bachareletes que já não tomavam a benção aos velhos porque tal usança cheira a tempos gothicos e degrada o nobre orgulho de hum jovem quando basta hum simples cortejo de cabeça assim por modo de lagartixa”; elegantes que durante a missa davam as costas ao altar para se entreterem com o “Madamismo”.

Os gamenhos eram os bachareis e doutores dos principios do seculo XIX, educados na Europa: homens do typo de Araujo Lima, de Manuel Ferreira da Camara, de Francisco de Mello Franco, de Francisco e Sebastião do Rego Barros; do typo, sobretudo, de Maciel Monteiro — de todos o mais extremado no culto do “Madamismo”.

Contra elles, o padre conservou-se intransigente nos seus gostos e estylos de vida: os do seu tempo de menino, criado pela avó. O seculo XVIII ainda bem patriarchal. Epoca de gente boa, de respeito dos filhos aos paes, de homens direitos e fortes que chegavam a “grandes idades”, de donas de casas diligentes, de doces gostosos e lombos de vitella que vinham á mesa rechinando na frigideira — só a da finada sua avó. O seculo XVIII. O Brasil sem carros de cavallo correndo pelas ruas, sem mechanicos ingleses, sem modistas francesas, sem doutores formados na França e na Allemanha, sem operas italianas cantadas nos theatros, sem os moços tomando os lugares dos velhos.

II

O ENGENHO E A PRAÇA; A CASA E A RUA

A Praça venceu o Engenho, mas aos poucos. Quasi sempre respeitando nos vencidos umas tantas virtudes e gabolices; procurando imital-as; ás vezes até romantizando-as e exaggerando-as. Outras vezes troçando do matuto rico, do fazendeiro, do senhor de engenho fanfarrão e até quixotescó, de toda a "gente do matto", de todo o roceiro de "serra acima". Destacando-lhe os vícios de linguagem, os atrasos de cincoenta, cem annos em estylos de vida e de meios de transporte, os ridiculos de moral e de etiqueta também atrasada um seculo, dois, ás vezes, tres. Porque esses atrasos variavam de região para região, dando ao paiz uma variedade pittoresca, mas ás vezes dramatica, de estylos e estagios de cultura. Variavam de região para região como de sexo para sexo e de raça para raça.

Quando no capitulo anterior procuramos salientar o declínio do patriarchado rural que, em Pernambuco e na Bahia, desde o seculo XVI, se consolidara na casa-grande de engenho ou de fazenda, dominando dahi a paizagem colonial, foi pretendendo fixar apenas a tendencia mais saliente. Não que o dominio da casa-grande de engenho tivesse sido absoluto. O

Paulista, por exemplo, figura que dramatisou como nenhuma a paisagem sertaneja dos primeiros dois seculos de colonisação, imprimindo-lhe traços profundos de sua acção creadora, a casa que ligou a essa paisagem não foi a grande e estavel, de pedra e cal, mas a palhoça quasi de caboclo, o casebre quasi de cigano, o mucambo quasi de negro, que só nos fins do seculo XVIII, epoca de relativa sedentariedade para aquelles nomades, se europeisaria na habitação urbana de taipa, “isto he — explica Cazal — de terra” e “branqueada com tabatinga”.

Em 1720, em carta a Bartholomeu de Souza Mexia, o conde de Assumar, queixando-se de Domingos Rodrigues do Prado “natural da comarca de S. Paulo, homem revoltoso e regullo”, informava que decidira povoar Pitanguy de reinos, que explorassem melhor as minas, pois era lugar até então habitado por Paulistas “cujas habitações sempre tem pouca forma, porque a sua vida e a natural propensão que tem de andarem pellos mattos, faz que as suas povoaçoens não sejam persistentes...”

Num paiz da extensão do nosso e com tão accentuada diversidade não tanto de clima, nem de technica de producção e de trabalho — aliás a de trabalho foi quasi a mesma: a escravidão, primeiro do indio e depois do negro — mas de contactos com outros povos e com typos de cultura antagonicos, durante o periodo de sua formação e ainda hoje, só podia ter variado, como variou, de região para região, o processo de integração social. Integração ainda hoje incompleta. Do mesmo modo que a differenciação, intensissima nuns pontos, noutros foi quasi nenhuma, mesmo atravez da segunda metade do seculo XIX.

Só em 1731 — informa um chronista — é que na area mineira foram-se radicando familias ao solo. Até então a zona do ouro se achava salpicada menos de

villas e de casas de fazenda, do que de bandos numerosos de aventureiros sem lugar fixo de actividade nem organização christã de familia. Bandeiras. Arraiaes movediços, atraz de minas e de escravos.

Compreende-se não se ter desenvolvido ou generalizado entre gente tão movel, nenhum typo de habitação solida ou senhoril, contentando-se os colonos aventureiros com a palhoça, a casa de barro, o casebre; com um genero de vida, de habitação e de alimentação proximo do indigena; com a technica de transporte, de pesca, de caça e até de lavoura da gente nativa. Seus contactos de cultura com a Europa quasi que se interrompiam de todo a proporção que se distanciavam do littoral; iam-se amortecendo, rareando, para se avivarem os contactos com a cultura indigena.

E esses aventureiros de palhoça ou de casa de barro, deve-se notar que eram em grande parte solteirões; mais faceis, portanto, de se dissolverem em nomades. "Solteirões" — informava D. Lourenço de Almeida em carta a el-Rei, que já comprehendera a conveniencia politica dos seus colonos tomarem "estado de casados" e se estabelecerem "com suas familias reguladas". Porque "por este modo ficarão mais obedièntes ás Minhas reaes ordens, e os filhos que tiverem do matrimonio os farão ainda mais obedièntes e vos ordeno me informeis se será conveniente mandar eu que só casados possam entrar na governança das camaras das villas, e se haverá sufficiente numero de casados para se poder praticar esta ordem..." Reparava D. Lourenço: "... e mostra a experiencia nos poucos casados que ha nestas terras, que são muito mayores trabalhadores em desentranharem ouro da terra, que estes solteirões que só lhes leva o tempo a se occuparem em extravagancias..."

No que talvez houvesse injustiça, e grande, aos solteirões, da parte de D. Lourenço. Elles descobriram minas, romperam o matto virgem, abriram caminhos, tendo sido provavelmente mais efficientes que os casados nessa phase de colonisação quasi militar. E' claro que para uma epoca de vida mais facil, tudo pacificado, só faltando mesmo explorar as minas, burocratisar o trabalho, regularisar e christianisar as relações entre os sexos, esses romanticos tornavam-se umas figuras archaicas; figuras angulosas, ageitando-se mal a uma sociedade de gente arredondada pela sedentariedade e pela paz. A não ser que se casassem — como fez em Pernambuco Jeronymo de Albuquerque, depois de muitos annos de vida solta, libertina mesmo, mas nem por isto inutil.

Não é preciso negar ao solteiro nomade todo o valor, para reconhecer a importancia enorme do casado e sobretudo da mulher-matrix, da mulher estavel e mãe de familia em nossa formação. Sem essa figura quasi matriarchal de mulher-matrix não se imagina a casa-grande de engenho, que foi o centro da nossa integração social.

O typo nobre de casa que ficou se chamando "casa-grande", desenvolveu-se na região dos engenhos de canna; e menos em torno da figura do homem, que do vulto gordo da matrona portuguesa do seculo XVI. As Donas Brites, as Donas Genebras, as Donas Franciscas. Mulheres casadas que acompanharam os maridos ao Brasil.

Onde ellas se installaram, gordas e pesadonas, com seus conhecimentos de coisas de cozinha e de hygiene da casa, com seus modos europeus e christãos de tratar de menino e de gente doente, pode-se affirmar que ahi a civilisação européa aprofundou-se mais e fixou-se melhor.

Donde, em grande parte, a differença de estylos de vida, a maior predominancia de padrões europeus de cultura, nos pontos de colonização por homens casados, e menor naquellas regiões colonisadas por homens, em sua maioria solteiros ou simplesmente amasiados com caboclas da terra.

O Principe Maximiliano, viajando em principios de seculo XIX pelo interior do Brasil, encontrou em São Salvador dos Campos dos Goytacases, fazendeiros ricos, vivendo a mesma vida relassa que no seculo XVII. Homens de enviar para a cidade proxima tropas e mais tropas cheias de productos, donos de mil, mil e quinhentas cabeças de gado, morando em casebres inferiores aos dos matutos allemães mais pobres. Casas terreas de barro, e nem ao menos caiadas. Verdadeiros mucambos. Faltava talvez, a esses colonos, a acção da mulher portuguesa, no sentido da maior dignidade moral e do maior conforto physico da casa, do movel, da vida domestica.

Em São Vicente, no Reconcavo da Bahia, em Pernambuco — os pontos de colonização portuguesa do Brasil que mais rapidamente se policiaram — a presença da mulher européa, é que tornou possivel a aristocratização da vida.

No fim do seculo XVI, o padre Cardim se admirava de encontrar em Pernambuco “grandes senhoras”. E os homens e as mulheres vestindo-se pelos mesmos estylos que em Lisbôa; banquetecendo-se com as iguarias e os vinhos de Portugal; dormindo em camas forradas de seda que nem os principes e as princessas do Reino.

Senhores de engenho, morando em casas isoladas, reuniam-se entretanto os colonos em Olinda — Olinda, nome de mulher, nome de heroina de novella! — para suas festas de igreja e de casamentos, suas cava-

lhadas, seus jogos, suas danças, suas representações de comédias, seus recitativos. Ahi não tardou a apparecer o primeiro poema inspirado pela paizagem brasileira e ao que parece, escripto por um judeu onde vem exaltada a figura da mulher do donatario: "Dona Beatriz preclara e excellente".

A presença da mulher européa em maior numero é talvez o elemento mais vivamente responsavel pelo facto de se ter desenvolvido em Pernambuco, na Bahia, em São Vicente e um pouco no Maranhão, um typo de habitação mais nobre que noutros pontos de colonisação portugueza e hespanhola na America. Esse typo de habitação tendo a principio se especializado na casa-grande de engenho, depois se requintou na casa-grande assobradada, de cidade. A architectura de residencia elegante e o estylo de vida domestica a ella correspondente se acham ligados, na formação brasileira, ao maior dominio da mulher portugueza sobre a vida colonial.

O patriarchalismo brasileiro, vindo dos engenhos para os sobrados, não se entregou logo á rua; por muito tempo foram quasi inimigos — o sobrado e a rua. E a maior lucta foi a travada em torno da mulher — por quem a rua anciava, mas que o pater-familias burguês procurou conservar o mais possivel trancada na camarinha e entre as mulecas, como nos engenhos; sem que ella sahisse nem para fazer compras. Só para a missa. Só nas quatro festas do anno — e mesmo então, dentro dos palanquins, mais tarde de carro.

De modo que a vida da moça de sobrado era dentro de casa, se entretendo com a fala dos papagaios dizendo "Meu Bem", "Meu Amor", "Yayá", "Sinhá". "Dondon", na falta de uma voz grossa de homem; com caricias de saguim e de macaco, na ausensia de umas mãos de rapaz agradando ás suas.

As lojas mandavam aos sobrados seus chapéus de abrir e fechar, suas botininhas de duraque, suas fitas, seus “pentes de marfim para desembaraçar e tirar piolhos”, suas travessas, seus filós, seus setins; e a moça escolhia á vontade, muitas vezes, talvez, espalhando as amostras pela esteira ou por cima do sofá, e ella de cabeça e saia de baixo, o cabello solto, rodeada de negras, feliz como uma menina doente entre brinquedos espalhados na cama.

Quando não se mandavam vir mercadorias da loja, chamava-se o mascate. Os bahús de flandres côr de rosa e as caixas de papelão dos mascates, — portuguezes velhos, de bigodes enormes, ou então judeus da Alsacia e italianos, com umas varas de covado que eram verdadeiras matracas batendo pelas ruas — se escancaravam diante dos olhos gulosos das mulheres dos sobrados; de dentro dos bahús começava a derramar-se pela mesa de jantar de jacarandá ou pela esteira de piripiri — tanto setim, tanta fita, tanto panno bonito, tanto frasco de cheiro, ás vezes até vestidos já feitos que era uma festa na casa tristonha.

Esses mascates iam tambem pelas casas-grandes de engenho, os bahús carregados a mula. D’Assier não poudé deixar de contrastar a importancia do mascate, no interior do Brasil — quasi um lord — hospedando-se nos engenhos e andando de burro ou de mula — com o “exporteur” dos Alpes e dos Pyreneus, carregando seu bahúsinho ás costas, subindo e descendo humildemente ladeiras. Mas no Brasil escravocrata tinham esse ar importante os barbeiros, os ferreiros, os carpinteiros, os pintores de parede, todos donos de escravos que lhes carregavam as ferramentas e lhes preparavam as tintas: os senhores quasi não sujavam os dedos; andavam de chapéu de tres bicos e de sobrecasaca. Até os mendigos, notaram alguns

extrangeiros que tinham modos de fidalgos; alguns pediam esmola de rede, nos hombros de dois escravos. Outros a cavallo.

No interior, os mascates — muitos delles judeus da Alsacia e do Rheno — continuaram no seculo XIX a praticar espertezas que nem as daquelles mercadores-a-pé do seculo XVI que scandalisavam o auctor dos *Dialogos*. As matutas deixavam-se engabelar pelos mascates ruivos. Precisamente o meado do seculo XIX foi a idade de ouro desses novos mascates. Lucros de 100%. Ou mais. Às vezes lucros monstruosos. Aneis comprados na Europa por 100 francos eram vendidos a senhores de engenho por 800\$000, pagos á vista. A credito, o senhor de engenho assignava uma lettrinha de 1:000\$000, isto é, 2.500 francos; e ainda por cima, hospedava o judeu. Uns mascates se especialisavam em vender joia; outros, franceses, em frascos de cheiro; os italianos, em imagens de santos para as capellas das casas-grandes, para os oratorios dos sobrados.

Com todas as suas espertezas e até gatunices, esses homens tiveram sua função util junto a um sexo recalcado, cuja vida elles de algum modo alegravam com suas joias, suas fazendas, seus vidros de cheiro, seus santoantoninhos italianos, que as yayás solteironas “trocavam” ás vezes por enormes rolos de renda fina feita em casa por ellas e por suas mulecas. Esses santoantonios bonitinhos ficavam então o objecto de uma devoção intensa e em certos casos de praticas de feiticismo sexual.

Mas não eram só os mascates que quebravam a rotina da vida nas casas-grandes e nos sobrados da aristocracia das cidades, levando para o interior desses quasi conventos um pouco do ruido da rua e das novidades da praça. Tambem as pretas boceteiras e

quitandeiras que vinham vender bico e doce ás yayás. Diz-se que algumas dessas boceteiras traziam recados de namorados para as meninas; as mais velhas parece que se especialisavam em contar numa casa o que tinham ouvido na outra, armando ás vezes intrigas e fazendo circular enredos e mexericos. O padre Lopes Gama diz que conhecera “uma matronaça” que era toda denguiques com as taes boceteiras. Era chegar negra em casa com seus bahús ou suas latas e a sinhá-dona a fazer-lhe perguntas: “adiante de suas proprias filhas indagava com a maior meudeza da vida de seus senhores, e de suas senhoras moças, pretendendo saber com quem estas se namoravão, que homens frequentavão ás casas, &c &c”. O que o padre-mestre achava uma “indigna curiosidade”.

Mas que diabo haviam de fazer essas Senhoras de sobrado, ás vezes mais sós e mais isoladas que as yayás dos engenhos? Quasi que só lhe permittiam uma iniciativa: inventar comida. O mais tinha de ser o rame-rame da vida de mulher patriarchal.

Varias inventaram comidas, doces, conservas com os fructos e as raizes da terra.

Os filhós de mandioca “saborosos, sadios e de boa digestão”, “mantimento que se usa entre gente de primor”, quem os inventou foi a mulher portuguesa: “o que foi inventado pelas mulheres portugesas que o gentio não usava delles”, diz Gabriel Soares, senhor de engenho do seculo XVI. O processo — o velho processo português do filhó de que falam as chronicas mais antigas de Portugal; o novo elemento, o que a terra bruta dos indios apresentava de mais caracteristicamente seu — a mandioca.

E não só a mandioca; tambem o cajú, foi europeizado pela senhora de engenho em doce, em vinho, em licor, em remedio. Da castanha ella não tardou a

fazer “todas as conservas doces que costumavam fazer com as amendoas, o que tem graça, na suavidade e no sabor”, inforina o senhor de engenho regalão. Do sumo “de bom cheiro e saboroso” do cajú, o vinho adocicado que se tornou o vinho official das casas-grandes: quasi o symbolo de sua hospitalidade. E o licor, e o refresco. Da polpa, fez doces de calda, doces seccos, conservas, além dos cajús doces que Gabriel Soares tanto recommendava, “para se comerem logo cozidos no assucar cobertos de canella não tem preço”. E ainda se utilisou a senhora da casa-grande do cajú para lavar a bocca de manhã: “por fazer bom bafo a quem os come...” Tudo isso foi no Brasil, arte da mulher com as sobras do assucar que o marido fabricava no engenho, com as fructas que os colomis e mais tarde os mulequinhos apanhavam pelo matto, pelo sitio, pelo quintal.

E não foram só filhós de mandioca; cus-cús de mandioca, doces e vinhos de cajú; tambem a banana comprida “cozida no assucar com canella”; cará cozido com carne; bolos de milho com ovos, assucar e pão; milho quebrado e pisado no pilão para se comer com caldo de carne, de peixe e de gallinha — pirão “mais saboroso que o arroz”, diz-nos Gabriel Soares, que deve ter sido o senhor de engenho mais glutão do seu tempo. O milho, as senhoras de engenho conservavam em fumo, “pa-a se não danar”, durando assim de anno a anno. Nas casas-grandes, nos primeiros sobrados, o fumo fez ás vezes do gelo, para a conservação de certos elementos de que as donas de casa se utilisavam o anno inteiro, no preparo de doces e quitutes.

O mesmo que com o cajú, a banana e o cará se terá dado com o genipapo, com a aracá, com o mamão, com a goiaba, com o maracujá, com o marmelo; mais

tarde com a manga, com a jaca, a fructa-pão, o côco da India — fructos que misturados com mel de engenho, com assucar, com canella, com cravo, com castanha, tornaram-se doce de calda, conserva, sabon-go, marmelada, geléa enriquecendo de uma variedade de sabores novos e tropicaes e sobremesa das casas-grandes de engenho; dos sobrados burgueses; e chegando a ir em latas e caixas ao proprio Portugal.

Nos sobrados e nas proprias casas-grandes de sitio, a cozinha não teve talvez, a mesma importancia que nas casas de engenho; nem a mesa, a mesma extensão de mesa de convento onde se sentava para almoçar, para jantar, para cear quem apparecesse. Viajantes e mascates, além dos compadres que nunca faltavam, dos parentes pobres, do administrador, do feitor, do capellão, dos vaqueiros, das visitas de passar o dia: familias inteiras que vinham de outros engenhos em carro de boi. Mesas de jacarandá ás vezes de seis, oito metros de comprido.

Não que nas casas-grandes de sitio e nos sobrados, a mesa de jantar, tambem quasi sempre de jacarandá, (que ficou a madeira nobre das casas-grandes como das igrejas, das commodas patriarchaes como das commodas das sacristias); não que nas chacaras e nos sobrados das cidades, a mesa não fosse tambem grande, comprida, para se sentarem em volta della familias enormes. O pae, a mãe, os filhos, os netos, os parentes. As taes visitas de passar o dia. Mesas de cinco x dois metros. Mas nas cidades e nos suburbios, a vida era, em certo sentido, mais retrahida e menos exposta aos hospedes que nos engenhos. Nos engenhos as leis de nobreza á brasileira, obrigavam a se receber o viajante a qualquer hora com bacia de prata, com toalha de linho, um lugar na mesa, uma cama ou uma rede para dormir. Tudo trabalho que as

mucamas faziam com mãos de anjo; mas dirigidas pela senhora de engenho, pela dona da casa.

A senhora de engenho quasi nunca apparecia aos extranhos, é verdade; era entrar homem extranho em casa, e ouvia-se logo o rugeruge de saias de mulher fugindo, o barulho de moças de chinello sem meia se escondendo pelos quartos ou subindo as escadas. O que se dava, tanto nos engenhos, como nas cidades. Nos principios do seculo XIX, São Paulo já capital de certa importancia, com sobrados, succursal do Banco do Brasil, theatro, grande numero de casas opulentas, lojas tão bem sortidas quanto as da Côrte — suas senhoras não appareciam ás visitas. Do mesmo modo que no interior de Minas, as mulheres da cidade de São Paulo desappareciam nas sombras da camarinha ou entre as plantas ou as pa'mas dos jardins — os jardins por detrás das casas, que eram tambem lugares tabús, lugares da maior intimidade. Saint-Hilaire queixa-se de não ter visto senhoras nas casas de São Paulo; de ninguem o haver convidado para jantar. Indo certo dia á casa de um aristocrata da cidade, encontrou-o quasi á mesa e foi convidado para jantar; mas nem a mulher nem filha nenhuma appareceram. Em Villa Rica fôra a um baile, no palacio de D. Manuel de Castro e Portugal e ahí dançara com mais de uma senhora illustre. Mas durante todo o tempo que passou na cidade mineira não tornou a ver uma só das senhoras com quem dançara no baile do fidalgo. Visitou os maridos de muitas, mas nunca lhe apparecia a dona da casa. Tollenare, no Recife, nos principios do seculo XIX teve a mesma experiencia que Saint-Hilaire nas cidades do Sul: foi elle entrar na casa de certo morador da cidade, pessoa de importancia, e as mulheres se sumirem como umas mouras encantadas. Mas deixando “bordados e trabalhos de

agulha sobre a mesa". Saint-Hilaire, no sobrado do Alferes Machado, em São Nicolau, foi sempre mais feliz: poudé ver as moças da casa fiando algodão e fazendo renda. Signal de que nem todas passavam o dia inteiro de cabello solto, a cabeça bamba no collo de alguma mucama perita no cafuné.

Foi no Rio de Janeiro, côrte, primeiro dos vice-reis, depois do Regente, e finalmente do Imperador, que a mulher começou a apparecer aos extranhos. Mas aos poucos. Em 1832 um viajante ainda se queixava das casas de "muros altos, janellas pequenas e portas ainda mais estreitas" onde um estrangeiro difficilmente conseguiria penetrar porque "lá dentro imperavam maridos ciumentos e brutais". Maria Graham notara, alguns annos antes, que moça solteira nem ás festas de casamento comparecia. E o commandante La Salle debalde procurou mulheres da sociedade nos passeios publicos e nas ruas do Rio de Janeiro. Ellas principiaram a apparecer de rosto descoberto nos bailes e nos theatros.

Nas ruas só se encontravam as escravas negras e as mulatas com quem ás vezes, de noite, os velhotes do Recife namoravam, na ponte da Boa Vista. La Salle diz que tambem os homens pouco sahiam de casa. No Rio talvez sahissem pouco: no Recife viviam quasi na rua. Namorando com as mulatas, falando do governo e da vida alheia nos bancos das pontes, combinando pacatamente negocios debaixo das gabelleiras da Lingueta. Ás vezes negocios importantes: transacções de contos de réis. Os burgueses de sobrado foram no Brasil uns homens da praça, como outrora, os gregos, da agora.

Noite de escuro, é que sahir de casa nas cidades brasileiras dos principios do seculo XIX, tinha seu que de aventura. Tudo escuro; beccos estreitos; poças

de lama; tigres estourados no meio da rua; bicho morto. Na Bahia, em Villa Rica, em Olinda, ladeiras por onde o pé escorregando em alguma casca de fructa pôdre, a pessoa corria o risco de ir espapaçar-se nas pedras. De modo que o prudente era sahir-se com um escravo, levando uma luz de azeite de peixe que alumiasse o caminho, a rua esburacada, o becco sujo.

As ruas, parece que tiveram nas cidades mais antigas do Brasil seu vago character syndicalista, numas se achando estabelecidos, sinão exclusivamente, de preferencia, certa ordem de mechanicos, noutras, os negociantes de certo genero — carne ou peixe, por exemplo. Os nomes mais antigos de ruas accusam certa sobrevivencia, no Brasil do syndicalismo das cidades portuguezas. Rua dos Tanoeiros. Becco dos Ferreiros. Rua dos Pescadores. Rua dos Judeus. Rua dos Ourives.

Essa localisação de officios e actividades industriaes e commerciaes obedecia principalmente a preoccupações de urbanismo ou de hygiene. Com essas preoccupações, é que a Camara Municipal do Recife, nos primeiros annos do Imperio (1833) limitava á rua da Praia a venda de carnes salgadas e peixes seccos; é que a Camara Municipal de Olinda prohibia que se lavasse roupa ou qualquer coisa immunda nas Bicas Poço do Conselho, Baldo e Varadouro, desde o lugar do Piza, sob pena de 2\$000 ou 4 dias de prisão, obrigando ao mesmo tempo a industria de pelles a só deitar couros de animaes para enxugar, á Praia de São Francisco e continuação pelo muro de São Bento.

A cidade, com todas as suas deficiencias de hygiene, foi se tornando superior ás zonas ruraes, sinão no saneamento das casas, em certas medidas de prophylaxia e nuns tantos recursos medicos, de modo a

poder soccorrer aos moradores de engenhos, de fazendas e de povoações do interior, quando attingidas pelas bexigas e por outras doenças devastadoras. Os lyricos da vida rural não teem o direito de accusar as nossas cidades do seculo XIX de fôcos de epidemias e de innocentar os engenhos, as fazendas, os povoados do interior, onde ás vezes se expandiram as doenças mais terriveis — a bexiga, o typho, a peste bubonica — melhor combatidas nas cidades.

Foi a cidade que, alliada á Igreja, desenvolveu entre nós não só a assistencia social, representada pelos hospitaes, pelos hospicios, pelas casas de expostos, pelas santa-casas, como a medicina publica, geralmente desprezada pela familia patriarchal.

Esta se revelou tambem desdenhosa das boas estradas, cujo desenvolvimento o esforço reunido de varios grandes proprietarios poderia ter realisado, não se limitasse a economia patriarchal a produzir quasi exclusivamente para o seu proprio consumo, desinteressando-se dos meios de expansão dos productos ou de inter-communicação social; contentando-se com simples caminhos para o escoamento, durante alguns mezes, do seu assucar ou do seu café. Este facto, mais do que o empenho politico dos capitães-móres, nos tempos coloniaes, em diffcultar a solidariedade entre os colonos, nos parece explicar o vagaroso desenvolvimento das communicações no Brasil. O patriarchalismo mesmo, creando economias autonomas, ou quasi autonomas aguçando o individualismo dos proprietarios e o privatismo das familias, enfraqueceu na gente das casas-grandes o desejo de solidariedade — ainda hoje tão fraco no brasileiro, quasi que sensivel apenas no parentesco proximo e á identidade da religião.

Tanto que foi no escravo negro que primeiro desabrochou no Brasil o sentido de solidariedade mais largo que o de família, a capacidade de associação sobre base fracamente cooperativista. Para não falar na forma socialista de vida e de trabalho que tomou a organização dos negros concentrados nos mucambos de Palmares. Mais do que simples revolta de escravos fugidos, essa republica de mucambos. Verdadeiro esforço de independência baseado no prolongamento de um typo de cultura, inclusive de economia, em opposição ao systema patriarchal e de monocultura, então dominante.

Os negros reunidos nos Palmares sob uma dictadura socialista, que, segundo os chronistas, fazia recolher ao celloiro commum as colheitas, o producto do trabalho nas roças, nos curraes, nos moinhos, para realisar-se então, em plena rua, na praça, a distribuição de viveres entre os varios moradores dos mucambos, puderam resistir durante meio seculo aos ataques do patriarchalismo dos senhores de engenhos, aliados aos capitães-móres. O systema socialista de vida, organizado pelos ex-escravos em Palmares, poudé resistir á economia patriarchal e escravocrata, então em toda a sua gloria. Viu-se uma cidade de mucambos de palha erguer-se sósinha, do meio do matto, contra as casas-grandes de pedra e cal de todo o Norte do Brasil. E só difficilmente as casas-grandes e o governo colonial conseguiram esmagar a cidade de mucambos.

Foi a primeira Cidade a levantar-se contra o Engenho — essa cidade socialista de negros; do mesmo modo que foi, em sua technica de exploração da terra, um movimento de polycultura em contraste com a monocultura predominante nos latifundios dos senhores brancos. Por consequinte, a primeira reacção de

saude economica contra o regimen morbido de sacrificar-se a cultura de viveres á producção de um só producto; de sacrificar-se a concentração das populações á sua disseminação por latifundios improductivos.

Outro exemplo de sentido cooperativista deram os negros em Ouro Preto, organisando-se industrialmente para fins de alforria e de vida independente. Um historiador mineiro enxerga no facto a antecipação de socialismo christão entre nós. Chefiados pelo preto de nome Francisco, grande numero de escravos das minas de Ouro Preto foram se alforriando, pelo trabalho, primeiro do velho, que forrou o filho, depois — do pae e filho reunidos, que forraram um extranho, seguindo-se, por esse processo, a libertação de dezenas de negros. E os negros forros, operarios da industria do ouro, terminaram donos da mina da Encardideira ou Palacio Velho.

O character de socialismo christão que Diogo de Vasconcellos vê nesse esforço admiravel de cooperação prende-se antes á forma que á essencia da organização dos negros forros de Ouro Preto: esta seria religiosa, mas não catholica. Os negros reuniram-se, que nem os negociantes e artifices brancos, numa irmandade: a de Santa Ephygenia. E levantaram uma igreja — a do Rosario. Ahi, dia de Reis, celebravam com muita assuada, sua festa, antes africana do que catholica, presidida pelo velho chefe vestido de rei. Ouviam missa cantada, é certo; mas o principal eram as danças, ao som de instrumentos africanos. Danças de rua, defronte da igreja. Danças de negro. Como muito antes do Professor Nina Rodrigues, observou Mansfield, os pretos no Brasil, em vez de adoptarem os santos catholicos, esquecendo ou abandonando os seus, substituíram os africanos pelos portugueses, exagerrando pontos de semilhaça, conservando reminiscen-

cias. As vezes quasi creando novos santos com elementos das duas tradições religiosas. Uns como santos mestiços, pode-se dizer.

Era o que dava brilho ás ruas das antigas cidades do Brasil: a religião. A religião dos pretos com suas danças; a dos brancos, com suas procissões, e suas semanas santas.

Vinha gente rica dos engenhos e das fazendas acompanhar as procissões pelas ruas das cidades episcopaes. Gente vestida de preto e de roxo. Senhoras gordas que só faziam assistir das varandas dos sobrados a passagem do Senhor Morto. Outras que acompanhavam o andor com vestidos do tempo dos Affonsinhos.

Desfilavam as irmandades, as confrarias, as ordens terceiras. Uma variedade de habitos e de opas; banda de musica; penitentes nus da cintura pra cima, ferindo-se com cacos de vidros. Os andores dos santos e das santas. O governador; o bispo; os altos funcionarios. Algumas senhoras vestidas á ultima moda. Na frente de tudo, o papa-angú, com uma especie de sacco por cima do corpo, dois buracos nos olhos, chicote na mão. E os muleques atirando-lhe pitomba.

As vezes havia negro navalhado; muleque com os intestinos de fóra que uma rede branca vinha buscar (as redes vermelhas eram para os feridos; as brancas para os mortos). Porque as procissões com banda de musica tornaram-se o ponto de encontro dos *capoeiras*, curioso typo de negro ou mulato de cidade, correspondendo ao dos *capangas* e *cabras* dos engenhos. O forte do capoeira era a navalha ou a faca de ponta; sua gabolice, a do pixaim penteado em trunfa e a do modo desengonçado de andar. A capoeiragem incluía, além disso uma serie de passos difficeis e de agilidades quasi incriveis de corpo, nas quaes o malandro de rua se iniciava como que maçonicamente.

As festas de pateo de igreja, as procissões de rua, tornaram-se também occasião de namoro; as “bandeiras de santo”, quasi um escandalo, as moças cantando quadras a São Gonçalo que aos ouvidos de Lopes Gama soavam mal. Depois de dias tristissimos, representação de scenas da Paixão, sermão em voz tremida, gente chorando alto com pena de Nosso Senhor, mulheres de preto, homens de luto fechado, a Semana Santa terminava em ceias alegres de peixe, de fritada de caranguejo e de carurú, vatapá, sioba cozida com pirão.

Alguns desses excessos deviam scandalisar a gente dos engenhos que vinha á cidade e voltava ás casas-grandes cheia de impressões novas. Os olhos maravilhados de igrejas cheias de ouro e de prata. Maravilhados do ouro dos altares e da belleza dos santos.

Os que puderam conhecer a Capella Real do Rio de Janeiro no tempo do Senhor Dom João VI devem ter guardado para sempre, no retiro tristonho das casas-grandes, a memoria da tribuna real coberta de seda e franjada de ouro, donde o principe ouvia missa; a doçura dos sons do órgão tocado por mestre Neukomm; da orchestra conduzida por Marcos Portugal. A acreditarmos em alguns chronistas, de tal modo se desenvolvera a musica de igreja nas cidades do Brasil, que o Rio de Janeiro chegou a dar-se ao luxo de ter seus *castrati*; seus cantores que envelheciam com voz de menino de côro para regalo dos voluptuosos da hũa musica. Quanto á musica profana, também foi se desenvolvendo nos sobrados; em 1820 quem passasse pelas ruas do Rio de Janeiro já ouvia muito piano, tocado pelas moças nas salas de visitas para goso unico, exclusivo, dos brancos das casas-grandes. Também houve engenhos patriarchaes com muleques, meninos

de côro; com banda de musica; com piano; com orchestra tocando *ouvertures* de opera. Já no seculo XVI Mangue-labote, senhor de engenho na Bahia, tivera a sua orchestra de negros, dirigida por um marselhês. No seculo XIX, um missionario americano que viajou pelo Brasil ficou espantado da musica que ouviu na casa-grande do Engenho Soledade, perto do Parahybuna, em Minas Geraes. A casa do Barão de Berthioga. Um sobrado grandão e sympathico. Quando o dono da casa lhe falou em mandar tocar uma musicasinha, o americano pensou que seria alguma coisa rustica: "a Weezy plantation fiddle, a fife, and a drum". Engano. O som que o surpreendeu de tarde foi o de uma grande orchestra se afinando. Violino. Flauta. Trombone. Quando viu a orchestra — toda de negros; um sentado ao órgão; e um côro de mulecotes, os papeis de solfa alvejando nas suas mãos pretas. Executaram o primeiro numero: *ouverture* de uma opera. O segundo: uma missa que os negrinhos cantaram em latim *Stabat Mater*. A Marcha de La Fayette.

Mas essas casas-grandes requintadas, com negros tocando opera e cantando em latin não foram typicas de uma aristocracia rural que, isolando-se, cercandose só de subordinados, fez sempre mais questão da quantidade que da qualidade dos seus titulos de grandeza: do numero de seus pés de café e dos seus pés de canna; do numero das suas cabeças de escravos e das suas cabeças de gado; do numero das salas e dos quartos de suas casas-grandes. Isso é que era grandeza. O senhor rural mais pervertido pelo isolamento, este desprezava tudo, pelo regalo de mandar sobre muitos escravos e de falar gritando com todo o mundo, tal a distancia, não só social, como physica, que o separava sempre das mulheres, dos filhos, dos ne-

gros, em casas vastas, com salas largas, onde quasi nunca as pessoas estavam perto uma da outra; onde nas proprias mesas de jantar, de oito metros de comprimento, era preciso falar berrando. Musica, os senhores mais rusticos se contentavam com a dos passarinhos, espalhados em gaiolas pela casa toda, no corredor, na sala de jantar, no terraço. Muita casa de sitio tinha seu viveiro cheio de passarinho, debaixo das arvores.

Viajando pelo Brasil, no meado do seculo XIX, Mansfield já não se sentiu tão fóra da Europa, em visita ás casas-grandes, como cincoenta annos antes, seu compatriota Luccock. Tocava-se piano nessas casas, Algumas, de engenho, lhe recordaram casas de campo de terceira ordem da Inglaterra. E si em Carauna, a dona da casa não desceu para jantar com as visitas, appareceu logo depois do jantar e ella é que serviu o chá aos ingleses. Meio-termo entre o velho estylo patriarchal do Brasil, da mulher não apparecer nunca aos extranhos e o da Europa burguesa, della presidir o jantar e participar da conversa dos homens.

Na casa do Engenho Macujé (Pernambuco) Mansfield teria impressão ainda mais nitida de estar na Inglaterra e em pleno seculo XIX europeu. "O serviço desta casa é quasi o mesmo das melhores casas de campo inglesas", reparou elle. E a propria dona da casa, "senhora de mui bello character" e suas tres filhas appareceram ao estrangeiro e participaram do jantar. Não era uma casa tão luxuosa como a de Carauna. Talvez tivesse as mesmas horriveis escarradeiras que Mansfield encontrou por todas as casas-grandes onde esteve no Brasil. Mas seu estylo de vida já não tinha o velho ranço mussulmano. Sentia-se em tudo um sabor mais europeu e até inglês.

Como havemos de suggerir mais adiante, o contacto com as modas inglesas, que se accentuou depois da

chegada de Dom João VI, influiu consideravelmente sobre os estylos de vida e até de architectura domestica do Brasil, contribuindo para o gosto pelas chacaras cercadas de arvores, para as casas e sobrados com os dois oitões livres, para o chá servido pela dona da casa, para a moda da cerveja e provavelmente do pão, para a maior limpeza da rua e o melhor saneamento da casa.

Na segunda metade do seculo XIX, com a preponderancia do café sobre o assucar, as casas do Norte foram começando a perder em conforto e em luxo para as do Sul. As ruas da Côrte foram se tornando as mais elegantes do Imperio. A do Ouvidor, a grande rua do luxo e das modas francesas. Na maioria das casas de engenho do Norte, declarava Coelho Rodrigues no Congresso Agricola de 1878, que o luxo, si ainda havia, "era muito pouco e ainda assim é mesquinhez comparado ao tratamento das grandes fazendas do Sul do Imperio". Grande numero de senhores de engenho do Norte, nem mobilia ostentavam mais nas suas salas de visita, "pois para o geral dos agricultores, esta (a mobilia) não passa de algumas mesas, bancos e tamboretas fabricados na localidade". E na sua mesa, regulava para o jantar "o xarque ou o bacalhau, a custo enviado pelo correspondente para sustento da fabrica"; e nos domingos "um pesinho de carne tomado no sabbado na feira vizinha". O almoço, uma chicara de café com beijú, tapioca, cará, macacheira — "quando houve tempo para planta-la". A ceia, a mesma coisa. E o pão e a bolacha só appareciam á mesa nas casas-grandes mais opulentas; nas outras era luxo raro.

A relativa facilidade de vida na região do assucar já affectada pela descoberta das minas, foi declinando ainda mais com o surto do café. Nas cidades, os sobra-

dos dos senhores de engenho mais imprevidentes foram ficando umas casas cascudas, onde já não se renovava a pintura nem se envernizavam os jacarandás. Os ratos, os morcegos, os mal-assombrados foram tomando conta delles. Os negros, as caixas de passa, as latas de ervilha, os vinhos francezes — tudo foi ficando mais caro.

A usura dos bancos foi se exercendo com rigor cada vez maior sobre os senhores de engenho, ao mesmo tempo que augmentavam suas despesas com a negraria sempre mais cara. O “trafego illicito”, diz um chronista da epoca, Antonio Pedro de Figueiredo, que avivara a miseria, escravizando de vez a lavoura “ao commercio e aos capitalistas da cidade”. “O juro do dinheiro sobe a 24 por cento e ás vezes a mais; e a industria do fabrico de assucar parece ameaçada de torpor e de morte”. Para quem não dispunha de meios de mandar buscar os proprios negros, como o velho Bento José da Costa ou como o commendador Breves, ou da coragem de furtal-os dos vizinhos, a aquisição de escravo para os engenhos tornou-se um problema angustioso, á medida que os inglezes e o proprio governo imperial foram redobrando de vigilancia contra os negreiros. As fazendas do Sul absorviam os negros do Norte e o Norte começou a ficar sem negro para plantar canna.

Foi quando os furtos de escravos tornaram-se uma calamidade e um escandalo nas ruas das cidades do Norte. Esses furtos foram uma como desforra dos Don Quixotes dos engenhos contra os Sanchos Panças das cidades. Uma vingança da lavoura romantica, sem methodo na sua exploração do escravo e da plebe rural, contra o commercio mais methodicamente explorador do homem e, indirectamente, da propria terra. Uma vingança da Casa contra a Rua, que parecia estar-se embellesando á sua custa. Os jornaes da

primeira metade do seculo XIX referem casos de senhoras pobres, roubadas de seus negros, na propria Côrte, insinuando-se que os ladrões agiam á sombra de pessoas poderosas do Norte, senhores de engenho, fazendeiros. Mas foi ao approximar-se o meado do seculo que os ladrões de escravos perderam toda a cerimonia, havendo verdadeiras quadrilhas de roubar negro nas cidades. Quadrilhas que tinham, ao que parece, seus compradores certos, em algumas das mais illustres casas-grandes da epoca.

Em 7 de Maio de 1828, o *Diario de Pernambuco* publicava o seguinte communicado sobre roubo de escravos: "He facto publico que nesta Cidade se furtão escravos, quaze todos os dias, e que ha homens que só se occupão naquelle trafico: huns que angareiam e seduzem os negros e negras que encontrão na rua, outros que os recolhem em suas casas, e ali os occultão athé serem embarcados, ou postos fóra da Praça; outros que com os primeiros os negoção, e delles vão fazer venda em lugares distantes; e outros que os comprão para delles se servirem..." Mas evidentemente fazia-se vista grossa a esses crimes: "Roubos de negros, roubos de cavallo e crimes de maior monta, ainda com provas as mais claras não obstão a que se passem ou se tenham passado daquelles Alvarás com fiança; não á pessoa do criminoso, mas de hum limitado valor de dinheiro que o mesmo ladrão pode pôr nas mãos do fiador, depois de solto..." Os interesses agrarios dominavam então a presidencia das provincias, a justiça e a policia. Compreende-se assim a benignidade para com as quadrilhas de ladrões de escravos. Os livros das Camaras Municipaes, onde veem registrados crimes — deixam entrever, como o de 1838, da Provincia de Pernambuco, a extensão de taes roubos, ás vezes repontando dentre os in-

digitados criminosos nomes do melhor sabor rural: um Carneiro d'Albuquerque e Moura, um Gusmão e Moura.

E' provavel que grande parte dos negros dos annuncios de *Escravos Fugidos* do tempo do Imperio fossem negros roubados ás cidades, para os engenhos. Provavel, não; quasi certo. Ás vezes são os proprios donos de escravos que gritam, dando o signal de alarme contra os gatunos de seus muleques e dos seus pretalhões. Assim a "senhora pobre" do Rio de Janeiro que a 8 de Janeiro de 1833 gritava pelo *Jornal do Commercio* que lhe desaparecera, levado talvez para algum engenho da Bahia, o mulecote Antonio, caçange, de 16 annos: "sua sra. he pobre, e não possui mais cousa alguma; pede por caridade ás Autoridades a quem compete dar passaportes, matriculas e vizitão as embarcações, fação as precisas diligencias, afim de que os ladrões desta Côrte e das Provincias não furem descaradamente os escravos".

Mas tambem se desviavam escravos de uns engenhos para outros. E' desnecessario salientar que dos engenhos menores para os maiores: para as propriedades de senhores mais protegidos pela politica que estivesse de cima, na Côrte e na provincia. E' possivel que em alguns casos, os grandes proprietarios de terra accusados de acolher ou comprar escravo furtado, fossem simplesmente coiteiros de negros. De negros que por sua propria vontade, e não seduzidos por ninguem, deixassem os donos de engenhoca, que os exgottavam de trabalho, as viúvas doceiras que tendo um escravo só, faziam-no trabalhar por tres, as padarias, onde o trabalho era tão duro, á procura dos engenhos grandes com a fama de bons para os escravos; engenhos com muito negro, ás vezes fartura de man-

dioca e de milho, cachaça cheirosa, noites de se sambar até de manhan.

Em 1846, quem imaginam que o Padre Lopes Gama accusava no seu *O Sete de Setembro* de furtar escravo? Algumas das figuras mais illustres das familias Rego Barros e Cavalcanti. “Não ha quem ignore que ha muitos annos furta escravos, tendo por principal agente desta industria o seu parente.” Não que nessas familias, dizia o padre, não houvesse “homens capazes, e honrados”. Mas á sombra desses e do seu predominio na politica do Imperio, com “a protecção da familia”, ou pelo menos do nome havia quem se entregasse a traficantes, e contrabandando de negros. “Que importa — pergunta o padre — que o Barão da Boa Vista por uma parte promovesse obras publicas, e desse impulso a theatros, e bailes, se por outra parte dos contrabandos fervião no norte, e no sul; se as sedulas falsas introduzião-se escandalosamente na circulação, se as mesmas obras publicas eram uma mina para certos sujeitos; se varios parentes do mesmo Barão roubavão, e matavão a torto e a direito, e os homicidios se havião multiplicado a tal ponto, que o Presidente Thomaz Xavier perante a Assembléa Provincial, dando conta do estado do paiz durante os dous annos prox. pas., chegou a dizer que nos iamos tornando um povo de Ismaelianos de costumes safaros?”

Os homens das grandes familias ruraes não tiveram todos nem talvez mesmo a maioria delles — a actuação sempre cavalheiresca sobre os destinos e a moral politica do Imperio, que lhes attribuem os entusiastas exaggerados da nossa nobreza de senhores de escravos. A “policia praieira” de Chichorro da Gama, que em Pernambuco invadiu engenhos, que cercou e varejou “certos castellos feudaes... donde

tem tirado 'escravos furtados', chegando a perseguir um parente proximo do Barão da Bôa Vista, o qual parente, segundo o padre Gama, "com o seu bando de salteadores infestava os arredores do Recife"; a "policia praieira", agindo um pouco sob o odio da Rua da Praia contra as casas-grandes do interior, deve ter praticado seus desmandos na reacção, vingança mesmo, ou desforra da Praça contra o Engenho; da "Praia" contra a "Matta". Quasi que dos Mascates contra os Senhores de Engenho; dos Credores contra os Devedores.

Mas não vamos diante disto innocentar os senhores de engenho, imaginando-os lyricamente uns dignos e uns puros, em contraste com os homens das cidades — centros de usura e de falsificação de generos alimenticios, mas donde sahiram algumas das maiores figuras de reformadores dos nossos methodos de administração e de hygiene e da nossa vida politica, religiosa e intellectual: revolucionarios de idealismo pratico ou constructor — e não simplesmente demagogos de rua, do typo que geralmente se associa ás cidades, em contraste com "o bom senso conservador" dos fazendeiros, com o "liberalismo esclarecido" dos senhores de engenho.

Homens de cidade, e não de engenho ou fazenda, foram os Gusmões e os Andradas; foi o deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal; foi Cruz Cabugá; foi Evaristo Ferreira da Veiga; foi Paula Britto; foi Machado de Assis; foi o proprio Joaquim Nabuco, nascido num sobrado do Recife, embora parte de sua meninice tivesse decorrido na casa-grande de Massangana.

Seria entretanto tolice, e das maiores, reduzir o assumpto a debate collegial, typo "Roma ou Carthago?" E negar a acção creadora de homens de engenho e de fazenda em nossa vida politica e administrativa

e até na litteraria. E não só no sentido chamado conservador e de ordem — em que se salientaram Araujo Lima, depois Marquez de Olinda, Carneiro Leão, depois Marquez de Paraná, Cotegipe, Paulino de Sousa. Também no sentido liberal e no revolucionario, havendo neste caso maior risco physico de aventura para o senhor de engenho que para homens de cidade maritima.

Southey attribue aos senhores de engenho pernambucanos que em 1710 se ergueram contra os reinos, “intentos separatistas e republicanos”. Foi então dos engenhos, avidos de se libertarem da “economia dirigida” dos capitães-generaes de Sua Majestade, que partiram os “primeiros anceios de independencia e democracia” no Brasil. Delles, também foi a campanha gloriosa contra os hollandeses e os judeus no seculo XVII — embora suas relações com os invasores não fossem as puras e lyricas de homens defendendo o solo nativo das garras do estrangeiro: também as de devedores relapsos com credores impacientes.

Os irmãos Francisco de Paula, Luiz Francisco de Paula e José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, todos senhores de engenho, o primeiro do Engenho Suassuna, foram accusados, nos principios do seculo XIX, de uma das conspirações mais romanticas que teem havido no Brasil: pela independencia de Pernambuco debaixo da protecção de Napoleão Bonaparte. Fundou-se não em nenhum sobrado de cidade, mas num engenho brasileiro dos tempos coloniaes, a “academia” ou “aeropago” que, no dizer do padre Martins, citado por Oliveira Lima, foi uma escola democratica onde “adeptos e aprendizes, não só da provincia e nationaes, mas ainda estrangeiros, achavam luz, agasalho e subsidios”.

Não se pode generalisar a respeito do Brasil — a exemplo do que se tem feito em estudos sociologicos com relação a outros paizes — affirmando que a aristocracia rural, entre nós consolidada na casa-grande de engenho, encarnou sempre os interesses conservadores e de ordem, emquanto as cidades, os sobrados burgueses, as proprias ruas, foram os fôcos de onde partiram as revoluções democraticas e os movimentos liberaes. A maior ou menor pressão dos interesses economicos — a intervenção da Metropole por intermedio do vice-rei ou do capitão-general na economia particular e a favor da gente miuda — deve ter actuado poderosamente nas attitudes politicas dos proprietarios de terra do seculo XVIII e da primeira metade do XIX; attitudes, tantas vezes, de resentimento e de insubordinação, em contraste com a passividade das cidades do littoral, por muito tempo cidades quasi sem povo, só com uma onda movediça de plebe ou canalha da rua; e dominadas por um commercio ainda mais interessado que a lavoura na ordem e na estabilidade do dominio, primeiro portugêz, depois imperial, sobre toda a extensão do paiz.

E' verdade que durante certa phase do Imperio, o Engenho e principalmente a Fazenda do Café viam a ligar-se de maneira mais effectiva com certos interesses conservadores e de ordem, ás vezes contra a demagogia das cidades, isto é, das ruas, das praças e dos mucambos. Mas mesmo durante essa phase de maior união com o Imperio, a casa-grande de engenho defrontou-se ás vezes com o Imperador, com o chefe de policia da capital, com o bispo da diocese, com o mesmo ar terrivel de inimigo, dos tempos coloniaes, quando suas salas de visita ou de jantar cheias de gaiolas de passarinho, de mulequinhos nús engatinhando pelo chão e pelas esteiras, de negros e negras

esperando ordens dos brancos por todos os cantos da casa, transformaram-se em “aeropagos” onde, elles, juntamente com padres, frades e até estrangeiros — francezes e ingleses — conspiraram, com cautelas maçonicas e desassombros brasileiros, pela independencia, pela liberdade e um pouco pela democracia na terra brasileira.

III

O PAE E O FILHO

Towner lembra que nas sociedades primitivas o menino e o homem são quasi iguaes. Dentro do patriarchalismo, não : ha uma distancia social enorme entre os dois. Entre “parvulos e adultos”, para usar a velha expressão portuguesa. Tão grande como a que separa os sexos; o “forte”, do “fraco”. Tão grande como a que separa as classes: a dominadora, da servil — ás vezes sob a dissimulação de raça ou casta “superior” e “inferior”.

É verdade que a meninice, nas sociedades patriarchaes, é curta. Quebram-se logo as azas do anjo. E deste modo se attenua o antagonismo entre o menino e o homem, entre o pae e o filho. Nos periodos de decadencia do patriarchalismo — tal como o estudado nestas paginas — semelhante antagonismo não desaparece: transforma-se, ou antes prolonga-se, na rivalidade entre o homem moço e o homem velho.

Tamanho é o prestigio do homem feito, nas sociedades patriarchaes, que o menino, com vergonha da meninice, deixa-se amadurecer, morbidamente, antes de tempo. Sente gosto na precocidade que o liberta da grande vergonha de ser menino.

Tamanho é o prestigio da idade grande, avançada, provecta, naquellas sociedades, que o rapaz imita o velho desde a adolescencia. E trata de esconder por traz de barbas de mouro, de oculos de velho, ou simplesmente, de

uma physionomia sempre severa, todo o brilho da mocidade, toda a alegria da adolescencia, todo o resto de meninice que lhe fique dançando nos olhos.

No Brasil patriarchal, o menino — enquanto considerado menino, — foi sempre uma creatura conservada á grande distancia do homem. Á grande distancia do elemento humano, pode-se accrescentar. Até certa idade, idealizado em extremo; identificado com os proprios anjos do ceu; andando nú em casa como um meninosinho-Deus.

Morto nessa idade angelica, o menino era adorado. As mães se regosijavam com a morte do anjo, como a que Luccock viu no Rio de Janeiro, chorando de alegria porque o Senhor lhe tinha levado o quinto filho pequeno. Eram já cinco anjos á sua espera no ceu!

Du Petit-Thouars viu em Santa Catharina, em 1825, um menino morto francamente adorado: "... vi, no fundo da sala, um estrado sobre o qual estava disposto no altar uma creancinha, cercada de lyrios e vasos com flores; tinha o rosto descoberto e estava ricamente vestida, tendo na cabeça uma corôa de sempre-vivas e um ramo na mão". Em volta do altar com o meninosinho morto, esteiras; e ajoelhadas sobre as esteiras, mulheres em trajos de festa, cantando. Depois houve até danças alegres.

Essa especie de volupia em torno da morte da creança, já suggerimos em estudo anterior, que talvez se derivasse dos jesuitas: do seu afan de neutralisar o rancor dos indios contra os brancos e particularmente contra elles, padres, diante da grande mortalidade de coruminhos que se seguiu aos primeiros contactos dos dominadores europeus com a população nativa. Essa mortalidade, tendo tambem se verificado entre as familias européas ou de origem européa, a estas se teria comunicado tambem a alegria, por assim dizer theologica, estimulada pelos padres, em torno da morte das creanças.



Os estylos de barba mais communs no Brasil do seculo XIX.
(Desenho do auctor)

Alegria morbida, desenvolvida para consolo das mães em epoca de condições as mais anti-hygienicas de vida.

Mas essa adoração pelo menino era antes d'elle chegar á idade theologica da razão. Dos seis ou sete annos aos dez, elle passava a menino-diabo. Creatura extranha que não comia na mesa, nem participava de modo nenhum da conversa da gente grande. Tratado de resto: cabeça raspada, os cachos do tempo de anjo guardados pela mãe sentimental no fundo da gaveta da commoda ou offerecidos ao Senhor dos Passos para a cabelleira de dia de procissão.

E porque se suppunha essa creatura extranha, cheia do instincto de todos os peccados, com a tendencia para a preguiça e a malicia, seu corpo era o mais castigado dentro de casa. Depois do corpo do escravo, naturalmente. Depois do corpo do muleque leva-pancada, que ás vezes apanhava por elle e pelo menino branco. Mas o menino branco tambem apanhava. Era castigado pelo pae, pe'la mãe, pelo avô, pela avó, pelo padrinho, pela madrinha, pelo tio-padre, pela tia solteirona, pelo padre-mestre, pelo mestre-regio, pelo professor de grammatica. Castigado por uma sociedade de adultos em que o dominio sobre o escravo desenvolvia, junto com as responsabilidades de mando absoluto, o gosto de judiar tambem com o menino.

O dominio do pae sobre o filho menor — e mesmo maior — fôra no Brasil patriarchal aos seus limites orthodoxos: ao direito de matar. O patriarcha tornara-se absoluto na administração da justiça de familia, repetindo, alguns paes, á sombra dos cajueiros de engenho, os gestos mais duros do patriarchalismo classico: matando e mandando matar, não só a escravos, mas a filhos queridos. Castigando não só os negros como os meninos e as moças.

Diz-se que até o gesto celebre de Salomão chegou a ser imitado por um desses velhos de casa-grande. Velhos

asperos para quem julgar e justicar a propria familia era uma das imposições tristes, porém inevitaveis da auctoridade de patriarcha. Tal o chamado Velho da Taipa, grande senhor de Pitanguy, na capitania das Minas, onde nos principios do seculo XVIII levantara no alto de um morro suâ casa de taipa, dahi reinando patriarchalmente sobre toda a região. Conta-se que um rapaz português, vindo do Reino, casara-se com uma menina, filha do Velho, chamada Margarida. Um dia — quem de repente chega a Pitanguy? A esposa portuguesa do genro do patriarcha. (Os casos de bigamia parece que foram frequentes em regiões como a das minas, de população fluctuante, constituindo um problema difficil para os bispos de Marianna, depois de terem sido o maior espantallho de patriarchas severos com filhas moças dentro de casa). Foi quando, diz a tradição, o Velho da Taipa tendo de decidir a questão, repetiu o gesto do rei hebreu: e elle proprio contam em Minas que partiu pelo meio, a machado, o corpo do rapaz, entregando uma metade á filha, a outra metade á mulher vinda do Reino, em busca do marido.

A administração da justiça pelo patriarcha sobre a propria familia, a auctoridade exercida pelo adulto sobre o parvulo, no interesse real ou ostensivo da educação, ou da moralisação do menino, não ha duvida que tomou muitas vezes um character francamente sadico, que em trabalho anterior já procuramos salientar.

Essa pedagogia sadica, exercida dentro das casas-grandes pelo patriarcha, pelo tio-padre, pelo capellão, teve, com a decadencia do patriarchalismo, seu prolongamento terrivel nos collegios de padre e nas aulas dos mestres-regios. Mas principalmente nos collegios de padre do typo do Caraça.

Atravez de procesos tão crú de ensinar ao alumno o latim, a grammatica, a doutrina, as boas maneiras, con-

servou-se a distancia social enorme entre o homem e o menino. Nos collegios de padre, aprimorou-se o principio de ser a meninice, dos seis aos dez ou onze annos, uma idade theologicamente immunda, durante a qual o individuo, sem as virtudes do adulto, adquiridas á custo, apenas se fazia tolerar pelas maneiras servis, pelos modos acanhados, pelo respeito quasi babujento aos mais velhos. Era então tolerado: mas não se approximasse dos adultos, nem levantasse a voz na presença delles, nem se desse a afoitezas de respondão. Respondesse baixo mesmo aos que falassem com elle gritando, quasi como aos negros; desaparecesse da sala quando os grandes estivessem conversando; brincasse sem fazer assuada. Em resumo, guardasse dos mais velhos uma distancia de inferior, de subordinado, de subserviente.

Essa distancia, quando não conservada pelo proprio menino, lhe era imposta por todos os geitos, mesmo os mais crueis. Atravez de castigos e humilhações de que o folk-lore guarda reminiscencias dramaticas, ao lado da documentação offerecida por auto-biographias e memorias: homens que na meninice soffreram horrores dos paes, dos tios-padres, do padrasto e da madrastra; e nos collegios, de mestres terriveis.

O collegio de padres, quasi sempre em sobradão enorme, é outro edificio que marca na paizagem social do Brasil, a partir do seculo XVIII, a decadencia do patriarchalismo todo-poderoso da casa-grande. No primeiro seculo de colonisação, o collegio de jesuita chegara a fazer sombra á casa-grande e aos sobrados patriarchaes, na sua auctoridade sobre o menino, a mulher, o escravo.

Pelo collegio, como pelo confissionario e até pelo theatro, o jesuita procurou subordinar á Igreja os mesmos elementos passivos da casa-grande: a mulher, o menino, o escravo. Procurou tirar da casa-grande duas de suas func-

ções mais prestigiosas: a de escola e a de igreja. Procurou enfraquecer a auctoridade do pater-familias em duas de suas raizes mais poderosas.

Mas a educação do jesuita, emquanto poudo fazer sombra á auctoridade do senhor da casa-grande sobre o menino foi a mesma que a domestica e patriarchal. A mesma no espirito e no methodo de quebrar a individualidade da creança, visando adultos passivos e subservientes. Passivos perante o Senhor e a Santa Madre Igreja e não tanto diante do pae, nem da mãe.

Dahi a tactica terrivel, porém subtil, dos educadores jesuitas, de conseguirem dos indios que lhes dessem seus columins, dos colonos brancos que lhes confiassem seus filhos, para educarem a todos nos seus internatos, no temor do Senhor e da Madre Igreja; lançando depois os meninos, assim educados, contra os proprios paes. Tornando-os filhos mais delles, padres, e della, Igreja, do que dos caciques e das mães caboclas, dos senhores e das senhoras de engenho.

Os padres esforçaram-se em fazer dos meninos, o mais depressa possivel, homens ou adultos, que fizessem frente ao caciquismo e ao patriarchalismo dos velhos das tabas e das casas-grandes. Regosijavam-se diante dos meninos mais precoces, que logo cedo, amadurecidos á força, cantassem em latim, pregassem a Paixão, discutissem theses, parecessem aos paes creaturas superiores, sem nenhum geito ou modo de menino. Visando, ao que parece, aquelle dominio social, estimularam a precocidade litteraria, que se tornou tão caracteristica do menino brasileiro, no regimen de vida patriarchal de nossa formação.

Uma carta enviada do Espirito Santo em 1562, "para o Padre doctor Torres por commissão do padre bras Lourenço" refere o caso de "hú Indiosinho da Baya", menino de seus treze annos, que já pregava a Paixão em portugûes á gente de fóra; e com tanto fervor que movia

muito os ouvintes. Desses alumnos precoces, alliados dos padres contra os proprios paes, deve ter havido tambem brancos ou mestiços.

Essa precocidade era conseguida não só por uma série de estímulos á victoria do individuo mais brilhante — e não do mais profundo — em coisas intellectuaes, estímulos muito característicos da pedagogia jesuitica — a maior responsavel, talvez pelas escolas-campos-de-batalha, com os alumnos se desafiando em latim para as competições em que venciam justamente o melhor polemista, o argumentador de palavra mais facil e de memoria mais fertil — como tambem á custa de vara. A vara, já o bom do Anchieta a considerava a melhor pregação entre caboclos. Deve ter sido tambem o auxiliar mais poderoso dos padres-mestres, nos primeiros collegios que a Companhia fundou no Brasil.

Do irmão Antonio Rodrigues, tutor num desses primeiros collegios, sabe-se por uma carta de Antonio Blasquez, que era tão camarada dos alumnos que andava no meio delles pescando pelas praias; e quando os meninos tinham vergonha de dizer a doutrina “lh’a tirava elle a seu exemplo dizendo que pois elle era mais antigo e como pae de todos, e com isto não tinha pejo, quanto mais elles que eram ainda moços”; mas fosse algum interno se comportar mal durante as aulas ou exercicios de religião que Rodrigues “lhe ia á mão, e lhe fazia estar quedo”.

Si eram assim os irmãos, imaginem-se os padres. Representantes do Senhor e ensinando grammatica e latim para maior gloria de Deus, elles não deixavam que o ensino soffresse o menor desrespeito da parte de meninos desattentos ou de estudantes vadios. As aulas tinham alguma coisa de religioso naquelles primeiros collegios de padres, alguns funcçãoando — o da Bahia, pelo menos — em sobrados que Gabriel Soares chama “sumptuosos”; casarões de pedra e cal com todas as escadas, por-

tas e janellas de pedraria com varandas; “muito grandes dormitorios e, bem acabados, parte dos quaes ficão sobre o mar com grande vista”; “cubiculos mui bem forrados, e os claustros por baixo lageados com muita perfeição”; grandes cercas até o mar “com agua muito-bôa por dentro”.

Na architectura escolar parece ter-se antecipado entre nós a architectura urbana mais grandiosa que não foi assim a propriamente ecclesiastica — cathedral ou igreja — nem a civil: as casas de governo, as casas de camara, as casas de funcção. Nem mesmo os grandes sobrados dos ricos. Os collegios dos padres, como o da Bahia, com seus cubiculos para 80 religiosos, seus dormitorios para 200 meninos, foram talvez as massas mais impo- nentes de edificação nas primeiras cidades do Brasil. Cidades tha'assicas, dando a frente para o mar, alguns daquelles edificios mais grandiosos como o proprio collegio dos jesuitas na Bahia, eram sobrados “com humas terracenas onde recolhem o que lhe vai por mar”.

O que lhes vinha por mar era quasi tudo: sementes, ferramentas, livros. Tudo da Europa. E drogas de todo o inundo. Havia sempre um Antonio Pires pedindo que lhe mandassem de Portugal ferramentas; um Vicente Rodrigues pedindo que lhe enviassem sementes; mas principalmente padres Nobrega, padres Navarros, padres-mestres, grammaticos, theologos, insistindo nos livros cuja falta não se cansavam de lamentar. “Porque nos fazem muita mingua para as duvidas que cá ha que todas se preguntam a mim”, escrevia em 1549 o padre Nobrega ao padre-mestre Simão. E muitas dessas coisas essenciaes — sementes, ferramentas, livros — não chegaram ao Brasil pelo desembarcadouro geral que havia nas cidades, mas pelas taes terracenas particulares dos collegios de padres.

Nesses enormes sobradões de pedra e cal, em que se expandiram as primeiras escolas dos jesuitas, alguma tão miseráveis nos seus começos — a de Piratininga, por exemplo, mucambo de palha, com o pobre do padre Anchieta magrinho, corcunda, um ar de velho aos trinta annos, mal se podendo mover entre os meninos, um frio horrível de manhan cedo, todos tiritando de frio, e o proprio padre tendo de escrever, um a um, os livros para os alumnos estudarem, em vez de recebê-los impressos da Europa, em caixotes, nas terracenas dos sobrados; nesses enormes sobradões de pedra e cal, prepararam-se no Brasil os primeiros lettrados, que seriam os primeiros bachareis, os primeiros juizes, padres, desembargadores, homens mais da cidade que da “matta”.

Os organisadores ou consolidadores da nossa vida civil e intellectual; os revolucionarios da Bahia e de Villa-Rica; os poetas, oradores, escriptores dos tempos coloniaes. O gosto pelo diploma de bacharel, pelo titulo de mestre, crearam-no bem cedo os jesuitas no rapaz brasileiro; no seculo XVI já o brasileiro se deliciava em estudar rhetorica e latim para receber o titulo de Bacharel ou de Mestre em Artes.

Já a beca dava uma nobreza toda especial ao adolescente pallido que sahia dos “pateos” dos jesuitas. Nelle se annunciava o bacharel do seculo XIX — o que faria a Republica, com a adhesão até dos bispos, dos generaes e dos barões do Imperio. Todos um tanto fascinados pelo brilho dos bachareis.

Mas toda aquella cultura precoce e um tanto triste-nha, saliente-se mais uma vez que os jesuitas a impuzeram aos filhos mais intelligentes dos colonos e aos columinsinhos arrancados ás tabas, á força de muita disciplina e de muito castigo. Tradição que se perpetuaria nos collegios de padre até os fins do seculo XIX.

Os jesuitas deram no século XVI um valor exagerado ao menino intelligente, com queda para as letras, tornando-o mesmo creatura um tanto sagrada aos olhos dos adultos, que se admiravam de ver os filhos tão brilhantes, tão rhetoricos, tão adiantados a elles em conhecimentos; mas essa valorisação artificial era conseguida, sacrificando se na creança sua meninice, abafando-se sua espontaneidade, seccando-se antes de tempo sua ternura de creança. E por meio de castigos e privações é que, mais tarde, os outros padres, também mestres de meninos, tornaram seus collegios ainda mais sombrios. Os jesuitas em parte falharam na sua opposição ao patriarchalismo das casas-grandes; mas esses outros collegios vieram no momento certo de concorrer para o declínio do patrio poder no Brasil.

Caraça tornou-se alguma coisa de sinistro na paizagem social brasileira dos primeiros tempos do Imperio, arrebatando os meninos aos engenhos (onde elles, tratados de resto nas casas-grandes, pelos mais velhos, eram entretanto, uns reis na bagaceira e na casa-de-purgar, dominando ali muleques, gallinhas, carneiros, cavalos, bois); ás fazendas sertanejas de criar; ás casas de sitio; aos sobrados da cidade. E reduzindo-os a internos, num casarão triste, no meio das montanhas, dentro de salas humidas, com estampas de São Luiz Gonzaga pelas paredes, uns São Luiz Gonzaga de olhos doces de mulher, lyrios brancos na mão; com imagens de Santo Antonio, de São José, da Virgem e de São Vicente por todos os salões de aula; que todos pareciam umas sacristias, o ar molle de tanto cheiro de incenso e de flor murcha. E sobretudo com padres terriveis, que em vez de lyrios brancos como São Luiz na sua mão côr de rosa de moça, empunhavam palmatorias de sicupira e varas de marmelo.

“Caraça!” “Mando-te para Caraça!” Os mineiros antigos, piraguaras e do Norte, dizem que era o nome

com que se fazia medo aos meninos mais valentes. Caraça — lembrou ha alguns annos um chronista que colhera impressões de alumnos da epoca de maior prestigio do collegio, e tambem de maior crueldade dos padres. — Caraça, era um “nome execrando”.

Não que todos os mestres fossem duros e carrascos: o padre Manuelsinho, um negro alto, deixou fama de homem profundamente bom; genio de moça. Mas havia sadistas pavorosos. Um delles, o padre Antunes. O padre Antunes amarrava o lenço no braço “para ter mais força de puchar a palmatoria”. Outro, lente de latim, sentia verdadeiro prazer em fazer a aula inteira “beijar a Santa Luzia”, que era a palmatoria terrivel. E esse castigo, o voluptuoso do padre impunha aos alumnos com todo o vagar, entre pitadas de rapé. Um alumno, dos velhos tempos de Caraça, diz que viu uma vez “um pulso ecclesiastico erguer no ar... vinte e quatro vezes consecutivas uma formidavel palmatoria, que vinte e quatro vezes estalou nas mãos de um meu collega, creança como eu”. Dias depois “por occasião do primeiro banho a que assisti e em que tomei parte, em um poço profundo, longe do Seminario (pois nessa casa de educação não havia banheiro) vi, com olhos crescidos de pasmo e de medo, largas ecchymoses espalhadas pelos bracinhos de muitos de meus collegas, as quaes eram produzidas pelos dedos brutaes de um padre que, por signal, tinha o nome chronico de Benedicto”.

Mas não era só ao sadismo de mestres terriveis que o menino ficava exposto em Caraça, nos seminarios, nos internatos. Nesses collegios de padres comia-se mal; havia muito jejum; o menino vivia com fome. Parece que a situação melhorou, sob certos aspectos de hygiene, com os collegios officiaes do typo do Pedro II e com alguns dos particulares. Collegios com nomes de santos — São Luiz Gonzaga, Santa Genoveva, São José — mas já sem

o ar de seminarios. Fundados nas cidades mais importantes do Imperio, e não isolados nas montanhas. De modo que nelles se introduziram mais facilmente melhoramentos que a organização urbana facultava:apparelhos sanitarios e banheiros, por exemplo. No Santa Genoveva, dirigido no Recife do meado do seculo XIX por um bacharel Barbosa Lima, o alumno era obrigado a tomar banho uma vez por semana e a lavar os pés todas as noites. O trajo era o de homem. Nos dias de festas, sobrecasaca e calças pretas. Nos outros dias, paletó preto e calças brancas.

Entretanto, nunca será exaggerado accentuar o valor que tiveram para a sociedade brasileira nos seus periodos mais difficeis de integração — o seculo XVI, no littoral todo, o seculo XVIII, na area mediterranea — periodos com tanta tendencia para excessos, rebeldias, desmandos e para a preponderancia dos valores materiaes sobre os immateriaes e dos interesses de familia, ou de chefes de familia, sobre os geraes — os seminarios e collegios de padres. Foi das mais poderosas, no sentido daquella integração, sua influencia sobre os filhos dos ricos e sobre os meninos caboclos, e atravez delles, sobre os elementos mais indigestos da população. Os meninos formados nesses seminarios e nesses collegios foram um elemento sobre o qual em vez de se accentuarem os traços, as tendencias, por um lado creadoras, mas por outro, dissolventes, de uma formação excessivamente patriarchal, á sombra de paes heroicos, de individuos em extremo poderosos, senhores de casas-grandes quasi independentes do resto do mundo, se desenvolveram, ao contrario, o espirito de conformidade, certo gosto de disciplina, de ordem e de universalidade que os padres, e principalmente os jesuitas, souberam como ninguem communicar aos seus alumnos brasileiros.

Esses alumnos de collegios de padres foram, uma vez formados, elementos de urbanisação e de universalisação, num meio influenciado poderosamente pelos autocratas das casas-grandes, no sentido da estagnação rural e da extrema differenciação regional. Nas modas de trajar, nos estylos de vida, elles representaram aquella tendencia para o predominio do espirito europeu e de cidade sobre o agreste ou turbulentamente rural, encarnado muitas vezes pelos seus proprios paes ou avós. Outras vezes encarnado pelos homens mais brancos, e cheios de preconceitos le pureza de familia e de côr, sendo elles, alumnos de collegios de padres e de seminarios, mamelucos, caboclos, bastardos, orphãos — dos muitos orphãos que a caridade dos religiosos recolhia, ou a sabedoria do Estado portugûes dos tempos coloniaes, antecipando-se a idéa modernissimas, distribuía entre familias de homens de bem, ás quaes as Camaras pagavam um tanto de subvenção para criar os meninos. Criados por essas familias muitos engeitados foram depois educar-se com os padres. O caso, entre outros, de Diogo Antonio Feijó.

O numero de homens illustres da epoca colonial e dos primeiros annos do Imperio, que receberam sua educação primaria e secundaria nos collegios de padres, sobrepuja o dos educados em casa, com capellões e tios-padres. Capellões e tios-padres que, subordinados mais ao pater-familias que á Igreja, não deixavam, entretanto, de representar, sob a telha van dos casarões patriarchaes, alguma coisa de subtilmente urbano, ecclesiastico e universal — a Igreja, o latim, os classicos, a Europa, o sentido de outra vida, além da dominada pelo olhar dos senhores, do alto das casas-grandes.

Foram educados em casa o morgado do Cabo, depois Marquês do Recife e provavelmente a maior parte dos seus antecessores, fidalgos rusticos, Paes Barrettos de engenhos; muitos dos Albuquerque e dos Cavalcantis, que

já rapazotes seguiam quasi directamente dos engenhos da "matta" para Coimbra ou para as universidades francezas, allemans e inglesas, ahi, alguns delles se formando em philosophia, em mathematica, direito e medicina. E Joaquim Caetano da Silva, dizem que ganhou fama de "menino prodigio" em Montpellier. Tambem Joaquim Nabuco foi educado em casa, sob as vistas da madrinha, senhora do Engenho Massangana.

Mas nos collegios de padres é que se educaram, em maior numero, as grandes figuras da politica, das lettras e das sciencias brasileiras dos tempos coloniaes e do primeiro Imperio. Euzebio e Gregorio de Mattos, Bento Teixeira. Bazilio da Gama e Santa Rita Durão. Frei Vicente do Salvador e Rocha Pitta. Claudio Manoel da Costa, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto.

Deve-se ainda salientar a acção disciplinadora dos collegios de padre, ou mesmo do ensino particular dos capellães, dos tios-padres, dos caixeiros de engenho, no sentido de conter os excessos de differenciação da lingua portuguesa no Brasil. Em meios como os engenhos, as fazendas, os sitios, na maior parte, isolados, fóra do mundo, os meninos criados pelas mucamas, muitos senhores, uns ignorantaços, muitas senhoras, umas verdadeiras negras no falar, comendo os rr e os ss no fim das palavras, trocando os rr por ll; dizendo fazê, mandá, comê; dizendo cuié e muié; outras, ainda, trocando o lh por l e dizendo: coler e muler; em meios assim isolados, a corrupção da lingua se fazia a grande. As differenciações se accentuaram de modo alarmante nas zonas agrarias, não apenas mais distantes, porém mais patriarchaes, com o escravo negro dentro de casa, pessoa da familia. Ainda hoje os membros de certas familias illustres de engenho se deixam identificar por vicios de pronuncia particularissimos, que pegaram com os negros dentro de casa. Noutras zonas se particularisou a fala numa accentuação de

voz toda especial, quasi sempre morosa, mas de um vagar não já de ternura, e sim fanhoso, arrastado, doentio. A fala dos Wanderley de Serinhaem e Rio Formoso. Um modo de falar “enfasiado e dando somno”, notava o padre Lopes Gama a proposito da “linguagem bordalenga... de muita gente nossa, e não só do meuçã’ho como até de gerarchia elevada”. Assim certa D. Mariquinhas, que elle fez symbolisar toda uma classe: menina bonita, vestindo-se bem, dançando suas quadrilhas, tocando seu piano, cantando. Mas quando falava, era só pru mode, cadê, oreia, veiaco, cuiê, muiê, oxente. Naturalmente o padre-mestre era quasi um purista, desejando uma lingua de casa-grande que não tivesse mancha de fala de negro, que fosse a mesma de Portugal. Mas, por menor que seja nossa sympathia pelo purismo de lingua, com sacrificio de sua espontaneidade, não deixamos de imaginar com certo horror os excessos que, por outro lado, teriam corrompido o português das casas-grandes em differenciações e particularismos quasi de familia, o pessoal de uma casa quasi sem entender o de outra, si a favor de sua pureza, e por consequente de sua unidade, e da unidade de toda a cultura brasileira, não tivesse agido desde o seculo XVI o ensino dos collegios de padre. Foi principalmente por esse ensino que se conservou vivo e activo aquelle nervo de integração.

A acção unificadora da lingua — unificadora e ao mesmo tempo prophylactica, urbanisadora, europeisante — os collegios de padre exerceram-na do modo mais intelligente. Pelo menos os do typo representado pelo Seminario de Marianna, que Saint-Hilaire observou, nos principios do seculo XIX, vir adoçando os costumes das populações mineiras, brutalisadas pelas preoccupações de ouro. E no Norte, pelo Seminario de Pernambuco, fundado na cidade de Olinda pelo Bispo Azeredo Coutinho. Typo de collegio que já não era o jesuitico, com seu ensino excessivamente rhetorico, litterario e religioso. Com seu en-

sino, por um lado, quasi anti-brasileiro. Ao contrario: Azeredo Coutinho trouxe para o ensino não só de meninos e rapazes, no Seminario de Olinda, como de meninas e mocinhas, no Recolhimento de Nossa Senhora da Gloria do Lugar da Boa Vista, na cidade do Recife, uma psychologia nova, muito mais doce que a dos padres da Companhia e que a dos mestres regios. Muito mais humana na sua comprehensão do ambiente brasileiro; dos defeitos a corrigir e das virtudes a aproveitar, do patriarchalismo colonial. Um dos defeitos a corrigir, defeito perturbador de todo o progresso da cultura brasileira no sentido europeu, e da sua unidade, no sentido nacional, era decerto o daquelles vicios de pronuncia, principalmente da gente do matto e dos meninos de engenho. Vicios que vinham se accentuando terrivelmente. A's mestras de ler do Recolhimento, o bispo recommendava em 1798 que não se descuidassem de corrigir taes vicios nas mocinhas. Por exemplo: o de falarem pelo nariz ou arrastado. Mas principalmente o de pronunciarem as palavras, invertendo a ordem das letras, como *breço*, em lugar de *berço*, *cra-vão* em lugar de *carvão*; ou supprimindo no meio das palavras algumas letras, como *teado* em vez de *telhado*, *fio* em lugar de *filho*; ou, ainda, engulindo a letra ultima, principalmente no numero plural, e nos nomes acabados em agudo, como *muitas flôre* em lugar de *muitas flôres*, *Portugá* em vez de Portugal.

As moças em quem se encontravam esses vicios de pronuncia eram as brancas e filhas legitimas; moças de casa-grande e de sobrado; que só estas se admittiam no collegio de Nossa Senhora da Gloria. O vicio de falar arrastado e ao mesmo tempo fanhoso, pelo nariz, este veio a caracterisar não matutos sem importancia, mas grandes familias ruraes. Uma dellas, já o dissemos, os Wanderley de Serinhaem e Rio Formoso.

Não deixa de surprehender num padre do século XVIII — embora esse padre fosse Azeredo Coutinho, descendente de familia illustre da Parahyba do Sul e formado em Coimbra — idéas, tão adiantadas para a epoca, sobre as relações dos adultos com as creanças. Num tempo em que a regra era se tratar o menino como um demónio, passada a phase de elle ser adorado como um anjo — que era até aos cinco ou seis annos — Azeredo Coutinho insistia a favor dos pobres dos parvulos serem tratados como creaturas simplesmente humanas. As creanças perguntadoras, por exemplo — que eram talvez as mais hostilisasdas pelo systema patriarchal, como pelo jesuitico, vendo-se na curiosidade o desrespeito ao mais velho, a malicia e a perturbação daquella suprema faculdade angelica, que era a memoria — o bispo de Pernambuco recommendava que de nenhuma sorte o adulto desse a idéa de que as tinha por importunas nas suas muitas perguntas: “antes pe'o contrario convem dar-lhe mostras de gosto em responder-lhes”.

Mas o espantoso é ver Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho aconselhar aos mestres um methodo quasi psychanalytico de lidar com as meninas nervosas, que por qualquer coisa estivessem chorando ou com medo, ou com saudade de casa. “Em algumas meninas se vê, por qualquer couza, um susto, ou timidês indizivel, que muitas vezes parecendo propriedades do sexo, não são mais do que effeitos proprios da educação que lhe derão, costumando-as a sofrer medos que lhes representavão na tenra idade para as fazer calar, ou estar quietas”. O remedio era fazel-as conhecer o erro em que estavam, “até o ponto de as fazer rir de sua timidês”.

E' opportuno recordar que o Bispo deu ao ensino no seminario de Olinda — “um seminario, diz Oliveira Lima, logo considerado o melhor collegio de instrucção

secundaria no Brasil" — um caracter quasi escandaloso para o tempo. Em vez de só religião e rhetorica, grammatica e latim, o Seminario de Olinda começou a ensinar as sciencias uteis, que tornassem o rapaz mais apto a corresponder ás necessidades do meio brasileiro, cuja transição do patriarchalismo agrario para um typo de vida mais urbana e mais industrial, exigia orientadores technicos bem instruidos e não apenas mechanicos e artifices negros e mulatos, que aqui continuassem de oitiva a tradição peninsular dos artistas mouros ou a africana, dos seus avós negros. Exigia, tambem, o meio em transição, o estudo dos problemas económicos creados pela mineração, pela industrialisação, pelo declinio da economia baseada simplesmente na monocultura ou no monopólio: outro aspecto da situação brasileira que Azeredo Coutinho parece ter comprehendido admiravelmente.

Tollenare achou no Seminario de Olinda certo aspecto de lyceu francês — dos departamentaes, não dos grandes — com alumnos que se destinavam não só ás ordens sacras, mas a outras carreiras, rapazinhos desejosos de fazer os estudos de humanidades; e estudando não só latim e philosophia, mas mathematicas, physica, desenho. Era a orientação de Azeredo Coutinho rompendo com os restos da tradição jesuítica de ensino colonial.

Já outra era a physionomia dos collegios que pela mesma epoca — fins do seculo XVIII, principios do XIX — substituíram no Rio de Janeiro as antigas escolas dos jesuitas. Luccock, pelo menos, teve impressão má do seminario de São Joaquim — o futuro Dom Pedro II. E um dos aspectos que mais o impressionaram foi o atrazo com relação ás sciencias: o ensino era ainda todo litterario e ecclesiastico. Outra coisa que o horrorisou foi a tristeza dos meninos. Meninos calados, doentes, de olhos fundos.

Era a precocidade. Era a opressão da pedagogia sadica, exercendo-se sobre o orphão, sobre o engeitado, sobre o alumno com o pae vivo mas alliado do mestre, no esforço de opprimir a creança. Todos — o pae e o mestre — inimigos do menino e querendo-o homem o mais breve possivel. O proprio menino, inimigo de si mesmo e querendo ser homem antes de tempo.

É bem expressiva a alcunha que o povo do Rio botou nos meninos de São Joaquim: carneiros. Carneirinhos. Calados, olhos tristes, sem vontade, eram mesmo uns carneiros. E o trajo ainda lhes dava mais o ar de carneiros: uma batina branca com uma cruz vermelha no peito; um cinto de cadarço preto.

No tempo do Imperio, passada já a epoca do collegial andar de batina, os meninos de collegio continuaram uns meninos tristes, agora de sobrecasaca preta, roupa de homem, alguns já viciados no fumo, diz o padre Gama que até no rapé. O ensino nos collegios menos ecclesiastico, mas a vida de internato ainda triste. E a tendencia da pedagogia, ainda a colonial, de amadurecer a creança á força e animar a precocidade. O proprio Dom Pedro II foi um precoce que aos quinze annos já era imperador, cercado de ministros provectoros, de titulares de barba, entre os quaes, elle, logo que poudes, appareceu tambem de grande barba loura a escorrer-lhe pelo peito.

Desertor da meninice — que parece ter deixado sem nenhuma saudade — elle foi entretanto, o protector do Moço contra o Velho, no conflicto que caracterisou o seu reinado, entre o patriarchalismo rural e as novas gerações de bachareis e doutores. Entre os velhos das casas grandes, habituados a se impôr por um prestigio quasi mystico da idade, e os moços acabados de sahir das academias de São Paulo e de Olinda; ou vindos de Paris, de Coimbra, de Montpellier. Moços a quem o saber, as let-

tras, a sciencia cheia de promessas, começaram a dar um prestigio novo no meio brasileiro.

Ainda não se attentou nesse aspecto curioso do Segundo Imperio entre nós: a repentina valorisação do moço de vinte annos, pallido de estudar, que nem um sephardim, favorecida por uma especie de solidariedade de geração, de idade e de cultura intellectual da parte do joven imperador. Devendo-se accrescentar a esse facto o dos moços representarem a nova ordem social e juridica, que o imperador encarnava, contra os grandes interesses do patriarchalismo agrario, ás vezes turbulento e separatista, anti-nacional e anti-juridico.

É certo que nos ultimos tempos coloniaes, a Metropole, em lucta aberta contra as oligarchias dos senados de camara, contra os senhores de engenho, contra os magnatas das minas, já vinha mandando para governar os povos de certas capitancias mais arrogantes, homens moços, rapazes de vinte e tantos, trinta annos, como o conde de Valladares; homens que pela extrema mocidade escandalisaram os velhos das casas-grandes, cujo rosso vinham quebrar, cujo prestigio mystico, em parte baseado na idade, vinham destruir.

Mas foi com Pedro II que essa tendencia se accentuou; que os moços começaram a ascender a cargos, outrora só confiados a velhos de longa experiencia da vida. É verdade que esses moços, agora poderosos, em tudo imitavam os velhos; e disfarçavam o mais possivel a mocidade.

Ainda assim, sua ascensão social e politica, não se fez sem a hostilidade, ou pelo menos a resistencia dos mais velhos. Elles foram impostos aos mais velhos pela vontade do imperador que viu talvez nos homens de sua geração e de sua cultura litteraria e juridica, os alliados naturaes de sua politica de urbanisação e de centralisação, de ordem e de paz, de politica e de justiça. Politica con-

traria aos excessos de turbulencia individual e de predomínio de familia; ás autonomias baseadas, ás vezes, em verdadeiros fanatismos em torno de senhores velhos. Contraria, por conseguinte, aos interesses mais caros das oligarchias agrarias, que formavam ainda as grandes montanhas da nossa paizagem social, ao iniciar-se o reinado anti-patriarchal de Pedro II.

Si o imperador Pedro II começou a reinar com a sombra de algumas grandes figuras de velhos vindos dos tempos coloniaes curvadas sobre seu governo — Antonio Carlos e Martim Francisco, entre outros — não tardou que sua cabeça loura de adolescente, ancioso de mando, cansado de tutores, se affirmasse numa das vontades mais vivas que ainda governaram o Brasil.

O imperador de quinze annos era um menino alto, mas nada elegante de corpo, o que talvez resultasse de sua vida livresca, de creança de sobrado, quasi sem exercicio nem ar livre. Nisto não se distinguia de muitos dos rapazes que iam ser seus ministros, seus presidentes de provincia, seus juizes, diplomatas e deputados, homens feios, quasi cabeças de frade da Penha nuns corpos franzinos de creança. Falta de educação physica, de exercicio, de ar livre. Exceptuavam-se os criados mais livremente em engenho, montando a cavallo, rodando de almanjarra, os Araujo Lima, os Barão de Goyanna, mais tarde Joaquim Nabuco, Saldanha da Gama.

O bacharelismo, ou seja a educação academica e livresca, desenvolveu-se entre nós com sacrificio do desenvolvimento harmonioso do individuo. Bernardo Pereira de Vasconcellos aos quarenta annos já parecia um velho. E é curioso salientar nos homens novos que no reinado de Pedro II tomaram tão grande relevo na politica, nas letras, na administração, na magistratura, o traço quasi romantico da falta de saude.

Doentes, e com a volupia da doença. Os homens mais velhos deviam ser uns gigantes, comparados com os moços franzinos cheios de "gastrites, encephalites, bronchites, pulmonites, splenites, pericardites, interites, collites, cephalgras, hipertrophias, cardialgico, nevroses de todos os nomes" que já em 1839 o padre Lopes Gama tanto ridicularisava. "Hum moço de outro tempo — escrevia o padre alarmado com tanto bacharel pallido, tanto rapaz doente — era um Hercules; que bella côr! que força muscular! que agilidade, que vivesa, que saude! Hoje encontra-se por ahi hum jovem, que pouco dista duma mumia do Egypto".

Mas tornara-se tão bonito ser doente que até as meninas elegantes viviam pondo bichas, sustentando-se de caldos de pintainho e papinhas de sagú. E os rapazes, o rosto, o cabelo, a barba que imitavam eram os do Nazareno — o Jesus convencional, das imagens da crucificação.

O padre Gama se alarmava diante dos moços do seu tempo: aos dezeseis annos já tinham suissas "de fazer medo á gente (menos ás senhoritas)"; aos vinte já estavam calvejando ou encanecendo, aos vinte e cinco padecendo de gastrites, interites, bronchites, etc., e muitos morrendo bem velhos na idade de trinta annos.

Alguns morreram aos vinte e um, aos vinte e dois annos: um delles, o academico de direito de São Paulo, Manoel Antonio Alvares de Azevedo, doce poeta que seria por tanto tempo o idolo dos estudantes, o São Luiz Gonzaga das devoções litterarias do adolescente brasileiro. O poeta Casimiro de Abreu, morrendo tuberculoso aos vinte e tres, ficou outro idolo: das moças sentimentaes. Junqueira Freire, esse finou-se do coração aos vinte e dois annos: e foi mais um santo litterario, o ser adorado pelos estudantes e pelas moças. Aureliano Lessa, morrendo aos trinta e tres annos e Laurindo Rabello, aos trinta e oito,

augmentaram o numero dos santos de vinte e de trinta annos da nossa litteratura do tempo do Imperio.

Em torno dessas figuras de poetas e romancistas palidos, nazarenos, olhos grandes e soffredores; em torno desses poetas e romancistas cujos versos de amor, os estudantes e as moças recitavam ao som da Dalila, naquellas salas escuras do tempo do Imperio, com sofás pretos de jacarandá e espe'elhos de Nuremberg, as velas ardendo dentro das grandes mangas de vidro, fez-se uma idealisação doentia da mocidade. Castro Alves, pela saude, pela firmeza da voz mais de orador que de poeta, seria uma excepção; mas tambem morreu moço. Contribuiu para aquella idealisação morbida da mocidade.

Chegara a epoca de ser quasi tão bonito morrer moço, aos vinte, aos trinta annos, como morrer anjo, antes dos sete. Morrer velho era para os burgueses; para os fazendeiros ricos; para os vigarios gordos; para os negros de engenho. Os "genios" deviam morrer cedo e, si possivel, tuberculosos. Nada de saude. Nada de robustez. Nada de gordura. E os "genios" foram concorrendo para a propria morte. Exaggerando-se no cognac. Andando com prostitutas. Syphilisando-se em orgias baratas. Como observou Sylvio Romero elles "tinham tambem seu programma, cujo primeiro artigo era a libação do *cognac* e o segundo era a vadiagem".

Junte-se a essa vida de cognac e de vadiação com mulheres, o facto de os rapazes mais estudiosos nos collegios, nos internatos, nas proprias academias (installadas em conventos velhos, cheios de sombras), desenvolverem um esforço intellectual que a deficiencia ou a irregularidade de alimentação, a falta de exercicio, de sol, de ar, de modo nenhum favoreciam. A situação de hygiene dos internatos da Côrte e das Capitaes, onde o menino estudioso emmagrecia, definhava, ás vezes enthyisicava, pouco differia, talvez, da do Arsenal de Guerra, onde um inqueri-

to realisado em 1851, para determinar as causas de tanta enfermidade entre os menores, revelou condições as mais anti-hygienicas, não só de alimentação como de dormida, de roupa de cama, de vestuario, de humidade e falta de ventilação no edificio. E é curioso salientar que as principaes doenças que affligiam os menores parecia que se derivavam da má alimentação: irritações gastro-intestinaes seguidas de diarrhéas, opthalmias, escorbutos.

Burton, visitando Congonhas do Campo ficara encantado com a situação do collegio dos padres. Vira os alumnos, todos de batina, mas parece que sem o ar de doentes e ao mesmo tempo de leserões, dos meninos do São Joaquim. Mas até em Minas, a julgar pelo escrupulo-so viajante inglês, a hygiene dos collegios de padres estava longe de ser ideal, havendo graves irregularidades no systema de alimentação. Dahi a desvantagem que levavam precisamente os rapazes mais estudiosos, os "genios", os que viviam mais com os livros.

Mesmo romanticamente doentes, ou morrendo aos vinte e tantos, aos trinta annos — aos quarenta, como José de Alencar e Gonçalves Dias — os moços foram tomando os lugares de maior importancia na administração, na politica, na magistratura e na diplomacia do Segundo Imperio. Deslocando das grandes responsabilidades os velhos sadios.

O paiz que se acostumara a governadores e a bispos arrastando os pés; a patriarchas, cuja idade era um titulo de nobreza e uma condição de prestigio, acabaria vendo bispo de Olinda quasi um menino: Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira. Bispo aos vinte e tantos annos, a barba de frade da Penha, parecendo quasi pos-tiça.

E na presidencia das provincias, nos ministerios, na Camara, foram apparecendo bachareis de vinte e poucos, vinte e tantos annos, trinta annos, as suissas e barbas

mal conseguindo dar a impressão de idade provecta. Aos trinta annos Honório Hermeto Carneiro Leão, depois marquês do Paraná, já estava ministro da justiça; aos trinta e um, Manoel Francisco Correia governava a provincia de Pernambuco; João Alfredo, aos trinta e cinco, já era ministro do Imperio; Rodolpho Dantas, aos vinte e oito; Affonso Celso, o futuro Visconde de Ouro Preto, ministro da Marinha aos vinte e sete; Octaviano, ministro dos Extranjeiros, aos trinta e seis.

Era diante desse escanda.o de bispos moços, de ministros de trinta e principalmente de presidentes de provincia de vinte e tantos annos, que o velho Mello Moraes não se continha. “Quando me recordo, meu venerando amigo — dizia elle, em carta que depois se publicou — do passado do Brasil, e confronto com os tempos que vamos atravessando, de certa epoca para cá, vejo que apesar da mal entendida politica da Metropole portuguesa em relação ao Brasil erão mandados homens experimentados para o governo das nossas capitancias; e hoje são mandadas creanças, sahidas das escolas de direito, sem conhecimentos e nem experiencias, para anarchisar as provincias do Imperio”. A verdade é que nos tempos coloniaes “não se mandavão para o governo do Brasil senão homens já traquejados no governo civil e politico do Estado”. Até Matto Grosso, que no Imperio só se sabia que era provincia do Brasil em tempo de eleição, “era olhado com muito carinho pelo governo portugêus, que só para alli mandava homens de muita importancia e engenheiros como o famoso Franco de Almeida, que, depois de muitos annos, alli falleceu...”

Parece fóra de duvida que a administração publica no Brasil soffreu um tanto com as presidencias de provincia confiadas pelo Imperador a bachareis de vinte e tantos, trinta annos, quasi sem outro saber que o dos livros. Moços brilhantes e letrados, faltava-lhes, entretanto, aquelle

bom senso seguro, aquelle equilibrio chamado burguês, aquella perspectiva das coisas que só se consegue com a experiencia, aquelle profundo realismo politico dos capitães-generaes enviados pelo governo portuguez para a sua colonia americana, va ios desses administradores coloniaes da estatura dos maiores que dariam depois a Inglaterra ou a França, politicos de astucia rara. Tal o conde de Assumar, em Minas, D. Thomaz de Mel'lo, em Pernambuco, o conde de Arcos na Bahia, o conde da Cunha, no Rio de Janeiro.

Já em 1838, diante das primeiras gerações de bachareis de Olinda e São Paulo invadindo com o seu "romantismo juridico" os postos outrora occupados por aquelles velhos realistas politicos, a guns de olhos já cansados de tanto ver, mas não se deixando illudir pelas apparencias, os ouvidos já ficando moucos de tanto ouvir, mas não se deixando nunca empenhar pelas palavras; já em 1838, perguntava João Gualberto dos Santos Reis onde estavam "aque les pés de boi chamados", famosos "pelo character, sizudez e brio" — os homens bons de outrora? Os vellos capitães, ouvidores, juizes, homens bons?

Estavam se retirando da scena. Começara, vagamente, a victoria dos moços, que se accentuaria em traços bem nitidos com o governo do Senhor Dom Pedro II. Com a prop.a Igreja, entregando os cajados de bispo a padres e frades com ar ainda de noviços, não aos velhinhos de outrora, velhinhos já arrastando os pés sob o peso de muita experiencia da vida.

"Já antes dos quarenta annos, o Brasileiro começa a inclinar a sua opinião diante das dos jovens de quinze a vinte e cinco annos", escreveu Joaquim Nabuco. E na verdade, pelo menos com relação ao rapaz de quinze annos que subiu ao throno de Imperador com o nome de Pedro II, foram raros os homens de mais de quarenta annos que

tiveram como Honório Hermeto a altivez, a coragem e a firmeza de suas opiniões.

Os moços imitavam os velhos, é verdade; mas suas barbas eram pretas e louras; não eram brancas. Os muitos annuncios de tintura para as barbas nos jornaes do tempo do Imperio, mostram que elles as desejavam pretas e louras.

Com a ascensão social e politica desses homens de vinte e trinta annos foi diminuindo o respeito pela velhice, que até aos principios do seculo XIX fôra um culto quasi religioso, os avós de barba branca considerados os "nũmes da casa". Os santos, os mortos e elles.

Os antigos avós poderosos foram se adoçando em vó-vós a quem já não se tomava a benção com o mesmo medo dos tempos rigidamente patriarchaes. Ao padre Lopes Gama não escapou a transição no seu tempo, ainda mal definida na zona rural, porém já evidente nas cidades mais européizadas e thalassicas como o Recife. Em 1839 o padre escrevia que "os meninos dos tempos antigos erão muito mais travessos, cavalgavam em canos e paus, fazião regimentos, davão batalhas; outros macaqueavão as cerimoniaes do Culto Religioso, já vestidos de Padres, já com Oratorios & C."; mas "tinhão muito respeito, muito medo, de seos paes, ou tutores".

Pobres "meninos travessos" do tempo dos filhos chamarem ao pae de "Senhor Pae", era delles que o padre Gama sentia a falta, escandalizado com os meninos e os rapazes da nova geração: desavergonhados que conheciam melhor as quadrilhas que o Padre-nosso; viciados no charuto Havana e na cachucha; leitores de "pestilenciaes Novellas" e de "Poesias eroticas", em vez dos "Evangelhos", das "Epistolas de São Paulo", e "pa-^aa recreio, os Contos Moraes de Marmontel, o virtuoso Telemaco, a Moral em Acção, a Escola de Bons Costumes, a Mestra Bona", que eram os livros indicados pelo padre para a leitura da mo-

cidade. Rapazes falando alto e dando opinião sobre todas as coisas na presença dos mais velhos em vez de se comportarem com o respeito de outrora. Nas festas de família, sem que ninguém lhes perguntasse, já os mais salientes davam “o seu voto magistral a respeito da bondade, ou imperfeição do chá”, “applaudindo este pão de ló, reprovando aquelle sequilho”; durante a Missa, namoravam o tempo inteiro, dando as costas ao Santissimo Sacramento para olharem as meninas de frente, “rindo-se para esta, contemplando aquella, galanteando aquell’outra... torcendo o bigode... penteando com os dedos o furibundo passa piolho”; e quasi já não tomavam a benção aos paes!

Que tempos seriam esses, santo Deus? Esses rapazes tão sem medo, tão sem respeito pelos mais velhos e até pelos santos, pelo proprio Santissimo Sacramento? Que fim de mundo seria esse?

Era o declinio do patriarchalismo; o desprestigio dos avós terriveis, suavizados agora em vovós; dos “senhores paes” que começavam a ser simplesmente “paes” e até “papaes”. Era o menino começando a se libertar da tyrannia do homem. O alumno começando a se libertar da tyrannia do mestre. O filho se revoltando contra o pae. O neto contra o avô. O moço assumindo lugares que se julgavam só dos velhos. Era o começo daquillo a que Nabuco chamou de *neocracia*: “a abdicação dos paes nos filhos, da idade madura na adolescencia...” Phenomeno que lhe pareceu “exclusivamente nosso”.

Em 1844 um estudante do Curso Juridico de Olinda já se afoitava a escrever ao pae, senhor de engenho: “Olinda, 15 de Jun.º de 1844. Meu Pae e Senr. Abenção Recebi duas cartas de Vmcê., na escripta em Maio, q. me foi entregue pelo Senr. Q., e outra escripta agora em Jun.º. q. me foi entregue plo. S.; nesta encommandou-me Vmcê. que comprasse 10 arrs. de carne, a ql.

remetto plo. mmo. port.^{or} e supponho q. não será mto. ma". Mas o assumpto principal não era esse da carne — o Engenho se abastecendo de carne na Praça. Era assumpto mais grave: o Filho agindo sem conhecimento do Pae: "pratiquei uma acção q. era absolutamte. opposta ao preceito sagrado de Vmce., sim commetti este horrendo crime e p. q. commetti? Seria pr. ventura pr. q. me vendesse pº. dinheiro?" E explicava que sem licença do pae, acceitara a proposta de um padre rico, o Rev. Albuquerque, para casar com a filha delle.

Deve-se notar que, tendo havido no patriarchalismo brasileiro uma tendencia para o trajo se uniformisar no do adulto respeitavel — donde os meninos de roupa de homem, cartola e bengala, que Rendu achou parecidos com *marionettes* das feiras francesas — ainda assim, nos seus extremos, as idades se apresentavam diversissimos na maneira de vestir. A senhora de idade principalmente, não se comprehendia sem capota preta. Nem homem de idade, sem sobrecasaca, lenço de rapé, barbas compridas. Emquanto aos meninos em idade de anjo se permittia, mesmo nas melhores familias, o privilegio de andar nú.

IV

A MULHER E O HOMEM

Tambem é caracteristico do regimen patriarchal o homem fazer da mulher uma creatura tão differente delle quanto possivel. Elle, o sexo forte, ella o fraco; elle o sexo nobre, ella o bello.

Mas a belleza que se quer da mulher, dentro do patriarchalismo, é uma belleza meio morbida. A menina de typo franzino, quasi doente. Ou então a senhora gorda, molle, caseira, maternal, coxas e nade-gas largas. Nada do typo vigoroso e agil de moça, approximando-se da figura de rapaz. O maximo de differenciação de typo e de trajo entre os dois sexos.

Talvez nos motivos psychicos da preferencia por aquelle typo de mulher molle e gorda se encontre mais de uma raiz economica: principalmente o desejo, dissimulado, é claro, de afastar-se a possivel competição da mulher no dominio, economico e politico, exercido pelo homem sobre as sociedades de estrutura patriarchal.

A exploração da mulher pelo homem, caracteristica de outros typos de sociedade ou de organização social, mas notadamente do typo patriarchal-agrario — tal como o que dominou no Brasil — convem a extrema especialização ou differenciação dos sexos. Por essa differenciação exaggerada, se justifica o

chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo physico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que elle estiver disposto a procrear. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filhos, criar menino.

O padrão duplo de moralidade, caracteristico do patriarchalismo, dá tambem ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de acção social, de contactos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e ás artes domesticas, ao contacto com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos; e uma vez por outra, num typo de sociedade catholica como a brasileira, ao contacto com o confessor.

Aliás, diante de certas generalisações menos controvertidas da psychanalise, pode-se attribuir ao confissionario, nas sociedades patriarchaes em que se verificou extrema reclusão ou oppressão da muher, uma funcção utilissima de hygiene, ou melhor, de saneamento mental. Por elle se teria escoado, sob a forma de peccado, muita ancia, muito desejo reprimido, que doutro modo apodreceria dentro da pessoa.

Muita mulher brasileira deve se ter salvo da loucura, que parece haver sido mais frequente entre as mulheres das colonias puritanas da America do que entre nós, graças ao confissionario. Pyrard, na Bahia, notou o grande numero de mulheres se confessando; e concluiu pela multidão de peccados entre as senhoras brasileiras. Esses peccados, não seriam maiores nem mais numerosos que entre as mulheres européas da mesma epoca; apenas mais toxicos para as pobres das peccadoras, obrigadas a uma vida de reclusão e segregação maior do que na Europa já francamente

burguesa. Confessando-se, ellas se desintoxicavam. Purgavam-se. Era uma limpeza para os nervos, e não apenas para as suas almas anciosas do ceu onde as esperavam seus filhinhos anjos gritando “mamãe!” “mamãe!”

A extrema differenciação e especialisação do sexo feminino em “bello sexo” e “sexo fragil”, fez da mulher de senhor de engenho e de burguês de sobrado, no Brasil, um ser artificial, morbido. Uma doente.

Mas, ainda assim, houve figuras magnificas de mulheres creadoras, dentro dos sobrados, como no interior das casas-grandes. Como já salientamos, em capitulo anterior, ás primeiras senhoras de engenho, mulheres vindas de Portugal, deve-se uma serie de commodidades de habitação e de vida, de assimilações e de adaptações felizes, que logo distinguiram as zonas de colonisação por gente casada daquellas em que os portuguezes se estabeleceram sosinhos, solteiros, ou quasi sem mulher branca. E’ que nos primeiros tempos de colonisação do littoral, todos os colonos, homens e mulheres, com uma formidavel terra virgem a dominar, a mulher gosou de uma liberdade maior de acção. E essa maior liberdade de acção, se exprimiu naquelle conjuncto de actividades creadoras. Foi nesse periodo de relativa indifferenciação, que uma capitania poderosa — a Nova Lusitania — chegou a ser governada por illustre matrona: D. Brites, mulher de Duarte Coelho.

Mas atravez de toda a epoca patriarchal, epoca de mulheres franzinas o dia inteiro dentro da casa, cosendo, se embalando na rede, tomando o ponto dos doces, gritando para as mulecas, brincando com os periquitos, espiando os homens extranhos pela frincha das portas, fumando cigarro e ás vezes charuto, pa-

rindo, morrendo de parto; atravez de toda a epoca patriarchal, houve mulheres, sobretudo senhoras de engenho, em quem explodiu uma energia social, e não simplesmente domestica, maior que a do commum dos homens. Energia para administrar fazendas, como as Donas Joaquinas, do Pompeu; energia para dirigir a politica partidaria da familia, em toda uma região, como as Donas Franciscas do Rio Formoso; energia guerreira, como a das matronas pernambucanas que tanto se distinguiram durante a guerra ho'landesa, não só nas duas marchas, para as Alagoas e para a Bahia, pelo meio das mattas e atravessando rios fundos, como em Tejucupapo, onde é tradição que ellas luctaram como umas desadoradas contra os herejes.

Langsdorff, nos principios do seculo XIX, visitou uma fazenda no Matto-Grosso, onde o homem da casa era uma mulher. Vasta matrona de cinco pés e oito pollegadas, o corpo proporcionado á altura, um collar de ouro no pescoço. Mulher já de seus cincoenta annos, andava entretanto por toda a parte, a pé ou a cavallo, dando ordens aos homens com a sua voz dominadora, dirigindo o engenho, as plantações, o gado, os escravos. Era uma machona. Junto della o irmão padre era quasi uma moça. Mas as senhoras de engenho, desse feitio amazonico, embora mais femininas de corpo, não foram raras. Varias familias guardam a tradição de avós quasi rainhas que administraram fazendas do tamanho de reinos. Viúvas que conservaram e ás vezes desenvolveram grandes riquezas. Matriarchas que tive am seus capangas, mandaram dar suas surras, foram "conservadoras" ou "libe aes" no tempo do Imperio.

Taes mulheres, que na administração de fazendas enormes deram mostras de extraordinaria capacidade

de acção — andando a cavallo por toda a parte, lidando com os vaqueiros, com os mestres de assucar, com os cambiteiros, dando ordens aos negros, tudo com uma firmeza de voz, uma auctoridade de gesto, uma segurança, um desassombro, uma resistencia igual á dos homens, mostraram até que ponto era do regimen social de compressão da mulher, e não já do sexo, o franzino, o molle, o fragil do corpo, a domesticidade, a delicadeza exaggerada.

O conjuncto de qualidades exclusivamente doces e graciosas que se suppunha resultar, de modo absoluto, do sexo, era como o conjuncto de qualidades passivas e dos traços inferiores do negro, que se attribuiam — sob o patriarchalismo escravocrata e ainda hoje — á base physica ou biologica da raça. Quando a verdade é que a especialisação de typo physico e moral da mulher, em creatura franzina, neurotica, sensual, religiosa, romantica, ou então, gorda, pratica e caseira, nas sociedades patriarchaes e escravocratas, resulta, em grande parte, dos factores economicos, ou antes sociaes, que a comprimem, amollecem, alargam-lhe as ancas, accentuam-lhe o arredondado das formas, para melhor ajustamento de sua figura aos interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sobre o dominio exclusivo de uma classe, de uma raça e de um sexo.

Não é certo que o sexo determine de maneira absoluta a divisão do trabalho, impondo ao homem a actividade extra-domestica e á mulher, a domestica. Procuramos indicar em trabalho anterior que, nas sociedades amerindias do typo da que foi encontrada no Brasil pelos portuguezes, a funcção da mulher estava longe de reduzir-se á domestica, cabendo-lhe, ao contrario, as actividades sociaes mais creadoras; e notando-se tendencias — como talvez, a propria *couvade* — para a domesticidade do homem — que era quem lavava as redes sujas — e até

para a sua effeminação. Nas sociedades primitivas daquelle typo, nota-se, em antagonismo com as de feitio patriarchal, uma similhaça physica entre o homem e a mulher, uma tendencia dos dois sexos para se integrarem numa figura commum, unica, que não passou despercebida a alguns dos primeiros chronistas e estudiosos das populações amerindias. Lallemonet disse dos nossos Boto-cudos que entre elles não se encontravam homens e mulheres, porém homens-mulheres e mulheres-homens.

Vaerting affirma que não só entre os Kamchadales, como entre os Lappões, encontram-se reminiscencias de um periodo em que o trabalho domestico era o dos homens e o extra-domestico, o das mulheres. As mulheres duras e angulosas; os homens gordos, voluptuosos e arredondados. Periodo que teria correspondido a uma organização um tanto amazonica, de dominio politico da mulher sobre o homem.

Discutíveis esses traços ou suggestões de organização politica amazonica, o que não exige as mesmas reservas ou provoca as mesmas desconfianças é o facto, salientado por Ellis, de as mulheres se apresentarem physicamente mais fortes que os homens em certas sociedades africanas, onde o trabalho mais duro é o da mulher, e o do homem, o mais doce. Quasi a mesma observação de Ellis é feita por Fritsch e Hellward com relação aos Boschimanos: o homem e a mulher, iguaes em qualidades physicas. Entre os indigenas do Brasil a situação deve ter sido a mesma, ou semelhante: a mulher quasi igual ao homem em qualidades physicas. Porque sendo della o trabalho agricola, seu physico não era o das mulheres anemicas e caseiras do patriarchalismo, embora tudo indique que homens e mulheres, entre aquelles nossos indigenas tendessem quasi todos para a figura gorda. Mas uma gordura enxuta, diversa da oriental ou patriarchal,

O dominio de um sexo pelo outro afasta-se dessa tendencia, tão das sociedades primitivas, para a figura commum ou unica da mulher-homem ou do homem-mulher, e accentua de tal modo a differença de physico entre os sexos, que, no patriarchalismo, torna-se uma vergonha o homem parecer-se á mulher e uma impropriedade, a mulher parecer-se ao homem. O mesmo se terá provavelmente verificado no matriarchalismo, se algum dia existiu, completo e orthodoxo, como acreditam alguns.

Mas todo um conjuncto de factos nos auctorisa a concluir pela artificialidade ou pela morbidez do typo da mulher franzina ou langue, creado pelo patriarchalismo e em torno do qual desabrochou, no Brasil como nos outros paizes de formação patriarchal, não só uma etiqueta de cavalheirismo exaggerado, de Minha Senhora, Exma. Senhora Dona, Vossa Excellencia, como uma litteratura profundamente erotica de sonetos e quadras, de novellas e romances, com a figura de Elvira ou Clarice, de Dolores ou Idalina, ora idealisada em extremo, ora exaltada pelas suggestões de seu corpo especialisado para o amor physico. De seus pesinhos pequenos. De suas mãos delicadas. De sua cintura estreita. De tudo que exprimisse ou accentuasse sua differença physica do homem; sua especialisação em boneca de carne para ser amollegada pelo homem. Pela imaginação do poeta e pelas mãos do macho.

O culto pela mulher, que se reflecte nessa etiqueta e nessa litteratura, e tambem numa arte igualmente erotica — uma musica assucarada, uma pintura romantica, côr-de-rosa, uma esculptura sem outra coragem que a do gracioso, a não ser a do nú (mas não o puro, e sim o obsceno) — esse culto pela mulher, bem apurado, é, talvez, um culto narcisista do homem patriarchal, do sexo dominante, que se serve do opprimido — dos pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das coxas, dos seios, das ancas da mulher, como de alguma coisa de quente e de doce que

lhe amacie, lhe excite e lhe augmente a voluptuosidade e o goso. O homem patriarchal se roça pela mulher macia, fragil, fingindo adoral-a, mas na verdade para sentir-se mais sexo forte, mais sexo nobre, mais sexo dominador.

Essa especialização e esse culto teem-se feito acompanhar, nas sociedades patriarchaes e semi-patriarchaes, de diferenças nas modas de penteado, de calçado e de vestido entre o sexo dominante e o oprimido, que até em deformação do physico da mulher se extremaram ás vezes. Basta recordar os pés das chinezas, deformados ao ultimo ponto.

Os pés da brasileira foram tambem deformados pela preocupação do pé pequeno, bem differente do de homem e do de negra, grande, abrutalhado. A cintura da mulher que em epoca bem proxima da nossa, na segunda metade do seculo XIX, até na Europa já burguesa chegou aos maiores extremos de artificialismo, entre nós se deformou exaggeradamente pelo uso do espartilho. O cabelo grande — tranças, cocós, cabelo solto, penteados elaboradissimos, seguros ou completados por pentes, que na primeira metade do seculo XIX, com os nomes de “tapamissa”, e “trepá muleque”, attingiram no Brasil a formas bizarras e a tamanhos incriveis — foi outro signal de sexo que nas mulheres brasileiras chegou a exaggeros ridiculos. Ao mesmo tempo que a moda dos bigodes e das barbas grandes, dos homens. Foram modas quasi tão caracteristicas do patriarchalismo brasileiro como haviam sido do chinês, do hebreu, do arabe. Os tres patriarchalismos, classicos, de homens exaggeradamente barbados. No Rio de Janeiro, o primeiro galan de theatro que appareceu em scena sem barba nem bigode — isto já no fim do Segundo Imperio — foi estrondosamente vaiado. Aquillo não era homem: era um maricas.

A mulher patriarchal no Brasil, embora andasse dentro de casa de cabeção e chinelo sem meia, esmera-

va-se nos vestidos de apparecer aos homens na igreja e nas festas, destacando-se então, tanto do outro sexo como das mulheres de outra classe e de outra raça, pelo excesso ou exaggero de enfeite, de ornamentação, de babado, de renda, de pluma, de fita, de ouro fino, de joias, de anel nos dedos, de bichas nas orelhas. Já Gabriel Soares notava no Brasil do seculo XVI que as mulheres dos ricos abusavam das sedas e das fazendas finas; o auctor dos *Dialogos*, chronica do seculo XVII, que ellas pintavam o rosto; e o padre Cardim observou nas senhoras de Pernambuco o mesmo exaggero de sedas, de velludos, de joias, de vaidade. Sabe-se o desenvolvimento que tomaram no Brasil a arte da renda e do bico, para enfeite dos vestidos e das plumas, para ornamentação dos chapéus das senhoras; a das tetéas de ouro, das pulseiras, dos trancelins, dos aneis, dos brincos, das bichas. Foram artifices — os dessas especialidades — que não faltaram ao nosso paiz, na phase de esplendor ou já de declinio do patriarchalismo, alguns se fazendo admirar pelos estrangeiros mais discriminadores dos nossos confusos valores estheticos: Ferdinand Denis, que na sua *Arte Plumaria* tratou da arte das plumas no Brasil; Ida Pffeifer, Max Radiguet, Fletcher.

Essas artes, antes de se industrialisarem nos meados do seculo XIX, foram, com excepção da de ourives, artes caseiras, em que se occupavam as chamadas “mãos de aneis”. As mãos das yayás dengosas, nos seus longos vagares de mulheres isoladas e tristes.

Vaerting é de opinião que o lazer estimula o erotismo na mulher; e que, na ausencia de homem, o erotismo assim estimulado, se descongestiona ou diffunde na auto-ornamentação exaggerada.

O certo é que o trajo da senhora de sobrado chegou aos maiores exaggeros de ornamentação para se distinguir do trajo da mulher de mucambo e, principalmente

do trajo do homem, por sua vez um super-ornamentado, quando senhor e dono de outros homens.

A super-ornamentação do homem de sobrado no Brasil consistiu principalmente no abuso de tetéas, presas á corrente de ouro do relógio, de anéis por quasi todos os dedos, de ouro no castão da bengala e no cabo do chapéu de sol e ás vezes do punhal, de penteados e cortes elegantes de barba, de perfume no cabelo, na barba, no lenço. Ao mesmo tempo prohibia-se aos negros e aos escravos dos dois sexos o uso de joias e de tetéas de ouro que era para ficar bem marcada no trajo a differença de raça e de classe. As mucamas bem vestidas e cheias de joias, estas representavam um prolongamento das suas yayás brancas.

Quanto aos cabellos, os negros forros, os caboclos e os mulatos livres se esmeravam quasi tanto quanto os brancos em trazê-los bem penteados e luzindo de óleo de côco, os homens caprichando quasi tanto no penteado quanto as mulheres; os meninos de collegio quasi tanto quanto os desembargadores. Até negros fugidos surgem dos annuncios de jornaes com cabelo cortado á francesa e barbas á nazarena. Isto no século XIX, passada a moda das cabelleiras empoadas e dos signaes pintados no rosto — no rosto dos homens graves, e não apenas no das mulheres finas e dengosas, — moda que marcara maior differenciação de penteado, menos do homem para a mulher, que do homem para o menino e do nobre para o plebeu.

Differenciando-se da mulher por umas certas ostentações de virilidade aggressiva no trajo, nas maneiras, no vozeirão ao mesmo tempo de macho e de senhor, mas differenciando-se do escravo pelo excesso quasi feminino de ornamentação que caracterisasse sua condição de dono, o homem patriarchal no Brasil, com a sua barba de mouro e suas mãos finas cheias de anéis, foi uma mistura de

agressividade machona e de mollice effeminada. No seculo XIX, o seculo mais dos sobrados aburguesados que das casas-grandes um tanto fortalezas, sem herejes para combater, nem quilombolas para destruir, o aristocrata brasileiro foi menos o sexo forte, que o sexo nobre. Que o sexo simplesmente privilegiado.

Exaggerando-se um pouco o que alguns sociologos americanos chamam "a relação de poder" ("the power relation") entre os sexos, pode-se dizer, renovando a rhetorica do orador gaúcho, que o homem no Brasil patriarchal já em declinio, foi a mulher a cavallo. Quasi o mesmo ser franzino que a mulher, debilitado quasi tanto quanto ella pela inercia e pela vida languida, porém em situação privilegiada de dominar e de mandar. E não deixa de ser curioso que á mulher, no periodo orthodoxo de patriarchalismo — que foi tambem o do cavalheirismo no seu sentido mais puro, quasi litteral — tenha se negado ou, pelo menos, difficultado, o uso do cavallo, que ficou no Brasil o animal do sexo dominante e, rigorosamente, cavalheiresco. A mulher, quando sahia de casa, era de serpentina, de palanquim, de liteira, de carro de boi. Já na decadencia do patriarchalismo é que foram apparecendo as amazonas de engenho: as senhoras que montavam a cavallo sentadas de lado, nunca escanchadas como homem.

O homem foi dentro do patriarchalismo brasileiro, o elemento militante; a mulher, o conservador, o estavel, o de ordem. O homem, o elemento de imaginação mais creadora e de contactos mais diversos e portanto mais inventor, mais differenciador; a mulher, o elemento mais realista e mais integralizador.

O facto tem sido observado em sociedades menos particularistas que a nossa, durante a sua epoca patriarchal, dependendo, até cerco ponto, de condições ou imposições de sexo (imposições que só o fanatismo feminista ou certa mystica communista seria capaz de negar) e não apenas

de circumstancias de formação social, diversas para os dois sexos. Lagneau observou a maior capacidade conservadora da mulher entre os bascos, Sikes entre os ciganos, da Persia e alguns anthropologistas e tem observado em sociedades primitivas, onde é menor a differença entre o homem e a mulher.

O facto social dessa divergencia entre os sexos — um mais militante, outro mais estavel — evidentemente se prende ao physico da mulher-mãe: mais sedentario; tambem á variabilidade, ou tendencia para divergir do normal, tendencia, ao que parece, maior no homem do que na mulher, do mesmo modo que parece maior na raça branca do que na negra. A mulher se apresenta, nas suas tendencias conservadoras e docemente conformistas e collectivistas, o sexo que parece corresponder á raça negra — a raça “lady-like”, como já disse Park; o homem, pelo seu individualismo, pendor para divergir da normalidade, quer no sentido do genial, quer no do subnormal, pela capacidade e gosto de differenciação, o sexo que corresponderia á raça branca.

No Brasil, essas duas tendencias individualistas, de raça e de sexo, teriam-se unido no homem, creador dos valores mais caracteristicos de nossa differenciação social. Esse creador foi principalmente o co'onisador branco ou apenas manchado de sangue indio ou africano.

As tendencias collectivistas, de raça e de sexo, teriam se reunido, por outro lado, com mais força, na mulher-mãe, amante, esposa ou ama. Esta, geralmente negra Mina e, depois da mulher-mãe, o elemento mais responsavel, ao lado do padre, pelas nossas condições de estabilidade social. Esse papel social de estabilisadora ou fixadora de valores, da mulher, na formação brasileira, como que se acha symbolisado pela especialisação accentuada do seu corpo em corpo de mãe: o rosto, os pés, as mãos

acabando um pretexto para a realidade tremenda do ventre gerador.

O facto de que a largura do corpo parece se accentuar em differenciação sexual, nas raças adiantadas, nas atrasadas se conservando quasi o mesmo, é dos mais interessantes para a interpretação social dos antagonismos de sexo. Na Europa patriarchal, e até na burguesa, as modas procuram exaggerar aos ultimos extremos essa especialização do corpo da mulher: ancas largas, maternas, fecundas. Topinard, na sua *Anthropologie Générale* notava essa accentuação de differença entre o corpo do homem e o da mulher, a medida que era maior o progresso humano; ou o que elle considerava o progresso humano.

Quanto ao indice cephalico — indice em que se teem baseado estudos de differença entre os dois sexos, por um lado, entre as varias raças, por outro — as pesquisas feitas até hoje indicam maior tendencia da mulher para a brachycephalia, embora se encontrem grupos em uma situação precisamente inversa: maior tendencia da mulher para a dolicocephalia. A mesma situação de impureza que entre as raças.

As differenças de cranio, entre o homem e a mulher, que Aeby pretendeu negar, mas que em 1700 Jacobeus já sustentava que existiam, veem sendo reconhecidas por anthropologistas mais novos, a partir dos estudos de Bernard Davis e Thurnam. É interessante observar que as differenças encontradas de capacidade de cranio são maiores entre o homem e a mulher nas raças adiantadas que nas atrasadas. O que leva Ellis a suppôr influencia consideravel, embora de modo nenhum exclusiva, da civilização, atravez da maior actividade mental e do physico mais desenvolvido do homem. Factores cuja significação social não deve ser esquecida, nem no confronto das raças consideradas inferiores com as superiores, nem dos sexo "fraco" com o "forte".

Principalmente quando o ponto de comparação é o cerebro. As diferenças que suggere seu peso, maior no branco do que no negro, maior no homem do que na mulher, prestam-se a interpretações perigosas: conclusões de superioridade de raça ou de sexo. Essas interpretações, alguns a teem feito sem outra consideração que a da pura diferença do peso; outros veem procurando comparar o peso da massa do cerebro do homem com o peso da massa do cerebro da mulher, não isoladamente, mas em relação com a altura e com o peso do corpo inteiro. Mas em todos esses methods se encontram deficiencias de technica, ou incoherencias, que tornam os resultados suspeitos.

E a questão do peso do cerebro e da sua interpretação permanece um mysterio. Fluctua entre contradicções radicaes. Si é certo que o cerebro de Turgueneff e o de Cuvier eram enormes, por outro lado, alguns dos cerebros maiores ou mais pesados até hoje encontrados pertenceram a individuos vagos, indistinctos, um delles até imbecil.

Quanto aos centros nervosos, pesquisas recentes, como as de Lapicque, tendem á conclusão de que não existe quasi preponderancia sexual sobre sua organização, alguns estudiosos se inclinando a acceitar a "superioridade nervosa" da mulher. Mas é outro mysterio.

Que existem entre os sexos diferenças mentaes de capacidade creadora e de predisposição para certas fórmulas de actividade ou de sensibilidade, parece tão fora de duvida quanto existirem diferenças semelhantes entre as raças. Não é certo que a escola de Boas pretenda ter demonstrado, como suppõem alguns dos seus interpretes mais apressados, ou dos seus criticos mais ligeiros, a inexistencia de diferenças entre as raças, cuja variedade seria só a pittoresca, de côr de pelle e de fórmula do corpo. O que aquella escola accentuou foi o erro de interpretação anthropologica de se identificarem as diferenças entre

as raças, com idéas de superioridade e inferioridade; e principalmente, o de se desprezar o criterio historico-cultural na analyse das suppostas superioridades e inferioridades de raça.

O mesmo criterio historico-cultural pode ser applicado, como pretendem alguns estudiosos da sociologia dos sexos — que convem não confundir com a genetica — ao estudo da pretendida superioridade do homem sobre a mulher; mas sem que, no afan de se fugir de uma mystica, se resvale noutra, escurecendo-se as differenças entre os sexos, do mesmo modo que alguns pretendem negar as differenças entre as raças.

O professor Alexander Goldenweiser já se occupou de um dos aspectos mais expressivos da differença entre os sexos — o da creatividade — para concluir com o bom senso admiravel de sempre, e com aquella sua clareza, antes francesa do que inglesa, ou germanica, de expressão, que a differença existe, a mulher se distinguindo nas creações mais concretas, mais ricas de elemento humano e mais exiggentes de perfeição technica — a industria, a representação theatral, a technica musical de interpretação, a sciencia de laboratorio, o romance, a poesia lyrica — porém se revelando sempre mais fraca que o homem na creatividade abstracta: a composição musical, a philosophia, o drama, a sciencia theorica ou imaginativa, a alta mathematica. A excellencia da mulher naquella zona da criação concreta e a sua deficiencia na de creatividade abstracta, seria, para Goldenweiser, expressão de caracteristico sexual remoto, tornando difficil, sinão impossivel, na mulher normal, perfeitamente feminina, intensa concentração de imaginação e de personalidade. Concentração essencial aos grandes esforços creadores na esphera de actividade abstracta. A mulher tendendo a *dissolver-se* no amor e não a *crystalisar-se*, ou a completar-se, como o

homem — em tudo trairia esse caracteristico sexual: a tendencia para a dissolução.

Essa tendencia, salientada por Goldenweiser, presta-se a larga interpretação sociologica. Podemos considerá-la, no seu significado social, mais valiosa, ou menos valiosa — diga-se mesmo, superior ou inferior — conforme o typo de sociedade e as circumstancias historicas e de cultura em que se encontre a mulher. Menos valiosa nas sociedades particularistas, com a predominancia das artes individuaes e a exaltação do talento individual e da personalidade do creador ou inventor; mais valiosa nas communistas, com a dissolução do individuo, da sua iniciativa artistica e do seu esforço intellectual, nos valores da tribu e nas normas sociaes do grupo.

Os anthropologistas sociaes reconhecem que nas sociedades primitivas a mulher se revela um elemento valiosissimo na industria ou na arte industrial — dado o seu poder, a sua capacidade de dissolução. Entre os indigenas do Brasil, já procuramos indicar, em estudo anterior, que a mulher foi o elemento mais creador e aquelle de quem a sociedade nova, estabelecida, em grande parte, pelo contacto dos portuguezes com as mulheres da terra, recebeu os valores de cultura mais uteis.

Já nas sociedades particularistas, a tendencia da mulher para *dissolver-se* — no sentido que Goldenweiser dá á palavra — tem de limitar-se ás actividades domesticas. Quando muito estender-se ás expressões graciosamente artisticas — o theatro, o piano, o canto, a dança. O homem, por outro lado, ganha, nas sociedades particularistas, novas oportunidades para *crystallisar-se*. Para affirmar-se creador individual, inventor, poeta, theorico, intellectual. Para concentrar-se em esforços isolados, tão essenciaes, segundo parece, ás formas mais subjectivas de criação.

Estudando-se a historia politica e litteraria do Brasil durante a phase patriarchal, um traço que nos impressiona

nos individuos da classe dominante é a preponderancia de subjectivismo — embora um subjectivismo ralo e mediocre. Encontramol-o na litteratura como na politica. Especialmente durante o Imperio. Ao lado desse subjectivismo ralo, uma grande falta de interesse pelos problemas concretos, immediatos, locaes. Uma ausencia quasi completa de objectividade. O que em parte se pode attribuir a pouca ou nenhuma intervenção de mulher — intervenção indirecta — naquellas zonas de actividade artistica e politica.

Na região americana de colonisação inglesa e de formação puritana, o interesse pelos problemas concretos e a objectividade em encaral-os foram bem maiores, sentindo-se, nessa attitude, tão diversa da brasileira, a collaboração, embora fraca e indirecta, da mulher. Alli ella chegou a ser Martha Washington. Essa collaboração faltou quasi por completo aos nossos homens politicos e intellectuaes da era patriarchal. No Brasil ninguem sabe o nome da mulher de José Bonifacio ou de Pedro de Araujo Lima. Da mulher não se queria ouvir a voz, a não ser pedindo vestido novo, cantando modinha, rezando pelos homens; nunca aconselhando ou suggerindo o que quer que fosse de menos domestico, de menos gracioso, de menos gentil; nunca mettendo-se em assumptos de homem. De modo que os assumptos geraes eram tratados não só de ponto de vista inteiramente masculino como por processos mentaes ou psychicos quasi exclusivamente masculinos, isto é, com a predominancia do elemento subjectivo sobre o objectivo. Sirva de exemplo o “romantismo juridico” que tanto se exaggerou entre nós, e que foi o typo de maneira exclusivamente masculina de encarar problemas sociaes e de administração, desprezado o lado concreto das coisas pelo theorico, desprezados os casos immediatos pelas generalidades vagas. (Deve-se notar de passagem que na casuistica dos padres da S. J. — appa-

rentemente masculina — surpreendem-se processos mentaes e psychicos femininos).

Da falta de feminilidade de processos — na politica, na litteratura, no ensino, na assistencia social, noutras zonas de actividade — resentiu-se a vida brasileira, atravez do esplendor e principalmente do declinio do patriarchalismo. Só muito aos poucos é que foi sahindo da pura intimidade domestica um typo de mulher mais educada — um pouco de litteratura, de piano, de canto, de francês, uns salpicos de sciencia — para substituir a mãe ignorante e quasi sem outra repercussão sobre os filhos que a sentimental, da epoca de patriarchalismo orthodoxo. Nas letras, nos fins do seculo XIX appareceria uma Carmen Dolores, depois uma Julia Lopes de Almeida. Antes dellas, quasi que só houve bacharelas mediocres, solteironas pedantes ou simplorias, collaboradoras do “Almanach de Lembranças Luso-brasileiro. E assim mesmo foram raras. Nisia Floresta surgiu como uma excepção escandalosa. Verdadeira machona entre as sinhasinhas dengosas do meado do seculo XIX. No meio dos homens dominando sósinhos todas as actividades extra-domesticas e as proprias baronessas e viscondessas mal sabendo escrever; das senhoras mais finas solettrando apenas livros devotos e novellas que eram quasi historias do Trancoso, causa pasmo ver uma figura como a de Nisia.

Contra as senhoras afrancesadas que liam aquelles romancesinhos innocentes, o padre Lopes Gama bradava, como si ellas fossem umas peccadoras terriveis. Para o padre-mestre a boa mãe de familia não devia preoccupar-se sinão com a administração de sua casa, levantando-se cedo a fim de dar andamento aos serviços, ver se partir a lenha, se fazer o fogo na cozinha, se matar a gallinha mais gorda para a canja; a fim de dar ordem ao jantar, que era ás quatro horas e dirigir as costuras das mucamas e mulecas, que tambem remendavam, serziam, remontavam,

alinhavavam a roupa da casa, fabricavam sabão, vela, vinho, licor, doce, geléa. Mas tudo devia ser fiscalizado pela yayá branca, que ás vezes não tirava o chicote da mão.

Essa dona de casa orthodoxamente patriarchal, o padre Lopes Gama não se conformava que, nos principios do seculo XIX, estivesse sendo substituida nos sobrados e até em algumas casas-grandes de engenho, por um typo de mulher menos servil e mais mundano; acordando tarde por ter ido ao theatro ou a algum baile; lendo romance; olhando a rua da janella ou da varanda; levando duas horas no toucador "a preparar a charola da cabeça"; outras tantas horas no piano, estudando a lição de musica; e ainda outras, na lição de francês ou na de dança. Muito menos devoção religiosa do que antigamente. Menos confissionario. Menos conversa com as mucamas. Menos historia da carochinha contada pela negra velha. E mais romance. O medico de familia mais poderoso que o confessor. O theatro seduzindo mais que a igreja.

Com esse typo semi-patriarchal de mulher mais mundana do sobrado, alargou-se a paizagem social da yayá brasileira no sentido de maior variedade de contactos com a vida extra-domestica; por meio do theatro, do romance, da janella, do estudo de dança, de musica, de francês.

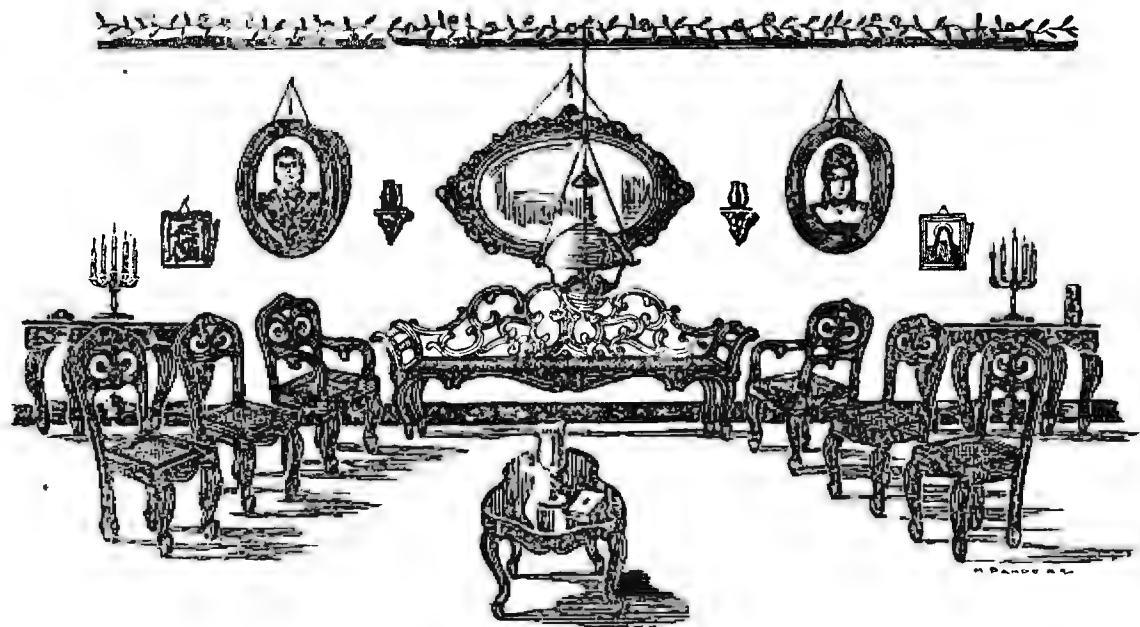
Mas os meios de expressão da mulher burguesa, suas oportunidades de intervenção nas actividades extra-domesticas, continuaram insignificantes — reduzidas a formas graciosas e inocuas.

Num paiz como o Brasil do tempo do Imperio, com problemas que exigiam o maximo de objectividade, é impossivel exaggerar a acção util e constructora que teriam tido, atravez de maridos que as admittissem á sua intimidade intellectual, mulheres medianamente educadas, com suas qualidades agudissimas de tacto, de intuição, de realismo, aproveitadas por aquelle meio indirecto, na

interpretação e na solução dos problemas geraes da sociedade brasileira. Tantos delles, problemas psychologicos de conflicto e desajustamento, e não apenas economicos. Não se pode considerar como o mais util aproveitamento daquellas qualidades femininas a acção, quasi que só exterior, algumas vezes, emotiva e sentimental, que tiveram em campanhas politicas — na da Abolição, principalmente — senhoras como D. Leonor Porto, como a Princesa Izabel, como D. Olegarinha, mulher de José Marianno.

O typo mais commum de mulher brasileira durante o Imperio continuou o daquela boa D. Manuela de Castro, mulher do Barão de Goyanna. Muito boa, muito generosa, muito devota, mas só se sentindo feliz entre os parentes, os intimos, as mucamas, os muleques, os santos de seu oratorio; conservando um apêgo doentio á casa e á familia; desinteressando-se dos negocios e dos amigos politicos do marido, mesmo quando convidada a participar de suas conversas. Quando muito chegando ás margens sentimentaes do patriotismo e da litteratura. Alheia ao mundo que não fosse o dominado pela casa — a familia, a capella, os escravos, os moradores pobres do engenho, os negros dos mucambos mais proximos. Ignorando que houvesse patria, Imperio, litteratura e até rua.

Nenhuma mulher patriarchal nem semi-patriarchal do Brasil — nem de sobrado, nem de engenho — com toda a sua doçura, todo o seu donaire, toda a sua graça, foi capaz de communicar a algum dos filhos, ao marido, ao irmão, a algum homem publico ou aos poetas seus apaixonados, — quando era uma yayá mais bonita e mais dengosa — suggestão que excedesse ás de puro sentimento ou de pura sensualidade. Nunca os dois sexos se ajustaram numa creação commum, de significado politico ou litterario. Nada que se approximasse de intelligente acção extra-domestica da mulher, atravez do marido, do filho, do irmão, com quem ella collaborasse ou a quem estimulasse por meio



Sala de visitas de sobrado brasileiro do século XIX.

(Desenho de M. Bandeira)

de uma *sympathia* docemente creadora. Nunca numa sociedade aparentemente européa, os homens foram tão sós no seu esforço, como os nossos no tempo do Imperio — tão unilateraes na sua obra politica, litteraria, scientifica. Unilateraes pela falta, não tanto de inspiração de mulher — que esta houve, e das mais intensas, sobre os poetas e os romancistas do Imperio — mas do que se poderia chamar *sympathia* creadora.

Essa falta de mulher, não inspiradora, mas collaboradora psychologica do marido, do filho, do irmão, do amante, sente-se no muito que ha de secco, de incompleto, e até de pervertido em alguns dos maiores homens do patriarchalismo e do semi-patriarchalismo no Brasil. Em Alvares de Azevedo, em Feijó, em Gonçalves Dias, em Tobias, em Raul Pompeia. Homens em quem a ausencia de collaboração intelligente de mulher ou de *sympathia* feminina pelo seu trabalho ou pela sua pessoa, parece ter desenvolvido verdadeiro narcisismo.

A repercussão puramente sentimental da mulher sobre o homem, esta foi sempre profunda nos dias do semi-patriarchalismo dos sobrados, como nos tempos patriarchaes das casas-grandes de engenho. A mãe era a alliada do menino contra o pae excessivo na disciplina e ás vezes terrivelmente duro na auctoridade. Sua consoladora. Sua enfermeira. Sua primeira namorada. Quem lhe fazia certas vontades. Quem cantava modinhas para elle dormir. Primeiro foram canções de acalento trazidas de Portugal:

“Durma, durma, meu menino”

Mas depois foram modinhas. Modinhas de amor. O filho era um pouco o namorado da mãe, e ás vezes da avó. Lopes Gama, em fins do seculo XVIII, foi ninado pela sua avó com modinhas sentimentaes: “Minha Nize adorada”, “És ingrata por costume”, “Até onde as nuvens

giram", "Ingrata suspende o golpe". Uma ou outra mais alegre: "Zabelinha come pão", por exemplo. Atravez do seculo XIX as modinhas chorosas, tristes, de namoro infeliz, de amor abafado no peito, continuaram a fazer as vezes das canções de berço. O menino cedo logo estava aprendendo que o amor fazia soffrer, que Maria era ingrata, que Judith era isso, que Elvira era aquillo. Sob esse ponto de vista, não faltou influencia amollecadora da mulher sobre o brasileiro. Essa influencia talvez explique o facto de até nossos hymnos de guerra terem certo sabor de modinha, alguma coisa de molle, de sentimental, de choroso mesmo.

A influencia de mulher que faltou sobre o filho menino ou adolescente foi a da mãe que comprehendesse o mundo para o qual elle caminhava ás cegas e sem um esclarecimento. Em 1872, Corrêa de Azevedo responsabilisava principalmente a "mãe indolente, inculta", ao lado da "ama escrava" e da "mucama immoral" pelo facto de tão cedo o menino brasileiro tornar-se um perdido: "no corpo a syphilis; no espirito o deboche..." "Alimentar-se, vestir-se, deitar-se, e fazer exercicio um menino, são cousas que essas mães vulgares e ignorantes, entregam apenas ás exigencias do sentido do capricho". Mas si ella propria não sabia vestir-se nem alimentar-se, nem tinha liberdade para vestir-se e alimentar-se, mas vestia-se e alimentava-se de accordo com o capricho ou a vontade dos homens?

Acceitas as differenças e os limites de sexo, dentro da especialisação de cada um — limites já indicados por Ellis em livro classico e interpretados por Goldenweiser, numa de suas paginas mais lucidas — não seria justo deixar de insistir no muito que as circumstancias de regimen economico no Brasil impuzeram á mulher de sobrado, como á de casa-grande, no sentido de sua especialisação em "sexo fragil" e em "bello sexo". Restricções, ás

vezes deformadoras do proprio physico. Restricções limitando-lhe a influencia sobre a vida commum áquella repercussão de sentimento e de dengo sobre os filhos; ás suggestões de belleza ou de bondade sobre os poetas, os romancistas, os homens. Limitando-lhe a actividade á esphera domestica ou á da pratica religiosa. Impondo-lhe uma especialisação humilhante de typo physico: primeiro, a virgemsinha franzina: “pallida virgem dos meus sonhos”. Depois de casada, a “mulher gorda e bonita”.

Esta artificialisação, para fins de maior dominio social e de melhor goso sexual do homem, realisou-se atravez de um regimen todo especial de alimentação e de vida. Para o primeiro typo — o da virgem pallida — caldinhos de pintainho, agua de arroz, confeitos, banhos mornos. Para o segundo — a esposa gorda e bonita — verdadeiro regimen de engorda, com muito mel de engenho, muito doce de goiaba, muito bôlo, muita geléa de araçá, muito pastel, chocolate, toda a serie de guloseimas ricas que os chronistas da sociedade patriarchal no Brasil notaram ser consumidos á larga pelas senhoras brasileiras. Em ambos os casos, uma alimentação impropria e deficiente: um regimen produzindo as creaturinhas fracas do peito, meninas romanticas de olhos arregalados de quatorze e quinze annos que os bachareis namoravam passando de cartola e bengala pela calçada dos sobrados, os olhos para a varanda como para um altar; o outro, as mães de dezoito e vinte annos, mulheres gordas, mas de uma gordura molle e fôfa, gordura de doente; mulheres que morriam velhas aos vinte e cinco annos, no oitavo ou nono parto, sem outra intimidade com o marido, que a da cama patriarchal.

Em 1882 escrevia o Barão Torres Homem, um dos medicos mais notaveis do tempo do Imperio, que nas casas opulentas, nos sobrados illustres do Rio de Janeiro, eram muito communs, entre as mocinhas, os “casos de tuber-

culose pulmonar, em cuja etiologia figura uma alimentação insuficiente pela qualidade". E acrescentava: "Em geral o medico tem de lutar nessas casas com o capricho das meninas de quinze a vinte annos que passam os dias comendo gulodices, fructas, doces e pasteis, que olham com repugnancia para um succulento bife, que ficam enjoadas com a presença de um pedaço de carne mal assada, e que só gostam de acepipes que pouco nutrem e muitas vezes fazem mal". Mas a falta não era dellas. A falta era principalmente de um regimen que creava na mocinha solteira a vergonha de comer alimentos fortes, sujeitando-a á moda de se alimentar de caldo de pintainho, de doce, de confeito; e assim mesmo deixando sempre um resto, do doce ou do caldo, para não parecer a ninguem que a menina estava com fome. O perigo que ella evitava não era o da gordura: era o da robustez de macho. Esse vigor só ficava ás negras de senzala. Quando muito ás matronas menos mundanas, passada a idade do amor e attingida a de dirigir a casa e criar os filhos. Ou ás viúvas que tivessem de fazer as vezes dos homens na administração das fazendas e engenhos. Mas não ás meninas casadouras, ás mocinhas elegantes, ás senhoras de sociedade.

Corrêa de Azevedo, medico que no meado do seculo XIX tanto se preocupou com os problemas de hygiene e de educação, não hesitando nunca em denunciar os vicios da organização social do Brasil do seu tempo, considerava a mulher, dentro dessa organização, "uma escrava, á qual ainda não chegou, nem chegará tão cedo, o benefico influxo da emancipação". É que nem creatura humana ella era: "uma boneca sahida das officinas as mais caprichosas de Paris, traria menos recortes, menos babados, menos guizos, menos fitas e côres do que essa infeliz creança, a quem querem fazer comprehender, de tenra idade logo, que a mulher deve ser uma escrava dos vesti-

dos e das exterioridades, para mais facilmente tornar-se do homem a escrava”.

Ellis salienta a deformação de corpo da mulher pelo vestuário, particularmente pelo espartilho — em grande parte, responsável por diferenças de respiração que alguns pesquisadores suppuzeram, ou ainda supõem, diferenças de sexo. E lembra, entre outros, os estudos de sir Hugh Beevor, sobre a maior frequência da tuberculose nas moças, facto que esse estudioso associou ao menor desenvolvimento do thorax na mulher, e, em ultima analyse, a diferença de constituição sexual. Ellis considera a conclusão precipitada: a maior frequência da thysica entre as moças lhe parece resultar em grande parte, de causas sociaes e, por conseguinte, evitaveis. Vestuário compressor, menos exercicio durante a meninice do que o homem, maiores restricções á actividade physica e á vida ao ar livre.

Essas influencias sociaes, mais a alimentação deficiente, se fizeram sentir, com a maior intensidade sobre a menina brasileira de sobrado. Menina aos onze annos já “mocinha” e desde idade ainda mais verde obrigada a um bom comportamento tão rigoroso, que lhe tirava, ainda mais que ao menino, toda a liberdade de brincar, de pular, de saltar, de subir nas mangueiras, de viver no fundo do sitio, de correr no quintal e ao ar livre. Desde os treze annos obrigada a vestir-se como moça, abafada em sedas, babados e rendas; ou a usar decote, para ir ao theatro ou a algum baile. Dahi tantas thysicas entre ellas; tantas anemicas; e tambem tantas mães de meninos que nasciam mortos; tantas mães de anjós; tantas mães que morriam de parto.

“A maneira de trajar das meninas do Brasil” — escrevia em 1855 José Bonifacio Caldeira de Andrada Junior — “como o da generalidade das senhoras, é sobremodo defeituosa”. E salientava a moda, entre as senho-



O corpo da mulher em relação com a moda do século XIX.

(Desenho do auctor)

ras de sociedade, “de trazer descobertos e expostos ao capricho das intemperies, o collo, as espaduas, os braços e a parte superior”, moda responsavel, ao seu ver, por grande numero de “tuberculos nos pulmões”, “pneumonias” e “differentes especies de anginas”. “Eu não re-provo” — accrescentava o Dr. Caldeira de Andrada, com medo de parecer censor intransigente das moças que mostravam o collo e as espaduas no theatro ou que se arrebitavam e se comprimiam em espartilhos para parecerem mais bonitas de corpo nos bailes e nos espectaculos — “eu não re-provo o previdente cuidado da donzella nubil que por parecer bem nas sociedades que frequenta appella para os recursos que lhe fornecem as artes, quando compatíveis com a integridade de suas funcções; é em grande parte no poder de seus encantos que está firmada a base de sua felicidade futura e não é de extranhar-se que os procure domar...” Mas nunca com o sacrificio da saude.

Para Corrêa de Azevedo, a menina brasileira, desde creança de peito alimentada inconvenientemente “aos seios de uma ama de raça africana ou indigena, no geral mulheres sujeitas a molestias chronicas da pelle, hereditarias ou não” crescia entre inimigos que em vez de protegê-la, prejudicavam-na, sob a forma de “carinhos, de sorrisos, e de um demasiado amor que enerva”. Crescia “envolvida sempre em vestuarios comprimentes, prejudiciaes ao desenvolvimento das visceras, e por consequencia actuando sobre o utero, órgão por excellencia digno de attenção no desenvolvimento das primeiras idades da mulher”. As condições anti-hygienicas de vestuario se prolongavam quando a menina era confiada aos collegios — aos quaes já se fez referencia em capitulo anterior — para se accentuarem na moça já senhora, já yayá fina, frequentadora de theatros e de bailes, ou pelo menos da missa ou das festas de igreja.

Nicolau Moreira, outro medico do tempo do Imperio que se occupou de problemas de hygiene social, incluia em 1868, os defeitos de alimentação e o vestuario improprio entre as causas da má saude das moças e senhoras brasileiras. E attribuia em nitidas palavras, “a fraqueza organica das nossas mulheres” aos “maus habitos sociaes”.

Houve assim mais de um medico intelligente do meado do seculo XIX, conhecendo melhor que os padres confesores o interior dos sobrados illustres, que soube dar importancia ás influencias de meio social, de habitos e de educação sobre a vida da mulher brasileira. Maior importancia a taes influencias, que aos “ares” ou ao clima.

Aliás já os precedera nessa interpretação social da situação pathologica da mulher — comprimida moral e physicamente pelo regimen de familia patriarchal, prolongado nos sobrados com todas as desvantagens e sem algumas das vantagens da vida nas casas-grandes de engenho — a intelligencia de medicos mais antigos. Alguns vindos do seculo XVIII; outros, medicos de provincia. Um destes, o Dr. Joaquim de Aquino Fonseca. Depois de varios annos de estudos e observações sobre a thysica pulmonar em Pernambuco, concluiu o Dr. Joaquim attribuindo o seu extraordinario desenvolvimento na cidade do Recife, desenvolvimento mais accentuado entre as moças solteiras que entre as senhoras casadas — o que as estatisticas de 1853 a 1897 deixariam claramente documentado, a mortalidade de solteiros do sexo masculino sendo de 38.6 e do sexo feminino, de 44.3 — a causas francamente sociaes. Entre outras, o tal arrocho do espartilho, “para que se possam corrigir as formas irregulares de certos individuos, ou fazer sobresahir as regulares”. Arrocho que perturbava “o jogo respiratorio das costellas e diaphragma”, influindo “sobre a hematose”. O mal não era pois dos “ares” e sim da falta de adaptação do trajo da classe alta ao clima tropical.

Principalmente do trajo da moça de sobrado — trajo que desde os principios do seculo XIX se re-europeisara exaggeradamente: "... os pannos espessos de lã, reduzindo os vestuarios a verdadeiras estufas..."

Em 1798 já os medicos chamados a dar parecer sobre as causas da insalubridade da cidade do Rio de Janeiro haviam se referido á falta de hygiene na vida da mulher, mais confinada que o homem á habitação patriarchal, á camarinha, á alcova; mas sedentaria, quasi nunca fazendo o menor exercicio; mais presa á casa, que era o sobrado levantino; enfraquecida pelo uso quotidiano do banho morno, que só fazia amollecere mulheres já tão languidas. Era natural que sobre uma parte assim debilitada da população nobre se exercesse poderosamente a acção da tuberculose, como a de outras doenças sociaes. Que as catacumbas nas igrejas vivessem escancaradas á espera de mocinhas que morressem tuberculosas, de mulheres casadas que definhassem de anemia ou de mães cujo ventre apodrecesse de tanto gerar.

Em trabalho anterior, alludimos á idealisação do anjo no Brasil nos tempos coloniaes e do Imperio. A idealisação da figura do menino morto. Tambem se idealisou nos sobrados a figura de moça que morria virgem. Tinha direito a capella de flor de laranja, veu de noiva, *bouquet* de cravos, caixão azul ou branco. Foi outra idealisação morbida, baseada sem duvida nos mesmos motivos que a idealisação do anjo: a compensação psychica, sob forma theologica, pela perda de tanto valor social. A figura do medico de familia, tornando-se maior que a do confessor, dentro dos sobrados, e mais tarde nas proprias casas de engenho, foi acabando aos poucos com idealisações tão anti-sociaes.

Já nos referimos ao confissionario como um meio que teve a mulher patriarchal no Brasil de descarregar a consciencia e de libertar-se um pouco da oppressão do pae,

do avô ou do marido sobre sua personalidade. A supremacia do medico sobre o confessor, na vida da familia brasileira, esboçada desde as primeiras decadas do seculo XIX, veio marcar uma phase nova na situação da mulher.

O medico de familia passou o exercer uma influencia consideravel sobre a mulher. Essa influencia, limitando-se por algum tempo ás cidades thalassicas — só no Rio de Janeiro, De Freycinet encontrou nos principios do seculo XIX mais de 600 medicos, incluindo cirurgiões — estendeu-se depois ás casas mais illustres de engenho. As casas-grandes foram reunindo a figura mais independente do medico de familia á do capellão ou confessor, mais accommodado á vontade do pater-familias.

Não pretendemos salientar dessa primeira phase de influencia do medico na vida de familia do brasileiro sinão a pura repercussão sobre a mulher. Ella foi decerto encontrando no doutor uma figura prestigiosa de homem em quem repousar da do marido e da do padre, a confissão de doenças, de dôres, de intimidades do corpo offerecendo-lhe um meio agradavel de desafogar-se da oppressão patriarchal e clerical.

Ao mesmo tempo, aquellas idealisações de morte, que tão extranhamente perverteram o gosto da vida, o sentido da saude, no Brasil — idealisação da morte da creança, idealisação da morte da filha virgem e até do filho rapaz, idealisações, accrescente-se, mais ou menos theologicas, animadas pelos padres e pela Igreja, já que não tinham nem meios technicos nem independencia economica para enfrentar as causas sociaes de tanta morte — foram se esvaindo á maior influencia do medico sobre a mulher e sobre o meio social. O medico de familia, procurando combater tudo que fosse influencia ou suggestão lethal, contribuiu grandemente para restabelecer na mulher brasileira, o sentido de vida e de saude que soffrera nella e tambem no homem, profunda perversão, atravez das dif-

ficuldades de adaptação do europeu aos tropicos, através, principalmente dos exaggeros de patriarchalismo.

A transição do patriarchalismo absoluto para o semi-patriarchalismo alguém já se lembrou de comparar á transição da monarchia absoluta para a constitucional. A comparação é das melhores, e abrange alguns dos aspectos mais característicos do phenomeno juridico, tanto quanto do moral, naquella transição.

O absolutismo do pater-familias na vida brasileira foi se dissolvendo á medida que outras figuras de homem crearam prestigio na sociedade escravocrata: o medico por exemplo; o mestre-regio; o director de collegio; o presidente de provincia; o chefe de policia; o juiz; o correspondente commercial. Á medida que outras instituições cresceram em torno da casa-grande, diminuindo-a, desprestigiando-a, oppondo-lhe contrapesos á influencia: a Igreja pela voz mais independente dos bispos, o Governo, o Banco, o Collegio, a Fabrica, a Officina. Com a ascendencia dessas figuras e dessas instituições, a figura da mulher foi por sua vez se libertando da excessiva auctoridade patriarchal, e, com o filho e o escravo, se elevando juridica e moralmente. Tambem o casamento de bacharel pobre ou mulato com moça rica, com branca fina de casa-grande, ás vezes prestigiou a mulher, creando entre nós uma especie de descendencia matrilinea: os filhos tomando o nome illustre e bonito da mãe — Castello Branco, Albuquerque e Mello, Hollanda Cavalcanti, Argollo, — e não o do pae. O elemento de decoração social não podia deixar de repercutir moral ou psychologicamente, a favor da mulher.

A Igreja, por cuja auctoridade sobre a familia os jesuitas se bateram tão ardentemente no primeiro seculo de colonisação, tendo de capitular no segundo, vencidos pelos monarchas das casas-grandes, reconquistou depois alguns dos seus suppostos direitos e restaurou parte do

prestigio espiritual e moral que perdera atravez da subserviência quasi absoluta do capellão ao pater-familias. Mas sem conseguir o dominio absoluto, a que aspirava, sobre a mulher e sobre o menino, que libertando-se do excesso de oppressão do pater-familias foram se submettendo ás influencias novas do medico, do collegio, do theatro, da litteratura profana, e não apenas á auctoridade mais firme dos bispos e dos vigarios, cuja voz chegava ás vezes tão forte aos sobrados no som dos sinos da cathedral ou da matriz.

Mas não se deve deixar de incluir a Igreja — a Igreja dos bispos e do Internuncio — entre as forças que concorreram para o declinio do patriarchalismo das casas-grandes. No seculo XVIII já alguns bispos procuravam reprimir o abuso das missas em capellas particulares, — as capellas das casas de engenho, de fazenda, de sitio. Em 1886 seria o proprio Internuncio, Arcebispo de Otranto, quem dirigiria aos bispos uma circular que fez epoca na vida da Igreja no Brasil; e que marca, ao mesmo tempo, não diremos o fim — pois seria considerada sem effeito pelo substituto do Arcebispo de Otranto — mas o declinio, da era do capellão subordinado ao patriarcha, e quasi indifferente ao prelado, para accentuar um novo typo de relações entre a casa patriarchal e a Igreja e entre o padre e o bispo. Condennava-se ahi o abuso de celebrar-se a santa missa em casas particulares, nos oratorios de familia. Irregularidade que seria punida com suspensão *ad celebratione Missae*.

Similhante circular levantou muita grita e forte ceulema em algumas dioceses mais patriarchaes; dioceses onde o interesse economico dos padres se achava preso da maneira mais intima ás capellas particulares. Mas o simples facto de sua publicação é caracteristico do declinio do patriarchalismo, com o qual tanto contemporisara a Igreja, agora intransigente na sua orthodoxia. É ver-

dade que o bispo de Marianna apresentou ao Internuncio certas difficuldades muito brasileiras para o cumprimento de ordem tão anti-patriarchal: uma dellas, o facto de ainda haver freguezias vastissimas, algumas de vinte, trinta e até cincoenta leguas de uma a outra extremidade; de modo que a maior parte da gente não podia ir á matriz ou á igreja para commungar, não uma vez no anno, mas uma vez na vida. Dahi a tolerancia com as capellas particulares, com os oratorios das grandes familias patriárchaes. "Os oratorios em fazendas" — accrescentava o bispo de Marianna, quê diante do radicalismo orthodoxo do Internuncio pendera para o lado opposto, numa attitude doce, brasileira, de conciliação — "os oratorios em fazendas, com entradas francas para todos, tem sido considerados sempre como publicos, e suppreem a falta de capellas. A unica condição que lhes falta para o rigor de publicos é que tem sahida para terras particulares, e não para terrenos publicos, condição esta difficil de ser observada no Brasil".

A prohibição de se ouvir missa em casa, nos oratorios particulares dos engenhos, das fazendas, das chacaras, dos sobrados de sitio, golpeando em cheio a auctoridade patriarchal, teria feito soffrer particularmente a mulher sedentaria, mãe de familia que quasi não sahia de casa. Mas deve-se observar que os oratorios particulares não se limitavam ás casas-grandes isoladas, a que se referia o bispo de Marianna. Havia-os tambem nas casas-grandes de sitio, quasi dentro das cidades; e até em alguns sobrados do Rio de Janeiro, da Bahia, do Recife, a um passo das igrejas e até das cathedraes. Na casa-grande do velho Suassuna, por exemplo.

Transigindo, ainda em 1886, com os oratorios particulares, a Igreja deve ter transigido principalmente com a mulher, que desde os principios do seculo estava se tornando, com o filho pequeno e o escravo, o elemento mais

conservador da fé orthodoxa, os homens dando para liberaes e pedreiros-livres. Alguns sobrados, em vez de conservarem capella ou oratorio, se foram tornando até uma especie de templos maçonicos, como no Recife, a casa de Antonio Gonçalves da Cruz, decorada com retratos de revolucionarios francezes e norte-americanos, em lugar de estampas de santos e martyres da Igreja.

Pereira da Costa pretende que a maçonaria tenha sido introduzida no Brasil em 1801; e pelo que refere o viajante inglês Lindsey, nos começos do seculo XIX já havia loja maçonica na Bahia. Essas lojas, como as sociedades secretas — academias, aeropagos, “universidades”, officinas — que foram apparecendo na mesma epoca, pelas partes mais europeizadas do Brasil, desempenharam em nossa sociedade patriarchal uma funcção que de certo modo se assemelha á daquellas associações secretas de homens nas sociedades primitivas. Associações fechada ás mulheres, que nem de longe deviam avistar os instrumentos sagrados. No Brasil, o segredo maçonico das conspirações liberaes — conspirações que entretanto importavam, para muitos “libertadores”, na exclusão das mulheres, dos negros e dos mulatos dos governos democraticos tão idyllicamente sonhados — veio aprofundar o antagonismo, já consideravel, entre o sexo conservador e o diferenciador.

Entre nós, como entre os primitivos, guardava-se da vista e dos ouvidos das mulheres a actividade mais séria dos homens; no caso das sociedades secretas, todo o trabalho em prol da Liberdade, da Independencia, da Democracia. E é possivel que alguns conspiradores liberaes fossem com relação ás mulheres e filhos, maridos e paes durissimos — dos que as faziam entrar para os recolhimentos ou conventos á força, ou por simples ostentação social. Amigos da Democracia e querendo a colônia livre

do jugo de Portugal, tinham entretanto sua maneira de ser democratas e liberaes.

Dizia nos principios do seculo XVIII o governador das Minas, D. Lourenço de Almeida, que sendo grande na capitania o numero de homens solteiros era entretanto consideravel o de moças que os paes tyrannicos faziam recolher aos conventos, onde algumas definhavam de triste donzellice. Uns o faziam pela honra de ter filha religiosa; outros, ao que parece, pelo embaraço de escolher genro entre os homens solteiros da terra, de branquidade porventura duvidosa. Particularmente numa capitania como a das Minas. Attrahindo familias illustres das capitancias mais antigas, familias com moças em idade de casar — a filha de Antonio de Oliveira, por exemplo, que elle proprio apunhalou por suspeita de namoro com rapaz plebeu, ou talvez de cabello ruim — por outro lado attrahia do Reino aquelles solteirões aventureiros e extravagantes a que se referia D. Lourenço de Almeida; e, ainda mais: homens que sendo no Reino “a escoria do povo e o desprezo dos bons, vendo-se num paiz extenso e cheio de liberdade” faziam-se “insolentes” e queriam ser todos “fidalgos”. Eram esses falsos fidalgos que os patriarchas de familias mais antigas na terra, embora conspirando pela Liberdade, pela Independencia, pela Democracia, faziam questão de distinguir dos authenticos, insistindo tambem em distinguir os falsos brancos dos brancos puros. E era essa preocupação de fidalguia e branquidade nos genros que tornava tão difficil o problema do casamento, nas capitancias de formação mais irregular, como a de Minas.

Em Pernambuco e em São Paulo, o problema resolveu-se mais docemente, com os casamentos entre primos. Casamentos que foram fazendo das varias familias iniciadoras do povoamento, quasi uma só; e tornando tão claros os limites para as relações matrimoniaes, que os aventu-

reiros do Reino e os mulatos da terra anciosos de se limparem pelo casamento com difficuldade, e só por excepção, conseguiam unir-se a moças afidalgadas. Ainda assim, verificaram-se casos de mulatos e aventureiros até das ilhas que, ainda no seculo XVII, ascenderam pelo casamento á melhor aristocracia pernambucana, tornando-se tão bons fidalgos como os sogros.

De Freycinet descreve os recolhimentos de moças do Brasil. Uns, verdadeiros collegios ou escolas — e neste numero deve-se incluir o da Gloria, fundado pelo Bispo Azeredo Coutinho; outros, estabelecimentos de correcção ou conventos “onde ficam reclusas mulheres e moças, não precisamente de má vida, mas que deram algum grave motivo de descontentamento aos paes e maridos”. Pode-se entretanto accrescentar que nem sempre havia desses motivos graves de descontentamento; ás vezes simples suspeitas de namoro. Desconfianças. E para alguns maridos nem isso. “Sabe-se até” — escreveu um viajante allemão, Burmeister — “que muitos brasileiros internam suas mulheres, sem plausivel razão, durante annos, num claustro, simplesmente a fim de viverem tanto mais a seu gosto na sua casa com uma amante. A lei presta auxilio a este abuso; quem se quer livrar da propria esposa, vae á policia e faz leval-a ao convento pelos funcionarios, desde que pague o custo de suas despesas”. Nos tempos coloniaes parece que não eram tão faceis esses internamentos, a julgar pelos termos de despachos ás petições, de maridos e paes, que constam dos livros Mss de Correspondencia da Côrte com os capitães-generaes. Mas não resta duvida que durante toda a epoca de patriarchalismo, e mesmo durante sua primeira phase de declinio, a lei favoreceu por todos os modos a exploração da mulher pelo homem, no Brasil.

A mulher semi-patriarchal de sobrado continuou abusada pelo pae e pelo marido. Menos, porém, que dentro

das casas-grandes de fazenda e de engenho. Nos sobrados, a maior victima do patriarchalismo em declinio, o burguês já não podendo gastar tanto como o senhor rural com as filhas solteiras, que dantes eram enviadas para os recolhimentos e os conventos com enormes dotes), foi talvez a solteirona. Abusada não só pelos homens, como pelas mulheres casadas. Era ella quem nos dias communs como nos de festa ficava em casa o tempo todo, meio governante, meio parente-pobre, tomando conta dos meninos, botando sentido nas escravas, cosendo, serzindo meia, enquanto as casadas e as moças iam ao theatro ou á igreja. Nos dias de anniversario ou de baptisado, quasi não apparecia ás visitas: ficava pela cozinha, pela copa, pelos quartos ajudando a enfeitar os pratos, a preparar os doces, a dar banho nos meninos, a vestir-os. Era ella tambem quem mais cuidava dos santos — enchendo de joias e tetéas o Menino Deus, Santo Antonio, Nosso Senhor. Sua situação de dependencia economica absoluta fazia della a creatura mais obediente da casa. Obedecendo até as meninas e hesitando em dar ordens mais severas ás mucamas.

Na França da Liberdade e da Igualdade, cujas idéas democraticas desde os fins do seculo XVIII vieram repercutir sobre o Brasil, atravez de livros prohibidos, de lojas maçonicas, de bachareis e doutores formados em Paris e Montpellier; na França da Liberdade e da Igualdade, em 1807, Portalis ainda escrevia em seu "Exposé de motifs" do Codice Civil: "La femme a besoin de protection, parce qu'elle est plus faible; l'homme est plus libre parce qu'il est plus fort... L'obéissance de la femme est un hommage rendu au pouvoir que la protège..." Não é de admirar que entre nós os Trigo de Loureiro continuassem, no meado do seculo XIX, partidarios da subserviencia da mulher. Que as solteironas, principalmente, fossem pouco mais que escravas na economia dos sobrados. As restrições de ordem juridica e social — re-

flectindo, na maior parte, motivos economicos — impostas com tanto rigor á mulher brasileira durante a phase patriarchal, explicam-nos muito da sua inferioridade, apparentemente de sexo. Mais depressa nos libertamos, os brasileiros, dos preconceitos de raça, do que dos de sexo. Quebraram-se ainda no primeiro seculo de colonisação, os tabús mais duros contra os indios; e no seculo XVII, a voz d'el-Rei já se levantava a favor dos pardos. Os tabús de sexo foram mais persistentes. A "inferioridade" da mulher subsistiu á "inferioridade da raça", fazendo da nossa cultura, menos uma cultura como a norte-americana, como metade de seus valores esmagados ou reprimidos pelo facto da diversidade de côr e de raça, do que, como as orientaes, uma cultura com um lado todo morto, parte dos seus elementos mais ricos abafados e prohibidos de se expressarem, pelo tabú do sexo. Sexo fraco. Bello sexo. Sexo domestico. Sexo mantido em situação toda artificial para regalo e conveniencia do homem, dominador exclusivo dessa sociedade canhota.

O facto allegado por Proudhon, de que a mulher nem a roca inventou, não tem a significação que a primeira vista parece ter: explica-o em parte, o constrangimento em que viveu o sexo chamado fraco durante a phase da industria domestica, correspondente ao patriarchalismo. O homem pelo seu dominio sobre a cultura accumulada dentro de systemas de civilisação masculinos, tem desfructado — salientam os sociologos — melhores oportunidades de expressão e de realisação cultural. Quasi o mesmo caso das raças consideradas superiores, cuja maior riqueza de expressão ou de realisação cultural se prende, pelo menos até certo ponto, a melhores oportunidades historicas de accumulção de cultura pelo contacto, pela imitação, pela assimilação.

Sylvia Kopard insiste em estender ao caso da mulher a interpretação social de Boas, para o caso da raça ne-

gra, negando, aliás, a maior variabilidade do sexo masculino. Não vamos a tanto, antes nos inclinamos a acreditar em diferenças psychicas entre as raças, do mesmo modo que entre os sexos, predispondo-os a especializações culturaes que não implicariam necessariamente em superioridade ou inferioridade de intelligencia. Mas nem todas as diferenças seriam removíveis pela estandardização social ou cultural dos dois sexos e, se possível, das varias raças.

Na formação patriarchal brasileira, as diferenças sociaes de sexo — favoraveis ao homem — andaram ás vezes em conflicto com as diferenças sociaes de raça — favoraveis ao branco. Nos casos de yayás brancas e finas apaixonadas por mulatos, aquellas diferenças sociaes perturbaram-se. Mas raras vezes.

A distancia, não tanto social porém principalmente psychica, entre a mulher branca e o escravo preto, foi sempre maior, no Brasil, do que entre o senhor branco e a escrava preta. Por outro lado, procuraremos indicar em capitulo proximo, que foi em grande parte atravez da mulher branca e fina, sensível ao encanto physico e ao prestigio sexual do mulato — homem mais forte, mais bruto, mais vivo, mais extranho (reacção contra a endogamia), talvez mais ardente; atravez do seu amor de aristocrata sentimental e ás vezes sensual, despreoccupadas de escrúpulos de branquidade, que durante o declinio do patriarchalismo, se fez a ascensão do mulato claro e do bacharel pobre á classe mais alta da sociedade brasileira. Os paes, no maior numero dos casos não queriam saber de casamento sinão entre iguaes, social ou economicamente. E os iguaes eram quasi sempre os primos, os parentes, o tio e a sobrinha. Mas suas filhas, as yayás dos sobrados, as sinhás das proprias casas-grandes de engenho, dei-

xando-se raptar por aquelles donjuans plebeus ou de côr, perturbaram o criterio patriarchal e endogamo.

Sellin assignalou o grande numero de moças raptadas dos sobrados e das casas-grandes, na segunda metade do seculo XIX. Eram moças a quem os paes não consentiam, ou por questão de sangue, ou de situação social, o casamento com os homens de sua predilecção sexual ou sentimental. Ellas, porém, já não se sujeitando com a doçura de outrora, á escolha de marido pela familia, fugiam romanticamente, que nem as moças das novellas, muitas vezes com homens de situação inferior á sua e até de côr mais escura.

Esses raptos marcam, de maneira dramatica, o declinio da familia patriarchal no Brasil e o começo da instavel e romantica. Patriarchas arrogantes ficaram reduzidos a uns reis Lear. A ascensão do mulato e do bacharel — de que adiante nos occuparemos — accentuouse atravez desses raptos; mas tambem a ascensão da mulher. Seu direito de amar, independente de considerações de classe e de raça. Sua coragem de desobedecer ao pae e á familia para attender aos desejos do sexo ou do “coração”.

Bem dizia em 1885 D. Anna Ribeiro de Goes Bettencourt, illustre collaboradora bahiana do “Almanach de Lembranças Luso-brasileiro”, alarmada com as tendencias romanticas das novas gerações principalmente com as meninas fugindo de casa com os namorados, que convinha aos paes evitar as más influencias junto ás pobres mocinhas. O mau theatro. Os maus romances. As más leituras. Os romances de José de Alencar, por exemplo, com “certas scenas um pouco desnudadas” e certos “perfis de mulheres altivas e caprichosas... que podem seduzir a uma joven inexperiente, levando-a a querer imitar esses typos inconvenientes na vida real”. Romances ainda mais dissolutos estavam apparecendo; auctores ainda mais pe-

rigosos escrevendo livros, chegando alguns até a pretender que “a união dos sexos promovida somente pelo amor seja tão santa e pura como a que a religião e a sociedade consagra”. E ainda mais, santo Deus! A “desculparem o adulterio da mulher!” Contra o que D. Anna Ribeiro recommendava os romances de Eschrich, e os que ella propria escrevera: *A Filha de Jephte* e o *Anjo do Perdão*.

V

O SOBRADO E O MUCAMBO

A casa, o typo de habitação, sabe-se que é uma das influencias sociaes que actuam mais poderosamente sobre o homem. Sobre o homem em geral; mas, em particular, sobre a mulher, sempre mais sedentaria ou caseira. Especialmente dentro do patriarchalismo, inimigo da rua e até das estradas.

Essa influencia, exerceu-a de modo decisivo sobre a familia patriarchal, no Brasil, a casa-grande de engenho ou fazenda, já considerada em estudo anterior. Corrigiu-lhe certos excessos de privatismo accentuando outros, o casarão assobradado da cidade. Emquanto a casa de sitio — a chacara, como se diz da Bahia para o sul — marcou a transição do typo rural de habitação nobre, para o urbano. Tres typos distinctos de casa e um só verdadeiro: a casa-grande patriarchal brasileira, com senzala, oratorio, camarinha, cozinha que nem a do convento de Alcobaça, chiqueiro, cocheira, estribaria, jardim. As casas de engenho e de sitio dando a frente para estradas quasi intransitaveis; outras para os rios fundos; os sobrados, para ruas sujas, ladeiras immundas, por onde quasi só passavam a pé negros de ganho, muleques empinando papagaios, mulheres publicas. Menino de sobrado que brincasse na rua corria o risco de virar muleque; yayá que

sahisse sosinha de casa, rua afóra, ficava suspeita de mulher publica. O lugar do menino brincar era, o sitio ou o quintal; a rua, do muleque. O lugar de yayá, a camarinha; quando muito a janella, a varanda, o palanque.

A verdade, entretanto, é que a casa-grande, em contacto com a rua, com as outras casas, com a matriz, com o mercado, foi diminuindo aos poucos de volume e de complexidade social. As senzalas tornando-se menores que nas casas de engenho.

Mas enquanto as senzalas diminuiam de tamanho, engrossavam as aldeias de mucambos e de palhoças, perto dos sobrados e das chacaras. Engrossavam, espalhando-se.

A compressão do patriarchado rural por um conjuncto poderoso de circumstancias desfavoraveis fez que elle se esparramasse; que o systema casa-grande-senzala se partisse quasi pelo meio, os elementos soltos espalhando-se um pouco por toda a parte e completando-se mal nos seus antagonismos de cultura européa e de cultura africana ou indigena. Antagonismos outrora mantidos em equilibrio á sombra dos engenhos.

Com a urbanisação do paiz, ganharam taes antagonismos uma intensidade nova; o equilibrio entre brancos de sobrado e pretos, caboclos e pardos livres dos mucambos não seria o mesmo entre os brancos das velhas casas-grandes e os negros das senzalas. E' verdade que ao mesmo tempo que se accentuavam os antagonismos, tornavam-se maiores as opporrtunidades de ascensão social nas cidades para os escravos e para os filhos de escravos, que fossem individuos dotados de aptidão artistica ou intellectual extraordinaria ou de qualidades especiaes de attracção sexual. E a miscegenação, tão grande nas cidades como nas

fazendas, amaciou, a seu modo, os antagonismos entre os extremos.

Terminado o periodo de patriarchalismo rural, de que os engenhos banguês, com as suas casas-grandes isoladas, procurando bastar-se a si mesmas, foram os ultimos representantes no Norte; iniciado o periodo industrial das grandes uzinas e das fazendas exploradas por firmas commerciaes mais do que pelas familias; tambem na zona rural os extremos — senhor e escravo — que outrora formavam uma só estrutura economica e social, completando-se em algumas de suas necessidades e em varios dos seus interesses, tornaram-se metades antagonicas ou, pelo menos, indifferentes. Tambem no interior, as senzalas foram diminuindo; e engrossando a população dos mucambos: trabalhadores livres sem remedio, sem assistencia, sem amparo quasi nenhum das casas-grandes.

As relações entre os sexos soffreriam, por sua vez uma alteração profunda, ao se distanciarem senhores e escravos, tão intimos dentro do patriarchalismo integral; ao se approximarem as casas nobres umas das outras, e todas das igrejas, dos theatros e da rua; ao engrossarem as aldeias de mucambos, com o predominio de estylos africanos de vida e de moral. Numa dessas aldeias é que um frade capuchinho descobriria, espantado, que os homens estavam calmamente se dando á pratica de trocar de mulheres, num verdadeiro communismo sexual. O frade no Brasil só se habituara a ser complacente com a polygamia das casas-grandes; com o abuso da mulher pelo homem poderoso; com a noção rigida da mulher, propriedade do homem.

A casa-grande no Brasil pode-se dizer que se tornou um typo de construcção domestica especializado neste sentido quasi freudiano: guardar mulheres e

guardar valores. As mulheres dentro de grades, por traz de urupemas, de ralos, de postigos; quando muito no jardim, definhando entre as sempre-vivas e os jasmims; as joias e moedas, debaixo do chão ou dentro das paredes grossas.

Caso expressivo de influencia reciproca foi o desse do typo de casa vir a reflectir novas tendencias sociaes, vindas da rua, e ao mesmo tempo, influir sobre ellas e sobre a rua, um tanto á maneira das relações que se estabelecem entre vehiculo e estrada. O sobrado conservou quanto poude, nas cidades, a funcção da casa-grande do interior, de guardar mulheres e guardar valores. Dahi os cacos de garrafa espetados nos muros: não só contra os ladrões mas contra os donjuans; dahi as chamadas urupemas, de ar tão aggressivo e separando casa e rua, como si separasse dois inimigos.

Mas foi na chacara, atravez do palanque ou do caramanchão no canto do muro debruçado para a estrada; foi no sobrado, atravez da varanda, do postigo, da janella dando para a rua, que se realisou mais depressa a desorientalisação da vida da mulher no Brasil.

A varanda e o caramanchão, ou palanque, marcam a victoria da mulher sobre o ciume sexual do homem. Ciume que se exprimira em termos tão fortes na architectura quasi de convento da casa-grande. Com a varanda e o caramanchão veio o namoro. Um namoro tímido, é verdade, de signaes de lenço e de leque. Mas o bastante para romantisar o amor e tornar-o exogamo. Quando as urupemas foram arrancadas á força dos sobrados do Rio de Janeiro, já no tempo dos vice-reis e dos sobradões do Recife, a mandado do capitão-general D. Thomaz José de Mello, pode-se dizer que se iniciou uma nova phase nas relações entre os sexos.

E ao mesmo tempo nas relações entre a casa e a rua. São Salvador teve desde os seus primeiros dias, no século XVI, aquella “rua muito comprida, muito larga e povoada de cazas de moradores” de que fala Gabriel Soares. Mas eram casas que se fechavam contra a rua, dentro dos “seus quintaes... povoados de palmeiras carregadas de côcos, outros de tamareiras, e de laranjeiras e outras arvores de espinhos, figueiras, romeiras e pereiras...”

No Recife, sendo a cidade uma ilha, o sobrado quasi sem quintal se impoz. O sobrado fechado dentro de si mesmo, ás vezes com a frente para o rio. E magro, vertical. As tradições de architectura hollandesa, que condicionaram o desenvolvimento do Recife, consagraram aquelle typo de casa mais estreito e magro, como que em harmonia com um typo mais estreito e mais magro de homem do que o bahiano.

Para Morales de los Rios a architectura hollandesa no Recife, cuja influencia ainda hoje se surprehende — diz o technico — nas “empenas lateraes dos predios”, pouco se inspirou no meio ambiente. Os hollandeses a impuzeram á cidade tropical, sem nenhuma adaptação que lhe quebrasse a estructura eurgópica de casa para os frios do Norte. A verdade é que ainda hoje, os telhados conservados por tradição nos sobrados mais velhos do Recife parecem accusar reminiscencia tão forte de telhados flamengos que ninguém se surprehenderia de ver escorrer por elles neve pura, neve scandinava. Alguns telhados, inclinados quasi a pique.

Não é de admirar. Sem a plasticidade do portugêz, sem aquelle seu geitão unico, maravilhoso, para transigir, adaptar-se, crear condições novas e especiaes de vida, o hollandês viveu aquí uma vida artificialis-

sima, importando da Hollanda tudo que era comida: manteiga, queijo, presunto, carne em conserva, bacalhau, farinha de centeio, farinha de trigo, ervilha em lata. E ainda: vinho, cerveja, azeite, vinagre, pão, toucinho. Mas não era só o alimento: a casa só faltou vir inteira da Europa. Vinham cal, pedras cortadas, ladrilhos, arames, vigas, lonas, artigos de metal. Vinha tudo.

Convem entretanto attender ás condições de topographia e de solo no Recife: não eram as mesmas que as da Bahia ou do Rio — para só falar das outras cidades thalassicas. Impunham outro rumo ás relações ecologicas e de espaço do homem com a area urbana; do sobrado com a rua.

Durante os seus oito annos de governo, Nassau empenhou-se pela urbanisação mais intelligente do Recife — encarregando da tarefa um dos seus melhores technicos, Peter Post.

E um dos maiores beneficios que fez á cidade foi o de a ter dotado de pontes. As primeiras pontes que houve no Brasil. Com ellas parte da população, passou-se da Ilha do Recife para a de Antonio Vaz, onde antes só havia um convento de frades e talvez algumas palhoças de pescadores.

O problema de habitação, sem esse desafogo, teria se tornado um horror. Sobrados estreitissimos e dentro delles, um excesso de gente. Gente respirando mal, mexendo-se com difficuldade. Ás vezes oito pessoas dormindo no mesmo quarto. Verdadeiros cortiços. Os primeiros cortiços do Brasil.

Mesmo assim, nos começos de 1640, não havia lugar para quem chegasse da Europa. Só se improvisando. Mauricio e seus conselheiros se empenharam com o maior afan em fazer construir casas para os recém-chegados em Antonio Vaz; mas "alguns mais

poderosos”, sem duvida comprando terras nas zonas a se desenvolverem em suburbios, aproveitaram-se da situação para explorarem a falta de casa. E o aluguel de casas e quartos subiu a alturas fabulosas. Por dois quartos com uma saleta, chegou-se a pagar 120 florins por mês.

Com os burgueses mais ricos indo morar em casas quasi de campo, para as bandas de Antonio Vaz, a ilha do Recife ficou o bairro do commercio e dos judeus, dos pequenos funcionarios e dos empregados da Companhia das Indias Occidentaes; dos artifices, dos operarios, dos soldados, dos marinheiros. Alguns destes vivendo em verdadeiros chiqueiros, entre tavernas sujas da beira do caes e no meio dos “bordeis mais immundos do mundo”. “Ai do joven que ali se perdesse! Estaria destinado a irremediavel ruina!” Estas palavras são de um relatorio hollandês da epoca. Encontram plena confirmação nos reparos de um observador francês do mesmo periodo — Moreau. Muita mocidade foi engulida por essa Sodomia de judeus e de mulatas; de portuguezes e de negras; de soldados e marinheiros de todas as partes do mundo.

O Recife, com seus sobrados-cortiços e seus sobrados-bordeis, foi um dos pontos mais intensos de syphilisação no Brasil, a syphilis occorrendo com frequencia, diz Piso, tanto entre hollandeses como entre portuguezes. As “prostitutas do porto” tornaram-se umas terriveis disseminadoras de syphilis. Não eram só mulheres de côr — negras, mulatas, cabrochas, que aqui despertavam a curiosidade pelos prazeres exóticos nos homens ruivos, até mesmo nos pastores da Igreja reformada, um dos quaes tornou-se celebre por sua vida immoral. O Recife se encheu tambem de prostitutas hollandesas. Não tres ou quatro: grandes

carregamentos de marafonas ruivas. Para alguns dos flamengos tudo tinha de ser aqui como na mãe-pátria: a casa, a comida, a mulher. Nada de exotismos. Em 1636, porém, um conselheiro hollandês mais sisudo pediu do Recife aos dignitários da Hollanda que evitassem aquella vergonha. O Directorio era o primeiro a recomendar — notava o conselheiro — que se punissem severamente os delictos de ordem sexual; todavia deixava que viessem para a colonia, em grandes levas, “aquellas portadoras de desgraça”.

A Nova-Hollanda, primeira tentativa de colonisação urbana do Brasil, excedeu-se á Nova Lusitania em delictos de ordem sexual, em irregularidades moraes de toda a especie. Pernambuco apresenta-se ao estudioso da nossa historia social como o ponto ideal para a analyse e o balanço de influencias dos dois typos da colonisação: o urbano e o rural. O hollandês e o portuguez. A colonisação que se firmou na casa-grande de engenho completada pela senzala e a que se desenvolveu principalmente em volta do sobrado urbano, ás vezes transformado em cortiço. E aqui se impõem considerações que completam, em certos pontos, o pouco que rapidamente se suggeriu, em capitulo anterior, sobre o antagonismo entre a cidade e a zona rural.

Difficilmente se poderá concluir pela superioridade do colonizador hollandês sobre o portuguez, ou melhor, do typo urbano sobre o rural, de colonisação do Brasil, em termos de raça ou de cultura nacional. A acção colonisadora do flamengo não se exerceu com elementos de raça e de cultura exclusivamente hollandeses, nem mesmo norte-europeus: aproveitou, como nenhuma na America, o elemento judeu, e procurou aproveitar o portuguez, o negro, o indio, o allemão, o francês, o inglêz, toda a salsujem cosmopolita que a aventura tropical foi attrahindo ás nossas praias.

A vida moral na Nova Hollanda de modo nenhum foi superior á do Brasil rural e português. Ainda que fossem severos os castigos contra as mulheres adúlteras, foram frequentes os casos de esposas infieis, principalmente de esposas de soldados. Pelos protocollos do Conselho Ecclesiastico, vê-se que muitas foram penduradas na polé, na praça do Mercado do Recife. Numerosos foram também os casos de bigamia. Eram frequentes, como refere Moreau, os de sodomia e crimes contra a natureza, destacando-se entre os sodomitas certo capitão hollandês, enviado primeiro para Fernando de Noronha, depois para os carceres de Amsterdam. Embora prohibidos os duellos, os encontros entre inimigos tomaram um character de luta de morte, enchendo de poças de sangue as ruas da cidade. E a syphilis, já vimos, foi onde mais se espalhou: nessa primeira cidade verdadeiramente urbana que teve o Brasil. Á sombra dos seus sobrados. Por dentro dos seus mucambos. Além de syphilis, a dysenteria e a gripe, em consequencia, sem duvida, da agua polluida e das condições anti-hygienicas de habitação e da vida nos sobrados burgueses e nos sobrados-cortiços do Recife.

O vicio do alcool foi outro que tomou um desenvolvimento alarmante na cidade — neste ponto, pode-se talvez objectar, por maior predisposição dos nordicos ao alcool. Porque em 1667, passando pelo Recife os missionarios Capuchinhos Frei Miguel Angelo de Cattina e Frei Dionysio de Carli de Piacenza ficaram admirados de ver os habitantes avessos ao uso do vinho: todo o mundo bebia agua pura. Os negros e os caboclos é que gostavam sempre de beber sua cachaça.

O Recife hollandês foi um b'urgo de beberões. Pessoas da melhor posição social eram encontradas bebadas pelas ruas. Os proprios observadores hol-

landeses da epoca se espantavam do contraste entre sua gente e a luso-brasileira. A luso-brasileira quasi só bebia agua fresca, ás vezes com assucar e succo de fructo: refresco ou garapa.

Mas não se deve suppôr, á esta altura, que nas zonas ruraes e entre os luso-brasileiros virgens de qualquer influencia nordica, nunca se desenvolveu o alcoolismo. Em zonas ruraes — é verdade que conservando reminiscencias de uma primeira colonisação urbana — é que Burton encontrou, no meado do seculo XIX, evidencias de um abuso tão grande do alcool — da cachaça, da canna, da branquinha, — que não hesitou em comparar a gente do interior do Brasil com a Escócia: "the consumption of ardent spirits exceeds, I believe, that of Scotland". Elle proprio confessa seu assombro diante do facto — desde que lêra em livros de viajantes, seus predecessores, principalmente em St. Hilaire e Gardner — que era raro encontrar gente embriagada no Brasil. Burton encontrou-a e com frequencia. E no principio do seculo XIX, viajando no interior, o Principe Maximiliano tambem encontrara muito matuto encachaçado.

O mineiro, observou Burton, não podia gabar-se da superioridade moral de que outros brasileiros se gabavam sobre os ingleses: a de não ser os mesmos "baetas" que elles. Era difficil encontrar tropeiro ou barcaceiro, livre ou escravo, que não amanhecesse bebendo aguardente para "espantar o Diacho" ou "matar o bicho"; que de noite não se juntasse aos camaradas para tocar viola e esvaziar um gordo garrafão de cachaça. Quando o estrangeiro se escandalisava com a enorme quantidade de aguardente que se consumia no interior do Imperio os brasileiros lhe recordavam que grande parte da cachaça era para a água do banho.

Nas cidades marítimas — contra toda a expectativa — é que se notava a temperança, tão elogiada por Gardner no brasileiro. Mas mesmo nas cidades, essa temperança era mais um traço da gente fina que da população em geral. Mais um traço dos burgueses de sobrado que do proletariado dos mucambos e dos cortiços. “O brasileiro quasi só bebe agua”, notaram os capuchinhos, em Pernambuco, no século XVII e Tollenare, no século XIX; também Denis, no Rio de Janeiro dos primeiros tempos do Imperio. Mas evidentemente limitando seu reparo á burguesia dos sobrados; aos fidalgos das chacaras e das casas grandes. Que quasi todos bebericavam seu vinhosiinho do Porto, seu licor de cajú feito em casa, sua immaculada de manhã cedo para fechar o corpo antes do banho de rio ou para abrir o appetite antes da feijoada ou da mão de vacca. Mas raramente entregavam-se a excessos. Isso de excesso era só uma vez na vida.

Nos banquetes de senhores de engenho mais ricos ou mais espectaculosos — que desde o século XVI escandalisavam os europeus pela sua fartura de comida e bebida é que o vinho corria mais livre. Era tanta comida, que se estragava; no fim, as saudes cantadas. Muito vinho corria a tôa, pela toalha, pelo chão, só por luxo. O avô de Cicero Dias, o velho major Santos Dias, de Jundyá, foi um dos ultimos senhores de engenho a se celebrar pela opulencia da mesa. Nella não faltava vinho e do melhor. Lord Carnavon, o de Tutankamen, foi onde se hospedou com uma vasta comitiva de inglêses, inclusive um padre: em Jundyá. E o almirante português Ferreira do Amaral, recebido no engenho de Escada com muita comida e

bebida, escreveu, depois, em relatório official, que o velho major tinha verdadeira "mania da hospitalidade".

Nos começos do século XIX, Bento José da Costa e Maciel Monteiro — o pae do poeta — deram também almoços escandalosos debaixo das jaqueiras de seus sítios, onde os sobrados eram verdadeiramente patriarchaes. Nos banquetes de Bento José o vinho não corria tão a tãa como em Jundý; doutro modo não se explica que elle e o capitão-general de Sua Majestade, Luis do Rego Barreto, fossem depois do almoço para o muro da casa e dahi se divertissem como dois meninos de internato atirando caroço de fructa em quem passava.

Pela mesma epocha — isto é, começos do século XIX — na capitania de Minas, o desembargador Manoel Ferreira da Camara Bittencourt Aguiar e Sá regalava seus amigos, na sua casa-grande de sítio, perto do Tijuco, com vinho fino, guardado numa adega singularmente mineira: vasta escavação semi-circular, aberta a poder de ferro e fogo, numa rocha granitica, com prateleiras formadas também na pedra. Só o portão enorme, de oito palmos de altura, era de madeira. Era uma adega, essa de sobradão de sítio, adaptada ás condições brasileiras, o vinho se conservando fresco "pela humidade — diz um chronista — que transudava dos póros de granito". O facto se apresenta cheio de interesse para o estudioso não só da historia social da casa e do sobrado no Brasil, como para o historiador da nossa architectura colonial.

Mas não vamos generalisar, confundindo essas casas-grandes mais cheias de luxo de Pernambuco, de Minas, do Rio de Janeiro, com aquellas onde o passadio era de macacheira, de carne secca, de farinha, de bolacha, de bacalhau; casas onde não sobrava di-

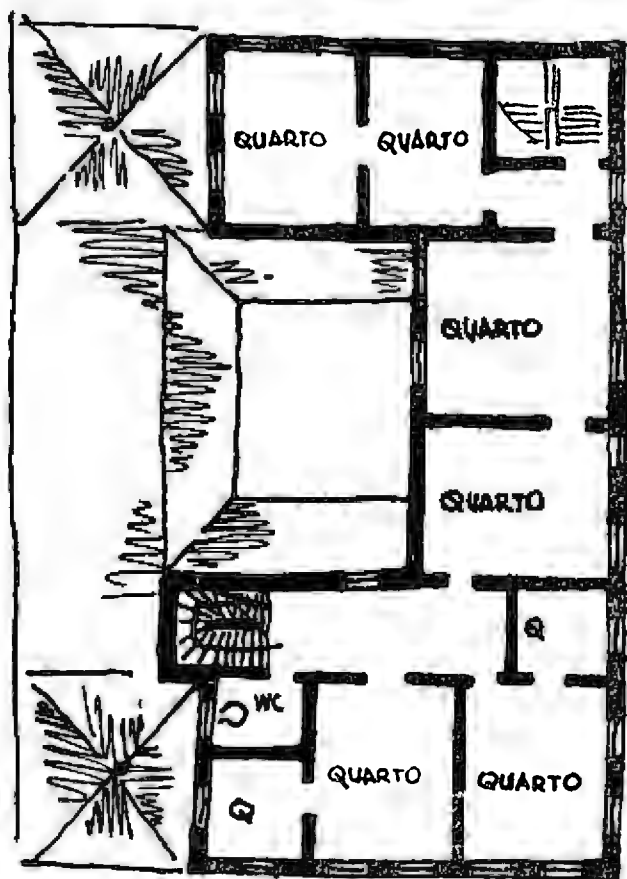
nhairo para presunto nem para as latas de ervilha, os boiões de ameixa, as caixas de passa, os vinhos francezes que os jornaes annunciavam estar se vendendo nas lojas do Rio de Janeiro, do Recife, de São Salvador.

O vinho de mesa das casas-grandes opulentas do interior e principalmente o dos sobrados ricos das cidades, desde o seculo XVI que veio da Europa. Recebido directamente, não estava sujeito ás adulterações em que se especializavam os importadores de bebida. O desembargador Camara, por exemplo, podia gabar-se da pureza dos vinhos de sua adega de pedra porosa; mas o morador de casa mais pobre que um dia, na vida, quizesse variar da aguardente da venda, tinha de se satisfazer com vinho, não só zurrapa, mas falsificado. “Muitos das classes pobres e quasi todos os escravos (das cidades) são dados ás bebidas alcoolicas”, escrevia em 1851 Antonio José de Souza em seu estudo sobre o regimen das classes pobres e dos escravos na cidade do Rio de Janeiro. Pela mesma epoca observava Francisco Fernandes Padilha que os liquidos — “vinhos, vinagre, &”. — consumidos pela classe pobre do Rio de Janeiro eram todos falsificados. Em 1865 Souza Costa escrevia da mesma classe de habitantes da capital do Imperio que quando bebiam vinho, era sempre “vinhó sophisticated”. Vinho com mel, pau campeche e diversos saes, accrescenta o hygienista. A mesma falsificação de vinho que se verificava na Bahia, cujo regimen de alimentação foi estudado por Eduardo Ferreira França em ensaio sobre “A influencia dos alimentos e das bebidas sobre o moral do homem”. E provavelmente no Recife e nas demais cidades de população pobre, numerosa e sujeita, durante o Imperio á livre exploração dos importadores de bebidas e de viveres. Exploração de que se resguardava a burguesia dos so-

brados importando directamente seu vinho, seu vinagre, seu azeite, matando em casa seu carneiro, seu bode, seu porco; criando no quintal ou engordando no sitio seus perús, suas gallinhas, ás vezes suas cabras e suas vaccas de leite.

Porque a falsificação não se limitava ao vinho, nem ao vinagre. Era geral. Falsificação, por um lado; escassez, por outro. O regimen de economia privada dos sobrados, em que se prolongou quanto poudes a antiga economia autonoma, patriarchal, das casas-grandes, fez do problema de abastecimento de viveres e de alimentação das familias ricas, um problema de solução domestica ou particular — o animal abatido em casa quasi sempre dispensando a carne de talho, as fructas do sitio dispensando as cultivadas para a venda regular no mercado, as cabras e as vaccas criadas nos sitios das casas nobres diminuindo a importancia do problema de supprimento de leite para a população em geral. Tornou-se assim desprezivel o problema da alimentação da gente mais pobre das cidades. Os brancos, os pardos, os pretos livres, os moradores dos cortiços, a gente dos mucambos.

Ao contrario dos escravos domesticos dos sobrados que participavam, como nas casas-grandes dos engenhos, da alimentação patriarchal, a pobreza livre desde os tempos coloniaes teve de ir se contentando, nos mucambos, nas palhoças, nos cortiços com o bacalhau, a carne secca e as batatas menos deterioradas que comprava nas vendas e nas quitandas. E com uma insignificancia de carne fresca e de vacca. O corte de carne de vacca tendo attingido no Rio de Janeiro, em 1785, quando a população era de cerca 50.000 boccas, a 21.871 cabeças por anno, ou fossem 59 kilos e 60 grammas por anno, para cada bocca, e por dia, 165 grammas, para



1º ANDAR

Planta de uma chacara do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX — 1.º andar.

(Desenho de Carlos Leão)

cada individuo, estabilisou-se no tempo do Imperio, com a maior densidade de população, numa média ainda mais baixa. Em 1879 a população da capital do Imperio, já cidade grande, consumia por anno, segundo o calculo de um hygienista da epoca e na sua propria terminologia, 9.447.453 kilogrammos de alimentos gordurosos, 184.934.553 kilogrammos de cereaes; e 19.162.500 de carne de açogue. Incluída, porém, em carne de açogue, toda a especie de salmoura, tripas, lingua, paios, e até a carne secca, de que principalmente se alimentava a parte mais pobre e mais numerosa da população. E nos cereaes, incluídos legumes em conserva, fructas seccas e passadas, farinha de trigo, feculas, pós e massas alimenticias, biscoitos, raizes alimentares, chá, assucar, alho, cebola, canella, batata. Mesmo assim, calculando-se por dia e por habitante a relação de cada habitante de cidade com a massa de alimentação, chega-se por uma estatistica da epoca, a 140 grammas de carne, ou menos ainda, feito o desconto da parte não nutritiva dos productos incluídos em "carne" e da que tocava aos animaes a serviço do homem — tão numerosos nos sobrados patriarchaes e nos proprios cortiços e mucambos.

Sabemos pelos jesuitas que nas cidades do primeiro seculo de colonisação quasi não havia açogue, tendo os padres de criar boi e vacca nos seus collegios para alimentação dos noviços, dos seminaristas e dos alumnos internos. E as actas das camaras da cidade de São Paulo, onde o problema de supprimento de viveres foi talvez menos angustioso que no Norte do Brasil e em Minas, por não haver sido nunca tão intensa a monocultura — pelo menos nos tempos coloniaes, — nem tão absorvente o exclusivismo da mineração,

accusam difficuldades constantes no supprimento de carne verde.

Além do que o pobre que não tivesse casa com viveiro de peixe, no dia que quizesse dar-se ao luxo de comer peixe fresco, para variar do secco, tinha que enfrentar não um atravessador apenas, mas toda uma serie de intermediarios. E esses intermediarios não eram judeus nem ciganos — cabeças-de-turco para todo o negocio deshonesto; nem gente bengalafumenga. Eram christãos dos mais puros, gente das casas nobres e até militares em quem se encarnavam algumas das virtudes mais cavalheirescas da classe dominante. Queixando-se do facto de ser tão caro o peixe fresco em Todos os Santos, então a cidade mais importante da colonia, Vilhena, escrevia no seculo XVIII que era inevitavel o preço alto: o peixe passava “por quatro ou cinco mãos antes de chegar ás de quem o compra para comel-o...” E commentava: “... todos sabem esta dezordem mais ninguem a emenda por ser aquelle negocio como privativo de ganhadeiras que de ordinario são ou foram captivas de casas ricas e chamadas nobres, com as quaes ninguem quer intrometter, pela certeza que tem de ficar mal, pelo interesse que de commum teem os senhores naquella negociação. Vendem as ganhadeiras o peixe a outras negras para tornarem a vender e a esta passagem chamam carambola”. Quasi o mesmo succedia com a carne verde. Com os legumes. Com toda a especie de alimentação, que o pobre da cidade tinha de comprar pelos olhos da cara, por culpa menos da terra, que dos seus donos — os proprietarios de latifundios e sesmarias, dos primeiros tempos da colonisação, que no seculo XVIII continuavam a servir de “covis de onças e tigres nas proprias immediações das

cidades". Quando nessas terras abandonadas bem podia estar se criando gado que abastecesse de carne a população urbana. Todos os Santos, com toda essa terra bôa em redor da cidade, dependia de bois do Piauí; e estes, explorados da maneira mais sordida por militares, que foram dos maiores atravessadores de generos nos tempos coloniaes. Não só era deficiente e magra a carne de boi de São Salvador — vinha de 300 leguas de distancia — como faltava á primeira cidade episcopal do Brasil gallinha, fructa, legume. Frézier deixou a Bahia sem nenhuma saudade da alimentação. A carne magra: os fructos e os legumes raros. E Barbinais escreveu que nem gallinha ou Perú se encontrava que prestasse: tudo duro, magro, coriaceo.

O desequilibrio entre a população das cidades e os viveres de origem rural ou européa, desequilibrio que houve no Brasil desde os primeiros tempos da colonisação, por effeito, principalmente, da monocultura latifundiaria, accentuou-se com a furia pelo ouro, com o exclusivismo da mineração no seculo XVII.

As cidades mineiras cresceram com a sua população mais pobre lutando contra a falta de viveres e o alto preço dos generos. Os aventureiros felizes é que foram se ennobrecendo em fazendeiros ou se arredondando em burgueses de sobrado. E estes, parece que fechados, tanto quanto as casas-grandes dos senhores de engenho na area do assucar, na sua economia privada ou patriarchal. Os donos matando em casa seus porcos e seus Perú e engordando no sitio suas vacas de leite. O resto da população que levasse o diabo.

E assim como no Norte houve militares que se entregaram a negocios desbragados de fornecimento de carne, enriquecendo a custa da exploração do povo, mais miudo das cidades, nas cidades de Minas appa-

receram, entre os exploradores da falta de viveres na area de mineração, não tanto os tão falados judeus, mas frades, simplesmente frades. Um delles, religioso da Santissima Trindade, Frei Francisco de Menezes.

A principio o fornecimento de gado aos açougues, no districto dos diamantes, estivera nas mãos de Francisco do Amaral, commerciante rico, que conseguira tal privilegio do governo. Firmado em 1701, o contracto das carnes devia terminar para Amaral em 1706; mas era tão bom o negocio que o magnata se empenhou por todos os meios pela sua prorrogação; justificando o pedido, diz-nos um chronista, "com sacrificios feitos, o pouco lucro, e o bem dos povos"; e além disso, recorrendo ao suborno. Distribuindo dinheiro entre a gente do governo. Mas contra a pretensão de Amaral, levantaram-se os paulistas "nunca envolvidos no commercio... entregues ás suas lavouras"; lavouras, deve-se salientar, quasi iguaes ás dos indios, sem a relativa fixidez das de assucar na Bahia, em Pernambuco, na Parahyba do Sul.

Foi diante do conflicto entre Amaral e aquelles lavradores nomades, e da indecisão de D. Fernando Mascarenhas em resolver-o, que surgiu Frei Francisco de Menezes á frente de uma das mais grossas negocia-tas que ainda se organisaram no Brasil. Visava o monopolio do fornecimento de carne á população mineira. Tinha alliados poderosos — outro frade, um frei Firmo; Manuel Nunes Vianna, dono de ricas fazendas de gado; Sebastião Pereira de Aguilar, tambem proprietario de fazendas de criar.

Mas os paulistas não cederam. Deu-se o choque dramatico entre os dois grupos. E venceram os magnatas. Venceram os frades. Sua victoria quasi envolveu a deposição do governador. E' das que marcam

com nitidez a supremacia da economia privada sobre a publica; dos interesses particulares, sobre os geraes. Supremacia tão ostensiva na formação brasileira.

Nesses conflictos entre o interesse geral da população das cidades e os intermediarios e açambarcadores do commercio de carne fresca, de peixe, de farinha, convem recordar que os governadores coloniaes quasi sempre estiveram do lado do povo e contra os magnatas. No Rio de Janeiro, Luiz Vahia Monteiro enfrentou os proprios frades contrabandistas; castigou com desterro o abbade de São Bento; e tal foi seu desasombro que acabou vencido e deposto pela Camara. O conde da Cunha foi outro que pelo seu espirito publico e pela brava defesa do interesse geral contra o particular, levantou contra o seu governo os grandes negociantes de sobrado do Rio de Janeiro, os exploradores, os contrabandistas.

Nos fins do seculo XVIII, escrevia de Pernambuco para a Côrte o governador D. Thomaz de Mello, que ao tomar posse do governo da capitania, em 1787, encontrara o Recife em "grande penuria dos generos de primeira necessidade". Inclusive a farinha de mandioca.

"Os poucos que havia, os atravessavam sujeitos de reprovada conducta", informava o capitão-general.

De modo que D. Thomaz vira-se forçado a proceder "severamente contra os monopolios". E repetindo o gesto do conde Mauricio de Nassau, no seculo anterior, "com todo o calor e recommendação" fizera "promover a plantagem de mandioca" de que se haviam descuidado os lavradores, alucinados com o grande preço do algodão, como outrora com o preço do assucar.

"Foi preciso tomar tambem promptas medidas" — accrescenta D. Thomaz no seu relatorio, um dos varios documentos que demonstram o que foi a sabedoria politica de muitos dos governadores portugueses durante

a epoca colonial — «foi preciso tomar tambem promptas medidas a respeito da carne fresca, e salgada, da que já de outros annos atraz se experimentavam grandes faltas; informei-me da sua origem ouvindo na materia as pessoas que maior Razão tinham de o saber; e vindo a collidir que nos Portos de Assú e Mossoró, donde podiam vir os gados em pé para esta Praça e conseguir-se a fartura de carne fresca, havião varias officinas de salgar e seccar carnes, nas quaes se matavão os bois daquelles sertões visinhos e depois em barcos se transportavam as carnes para outras Capitaniaes não ficando nesta mais que 3 ou 4 barcos para o seu consumo annual; suspendi a labutação das ditas officinas nos mencionados Portos dando conta a S. Magestade pela Secretaria do Ultramar de como o ficava executando enquanto a mma. Senhora não mandasse outra coiza: e ordenei mais que os barcos empregados neste negocio fossem fazer as suas salgaçoens da Va. de Aracati para o Norte, e que viessem fundear, e dar entrada no Recife, para eu aqui deixar os que fossem bastantes para sustentação da Praça e das Fabricas dos Engenhos de fazer assucar, e das gentes do trato, que de ordinario não uzão de outro alimento: bem persuadido de que não devia deixar a fome em caza para ir fazer a abundancia dos de fóra...”

Com as iniciativas que hoje se chamaria de “economia dirigida” desse admiravel D. Thomaz, não se conformaram os individuos de prestigio e os grupos poderosos, entregues em Pernambuco (tanto quanto na Bahia e em Minas e provavelmente no Rio de Janeiro) á desbragada exploração dos negocios de suprimento de farinha e de carne fresca ao povo da colonia. Principalmente áquella parte da população, concentrada

nas cidades, que não podia matar boi, porco ou cabrito em casa e nem plantar mandioca no sítio. Mas não só a essa gente urbana mais pobre; também, como se vê do relatório, até a engenhos de assucar, que alguns lyricos teimam em imaginar fossem todos autonomos, produzindo o necessario, e mesmo o superfluo, para a sua alimentação.

“Não me perdoou contudo — informa D. Thomaz — a malevolencia de alguns individuos que afferrados ao seu unico interesse e a pretensão de huma liberdade sem limites, ouzarão denegrir na face do Ministerio todos esses meos esforços consagrados á Saude Publica, com a especioza contemplação do prejuizo dos creadores mais chegados ás officinas embaraçadas...” Admittindo esses prejuizos o grande administrador português do seculo XVIII não hesitava em contrastar o interesse particular de “3 e 4 homens, que delas (das officinas) se aproveitam” com “a utilidade de 20 a 30 mil que estão clamando pelo remedio contra o grande mal, q’elas lhe fazem...”

Foram governadores desse porte, dessa coragem, dessa nitidez de visão, mais do que as camaras e os senados, que defenderam os povos das capitancias, particularmente a gente mais pobre das cidades, contra a exploração de intermediarios, de atravessadores e de exploradores do commercio de carne e de farinha. Intermediarios, muitas vezes, a serviço de grandes senhores de terras e escravos.

As camaras, no que se refere ao supprimento de viveres ás cidades, quasi sempre estiveram do lado dos interesses particulares e contra os geraes. Mas si dentre os governadores e enviados d’el-Rei, houve alguns que se deixaram subornar, que facilitaram as

explorações do povo pelos magnatas e até participaram dellas, é preciso não esquecer a attitude dos que, pelo contrario, com risco até de vida, levantaram contra os privilegios e os monopolios todo o seu poder e toda a sua autoridade.

Um documento de 1800, denuncia a inercia das camaras de Olinda e do Recife diante da escassez de carne verde nas duas cidades mais importantes da capitania de Pernambuco. E descreve as duas camaras como “zelozas muitas vezes mais dos pontos de jurisdicção e talvez de interesses particulares sem jamais se unirem no ponto central do bem publico...”

Em 1814, em officio ao marquês de Aguiar, o capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro salientava entre os males da vida colonial no Brasil, prejudicada por constantes crises e irregularidades no supprimento não só de carne, como até de farinha e de peixe, o facto de algumas camaras municipaes se acharem dominadas pelos exploradores: “... vejo que então alguns no governo municipal, os quaes longe de cohibirem abusos, antes são suspeitos de os praticarem pelo seu interesse particular”.

Entre as causas daquella irregularidade e da diversidade de preços de carne de vacca, — verde ou secca — e da propria farinha, indicava Caetano Pinto “as secas a que as Capitancias de Pernambuco, Parahyba, Rio Grandê e Ceará são sujeitas, algúas das quaes como a de 1790 e 1793 destruirão inteiramente as fazendas de gado dos Sertões; e outras, como a de 1800 e 1803 cauzarão nas mesmas fazendas grande estrago”. Mas devia-se tambem salientar o effeito, sobre os preços da carne, dos tributos que eram impostos a cada boi de açougue: oitocentos réis de dizimo á Fazenda

Real; seiscentos de subsidio militar, trezentos e vinte de subsidio litterario e em 1809, novo subsidio de mil seiscentos réis. Calculando-se o peso de cada boi em dez arrobas, "porque o gado aqui é miudo", custando elle regularmente nas feiras oito mil réis — a excepção de Dezembro e Janeiro, quando os preços subiam — pouco ou nenhum lucro honesto restava ao marchante pobre, que talhando a carne no açougue a quatro patacas a arroba, gastava em direitos e no custo, 11\$520. Nas outras capitánias só se pagavam o subsidio militar e o litterario; na de Pernambuco, porém, os impostos sobre os bois de açougue se extremavam, tornando quasi impossivel um commercio honesto de carne verde. Caetano Pinto quizera ver esse commercio nas mãos de pessoas abonadas que se obrigassem a dar carne ao povo por um preço certo; e se insurgia contra as camaras, que não faziam outra coisa sinão augmentar os tributos sobre a carne, como para favorecer marchantes privilegiados.

Quasi o mesmo succedia com relação ao peixe, que á primeira vista se suppõe fosse um alimento facil para a gente mais pobre das cidades; para a população dos mucambos e dos cortiços. Mas tambem o supprimento de peixe tornou-se um commercio dominado por grandes proprietarios de terras, donos de curraes entre as praias e os arrecifes; com viveiro dentro do sitio; pelos atravessadores, pela burguesia dos sobrados. Pernambuco, especialmente, chegou aos começos do seculo XIX, sem redes de alto nem armações: o peixe ou era pescado em jangadas ou em curraes, formados entre a praia e os arrecifes, "com morões cravados no fundo, tecidos com varas, atados com cipós"; e "compostos de 3 divisões", ou "repartimentos": o 1.º, "a que os pescadores chamam sala",

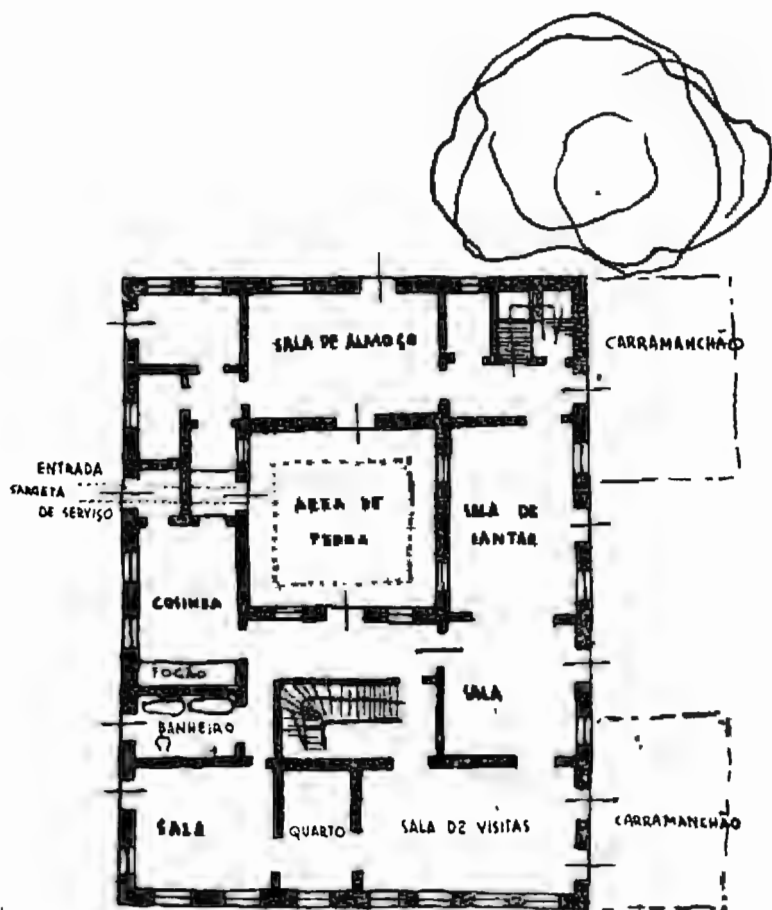
espaçoso, dando entrada e sahida franca ao peixe; o 2.º a que chamam “chiqueiro do meio”, mais apertado, porém deixando ainda entrar e sahir o peixe; o 3.º, “chiqueiro de matar”, construido de maneira a não permittir a sahida do peixe. Além desses repartimentos, havia mais a espia, “q é como uma caniçada, ou espaldão, muitos delles de 40, 50 e 100 braças de comprimento, feita com os mesmos morões e varas, a qual espia serve de encaminhar o peixe para o curral...” Esses grandes viveiros, não eram propriedade de nenhum pescador nem de grupos de pescadores. Seus donos eram geralmente proprietarios de terras que os arrendavam aos pescadores juntamente com sitios de coqueiro. Ahi os pescadores levantavam seus mucambos, pagando 12 vintens por anno por pé de coqueiro. Às vezes o arrendamento do curral era em separado, sendo a renda mais commum, de dez mil réis, que entretanto variava conforme a melhor ou peor localidade. Só a Provisão Regia de 17 de Julho de 1815 declarou “injusto, e abusivo tudo que se exigia pelo uzo do mar, e praias”, tendo-se verificado então uma revolta dos pescadores contra os proprietarios de terras: decidiram não só não pagar a renda dos curraes mas nem mesmo a renda dos sitios. Foi talvez um dos primeiros movimentos de rebeldia dos homens de mucambo contra os de sobrados; mas tão vago, que a exploração se restabeleceu, logo depois, embora menos desbragada.

Feita a Independencia, desaparecida da nossa vida economica e da nossa paizagem politica a figura do vice-rei ou a do capitão-general — que tantas vezes enfrentou durante o seculo XVIII, a arrogancia dos magnatas e das camaras municipaes a seu serviço, attenuando-a nuns casos, noutros contrariando-a e esma-

gando-a — os meios de subsistencia da gente mais pobre, sobretudo dos moradores dos mucambos e dos cortiços das cidades, tornando-se ainda mais precarios. Os preços ficaram fluctuando ao sabor não só dos interesses exclusivamente da monocultura latifundiaria, como das explorações de açambarcadores de contractos de carne e peixe.

Em 1823 vamos encontrar a propria Camara Municipal do Recife registrando reclamações contra o contracto de carnes verdes: “nas mãos de hum só homem com exclusão da liberdade de que todos devem gozar”. Tão mau era o systema, que “nas Villas em que não ha contracto tinham carnes melhores e mais baratas”. E em 1824 — nas vespersas da revolução que teve Frei Caneca entre seus martyres — o Senado do Recife se apresenta “condoido athé o fundo do seu coração dos males que a tanto tyranizão esta desgraçada Provincia, orphã de providencias nos ramos de primeira sustentação...” Principalmente no que se referia aos peixes, cuja falta e cujos preços estavam affligindo de modo todo particular o povo da cidade.

Diante de todos esses abusos “as corporações municipaes são inermes”. Não podendo, entretanto, “os habitantes do Recife soffrer por mais tempo a carestia, ou antes a ladroeira do peixe”, o Senado se dirigiu em 1824 ao Presidente da Junta Provisoria do Governo, para que tomasse providencias immediatas contra os “malvados sanguessugas”. Na opinião do Senado, uma das causas da carestia do peixe era a preguiça dos pescadores “que se contentam com a pesca de hum só dia, quanto baste para carne, e farinha do seguinte, gastando o resto da semana em jogar, tocar viola pelas praias, etc., etc.” Mas a raiz do mal talvez não fosse a vida de jogo e de viola dos pescadores, que por esse



ANDAR TERREO

Planta de uma chacara do Rio de Janeiro na segunda metade
do século XIX — andar terreo.
(Desenho de Carlos Leão)

meio se distrahiam, já que não achavam interesse nem alegria num trabalho tão largamente explorado pelos grandes proprietários. A raiz do mal talvez fosse o systema economico: os sobrados, as casas-grandes, as chcaras estendendo seu poder mar a dentro, ou se assenhoreando do producto das pescarias atravez dos negros pombeiros; dominando esse commercio, do mesmo modo que dominando, ou então difficultando, o de carne verde, o de cereaes e legumes, o de leite, o da propria agua de beber, que, algumas casas-grandes de sitio vendiam a tanto por balde á pobreza dos mucambos.

Em estudo anterior, já procuramos indicar quanto a monocultura difficultou, primeiro, nos engenhos de assucar, depois nas fazendas de café e, por algum tempo, até nas de algodão, a cultura de cereaes e de legumes e a criação de vaccas, ovelhas e cabras, não só de corte como de leite — pelo menos em numero sufficiente para servir de base a uma industria patriarchal, de manteiga e de queijo, que beneficiando a familia rural, sobrasse para proveito das cidades e das villas mais proximas.

Com a urbanisação mais intensa da vida brasileira, a situação só fez piorar. De tal modo se accentuou a alta dos preços da carne, dos legumes e do leite que os economistas da epoca se preocuparam gravemente com o problema. E o attribuiram ás causas mais diversas. Uns, vagamente, á “diminuição de producção e augmento de consumo”. Outros, á falta de braços que vinha occorrendo depois do fechamento do trafico negro e da devastação dos escravos pela epidemia de cholera. Sebastião Ferreira Soares, nas suas *Notas Estatisticas sobre a Produccão Agricola e Carestia dos Generos Alimenticios no Imperio do Brasil*, embora salientando o monopolio dos especuladores de generos alimenticios como

a causa principal da carestia e dos preços altos, teve a intuição da causa que hoje nos surge como a mais séria e a mais profunda de todas: a maior concentração dos braços na cultura dos generos exportaveis — o assucar e depois o café — com desprezo pelos de alimentação commum: “os braços... têm sido nos ultimos tempos occupados exclusivamente na grande lavoura...” O café, ainda mais que o assucar, teria trazido desde os fins do seculo XVIII essa situação absurda para uma sociedade agraria, que aos poucos se urbanisava, sem cuidar de desenvolver ou, pelo menos, assegurar as bases ruraes de sua alimentação.

Mas no café apenas se prolongou o exclusivismo do assucar. Foi justamente nas grandes provincias monocultoras que se sentiu mais agudamente, no meado do seculo XIX, a carestia dos generos alimenticios. Nellas e nas regiões mais urbanisadas. Na Côrte, no Rio de Janeiro, na Bahia, em Pernambuco. Em geral, escrevia Soares em 1860, “os terriveis effeitos deste flagello por ora só têm-se tornado sensiveis nas provincias maritimas de maior commercio”.

Soares assignalava o facto em traços exactos, errando porém na maneira de caracterisal-o, ou pelo menos de situar-o: o flagello era mais intenso naquellas provincias, não pela circumstancia de serem maritimas, mas, principalmente, porque eram as regiões de monocultura mais profunda. Pernambuco e a Bahia, entregues á producção quasi exclusiva de assucar. A provincia do Rio de Janeiro e a de São Paulo, á de café. E as cidades do Rio de Janeiro, do Recife, de São Salvador, de São Paulo, vivendo não das zonas ruraes proximas, porém das remotas: do Rio Grande do Sul, de Santa Catharina, do Matto Grosso, do Piahy. Sem

falar dos productos importados do estrangeiro, como o chá, o queijo, o vinho, o azeite, por algumas casas-grandes e por muitos sobrados, recebidos directamente dos fornecedores europeus. Para os pobres importava-se da Europa o bacalhau; e de Montevideo e Buenos Aires, a carne secca. A carne secca como o bacalhau e a farinha de trigo, por maiores reduções de direitos de consumo que soffressem, continuaram a custar caro ao consumidor. Isto devido á liberdade para especulação e para lucros illicitos de que gosaram, durante o Imperio, os manipuladores do commercio de generos. Não se viu um presidente de provincia ou de gabinete arriscar o futuro, collocando-se contra exploradores de carne, com aquella mesma decisão de D. Thomaz de Mello.

Em 1865, o medico Manoel da Gama Lobo observava que a alimentação dos escravos — e podia accrescentar que a dos senhores tambem, embora em menor escala — variava não só das cidades para as fazendas, como das regiões do assucar e do café para as de relativa variedade de producção: Rio Grande do Sul, Matto Grosso, Pará, Amazonas. Nas provincias monocultoras, cuja população — principalmente a dos mucambos — raramente comia carne e peixe, eram mais frequentes os abortos; communs as ulceras chronicas e a cegueira nocturna. Naquellas de producção mais variada onde até fructa entrava na dieta dos negros em quantidade apreciavel, as molestias pareciam mais raras, a reproducção abundante, a duração de vida mais longa.

Muita gente imagina que a alimentação nas casas-grandes de engenho era sempre superior á dos sobrados de cidade. Mas já insinuamos que não. Muito sobrado recebia da Europa uma variedade de alimen-

tos finos que faltavam á mesa patriarchal dos engenhos e das fazendas menos opulentas.

Quanto aos negros das senzalas, porém, as evidencias, ou pelo menos os indícios são em sentido opposto: nos engenhos e fazendas elles seriam beneficiados por uma alimentação mais regular e por um passadio mais farto que o da gente livre dos cortiços, dos quadros e dos mucambos das cidades e das proprias fazendas e engenhos. Isto de modo geral, sem esquecermos que havia fazendas de proprietarios apenas começando a fazer fortuna, homens anciosos de lucros rapidos, onde se explorava o escravo do modo mais rude: espremendo-se até o ultimo pingo de rendimento. E o mesmo succedia nas engenhocas de senhores mais pobres. Estes, na falta de outros recursos, procuravam tirar todo o proveito do seu capital-homem. Dahi fazendas onde os senhores davam apenas aos escravos feijão cozido com angú, um bocado de toucinho, jerimun ou abobora cozida; e esta comida rala, a homens que na região cafeeira tinham de levantar-se ás tres da madrugada para trabalharem até nove ou dez da noite. Homens que trabalhando tanto só dormiam cinco ou seis horas por dia. Porque mesmo no tempo de chuva, o negro de fazenda tinha de se levantar durante a noite para recolher o café.

“O trabalho excessivo, a alimentação insufficiente, os castigos corporaes em excesso — escreveu um observador do regimen de trabalho escravo nas fazendas de café — transformam esses entes miseraveis em verdadeiras machinas de fazer dinheiro... sem laço algum de amizade que os ligue sobre a terra...”

O surto do café representou no Brasil a transição da economia patriarchal para a industrial, com o escravo menos pessoa da família do que simples operario ou

“machina de fazer dinheiro”. O Dr. David Gomes Gondim, indagando de um fazendeiro, dos taes em quem se encarnava o espirito dessa phase de escravidão mais industrial que patriarchal que foi se desenvolvendo no Sul, porque lhe adoeciam e morriam tantos negros, ficou surprehendido com a resposta: “Respondeu-nos pressuroso que (a mortandade), pelo contrario, não lhe dava damno algum, pois que quando comprava um escravo era só com o intuito de desfructal-o durante um anno, tempo além do qual poucos poderiam sobreviver, mas que não obstante fazia-os trabalhar por um modo que chegava não só para recuperar o capital que nelles havia empregado, porém ainda a tirar lucro consideravel”.

A’ mesma phase de industrialisação, do trabalho negro, refere-se Sebastião Ferreira Soares, quando escreve nas suas *Notas Estatísticas*: “... sou informado que o fazendeiro que comprava 100 captivos, calculava tirar no fim de tres annos 25 escravos para seu serviço”. O resto ou tinha morrido ou fugido. O horror dos escravos do Nordeste mais docemente patriarchal, ou do Reconcavo da Bahia, ao castigo, de que os ameaçavam os senhores nos seus dias mais terriveis de zanga, de os venderem para as fazendas de São Paulo, para as minas, para as engenhocas do Maranhão e do Pará, representava o pavor do negro ao regimen de escravidão industrial, ao trabalho sob senhores pobres ou de fortuna apenas em começo. Havia escravos que fugiam de engenhos de senhores pobres ou sovinas para os de senhores mais abonados, quasi sempre mais liberaes. É que nesses engenhos grandes o trabalho era mais dividido e portanto mais doce. Quanto á fuga de negros, e sobretudo mulatos, dos engenhos para as cidades, tinha provavelmente outro fim: o de passarem por livres, os mais peritos em officios — funileiro,

marceneiro, ferreiro — às vezes ganhando, com a aventura, não só a liberdade, como o successo profissional e social. As mulatas e as negras mais geitosas se amigando com portuguezes e italianos.

Quando não tinham sorte, no officio ou no amor, seu destino não seria melhor que o dos escravos das senzalas de engenho, muitas dellas, casas de pedra e cal, com janella e alpendre; casas superiores a habitações de trabalhadores ruraes na França, (como notou Tollenare em Pernambuco); e onde a comida podia ser sempre a mesma ou variar pouco, mas não faltava nunca. Nem comida, nem mel de furo, nem cachaça.

A liberdade não era bastante para dar melhor sabor, pelo menos physico, á vida dos negros fugidos que simplesmente conseguiam passar por livres nas cidades. Dissolvendo-se no proletariado de mucambo e de cortiço, seus padrões de vida e de alimentação muitas vezes baixaram. Seus meios de subsistencia tornaram-se irregulares e precarios. Os de habitação às vezes degradaram-se. Muito ex-escravo, assim degradado pela liberdade e pelas condições de vida no meio urbano, tornou-se malandro de caes, capoeira, ladrão, prostituta e até assassino. O terror da burguesia dos sobrados.

Os ex-escravos bem succedidos é que aos poucos iam melhorando de vida. As negras e mulatas, amigadas com portuguezes ou italianos, chegaram às vezes até os sobrados; algumas tornaram-se senhoras de escravos. E os negros e mulatos marceneiros, ferreiros, funileiros, chegaram às vezes á pequena burguesia. A moradores de casas de porta-e-janella.

O Dr. Antonio Corrêa de Sousa Costa estudando, no meado do seculo XIX, o regimen de alimentação e de vida do proletariado da Côrte — desde os empre-

gados publicos subalternos aos operarios propriamente ditos — deixou-nos alguns detalhes expressivos sobre as condições de habitação da pequena burguesia. Eram casas donde estavam sahindo sempre enterros de anjos. E tudo indica que inferiores, em condições de areação e insolação, aos mucambos da gente mais pobre. “Geralmente de acanhadas dimensões, baixas, edificadas ao nivel do solo, e munidas de um pequenissimo numero de janellas: muitas vezes são destituidas de assoalho e têm por cobertura a telha”, informa Sousa Costa. Mas estas eram as casas mais habitaveis e mais decentes; aquellas onde morava o pessoalsinho melhor. Nas outras, de barro, o chão era um horror: a propria terra, humida, preta, pegagenta, como a dos cemiterios; a coberta, folha de zinco; “a preterição a mais completa de todas as regras hygienicas na sua construção”. A situação dessas casas pequenas se aggravava com a “circumstancia da agglomeração de individuos”.

Melhor aboletado estava decerto o pessoal dos mucambos, Alguns mucambos teriam talvez por cobertura, como as primeiras palhoças de indios descobertas nas praias pelos portugueses, duas ou tres camadas de sapé. Melhor protecção contra a chuva e até contra o calor. Detalhe que não passara desapercibido aos portugueses, sempre mais promptos que outros europeus a assimilar dos indigenas, a experiencia do meio. E a tradição é ainda conservada pelos constructores mais orthodoxos de palhoças.

Mas esse typo indigena de palhoça recebera a influencia européa da “chouça ou choupana á maneira das campesinas do Reino”, levantadas pelos portugueses menos remediados. Pelos que não podiam dar-se immediatamente ao luxo de casa de pedra ou adobe.

Foi influenciado depois pelo mucambo de origem africana. Pode-se mesmo associar ao africano, sobretudo ao mucambeiro, ao quilombola, ao negro de Palmares, ao escravo fugido para os mattos, o uso da palha de coqueiro, depois tão utilizada na construção da palhoça rural, de praia e mesmo de cidade, no Norte.

As coberturas de capim ou sapé parecem ter sido geraes, nos primeiros tempos; de sapé teriam sido cobertas as proprias casas dos colonos mais ricos dos primeiros tempos; em São Paulo, as casas de camara, as igrejas, os edificios mais nobres. As primeiras casas-grandes, os primeiros sobrados, foram um pouco mucambos, na sua primeira phase: cobertos de sapé. Moraes de los Rios suppõe que em volta dos pelouros das primeiras povoações coloniaes se teriam levantado "edificações summarias de origem indigena e de procedencia européa" — choupanas, tejupares, casebres, ocas. Casas rasteiras, quasi todas, que foram preparando o terreno para os futuros sobrados, fortes e grandes, com oleo de baleia na argamassa.

Com o correr dos annos, é que a gente abonada foi cada vez se diferenciando mais da pobre pelo typo menos vegetal de casa. A nobreza da casa estava principalmente nos elementos mais duradouros de sua composição: pedra e cal, adobe, telha, madeira de lei, grade de ferro. Mas estava tambem na elevação do edificio: sobrado; na sua vastidão: casa-grande. Koster, viajando pelo Norte do Brasil, de Pernambuco ao Maranhão, aprendeu a distinguir a situação social dos moradores pelo material da casa, que variava da pedra e cal á palha. Podia distingui-la tambem por aquelles outros dois elementos — não obstante já se encontrarem então casas-grandes em ruínas e sobrados degradados em cortiços e casas de mulheres.

Com a maior urbanisação é que viriam os cortiços preferidos aos mucambos pelo proletariado de estylos de vida mais europeus. Sua origem talvez date do Recife hollandês — primeiro ponto do Brasil colonial a amadurecer em cidade moderna, as preocupações de commercio dominando as militares e juntando-se ás proprias condições topographicas, no sentido de comprimir a população e verticalisar a architectura. Estes males foram porém attenuados no burgo hollando-brasileiro, quanto as suas consequencias anti-hygienicas, pelo facto de dois rios grandes banharem e arejarem a cidade, toda ella plana. Plana e sem morros que formassem altos e baixos sociaes. Banhada e arejada tambem pelas cambôas do plano de urbanisação do engenheiro Post e desafogada pelas pontes, mandadas construir por Mauricio de Nassau e que permittiram, como já se observou em página anterior, a expansão da area urbana.

No Rio de Janeiro, e parece que, até certo ponto na Bahia, em Ouro Preto, em Olinda, as casas da gente pobre foram construidas a principio entre os morros. Dos morros, os ricos, os jesuitas e os frades se assenhorearam logo, para levantarem bem no alto suas casas-grandes, com varandas para o mar, suas igrejas e seus conventos. O inconveniente das ladeiras não era tão grande, havendo escravo com fartura ao serviço das casas e dos conventos. Ficou para os pobres a beira de “lodaças desprezados e até conservados alguns, augmentando-se-lhes ás vezes as propriedades nocivas pela addição jornaleira de objectos organicos”. De modo que os casebres e cortiços foram-se levantando, rasteiros, pelas partes baixas e immundas das cidades. Pelos mangues, pela lama, pelos alagadiços. Só depois de aterrados esses mangues e esses alagadiços menos por algum esforço systematico do governo que pela successão de casebres cons-

truidos dentro da propria lama e do lixo, é que os ricos foram descendo dos morros e se assenhoreando tambem da parte baixa da cidade.

Em 1871, estando o Rio de Janeiro no auge de sua gloria imperial, o medico Luiz Corrêa de Azevedo salientava que na construcção da cidade vinham-se accumulando erros enormes. Erros dos primeiros tempos coloniaes. E a camara municipal não cuidara nunca de corrigir, nem sequer attenuar, esses erros. Dahi o horror das habitações das ruas como São José, Ajuda, Misericordia, Guarda-Velha, Saude, Imperatriz, Livramento. Habitações immundas. Cortiços horriveis.

A cidade, augmentara; e com a cidade, esses velhos "antros". Eram cada vez mais "um flagello"; "um perigo de cada instante para a saude publica"; "a transmissão de molestias, mais ou menos graves" era "a sua natural consequencia". Nascendo e criando-se os meninos em casas tão más e numa parte da cidade tão "mal delineada, mal construida, mal ventilada, humida, quente, fetida, insalubre, mesquinha em proporções architectonicas e defeituosissima no tocante a trabalhos de hygiene publica, á policia medica e á educação hygienica" como se poderia esperar, perguntava o hygienista, uma mocidade "forte, energica", "uma raça" que soubesse "conduzir a seus destinos grandiosos o porvir deste Imperio?" Admittindo-se que os sobrados dos fidalgos e dos ricos fossem casas bem construidas e hygienicas, seus donos não constituíam, salientava Corrêa de Azevedo, "o povo, esse sangue ardente das grandes arterias do trabalho"; povo do qual teria de sahir "toda a força, todo o talento patriotico de constituir um grande e abençoado paiz".

O certo é que no Rio de Janeiro, com os padres, os frades e os ricos, donos de verdadeiras fazendas dentro da cidade, os cortiços desenvolveram-se de tal modo a ponto de em 1869 existirem 642, com 9.671 quartos habitados por 21.929 pessoas; 13.555 homens e 8.374 mulheres; 16.852 adultos e 5.077 menores. A porcentagem dos cortiços era de 3.10 % e a da sua população de 9.65%, elevando-se em 1888 a 3.96% e 11.72%. Sobrados velhos, outrora de fidalgos, degradaram-se em cortiços. A zona dos cortiços estendeu-se até elles. Estendeu-se aos morros. Depois de 1888 — periodo que escapa aos limites do presente estudo, para servir de assumpto a trabalho proximo — o cortiço só fez augmentar, não tanto de area, como de densidade. Assenhoreou-se de muito sobrado velho. De muito morro. O destino dos sobrados maiores tem sido este: transformarem-se, os mais felizes em armazens, hoteis, collegios, pensões, os outros em cortiços e casas de prostitutas.

O contraste da habitação rica com a pobre no Brasil não se pode dizer que foi sempre absoluto, atravez do patriarchalismo e do seu declinio, com toda a vantagem do lado do sobrado, e toda a desvantagem do lado do mucambo. Pode-se até sustentar que o morador de mucambo construido em terreno secco, enxuto, a cobertura dupla protegendo-o bem da chuva, foi e é um individuo mais hygienicamente installado nos tropicos que o burguês e sobretudo a burguesa do antigo sobrado.

O antigo sobrado foi quasi sempre uma casa de condições as mais anti-hygienicas de vida. Não tanto pela qualidade do material empregado na sua construção, muito menos pelo plano de architectura nella seguido, como pelas convenções de vida patriarchal, resguardando exaggeradamente da rua, do ar, do sol, o burguês

e sobretudo a burguesa. A mulher e principalmente a menina.

Quanto á natureza do material, os sobrados variaram desde o primeiro seculo de colonisação, (1) segundo os recursos dos habitantes, (2) segundo o seu maior ou menor contacto com a civilisação européa e, principalmente, (3) conforme o caracter do solo da região onde se estabeleceram. Gabriel Soares diz que na Bahia os colonos se serviram de ostras para dellas extrahir cal para as primeiras casas nobres. Martius, nos principios do seculo XIX, encontrou no Brasil material favoravel á construcção nobre e duravel e Roy Nash surprehenderia em Penedo (A. agôas), tanto quanto em Diamantina (Minas Geraes) cidades inteiras, com sobrados e casas de pedra. Nash verificaria ainda no Brasil, que ao contrario do fellah do delta do Nilo, a quem tudo falta para levantar habitações de material solido, o brasileiro dispunha largamente de pedra, de madeira e de cal e de lenha para fabricar tijolo. De modo que a pobreza que o mucambo ou a casa de palha ou de barro e coberta de sapé accusa, ainda hoje, não é do solo, abundante em elementos os mais duraveis de construcção, mas do morador. O facto desse typo de casa ter se generalisado tanto no paiz se explica pela pobreza ou pelo nomadismo do grande numero; por sua situação de constante mobilidade social. Quando não horizontal, vertical.

Tambem se explica, no caso dos ricos que o Principe Maximiliano conheceu morando em casebre, sem conforto nenhum, pela quasi ausencia, até para ricos, de contactos com a Europa; e consequente predominancia, entre elles, dos padrões indigenas ou semi-indigenas de vida. Mas o motivo principal seria o primeiro, numa terra rica de pedra, de cal, de madeira, ma

tudo sob o domínio de uma minoria tão reduzida, que ainda pelo ultimo recenseamento quasi trinta milhões de brasileiros continuam sem um palmo de terra, em contraste com os poucos mil que são donos de usinas, fazendas, seringaes, cafezaes, cannaviaes, alguns donos de grupos inteiros de sobrados-cortiços e de aldeias immensas de mucambos.

Discute-se qual tenha sido no Brasil a primeira casa de branco com feição européa — da qual sahisse depois o sobrado.

Alguns supõem que foi a da *Carioca*, que quer dizer . justamente isto: casa de branco; e acredita-se que em 1504 Gonçalo Coelho tivesse levantado junto a um riacho uma casa, talvez um pequeno arraial, que os indigenas ficaram chamando *carioca*: casa de branco.

Os protestantes franceses tentaram depois estabelecer-se nas immediações e da forma mais burguesa. Em “casas de branco” onde pudesse florescer a mesma vida de familia que nas aldeias da França e da Suissa, com donas de casa vindas da Europa. Nada de chamego com india nem negra: a “casa de branco” seria tambem a casa da mulher branca.

A mulher branca tem sido sempre um elemento de solidez nas colonisações da America, da Africa, da Asia. Como já observamos, sua presença é um estímulo á architectura domestica mais nobre e mais duradoura. Esse estímulo não faltou ao esforço de colonisação francesa do Rio de Janeiro. E si a tentativa não chegou nunca a amadurecer, foi pela ausencia de outros elementos de successo, e não tanto deste.

Onde essa condição — a presença da mulher branca como elemento estavel de colonisação — juntou-se a outras qualidades de solidez, dando aos começos de colonisação urbana do Brasil um typo nobre e mais

duradouro de “casa de branco” — taipas, pedra e cal, madeira de lei, sobrado — foi, como já suggerimos, em São Vicente, em Iguarassú, em Olinda, em São Salvador.

Em Olinda, diz-se que em 1575 já havia setecentas casas de pedra e cal; e é provavel que ahi como em São Salvador, typo da cidade thalassica, com as ruas e as proprias casas escancaradas para o mar, alguns sobrados com terraplenas para a agua, se aproveitasse o marisco no fabrico da cal. Duarte Coelho, que construiu Olinda, dando á colonisação na Nova Lusitania aquelle character semi-urbano que conservaria por longo tempo, muitos senhores de engenhos morando metade do anno nos sobrados de Olinda; Duarte Coelho trouxera da Europa artifices que foram decerto aproveitados na construcção de “casas de branco”; e não, simplesmente, na montagem de engenhos de canna e na edificação de igrejas. Esses artifices devem ter vindo ganhando salarios quasi tão altos quanto os dos mestres do reino que vieram para a Bahia e ahi construíram as “nobres cazas” de que fala Gabriel Soares. O luxo de “casas bem concertadas” não era dos mais faceis; para ostental-o, o colono rico do seculo XVI teve que gastar seus bons cruzados.

Na construcção de sobrados utilisaram-se, muitas vezes, as pedras de Lisbôa trazidas nos navios como lastro de carga. No Rio de Janeiro, utilisou-se largamente o granito das collinas proximas da cidade, fazendo-se argamassa de cal de mariscos com areia do mar e barro. Nas cidades do interior, o barro deve ter predominado na argamassa; nas do littoral, a areia e o marisco.

Os viajantes que estiveram nas primeiras cidades brasileiras — as do seculo XVI e do XVII —

falam da solidez dos sobrados. Froger não se admirou só das fortalezas, dos edificios publicos e do collegio dos jesuitas que viu em São Salvador no seculo XVII; tambem das casas particulares. Eram altas, grandonas, assobradadas.

Quasi pela mesma epoca estiveram na capital do Brasil Frazier — outro francês — e o inglês William Dampier. Salientam os dois o numero de casas — duas mil. Casas mal mobiladas, diz Dampier; as paredes nuas, as salas sem aquelle conforto que para a burguesia inglesa já ia se tornando o “test” das civilizações. Os sobrados de dois e tres andares de São Salvador deixaram entretanto no celebre viajante uma impressão boa de solidez e até de nobreza de estrutura e de material. Fachadas de cantaria. Sacadas largas. Paredes grossas. Os tectos de telha. E essas casas burguesas, no meio de fructeiras e de plantas, umas da terra, outras importadas da India ou da Africa. Visitando o Rio de Janeiro no meado do seculo XVIII, o scandinavo Johan Brelin viu “casas construidas de pedra á maneira hespanhola ou portuguesa, com balcões deante dos postigos das janellas, que são cercadas de grades, porque as vidraças são ali muito dispendiosas e encontram-se pois, somente nas residencias mais nobres, assim como nas egrejas e claustros”.

São Salvador parece ter conservado no seculo XVII e no XVIII o mesmo ar meio agreste da descripção de Gabriel Soares. Johan Brelin viu em São Salvador bonitos jardins entre as casas. E era muito o matto dentro da cidade. Muita arvore. As casas-grandes dos ricos quasi rivalisando com as de engenho não só na massa enorme, patriarchal, do edificio, como no espaço reservado á cultura da mandioca e das fructas, e á criação dos

bichos de córte. Os moradores dos sobrados não podiam depender de açougues, que quasi não existiam, nem de um supprimento regular de viveres frescos, que viessem dos engenhos e das fazendas do interior para os mercados da beira-mar.

Precisavam assim de se assegurar dessa regularidade de generos de primeira necessidade, produzindo-os o mais possivel em casa. Bolacha, queijo, peixe secco, vinham pelos navios; e até manteiga, biscoito, vinho, chapeus, meias inglesas, negros africanos algumas casas ficaram recebendo directamente da Europa, da Africa, das ilhas por suas terraplenas, suas boccas abertas para o mar. O qual tambem lhes fornecia oleo de baleia para dar força á argamassa das paredes das casas; azeite de peixe para alumiar as sa'as; peixe fresco para a mesa; marisco para o fabrico da cal dos edificios. As cidades brasileiras não podiam depender mais do mar e menos da terra.

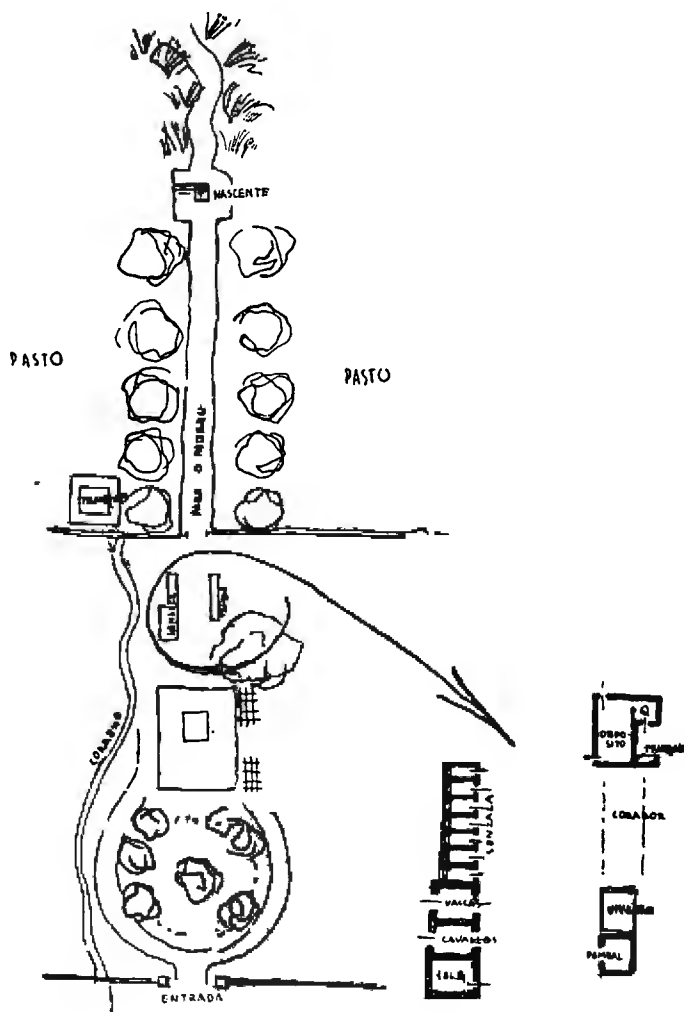
Dahi poder falar-se da casa-grande no Brasil não só como o centro de um systema rural de economia de familia, mas como um typo de habitação patriarchal que, existiu, modificado, nas immediações das cidades, (chacaras, casas-de-sítio) ou mesmo dentro dellas (sobrados).

Nos annuncios de casas para vender nos jornaes dos principios do seculo XVI, as chacaras e até os sobrados ainda apparecem annunciados como "casas-grandes". "Arrenda-se hum sitio no logar do Piranga com muito bôa casa-grande de pedra e cal, estribaria para cavallo, um bom systema de agoa de beber, muitas arvores de fructo que dão bastante e terreno sufficiente para plantação de rossas e o mais que se queira, que tudo produz bellamente pelo dito sitio

ser em terra fresca”, diz um annuncio no *Diario de Pernambuco* de 17 de Setembro de 1835. Noutros annuncios, em vez de casa-grande de sitio ou de sobrado, diz-se “chacra” ou “caza nobre”, ou “chacara ou grande morada de casa de sobrado”, como num annuncio do *Jornal do Commercio* de 7 de Dezembro de 1827: sobrado por signal, com muita plantação de laranjeiras, vasto cafezal, o sitio cercado todo em roda de limões, um grande parreiral de uvas, uma grande fonte. Outra casa de sitio se annuncia, no *Jornal do Commercio* de 10 de Janeiro de 1828, como de “pedra e cal, envidraçada”, vista para o mar, senzala, armazem, cavallariça, 60 mil pés de café principiando a dar, matto virgem. Verdadeira fazenda junto da cidade, quasi dentro do centro urbano.

Por ahi se explica, em parte, pelo menos, a extensão de area das cidades brasileiras. Ellas foram crescendo com os interesses de concentração urbana prejudicados pelos de autonomia economica das casas dos ricos, que precisavam de verdadeiro luxo de espaço para senzala, chiqueiro, estribaria, cocheira, horta, baixa de capim, pomar, parreiral, arvores grandes, (a cuja sombra se almoçava nos dias mais quentes), açougue, viveiro, banheiro de palha no rio, ou no riacho; para todo um conjuncto de actividades impostas ás casas burguesas pela imperfeita urbanisação da vida e pela escassa ou difficil communicação das cidades com os engenhos e as fazendas.

A urbanisação se foi fazendo, entretanto, em sentido vertical, naquellas cidades de topographia mais difficil para esse desdouro de transbordamento em sentido horizontal. No Recife, por exemplo. Ahi os sobrados de quatro, cinco andares tornaram-se communs desde o seculo XVII. Era um meio de as casas continuarem



Planta de uma chacara do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX.

(Desenho de Carlos Leão)

grandes e satisfazerem muitas das necessidades patriarchaes sem se espalharem exaggeradamente para os lados. Dahi os sobrados e as igrejas mais magras do Recife; sem aquella gordura derramada das casas e das igrejas da Bahia e mesmo do Rio antigo. Derramada, mas boa e sympathica.

Em São Salvador, no Rio de Janeiro, em São Paulo os sobrados parecem ter variado entre um e dois andares, alguns indo a tres, no Rio de Janeiro; raros a quatro e cinco, na Bahia. As casas de residencia no Rio, escreveu nos principios do seculo XIX um viajante inglêz que eram geralmente de dois andares; mas havia "algumas de tres; eram sobrados bem construidos, de granito ou tijolo, as paredes revestidas de cal de marisco..." Spix e Martius viram na Bahia sobrados de tres e até cinco andares, "as mais das vezes construidos de pedra". Conservou-se nesses sobradões do principio do seculo XIX a tradição, o velho gosto da vista para o mar; "do lado do mar, compridas varandas de madeira...", repararam os allemães. Rodeando os sobrados, touceiras de bananeiras e laranjeiras. Oitões livres. Nenhum excesso de agarrado, como o das casas menores, os sobradinhos, as casas de barro, que até nos lugarejos do interior ainda hoje tendem no Brasil a se agarrar umas ás outras.

Nash julga ter descoberto uma explicação psychologica para essa tendencia das casas burguesas no Brasil se agarrarem tanto umas ás outras: seria uma especie de desforra contra o silencio oppressivo dos largos espaços entre as cidades, uma especie de reacção contra as distancias enormes que separam um povoado do outro. Principalmente no interior. Nas cidades maiores, essa tendencia para as casas pequenas se agarrarem tanto e se comprimirem talvez venha obe-

decendo mais a motivos economicos que ao psychologico, suggerido pelo observador americano. Mas nas cidades de Minas Geraes, por exemplo, a suggestão de Nash parece applicar-se aos proprios sobrados grandes que se apresentam quasi tão agarrados uns aos outros, quanto as casas pequenas. No Recife, já vimos datar dos hollandeses a tendencia para maior verticalidade dos sobrados: imposição da topographia. Mas acabou a cidade deixando de se limitar á ilha do Recife, para transbordar em casas mais gordas pelos aterros e pelos mangues, talvez já saneados por palhoças de pescadores de caranguejo.

Em São Paulo, os sobrados de residencia — em geral de dois pavimentos, e quasi todos de taipa, ao contrario dos da Bahia, do Recife e do Rio de Janeiro, construidos mais nobremente de tijolo ou de pedra com cal de marisco — parece que nunca tiveram o prestigio social das chacaras. Nas chacaras era onde os pauvistas mais abonados preferiam morar, guardando melhor nessa vida semi-urbana o possivel sabor da rural. Eram casas de um pavimento só, caiadas de branco, rodeadas de jaboticabeiras, limoeiros, laranjaes. Seus moradores, ainda mais ariscos que os do centro da cidade, quasi só sahiam para a missa e para as festas de igreja. Os menos retrahidos é possivel que fossem tambem ao theatro onde se representavam peças do typo do *Avarento* (os actores todos mulatos). Quasi todos sahiriam tambem de casa para ver das varandas dos sobrados de conhecidos ou dos parentes as procissões que Mawe observou attrahirem tanta gente. Brancos, caboclos, negros, mulatos. Aliás esse viajante inglês viu em São Paulo, á sombra dos sobrados de taipa, negro e mulato aos magotes. Seu depoimento não favesse a theoria daquelles que imaginam a população pau-

lista dos tempos coloniaes virgem de sangue africano e ennegrecida só pelo do indio. Antes do esplendor da lavoura do café, que foi na segunda metade do seculo XIX, já São Paulo tinha seus negros e seus mulatos em massa, e não apenas uns salpicos de sangue africano.

Algumas chacaras, notou Saint-Hilaire em São Paulo, que dominavam não somente laranjeiras e jaboticabeiras, como até cafezaes. Quasi umas fazendas. Numa dellas, a de um brigadeiro, a meia legua da cidade, havia tambem muita macieira, pereira, castanheira, pecegueiro, além de parreiral; e pasto para os animaes, como nas fazendas do interior. Na de Joaquim Roberto de Carvalho estava-se como numa casa-grande de engenho; terraço onde se podia fazer o chylo; pomar; e nem era preciso ir á igreja para ouvir missa, porque a casa tinha capella.

Essas casas de sitio com capella, baixa de capim, muita arvore de fructa, olho d'agua ou cacimba donde se vendia agua á gente mais pobre, da vizinhança, existiam tambem nas immediações do Rio de Janeiro e do Recife. Os annuncios de jornal estão cheios dellas. No Recife, menos como residencias do que como casas de verão, onde os moradores mais ricos, sem se afastarem muito dos seus sobrados da cidade, iam passar a festa e fazer suas estações d'agua, tomando banho de rio e chupando cajú para limpar o sangue.

Eram em geral casas de um pavimento só, como as chacaras paulistas; edificios da quatro aguas, como as casas de engenho, terraço acachapado, copiar. As arvores mais communs nessas casas do Norte eram as goiabeiras, os araçaseiros, os cajueiros, as laranjeiras, os coqueiros; depois se generalisaram as mangueiras, as jaqueiras, os pés de fructa-pão. Nos seus terraços, os homens jogavam cartas; debaixo das manguei-

ras havia os taes almoços ao ar livre — salientando-se os de Bento José da Costa no sitio chamado da Capella, com a presença do capitão-general Luiz do Rego Barretto, do velho Maciel Monteiro, de outras figuras importantes dos ultimos tempos de regimen colonial. Os salões ás vezes se illuminavam a vela, a luz protegida pelas grandes mangas de vidro, para as moças de saia balão brincarem de padre-cura com os rapazes de calças justas, estreitissimas, apertadas nas virilhas; ou dançarem as quadrilhas aprendidas com os mestres franceses. James Henderson e Maria Graham puderam observar um pouco da vida social nas casas-grandes de sitio das immediações de Recife: Poço da Panella, Monteiro, Ponte d'Uchôa. E o padre Lopes Gama nos deixou tambem varios flagrantes desses passamentos de festa. Evidentemente, as casas de sitio do Recife não eram tão tristonhas quanto as chacaras de São Paulo; a iluminação mais farta, mais alegre, mais rica, e não a fumarenta e economica luz das lampadas de azeite de mamona, preferida pelos Paulistas.

Quanto aos sobrados — nos quaes devemos vêr o typo de architectura nobre mais intransigentemente urbana que se desenvolveu no Brasil — já observamos que variavam em numero de andares e na qualidade do material, os do Recife parecendo ter sido os mais altos, e quasi sempre, como os da Bahia e do Rio, de pedra ou tijolo; os de São Paulo, de taipa e, na media, de dois pavimentos, os do Rio, um, dois e tres andares. Robert Burford, que esteve no Rio de Janeiro em 1823, diz-nos o que era por dentro um desses sobrados de um, dois ou tres andares: sala de visita pintada com côres vistosas, varanda onde ás vezes se comia, alcovas, cozinha, estabulo, para o qual se en-

trava, tendo de atravessar a parte mais nobre da casa. O material de construcção, o granito ou o tijolo. Janelas, já de vidro, que ha pouco tinham substituido as gelosias. Nas chacharas melhores, muito mais conforto á européa, pelo menos para um inglês, do que nos sobrados, talvez mais orientaes: "they abound in the confort of Europe". Mas tambem muito encanto dos tropicos: grandes jardins, fontes jorrando agua, laranjeiras, goiabearas.

Entretanto, é curioso: certos requintes, como a vidraça das janellas, tudo indica que primeiro se desenvolveram nos sobrados e até nas casas-grandes de fazenda de São Paulo e de Minas. Na região mediterranea e não na levantina, mais em contacto com a Europa. No proprio Rio de Janeiro predominou até os fins da era colonial a janella de grade de madeira. O que se explica, em parte, pelas exigencias de um clima mais aspero nas provincias de São Paulo e Minas, com os dias mais escuros, mais cheios de nuvens, a garôa frequente. Sem vidraça, o interior das casas tornava-se quasi intoleravel em dia de chuva.

Saint-Hilaire notou na cidade de São Paulo que era raro o sobrado em que as janellas não fossem envidraçadas. Luxo que não faltava aos sobradões mineiros. E ainda hoje se pode ver, em Barbacena, velho casarão de fazenda, ao que parecê do seculo XVIII, com o terraço todo envidraçado. Um terraço magnifico onde se podia passar o dia inteiro de chuva, sem ter de accender a candeia de azeite ou a vela de castiçal para as senhoras coserem ou os homens jogarem as cartas. Entretanto, devia ser difficil e caro o transporte de vidro para o interior de Minas.

Em São Paulo, diz-nos Saint-Hilaire que eram só as casas menores que tinham rotulas, os sobrados os-

tentando vidraças. Que dominava o verde na pintura das sacadas e das venezianas. Que os beirais das casas não eram tão exaggerados como noutras cidades do Brasil, tendo apenas largura sufficiente para que a chuva protegesse os transeuntes.

Entretanto, a outros viajantes, a cidade de São Paulo, mesmo com as taes janellas envidraçadas, pareceu uma cidade triste. Mais triste, decerto, que a Bahia, onde talvez fosse menor o numero de vidraças e maior o de gelosias; mas onde as casas tinham no alto terraços para o mar. Onde as noites tinham mais luz com o azeite de peixe. Os dias, mais sol.

Em São Paulo, o sobrado teve um desenvolvimento mais vagaroso do que no Recife. Mas desde 1611 e 1617, lembra Alcantara Machado que os inventarios dão noticias desse typo mais civilizado de edificio. Às vezes eram casas hybridas: meio lanço de sobrado e meio lanço terreo. Outras só apresentavam assobradada uma camarinha. Eram raras as forradas; mas todas tinham seu corredor, seus compartimentos de taipa de mão, suas camaras e camarotes. A cobertura a principio, de sapé ou de palha, foi sendo substituida, nos sobrados e nas casas melhores, pelo telhado. Cuidou-se em São Paulo, desde o secu'lo XVII, do fabrico de telha mas não ao ponto de produzir telha barata. De modo que o telhado, em contraste com o sapé ou a palha, deve ter sido signal de nobreza da casa. A telha era carissima: o milheiro “vendido a mil e seiscentos e dois mil réis, preço enorme para o tempo”, recorda o professor Alcantara Machado.

A casa hybrida — metade terrea, metade sobrado de um, dois e até tres andares — desenvolveu-se particularmente nas cidades, construidas em terreno des-

igual, de planos diversos, ladeiras em vez de ruas. Em Ouro Preto e na Bahia, por exemplo, ás vezes a frente da casa é que era terrea; e as costas, assobradadas, dando para barrancos e até para precipícios fundos.

Mas foi sem duvida no Recife que se antecipou, entre nós, por um conjuncto de circumstancias já suggeridas, o typo de edificio mais caracteristicamente urbano. Sobrados patriarchaes de cinco e seis andares. Sobrados onde as actividades da familia — ainda patriarchal e já burguesa — começaram a espalhar-se em sentido quasi puramente vertical mas com o mesmo luxo e largueza de espaço das casas-grandes de engenho. Assim, o sobrado que Kidder conheceu no Recife dos primeiros tempos da Independencia — casa de seis andares, escreveu elle, “de um estylo desconhecido nos outros pontos do Brasil”. Esse estylo de casa era typico da habitação dos recifenses mais ricos, — os commissarios de assucar. Os fidalgos do commercio. No andar terreo, ficavam o armazem e a senzala; no segundo, o escriptorio; no terceiro e no quarto, a sala de visitas e os quartos de dormir; no quinto, as salas de jantar; no sexto, a cozinha. E ainda por cima desse sexto andar havia um cocoruto, donde se podia observar a cidade, admirar a vista dos arredores, gosar o azul do mar e o verde dos mamoeiros, tomar fresco.

Kidder subiu ao cocoruto do sobrado patriarchal de que nos deixou descripção tão minuciosa — lugar ideal, diz elle, para o estrangeiro colher uma idéa exacta da cidade. Viu o porto cheio de jangadas de vela; navios ancorados no lamarão; Olinda branquejando entre o arvoredado; casas de sitio rodeadas de cajueiros, mangueiras, palmeiras — casas acachapadas,

rasteiras, de um só pavimento, contrastando com os sobrados altos como aquelle. Às vezes, em vez de cocoruto o que havia eram aguas-furtadas, oculos nas gordas paredes de fortaleza do sobrado, que talvez fossem já o refugio dos gatos menos mimados pelas yayás da casa.

Kidder salienta entre as vantagens da cozinha situada no sexto andar o facto de a fumaça e os cheiros de comida não incomodarem a familia, nos andares de baixo. A desvantagem era o transporte d'agua, o do peso da carne, o das cousas de cozinha, ter de ser feito todo elle atravez de varios lanços de escada. Mas para que tanta fartura de negro e de muleque, nos sobrados? Porque não era apenas nas casas-grandes de fazenda que os negros, os muleques e os crias se acotovellavam dentro de casa: tambem nos sobrados ricos. Uma senhora do Rio disse ao Rev. Fletcher que os seus escravos eram um aperreio, não porque fossem poucos, porém muitos; gente demais dentro de casa; a pobre sinhá não sabia mais o que havia de inventar para dar que fazer a tanto mulecão malandro, agachado pelos cantos. Essa fartura e até excesso de negro permittia, aos sobrados, installarem no sexto andar sua cozinha e no terreo, a senzala. Como permittia aos ricos e aos jesuitas installarem suas casas-grandes e seus collegios enormes no alto dos morros. Não faltava escravo para subir e descer as ladeiras, com carretos á cabeça e palanquins nas mãos possantes.

Foi tambem no Recife que alcançou maior esplendor o sobrado de azulejo. Nash dá como a região brasileira de emprego mais largo de azulejo na architectura não só de igreja, como de casa, o trecho levantino entre Maceió e São Luiz do Maranhão.

Exactamente aquelle onde foi maior o dominio da cultura hollandesa. Esta teria agido, com as suas qualidades tradicionaes de aceio, sobre a hygiene da casa burguesa do Nordeste. Mas não se pode attribuir a esse dominio, nem aos hollandeses, o relevo que tomou o azulejo na architectura de sobrado e de igreja do Brasil. Em Portugal o azulejo era empregado largamente, e dahi é que primeiro se communicou ao Brasil. Influencia dos mouros, atravez dos portugueses. O commandante do navio francês *La Venus* foi o traço que mais sentiu nas cidades do Brasil, a começar pelo typo de architectura: o traço dos mouros. A estes se deve attribuir tambem o gosto pelas fontes, tão communs nos jardins e nos pateos dos sobrados do Recife, desde o seculo XVIII, pelos chafarizes e pelas bicas onde a pequena burguesia de São Salvador ia de noite refrescar-se, tomar banho, lavar os pés. O muito gasto d'agua nas cidades. Os banhos de rio até junto das pontes. Especialmente no Pará, onde o americano Warren viu tanta gente nua — homens e mulheres, velhos e meninos — regalando-se de banho de rio á vista de toda a cidade. Influencia do caboclo, suppõem uns; mas influencia, tambem, talvez mais profunda, do mouro, atravez do português.

Nunca nos devemos esquecer da influencia do mouro atravez do português, nem da do mussulmano atravez do negro, no sentido da hygiene do corpo e da casa nas cidades do Brasil. Foi ella que attenuou a falta da publica, em burgos immundos e tão a tôa, que a l'impeza das ruas, dos quintaes, das praias, dos telhados esteve por muito tempo entregue quasi officialmente ao urubús ou ás marés. Os urubús vinham com uma regularidade de empregados das camaras pinicar os restos de comida e de bicho morto e até

os corpos de negros que a Santa Casa não enterrava direito, nem na praia, nem nos cemiterios, mas deixava no raso, ás vezes um braço inteiro de fóra. Com a mesma regularidade burocratica a maré subia e levava a immundicie das praias; ás vezes a'agava, como ainda hoje alaga, aldeias inteiras de mucambo.

As praias, nas proximidades dos muros dos sobrados, eram lugares por onde não se podia passear, muito menos tomar banho salgado. Lugares onde se faziam despejos; onde se descarregavam os "tigres", os gordos barris transbordando de escremento, o lixo, a porcaria das casas e das ruas; onde se atiravam bichos e negros mortos. O banho salgado é um costume recente da burguesia brasileira, que nos tempos coloniaes e nos primeiros tempos da Independencia deu preferencia ao banho de rio. "Praia" queria dizer então immundicie. O rio é que era nobre. Muita casa-grande de sitio, muito sobrado de azulejo, no Recife todo o casario illustre da Magdalena — que hoje dá as costas para o rio — foi edificado com a frente para a agua. No rio se tomava banho de manhã e de tarde se passeava de canôa ou de bote, os chapéus de sol abertos sobre os botes. Pelo rio, e de canôa, se faziam mudanças de casa: aquellas constantes mudanças de casa, que eram quasi um divertimento para as familias sedentarias. O diario, hoje em meu poder, do velho "Papae outro" — Felix Cavalcanti de Albuquerque — é o que recorda com mais frequencia: mudança de casa. Quasi não houve sobrado grande da Rua Imperial, no Recife, que elle não occupasse por alguns annos.

De noite, tempo de luar, os estudantes do Recife, sahiam de bote, pelo rio, fazendo serenata ás meninas dos sobrados da Magdalena e de Ponte d'Ulhoa. O

costume viria quasi aos nossos dias. Adelmar Tavares ainda foi trovador de rio.

Muita casa de sitio, e até sobrado, tinha seu banheiro de palha á beira do rio mais proximo. Banheiro onde o pessoal se despia, cahindo então regaladamente dentro d'agua. Algumas senhoras mais recatadas conservavam o cabeção por cima do corpo. Quasi todas faziam antes o pelo-signal e encomendavam a alma aos santos, como a avó do padre Lopes Gama. Os homens não dispensavam um golé de cachaça para fechar o corpo — gole tão prophylactico quanto o pelo-signal das mu'heres. A agua attrahia — era talvez a influencia indigena ou a moura; a influencia pagan. Mas por outro lado, fazia medo. Repugnava. Tinha seu gosto de peccado. Talvez resto de influencia do christianismo medieval, que degradara a agua e tornara o banho de rio quasi um peccado. Aos poucos é que o banho de rio foi ganhando no Brasil um caracter doemente christão — a ponto de irem se tornando comuns os lugares onde a gente tomava banho sob a invocação de Nossa Senhora da Saude, curava-se das dores e das febres com os banhos e com a agua.

Mas o banho mais caracteristico da gente de sobrado foi o de gamella e o de assento, dentro de casa. O banho de cuia. Para a gente de mais idade, o banho era sempre morno, inteiro ou de assento. Segundo alguns viajantes dos tempos coloniaes, — um delles Mawe, — as senhoras dos sobrados abusavam do banho morno; e isto concorria para amollental-as. Opinião tambem, de alguns hygienistas do tempo do Imperio, que se occuparam do assumpto em theses e dissertações.

Uma das ostentações de alguns sobrados illustres era que delles escorresse para a rua a agua dos banhos mornos. Agua azulada pelo sabonete fino e cheirando a aguardente de qualidade. Os burgueses se orgulhavam de não feder a negro, nem a pobre.

Deve-se notar que o sabão, a principio fabricado em casa, foi um dos artigos que se industrialisaram mais depressa no Brasil. Sabão de lavar roupa — branqueada tambem a anil. Sabão de esfregar o corpo da gente fina e embelezal-o ainda mais. Fabricas de sabão surgiram nas principaes cidades. No seculo XIX os negros mais ricos deram para importar sabão da Costa. Um consumo enorme de sabão. A tal ponto que no meado do seculo XIX, grande parte das fabricas do Imperio eram de sabão.

Quanto á gente dos mucambos, é claro que entre ella o luxo do sabão não se desenvolveu. Nem entre ella, nem entre a pretalhada das senzalas. O budum, a catinga, a inhaca dos negros, em torno da qual cresceu todo um ramo de folk-lore, no Brasil, deve ter sido o exaggero do cheiro de raça — tão forte nos sovacos — pela falta, não tanto de banho, como de sabão, em gente obrigada aos mais duros trabalhos.

Porque do banho, o negro, a gente do povo mulata — e não apenas a mameluca e a cabocla — nunca se mostraram inimigos no Brasil. A tradição de excessivo gosto d'agua de bica, em regalos de banho ou pelo menos de lava-pés, não se encontra só no Norte; tambem em Ouro Preto. O muleque brasileiro tornou-se celebre pelo seu gosto de banho de rio. Os jornaes da primeira metade do seculo XIX e até da segunda estão cheios de reclamações contra muleques sem-vergonhas, e mesmo

homens feitos, que nos lugares mais publicos, ou ao pé dos sobrados mais nobres, despiam-se de seus mulambos, de seus restos de estopa ou de baeta, e iam tomar banho completamente nús.

Isto quanto ao banho. Uma palavra, agora, sobre o saneamento dos sobrados e dos mucambos. Sabido que o systema de saneamento nas cidades brasileiras foi por muito tempo o do “tigre” — o barril que ficava debaixo da escada dos sobrados, accumulando materia dos urinoes, para ser então conduzido á praia pelos negros — facilmente se imagina a inferioridade, neste ponto, das casas burguesas de porta para a rua com relação ás de fazenda e de engenho.

Martius, em São Salvador, agradeu-se dos sobrados. Achou magnificos aquelles casarões quadrados, bons, com varanda na frente. Mas lamentando a falta, em quasi todos, de “certa *commodidade*, com o que o asseio das ruas nada tem a lucrar”. Luccock toca no assumpto cheio de repugnancia; tanto que para disfarçar, ostenta erudição romana e escreve que “Cloacina has no Altar erected to her in Rio and a sort of Pot de Chambre is substituted for her Temple”. Mas esses urinoes, ás vezes grandes, chamados “capitães”, outras vezes de louça, muito bonitos, côr de rosa com enfeites dourados — alguns até de ouro — onde as mulheres — contam pessoas mais velhas — se sentavam fumando e conversando, nas suas camarinhas; esses urinoes eram dos aristocratas, dos burgueses mais luxentos. Ainda hoje, alguns não querem saber de meio mais commodo de defecar; morreu ha pouco no Rio um medico illustre, da geração mais antiga, que sentado no seu vasto urinol lia e estudava todas as

manhans. Alguns mais commodistas, tinham na alcova poltronas especiaes, furadas no meio do assento, por baixo do qual ficava o urinol.

O grosso do pessoal das cidades defecava no matto, nas praias, no fundo dos quintaes, ao pé dos muros e até nas praças. Lugares que estavam sempre meilados de escremento ainda fresco. Luccock diz: "thickly strewed with ever fresh abominations".

O habito de defecar de cocoras, á maneira dos indios, de tal modo se generalisou não só entre a gente rural como entre a população mais pobre das cidades, que ainda hoje ha brasileiros distinctos, de origem rural, ou então humilde, incapazes de se sentarem nos apparelhos sanitarios: só acham geito de defecar pondo-se de cocoras sobre a tampa do W. C., que ás vezes deixam toda emporcalhada. Dahi serem tão raros, no Brasil, os W. C. publicos, limpos ou asseados. Mesmo em algumas casas de familia, nas cidades já saneadas, não se concebe que os W. C. possam ser lugares limpos, inteiramente diversos dos seus predecessores: as "casinhas" com simples barris sem o fundo, enterrados até o meio sobre uma fossa. O uso desses barris, generalisou-se nas casas burguesas da segunda metade do seculo XIX.

A casa-grande da cidade e de suburbios — o sobrado com a porta e a varanda para a rua, a chacara, a casa de sitio teem tido, como a de engenho, seus detractores, do mesmo modo que alguns apologistas, lyricos ou sentimentaes. Quem é que ás vezes não se lembra da casa, ás vezes feia, onde nasceu e brincou menino, repetindo o poeta: "A minha casa, a minha casinha, não ha casa como a minha?" E é mais facil de perdoar o tradicionalista sentimental que o modernista sem sentimentos — o que pretende sentenciar sobre o

passado, sem se collocar no ambiente e nas condições do passado.

Para criticar o sobrado ou a chacara — no sentido de discriminar suas qualidades dos seus defeitos e não no outro, de detractal-o puramente — devemos consideral-o, quanto ao seu plano de architectura, em relação, não somente com o clima, mas com as necessidades e exigencias sociaes do typo de familia então predominante. Tambem quanto ao material empregado não apenas por imposição do meio physico, como pela maior ou menor pressão dos estylos europeus de vida.

Ainda se deve attentar no facto de que dentro do ambiente de honestidade nas transacções e nos negocios que costuma crear em torno de si o systema escravocrata, muitas vezes se adulterou e falsificou entre nós e material usado na construcção dos sobrados e de outras casas urbanas. De modo que alguns defeitos nos velhos sobradões attribuidos ao plano de architectura, resultavam do material inferior, deshoonestamente empregado em lugar do bom.

Não que o plano de architectura das velhas casas urbanas fosse no Brasil um ideal de hygiene domestica para os tropicos. A hygiene difficilmente se conciliava com as exigencias, mais graves para a epoca, de ordem moral e de natureza economica. O patriarchalismo queria as mulheres, sobretudo as moças, as meninas, as donzellas, dormindo nas camarinhas — quartos sem janella, no interior da casa, onde não chegassem nem o reflexo do olhar pegagento dos donjuans (tão mais afoitos nas cidades do que no matto). Queria ainda que ellas pudessem espiar a rua, sem ser vistas por nenhum atrevido: atravez das rotulas, das gelosias, dos ralos de convento (só aos poucos é que

as varandas se abriram para a rua e que appareceram os palanques, estes mesmos recatados, cobertos de trepadeiras). Queria a gente toda da casa, especialmente as senhoras e os meninos, resguardados do sol, que dava febre e fazia mal; do sereno; do ar encanado; das correntes de ar; do vento; da chuva; dos maus cheiros da rua; dos ladrões (dentro das paredes grossas dos sobrados se enterrava dinheiro).

Dahi a physionomia um tanto severa dos sobrados, seu aspecto quasi de inimigo da rua; os cacos de garrafa de seus muros; as lanças pontudas dos seus portões e das suas grades de ferro, onde ás vezes os muleques, ladrões de manga ou de sapoti, perseguidos pelos cachorros, deixavam fiapos de carne; a grossura de suas paredes; sua humidade por dentro; seu ar abafado; sua escuridão; o olhar zangado das figuras de leão ou de cachorro nos umbraes dos portões, defendendo a casa, da rua, amedrontando os muleques que ás vezes se afoitavam a pular o muro para roubar fructa; ou simplesmente, a sujal-o com calungas obscenos.

Aliás, desde os tempos da Regencia que a rua, por sua vêz começou a defender-se dos sobrados. As gazetas daquella epoca e os livros de actas das camaras veem cheios de editaes e de pronunciamentos contra os sobrados e a favor das ruas. Restricções contra os desmandos patriarchaes das casas assobradadas que ainda faziam das calçadas, terreno de partir lenha e escoadouro de agua durante o dia. Pelo que as Posturas declaravam: "Ninguem poderá lançar aguas limpas da varanda de dia e só o poderá fazer das 9 horas da noite em diante, procedendo primeiro tres annuncios intelligiveis de — agua vai — sob pena de 1\$ de multa e de pagar o prejuizo que causar ao passageiro".

Fletcher não achou attractivo nenhum nas velhas

casas de cidade que conheceu no Rio de Janeiro. Sobrados feios e tristonhos; e por dentro muito mal divididos. Que eram tristes, já nos dissera Macedo: "tinham os sobrados engradamentos de madeira de maior ou menor altura e com gelosias abrindo para a rua; nos mais severos, porém, ou de mais pureza de costumes, as grades de madeira eram completas..." Os do tempo de Fletcher já não ostentavam as grades coloniaes, mas continuavam carrancudos e inimigos da rua. E por dentro, o mesmo horror. No andar terreo, a cocheira e a estrebaria, dando a frente para a rua; no primeiro andar, a sala de visitas, os quartos de dormir, a cozinha. Um pateo interior geralmente separava, no andar terreo, a cocheira, da estrebaria; no primeiro andar, a cozinha, da sala de jantar. Esse pateo, no interior da casa ou atraz do sobrado, muitas vezes em forma de U, e lembrando um pouco os da Andalusia, encontra-se ainda nos velhos sobrados grandes das cidades mineiras. E até em algumas casas de engenho do Norte como a de Massangana, em Pernambuco. Era ali que, entre as flores de um pequeno jardim, as senhoras, enclausuradas a maior parte do tempo, costumavam tomar um pouco de fresco, tagarelando com as mucamas, brincando com os papagaios, com os saguins, com os mulequinhos. Nem todas as casas de cidade podiam dar-se ao luxo dos jardins opulentos, no genero daquelle que um ricoço mandou fazer em Minas para a sua mulata do coração. Nem daquelles jardins com altos e baixos, os canteiros trepando por cima dos morros, que Mawe admirou nas casas ricas de Ouro Preto. Jardins quasi suspensos.

No Recife, desde o seculo XVIII que eram comuns, nas casas de cidade, os jardins com alguma coisa de mourisco, a agua escorrendo o dia inteiro e talvez azulejos brilhando no meio das plantas das fontes.

Do seculo XIX, restam-nos lithogravuras de jardins de sobrado e de chacaras, são só animados pela agua das fontes e pela frescura dos repuxos, como povoados de figuras de anõesinhos barbados, de meninosinhos nús mijando agua, de mulheres bonitas, representando as quatro estações e os doze mezes do anno, umas sumidas entre folhagens, outras bem ao sol, ostentando formas gordas, brancuras greco-romanas; algumas em poses estudadas, segurando com a mão fachos de luz que no fim do seculo XIX tornaram-se bicos de gaz. Tambem se encheram os jardins de palanques, de cercas de pitangueira e de flor de maracujá, de aléas de palmeiras, de jarros, de kiosques com avencas. O jardim da casa brasileira, conservando a tradição do portuguez foi sempre um jardim sem a rigidez dos franceses ou dos italianos; com um sentido humano, util, dominando o esthetico. Irregulares, variados, cheios de imprevistos. (Essa variedade parece ter sido aprendida com os chinezes: sabe-se que foram os portuguezes que introduziram na Europa os jardins chinezes). E muita ingenuidade nos canteiros, feitos ás vezes de conchas de marisco. Varias plantas cultivadas sem ser por motivo decorativo nenhum: só por prophylaxia da casa contra o mau olhado: o alecrim e a arruda, por exemplo. Com o mesmo fim espetavam-se chifres de boi nos paus das roseiras. Outras plantas eram cultivada principalmente pelo cheiro bom; pelo "aroma hygienico" — qualidade tão estimavel naquelles dias de ruas fedorentas e de estrebarias dentro de casa: o resedá, o jasmim de banha, a angelica, a hortelã, o bogari, o cravo, a canella. As folhas de canella se espalhavam pelas salas nos dias de festa. Sua casca se ralava para fazer o pó de que se salpicava o arroz doce. Quando se sentia o

cheiro de canella vir de dentro de uma casa, já se sabia: casamento, baptizado, o filho doutor que chegava. Cheiro de alfazema era menino novo, cheiro de incenso, defunto.

Ainda outras plantas se cultivavam no jardim para se fazer remedio caseiro, chá, suadouro, purgante, refresco, doce de resguardo: a laranjeira, o limoeiro, a herva cidreira. Outras simplesmente se deixava crescer pelo sitio, com o mesmo fim hygienico.

Muita planta se tinha no jardim só pela côr sempre alegre das suas flores — a papoula, por exemplo (que entretanto servia tambem para dar brilho ás botinas pretas dos burgueses). Varias ao contrario, serviam para o culto domestico dos mortos e dos santos: a saudade, a perpetua, a sempre-viva. Flores roxas ou de um azul muito pallido. A filha do marquês de Sapucahy cuidava de um canteiro de violetas, que quando ella morreu o pae celebrou num poema sentimental. Eram flores que estavam sempre se cortando para enfeitar os caixões de anjinhos e das moças que morriam tuberculosas. Às vezes, dos mucambos vinham pedir nos sobrados, flores para enfeitar as caixas de camisa ou os tabuleiros onde a pobreza enterrava seus anjinhos. Alguns sobrados, com jardins grandes, vendiam flores, como tambem agua, ás casas mais pobres.

Havia sempre, nos jardins das chacaras, um parreiral, sustentado por varas ou então columnas de ferro: parreiras com cachos de uva doce se enroscando pelas arvores, confraternizando com o resto do jardim. Recantos cheios de sombra onde se podia merendar nos dias de calor. No seculo XVI o padre Cardim já merendava ao ar livre, debaixo de um parreiral de Pernambuco. E a tradição da merenda ou do almoço ao ar livre se conservou nas casas de sitio do seculo XIX.

O muro fechava sempre o jardim patriarchal da vista do povo. Muro ás vezes com cacos de vidro. Nas casas mais recentes é que foi apparecendo gradil de ferro. E por cima dos pilares, e dos umbraes dos portões, como no alto dos sobrados, figuras de louça representando a Europa e a Asia, a Africa e a America, vasos e pinhas, bustos de Camões e do marquês de Pombal. E não apenas leões e cachorros terriveis.

Do lado de dentro dos muros alguns senhores mandavam construir sofás de alvenaria, revestidos de azulejos. E a certa altura do muro, nas casas de patriarchas menos ranzinzas, foram-se levantando os palanques onde até as moças iam tomar fresco de tarde e olhar a rua, ou quem passava na estrada. Muito negro. Um ou outro inglês a cavallo. Ás vezes algum figurão de caleche rodando da cidade para casa.

Si nos velhos sobrados com porta e varanda para a estrada ou a rua, vê-se pelo que resta delles, que os jardins eram quasi sempre uns jardinsinhos acanhados e miudos no fundo da casa, jardins um tanto a moda dos da Andalucia, nas casas de sitio e nas chacaras, elles eram vastos, confraternizando com a horta, emendando com a baixa de capim, com o viveiro de peixe, com o vasto proletariado vegetal de jaqueiras, araçaseiros, cajueiros, oitizeiros, mamoeiros, genipapeiros — as arvores simplesmente uteis, que davam de comer e de beber aos homens.

Porque a casa de sitio, recordaremos mais uma vez, que conservou, perto das cidades, quasi dentro dellas, farturas de casa de engenho ou de fazenda. Foi, quanto poudes, casa-grande rural. O que permittiu que em torno della se espalhassem jardins tão extensos e tão á vontade. Verdadeiras creações brasileiras de architectura paizagista que, segundo Araujo Vianna, foram

ensaiadas primeiro nos pequenos jardins dos quintaes mais burgueses.

O sitio foi o ponto de confluencia das duas especialisações de habitação patriarchal e de architectura paizagista no Brasil: a urbana — isto é, o sobrado, com a porta e a varanda para a rua — e a casa de engenho ou de fazenda, do typo da de Elias José Lopes, no Sul, ou da de Carauna, no Norte. Foi nas casas de sitio que Mansfield viu os jardins mais bonitos do Recife — “jardins e hortas”. Os arredores da cidade lhe pareciam formar “um grande jardim, um pouco descuidado”, o de uma casa quasi emendando com o da outra; todos com suas bananeiras, suas palmeiras, seus coqueiros.

Na sua architectura, a casa de sitio ou a chacara, parece que foi por muito tempo mais casa de fazenda do que de cidade. Mais horizontal do que vertical. Mesmo assobradada, sua massa era quasi um cubo. O telhado de quatro aguas. Pereira da Costa dá como caracteristico principal, da chacara do Norte, o aspecto de casarão quadrado e com alpendre que geralmente tinham as casas de engenho. E com relação ao Sul, Araujo Vianna salienta os mesmos traços: “nas moradas de abastados, fóra do limite urbano, adoptaram o typo de abarracados com avanço dos telhados, dando nascimento a varandas, sustentadas por pilares ou columnas de alvenaria rebocada”. Eram alpendres de telha van sustentados por pilares ou columnas de alvenaria rebocada.

Quanto ao interior, sobradões e chacaras assobradadas se pareciam com as casas de fazenda ou de engenho, no luxo de espaço. Mas não na aeração. Nos sobrados — uma sala grande sobre a rua e o resto da casa — alcovas e corredores — fechado e no escuro. Essa má distribuição de peças, nos sobrados do Rio

de Janeiro, De Freycinet attribuiu ao facto de a familia passar a maior parte do tempo dormindo sem precisar de luz; ou então olhando a rua pelas grades das janelas, vendo quem passava, atravez dos postigos; e uma vez por outra recebendo visitas. Não precisava sinão de sala de visitas — que noite de festa se illuminava toda — e de alcovas escuras, que favorecessem o somno. Exaggero de francês, evidentemente.

O que é certo, entretanto, é que dentro dum velho sobrado estava-se como num interior de igreja. A luz só entrava pela sala da frente e um pouco pelo pateo dos fundos; pelas frinchas das janellas ou pela telha van dos quartos; evitava-se o sol; tinha-se medo do ar. Os morcegos é que gostavam desse escuro de igreja: e eram intimos amigos dos velhos sobrados e casas grandes. Elles, os camondongos, as baratas, os grillos. Todos os bichos que gostam do escuro. Os morcegos rondavam tambem as casas de sitio; mas por causa dos sapotis, dos caval'os e do azeite nos oratorios, e não tanto pelo escuro do interior dos quartos.

As paredes grossas refrescavam o interior dos sobradões patriarchaes, quando o material ruim não as tornava humidas e pegagentas, como adiante veremos. Eram paredes, como notou Fletcher, quasi de fortaleza; nas proprias casas de taipa — algumas construidas tão solidamente que atravessaram seculos — as paredes tinham uma grossura espantosa: dois, tres palmos.

Naturalmente, a architectura patriarchal dos portuguezes, na sua adaptação ao Brasil, teve de resolver o problema de excesso de luminosidade e de calor. O que os portuguezes em parte conseguiram, valendo-se da experiencia adquirida na Asia e na Africa — facto já salientado pelos principaes estudiosos de historia de nossa architectura civil: Araujo Vianna e José

de luminosidade e de insolação directa, foi grandemente exaggerado por preconceitos moraes e sanitarios da epoca e por imposições do regimen social então dominante — a segregação da familia, de uma série de inimigos exteriores: desde o ar e o sol até os raptos, os ladrões e os muleques. Dormia-se com as portas e as janellas de madeira trancadas, o ar só entrando pelas frinchas. De modo que nos quartos dormir, devia ser um horror: um cheiro horrivel de sexo, de urina, de pé, de sovaco, de barata, de mofo. Porque nas alcovas tambem se guardavam roupas, ás vezes penduradas do tecto — como certas comidas na despensa — por causa dos ratos, dos bichos, da humidade. Quando a inhaca era maior, queimavam-seervas cheirosas.

Só nos tempos como o do Correia — o terrivel chefe de Policia do governador D. Thomaz de Mello, da capitania de Pernambuco, que empuçado num capote e empunhando uma espada rondava as ruas a noite inteira, atraz de gatunos e de malandros — os burgueses dos sobrados puderam dormir socegados: de “janellas abertas ao refrizeiro dos alizeos”, diz um chronista. O ar entrando, sinão pelos quartos, pela despensa, e pelas salas e desabafando-as.

Ao contrario da casa de engenho e da de sitio, protegidas dos exaggeros de insolação directa pelas mesmas paredes grossas e pelos mesmos telhados de beiral acachapado, mas com os oitões todos livres, alpendres ou copiares rodeando a casa, vigias rondando — o sobrado de rua, de tanto se defender do excesso de sol, do perigo dos ladrões e das correntes de ar, tornou-se uma habitação humida, fechada, quasi uma prisão.

O commandante Vaillant notou nas casas do Rio de Janeiro do tempo de Pedro I que não eram bem

construcções para o clima dos tropicos. Ao contrario: mal ventiladas. Não tinham a leveza que ao seu ver devia ser a primeira qualidade das casas nos paizes quentes.

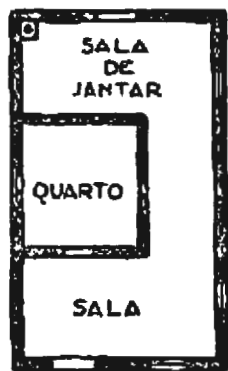
Rugendas viu no Rio algumas casas muito esguias, “num contraste desagradavel entre a altura e a largura muito exigua...” E tristes. Ida Pfeiffer tambem; em vez das gelosias tristonhas ella quizera ter encontrado, na côrte do novo Imperio americano, uma cidade de casas com terraços e varandas alegres. Na Bahia Pfeiffer as teria encontrado: Martius, como já vimos, exprimiu seu enthusiasmo pelas casas de São Salvador com as varandas escancaradas para o mar; e depois d'elle, Fletcher teve a mesma opinião da capital da Bahia. Cidade de casas desafogadas, salas de visitas em que estavam sempre se accendendo luzes de festa e se tocando piano.

Rugendas ainda achou as casas do Rio não só sem alinhamento, como mal situadas: espremidas entre a collina e o mar. Havia, entretanto, as desafogadas, que nem as de São Salvador: com boas varandas e construidas por cima dos morros. Casas com a vista do mar e da bahia e recebendo o ar puro das mattas. Eram, em grande numero, casas de estrangeiros. Ingleses, principalmente. Mas tambem de brasileiros com habitos ruraes, que se approximavam das cidades, sem se entregarem ás exigencias urbanas. Tambem elles tinham seu faro para os bons lugares de residencia. Fletcher ficou encantado com as casas suburbanas que conheceu em Santa Theresa, Laranjeiras, Botafogo, Catumby, Engenho Velho, Praia Grande, destacando o palacete do barão de Andarahy e a chacara de um Mr. Ginty. Já Maria Graham tivera a mesma impressão das casas dos arredores do Rio, como das que vira perto do Recife, para os lados de Mon-

teiro e do Poço da Panella; James Henderson, dos casarões do Bemfica, da Magdalena e do Poço; Saint-Hilaire, das chacaras de São Paulo, cercadas de jabo-ticabeiras e laranjeiras; Mawe, dos sobradões de Ouro Preto. Que melhores juizes sinão do conforto — que elles talvez quizessem mais á européa — da boa ou má situação das casas de suburbio no Brasil, nos primeiros annos do seculo XIX?

A casa de suburbio se antecipou entre nós, tanto á rural, como ao sobrado de rua, em qualidades e em condições de hygiene e de adaptação ao meio tropical. O sobrado teve difficuldades maiores a vencer. A principio, quando dominou o typo mourisco de casa gradeada, o privatismo exaggerado da familia patriarchal, para evitar maiores contactos com a rua, impoz-lhe aquelles resguardos levantinos. Depois da chegada do Principe Regente, foi a casa urbana, o sobrado burguês, que soffreu europeisação mais rapida e no pior sentido. A europeisação da casa suburbana seria mais lenta. “As casas do Rio de Janeiro — escrevia em 1851 o medico Paula Candido, referindo-se particularmente aos sobrados de rua — parecem destinadas antes á Laponia ou á Groenlandia do que á latitude tropical de 23”.

Já Vaillant notara que no Rio tudo era europeu e, por consequencia, anti-tropical: casa, mobiliario, modo de vestir. Mas é Paula Candido quem melhor pormenorisa os inconvenientes da europeisação das casas burguesas, algumas dellas construidas “sobre hum pavimento...” E quanto ao plano: “hum fatal alcova, dormitorio predilecto; escura e modesta sala com hum corredor escuro; hum sala de jantar, de costura, de tudo, excepto de saude, pouco mais escura que a sala da frente, mas munida de infallivel alcova, mediante ou não outro



Dois typos de mucambo.

corredor", a "cozinha terrea". Tal era a habitação da família burguesa menos abastada.

A gente mais rica, dos sobrados, não vivia em condições muito diversas: suas casas eram também um horror de mal divididas e de escuras. Nellas Paula Candido não perdoava o mau habito de se reservarem os melhores salões das casas ás visitas — "aos outros", dizia elle — enquanto a dormida era a peor possível, nas taes alcovas entaipadas, nos quartos humidos e sem janella. Ahi, "envolvido em mosqueteiro", o burguês mais opulento do meado do século XIX passava pelo menos "humas quartas partes da sua vida, depois das 11 da noite até ás 6 da manhã..." Isto quando não se dava aos prazeres da "apoplectica sesta".

Na habitação do burguês intermediario, tanto quanto na do menos abastado e na do mais opulento, o systema de divisão de peças era o mesmo: sala da frente, grande e as vezes bem arejada: o resto da casa, humido, escuro. Alcovas e corredores sombrios. A cozinha, a sujeira que Luccock surprehendeu nas casas do Rio de Janeiro e Mawe nas de Minas; devia ser igualmente suja nos sobrados do Recife, da Bahia, de São Paulo. Os escravos que fugiam, das casas burguesas, salientavam os annuncios que estavam "immundos por serem cozinheiros" ou "se occuparem da cozinha". Luccock diz que nas casas do Rio os fornos de cozinha eram uns buracos de tijolo; não havia grelha; tudo muito rudimentar e muito porco. O fogo se animava com uns abanos de folha; tirava-se agua das jarras com quengas de côco.

Essas casas, levantavam-se ao sabor dos proprios donos, cada qual "arvorado em Engenheiro"; "cada Proprietario traça o risco de seu predio". Dahi erros grosseiros de construcção. De Freycinet salientou as escadas — quasi sempre tão mal construidas que eram uns "verdadeiros quebra-costas..."

Quasi meio seculo depois de De Freycinet, já no Segundo Imperio, o Dr. Luiz Corrêa de Azevedo, em discurso na Academia Imperial de Medicina, dizia que a construcção das habitações, no Rio de Janeiro era "a mais defeituosa que existe no mundo". E quasi repetindo o velho Paulo Candido: "Ao examinal-as suppõe-se serem construcções para o Esquimô ou Groenlandia; pequenas e estreitas janellas, portas baixas e não largas, nenhuma condição de ventilação, salas quentes e abafadas, alcovas humidas, escuras e suffocantes, corredores estreitissimos, e sempre esse exgotto na cozinha, essa sujidade bem junto á preparação dos alimentos quotidianos, tendo ao lado uma area, lugar infecto, nauseabundo, onde os despejos agglomerados produzem toda a sorte de miasmas". (Os miasmas eram a obsessão dos hygienistas da epoca).

Deve-se notar, entretanto, a solidez de muitos dos sobrados do tempo do Imperio, sempre que o material era de primeira qualidade, e não de segunda, ou adulterado. A adulteração de material, como já suggerimos, foi praticada á grande nas construcções urbanas. Os commerciantes de tijolo e de madeira impingiam aos proprietarios incautos, ou forneciam-lhes por preços mais baixos, material ruim, só com a apparencia de bom. Dahi resultava se aggravarem as condições de humidade das casas, determinadas pelo proprio plano dos edificios. Estes tornavam-se "eterna morada de erysipelas" e de outras doenças, da descripção melancolica de Paul'a Candido. Ou "tumulos em vida". Resultado da deshonestidade dos fornecedores de material de construcção e não tanto da incompetencia dos mestres de obras ou da ganancia dos capitalistas.

Sem pretendermos innocentar os mestres de obras nem tão pouco os capitalistas, constructores de sobrados, muito menos diminuir a importancia do facto, que

Corrêa de Azevedo já destacava em 1871, da architectura nas cidades do Imperio servir só e baixamente “á economia individual, que pretende haurir altos alugueis de tugurios mal levantados e, ainda, mais, mal divididos” e construidos com o minimo de gastos por “analphabetos mestres de obra, mãos pedreiros ou pessimos carpinteiros”, — tudo reflexo do systema economico de escravidão e de monocultura — devemos fixar a responsabilidade dos commerciantes de material de construcção. O tijolo empregado nas construcções da Côrte, informava em memoria apresentada ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio em 1884, o engenheiro Antonio de Paula Freitas, depois de estudo minucioso do assumpto, que era “geralmente mal feito e de má qualidade, provindo este resultado não sómente da má preparação do barro, que nem sempre é lavado ou expurgado de certas substancias extranhas, prejudiciaes á construcção, como de os fabricantes empregarem frequentemente na confecção da pasta a areia, que além de não ser conveniente e necessaria, não é escrupulosamente recolhida, pois quasi sempre a extrahem do mar”. Dahi o facto de, demolindo-se um predio antigo, encontrarem-se “as suas paredes carregadas de humidade até nas partes mais elevadas”. Seria que o barro da região não fosse bom? Ao contrario: “do melhor que se pode imaginar”, escrevia no seu relatorio o engenheiro Pau’a Freitas. E “muitas vezes ao lado da barreira encontra-se o rio que fornece agua doce...” O que succedia era má fabricacão da pasta — defeito já notado por Freycinet — ou por impericia technica do mestre de obras ou do operario, talvez escravo; por sovinice do proprietario (que desejava seus predios construidos com o menor gasto possivel); ou, ainda, por deshonestidade do fornecedor de material, que ven-

dia às vezes pelo preço da telha ou do tijolo de primeira, o de segunda ou de terceira. O que é certo é ter soffrido grande parte da população burguesa dos maus effeitos de tanta casa construida ao sabor dos interesses da economia privada; material, o pior possivel; tijolo, mal fabricado; argamassa de areia d'agua salgada; cal "contendo materias deliquescentes em maior ou menor quantidade"; operarios de terceira ordem ou simples escravos (que os de primeira e livres, só trabalhavam por salarios que os ricos achavam exagerados). E o plano — o *risco* dos proprietarios. A fiscalisação do governo era nulla. Poucos cogitavam "de obter bom material", diz-nos Paula Freitas dos fornecedores e fabricantes de tijolo e cal; "tratam apenas de produzir muito e barato; porque geralmente os compradores fazem sómente questão de preço".

E o morador que supportasse a humidade das paredes, da telha, do tijolo ruim. Telhas que apodreciam sob uma crosta pegagenta de limo. Paredes donde escorria sempre uma agua esverdinhada. Paredes chorando sempre. E essa humidade envolvendo tudo o mais na estrutura, como na superficie da casa: as madeiras, os metaes, a camada de pintura a oleo ou o papel pintado das paredes. De fibrosa, a madeira ficava granulosa; e sob a acção dos parasitas vegetaes — "certos protococcus e os insectos xylophagos", diz-nos o engenheiro Paula Freitas na sua linguagem dura de tecnico — não tardava a madeira a danar-se, esfarelando-se. O cupim regalava-se nessas casas humidas; esfuracava traves; das traves descia aos moveis, aos livros, ás roupas guardadas nas arcaes e nos armarios ou penduradas nos caibros. Com a humidade, oxidavam-se os metaes; o ferro perdia parte de sua resistencia; atheravam-se o zinco, o chumbo, e o cobre; e a familia patriarchal, condemnada a viver nesses sobra-

dos humidos, essa tambem soffria; que a sua carne não era mais forte que os metaes; nem seus ossos mais resistentes que o ferro.

Dahi o brado de hygienistas como Corrêa de Azevedo contra a indifferença das camaras municipaes: as camaras municipaes cruzavam os braços diante da commercialisação criminosa da architectura pela economia privada. “Ella não diz ao constructor de casas que exhiba documentos de sua capacidade, não exige garantias de intelligencia e boa fé daquelles que edificam, não se occupa do risco interno, nem da luz e da ventilação das habitações...” Ainda mais: “consente que se abram janellas e portas das dimensões de jaulas e viveiros”. “E, no entretanto, Senhores da Academia — bradava o medico — é a vida nacional que ataca, é o organismo brasileiro que destroem, é a educação que nullificação, é a moral publica que violão”. E era. De que valeria educar a população, deixando, por outro lado, que a maior parte apodrecesse dentro daquelles sobrados humidos, para não falar em casas piores, da gente mais pobre — nos sobrados reduzidos a cortiços, por exemplo? Porque a casa, como lembrou-se de dizer o Dr. Corrêa de Azevedo em palavras um tanto rhetoricas, e meio freudianas, era o “segundo utero” do homem. “Privar esse utero da circulaçào e da vida que o torna apto a funcionar nesse grande corpo atmospherico e do solo, é o mesmo que dar a morte ao filho adiantado na existencia, é tornal-o menos apto a viver, é privar-o de suas condições de força no acto de sahir á luz das epochas da infancia”.

Não é verdade que as camaras municipaes não ligassem nenhuma importancia aos problemas de hygiene urbana, incluido nestes o de architectura. Durante os tempos coloniaes houve dentro das camaras quem clamasse por uma melhor fiscalisação da vida

urbana; e nos primeiros annos da Independencia appareceram propostas no sentido de dividir as cidades em "zonas", no moderno sentido urbanistico e no de regularisar a construcção dos predios — pelo menos das fachadas, das calçadas e telhados. A Camara Municipal do Rio de Janeiro sabe-se que em 1798 emprehendeu um inquerito entre os medicos mais notaveis da cidade, com o fim de determinar as causas principaes da insalubridade urbana. E um dos medicos, o Dr. Manoel Joaquim Marreiros respondeu que, entre outros factos, parecia-lhe dever merecer a attenção da Camara, "a mal entendida construcção de casas, com pequena frente e grande fundo, propria a diminuir os pontos de contacto do ar externo com o interno..." Além do que, devia-se considerar "o terreno sobre que assentão as ditas casas, feito de pior condição pelas muitas aguas sujas indiscretamente lançadas nas chamadas areas das casas, as quaes não obstante serem descobertas, mal chega algum raio de sol perpendicular, e menos alguma particula de ar livre". Outro doutor consultado, Bernardino Gomes, salientou o grande numero de casas abarracadas ou terreas, ao lado dos sobrados; nesses predios abarracados — onde morava a gente mais pobre — o ar era ainda "menos ventilado, mais humido, mais doentio". E o Dr. Antonio Joaquim de Medeiros desde o remoto anno de 1798 insistia na necessidade de o Senado, isto é, a Camara Municipal, providenciar no sentido de que "ninguem para o futuro construa casas, sem que o engenheiro, que a camara tiver convidado, tenha examinado o risco, e regulado a altura do pavimento..."

E' certo que havia, desde o fim do seculo XVIII, alguns sobrados grandes, construidos com certa idéa de conforto e com material bom — onde residiam os proprios donos. Os fidalgos portuguezes que vieram

com o Príncipe Regente foi onde se installaram: nesses palacetes melhores. O conde de Belmonte, por exemplo, morou por dez annos na casa que acabara de construir um patriarcha da terra, "pai de numerosissima familia", diz um chronista: até dos escravos do homem o fidalgo parasita se apropriou.

Algumas dessas casas melhores ostentavam, como as de Lisbôa, seu lioz (importado do Reino) — em lugar do qual, outras empregavam cantaria de pedra brasileira — "rochas gneissecas das nossas primeiras pedreiras exploradas" diz Araujo Vianna. Predominavam nos sobrados grandes os vãos de janellas e portas de lioz ou de cantaria; mas havia tambem os de madeira. E quasi todos rectangulares. A verga ou segmento circular appareceu na edificação particular — informa aquelle velho chronista da nossa architectura — "depois que o puzeram nas igrejas". Veremos mais adiante o effeito que teve sobre a architectura patriarchal das cidades no Brasil, o maior contacto com a Europa não-iberica.

Madeira, as mat̃as indigenas podiam fornecer das melhores para a construcção de casas nobres: as chamadas "madeira de lei". Koster viu uma vez, entre os restos de uma velha casa, as traves antigas de pau ferro ou coração de negro. A crosta, diz elle, se puira, mas por baixo dessa crosta a madeira conservava uma dureza de ferro. Parecia mesmo que endurecera ainda mais com o tempo. Outra madeira muito usada na construcção de casas nobres era o pau d'arco. Para fazer portas e janellas, usava-se de preferencia o pau amarello; tambem para fazer os soalhos. Usava-se ainda na construcção das velhas casas grandes e sobrados brasileiros, o cedro indigena. Tolênare salienta o uso do vinhatico para traves.

Incrível é que havendo tanto pau de lei em nossas mattas, a ponto de Portugal se abastecer largamente de madeiras no Brasil, principalmente em Pernambuco, para a construcção dos seus navios e dos seus palacios, e até de palacetes particulares, como esse velho casarão de Santo Amaro, onde o conde de Sabugosa nos mostrou a sala de jantar, toda guarnecida de madeira de lei vinda de Pernambuco; incrível é que havendo tanta fartura de pau de lei em nossas mattas, o paiz se encontrasse, nos principios de sua vida independente, na necessidade de importar e consumir “taboas de outras nações”. E’ que a exploração das mattas, nos pontos mais accessiveis, se fizera brutalmente. Devastara-se tudo. “Nossas mattas” — dizia em mensagem á Assembléa Legislativa de Pernambuco na sua 1.^a sessão de 1835 o presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade — “têm sido estragadas sem piedade a ponto de tornar-se demasiado escassas as madeiras de construcção: he urgente tomar medidas para a conservação das mattas que ainda existem e a plantação de bosques artificies”.

Os sobradões coloniaes das cidades, dizem os chro-nistas que eram geralmente pintados de vermelho sangue de boi. Outros eram revestidos de azulejo — principalmente os do Recife e os de São Luiz do Maranhão.

Dentro de casa, nas salas nobres, dominou nos principios do seculo XIX o requinte anti-hygienico do papel pintado forrando as paredes. Luccock conheceu casas onde as salas eram, parte caiadas de branco, parte pintadas a côres vistosas. Barras e frisos de côr. Na cornija, filetes pardos, amarellos, azues, côr de rosa. O tecto, tambem, pintado a côres. As portas, geralmente pintadas de amarelo. Algumas vezes nos tectos da sala de visitas se pintavam flores, como ainda se vê em certos sobrados

velhos de Santa Luzia, em Minas Geraes; nas casas mais devotas se pintavam anjinhos bochechudos segurando ramos de rosas. Às vezes pintavam-se fructas e passarinhos. Maria Graham viu numa casa-grande dos arredores do Rio paizagens do lugar pintadas pelas paredes das salas; não eram más. Indagando, soube que a pintura era de artistas negros.

Já no Imperio é que se generalisaram os requintes das portas envidraçadas, não só dando para a rua (do que vamos encontrar a antecipação escandalosa — um verdadeiro jardim de inverno — em velho casarão, provavelmente do seculo XVIII, em Barbacena) como dentro da casa, das alcovas para as salas de visitas e de jantar; das claraboias e telhas de vidro deixando um pouco mais de luz clarear os interiores escuros; dos estuques nos tectos das salas de visita. Esses requintes se generalisaram com o impulso novo de influencia européa, que depois da chegada de Dom João VI invadiu triumphalmente varios aspectos da nossa vida, mesmo a mais intima. A culinaria, o mobiliario, os divertimentos, o saneamento domestico. Teve que respeitar outros: as escarradeiras na sala de visitas e os paliteiros na mesa de jantar, por exemplo.

As escarradeiras, algumas tão cheias de dourados como os urinoes patriarchaes, recebiam ás visitas quasi á porta dos sobrados. Os viajantes estrangeiros que aqui estiveram no fim do seculo XVIII e no começo do XIX, não se cansam de censurar nos brasileiros daquelle tempo, o mau habito de viverem cusbindo, as salas cheias de escarradeiras ou cusparadas. Tanto os homens como as mulheres — devendo-se notar que entre essas não eram raras as que fumavam charuto e até cachimbo ou mascavam tabaco. Dahi alguns observadores associarem o muito cuspir no chão, ou nas gordas escarradeiras douradas das salas de visitas, á predominancia daquelles vicios. O Dr.

José Martins da Cruz Jobim, em discurso que em 1835 pronunciou no Rio de Janeiro, suggeriu outra explicação, também apoiada num habito muito brasileiro: o do abuso dos medicamentos mercuriaes contra a syphilis. “Devemos aqui lembrar — disse o Dr. Jobim no seu discurso — que a salivação mercurial sobreveem no nosso clima com huma rapidez espantosa, occasionando com mui diminutas doses do metal grandes estragos da bocca; se attendermos ao muito que aqui se cospe admittiremos nas glandulas salivares certa irritabilidade que explica o apparecimento rapido daquella complicação, provavelmente pela sympathia que esses órgãos entreteem com as visceras do baixo ventre, mais ou menos soffredoras do nosso clima”.

Aquella “irritabilidade”, talvez existisse, e exista ainda hoje, por effeito não só do abuso do tabaco e dos taes medicamentos mercuriaes, mas do habito, simplesmente. Com relação á influencia do tabaco, o Dr. Jobim talvez tenha sido um precursor, antecipando-se ao resultado de observações mais recentes e minuciosas.

Os scientistas da expedição da Escola de Medicina Tropical de Harvard, que estiveram no Norte do Brasil em 1918, observaram o facto de a gente do Pará e Amazonas, como aliás a do extremo Sul dos Estados Unidos — estar sempre escarrando, tussindo e cuspiendo. Nos vapores fluviaes, notaram, debaixo das redes dos viajantes, verdadeiras poças de cuspo e catarrho. Nas casas mais rusticas teriam notado o mesmo; e também em muitas das melhores. E até nos palacios officiaes, teriam visto a utilidade das escarradeiras elegantes, que recolhem as cusparadas illustres. Os medicos de Harvard suggeriam a possibilidade de esse excesso de expectoração ser devido ao uso de tabaco forte; mas inclinando-se principalmente a admittir que fosse effeito de habito social.

Burton observava, no Sul do Brasil, que as pessoas escarravam e cuspiam com a maior naturalidade deste

mundo; algumas, como quem assobia; outros por considerarem o habito, hygienico. Burton, aliás, em vez de se horrorisar com o nosso excesso de expectoração, considerou-o natural; deixar de cuspir é que era artificial. O viajante inglês também tornou-se apologista do palito de dentes — outra nota característica do interior dos velhos sobrados brasileiros, onde a mesa não estava completa, faltando o paliteiro.

Eram paliteiros enormes. Alguns de prata. Outros de louça. Muitos em forma de bichos. Passarinhos voando. Carneirinhos. Porquinhos gordos. Mas faltar é que não faltava á mesa dos sobrados, das chacaras, das casas de engenho. O proprio Dom Pedro I parece que usou e abusou do palito na mesa do seu palacio — habito imperial que tanto repugnou ao velho Taunay.

Antes de as vasilhas de vidro fabricadas na Inglaterra tornarem-se de uso corrente entre a burguesia dos sobrados grandes, comia-se geralmente numa especie de louça hollandesa, numas tigelas portuguesas, de bocca larga e fundo pequeno; e em vez de canecos e de chcaras, predominavam os côcos e as cuias do mais puro sabor indigena. Com o primitivismo dessas cuias e côcos contrastava a prata fina dos garfos e das colheres. Faca, cada um tinha a sua; ou então, servia-se dos dedos, e da faca só para cortar a carne.

Mas a louça não era unicamente a de feitió hollandês que Luccock viu nas casas do Sul. O contacto com o Oriente tornara commum nos guarda-louças e aparadores dos sobrados grandes, pelo menos do Recife, as travessas da India, os pratos fundos de Macau, a porcellana da China. Até arroz doce se vendia nas ruas em prato de porcellana da China: os irmãos Gomes Ferreira guardam no seu velho sobrado de Olinda uma reliquia dessas. E em noite de lua, diz um chronista, os burgueses menos

graudos do Recife muitas vezes iam comer suas peixadas, sua carne com molho de ferrugem, suas fritadas de sery, na calçada da frente da casa, em pratos da China ou da India cujos azues e vermelhos brilhavam ao luar.

A mesa era patriarchal. O dono da casa á cabeceira, ás vezes servia. Quando era jantar com senhoras, era sempre marido e mulher juntos. Mas isto já foi depois da sophisticação dos habitos, ao contacto maior com a Europa. Antes, nos tempos mouros, era raro mulher na primeira mesa, pelo menos quando havia visita. Era só homem. As mulheres e os meninos sumiam-se. Nos jantares mais intimos, era o patriarcha quem se servia primeiro e do melhor; do abacaxi, por exemplo, havendo um só, a parte nobre, imperial, a corôa, era a sua; e a outra, da mulher, dos filhos, da parentela.

As mesas já dissemos que eram nos sobrados quasi tão grandes como nas casas-grandes de engenho, embora fosse menor o numero de convivas nas cidades; menos exposta a casa aos papa-jantares. Luccock informa que as mesas eram tambem demasiadamente altas para ser confortaveis; e em assumptos de conforto domestico devemos acceitar a palavra de um inglês, como a orthodoxa e definitiva. Mesas, quasi sempre de jacarandá, pesadonas, de uma solidez bem patriarchal. Pareciam criar raizes no chão ou no soalho. Alguns senhores gabavam-se de em suas casas nunca se tirar a toalha da mesa. Senhores de chacaras e de sobrados grandes, e não apenas de engenho. Tal o velho José Antonio Gonçalves de Mello, cuja chacara no Poço da Panella ainda hoje está de pé, com suas arcadas quasi de convento. O barão de Catas Altas, em Minas, este era um extravagante: fazia questão que sua casa fosse um hotel, a mesa sempre posta. Acabou arruinado pelos papa-jantares.

Nas casas lordes menos exaggeradas na hospitalidade, o jantar tinha suas horas, que variavam entre as duas

e as quatro da tarde. Consistia geralmente no caldo de substancia, na carne assada ou cozida, no pirão escaldado, no molho de malagueta. Bebida, quasi que era só agua, que se deixava no vão das janellas esfriando dentro das gordas quartinhas ou moringas de barro. Alcool, só um vinhosinho do Porto á sobremesa; uns goles de aguardente de canna antes da feijoada, para abrir o appetite. E o chá era quasi considerado um remedio. Vendido nas boticas. Seu uso só se tornou elegante nas zonas mais influenciadas pela cultura inglesa durante o seculo XIX.

O café só veio a popularisar-se nos meados do seculo XIX. Sobremesa: arroz doce com canella, filhós, cangica temperada com assucar e manteiga, o doce com queijo de Minas, o melado ou mel de engenho com farinha ou queijo. Fructa — abacaxi, pinha, manga, pitanga — das quaes tambem se faziam doces ou pudins. As vezes, as grandes feijoadas, sendo as orthodoxas, as de feijão preto. O feijão se comia todos os dias. Era de rigor no jantar de peixe — em Pernambuco e na Bahia preparando-se o feijão de côco. Nas feijoadas o feijão apparecia cozido com lombo, carne salgada, toucinho, cabeça de porco, linguiça. Misturava-se com farinha até formar uma papa que se regava com molho de pimenta. De camarão, ostras e marisco se fazia nas cozinhas dos sobrados grandes — mais sophisticatedas em geral que as das casas de engenho, mais em contacto com os temperos do Oriente e da Africa, — muito quitute picante; “guisados que primavam de condimentos excitantes, sobretudo a pimenta e que eram de uso frequente ou ao jantar ou a ceia”, diz-nos o Dr. José Luciano Pereira Junior referindo-se á cozinha das casas nobres do Rio de Janeiro antes de 1808. A carne verde, adianta o Dr. Pereira Junior “não era fornecida em quantidade sufficiente para abastecer o mercado; usava-se então muito de carne salgada, que vinha do Norte, e do lombo de porco que com

abundancia era fornecido por Minas''. Informação que confirma a de viajantes franceses com relação á Bahia: carne muito escassa, não só a de boi, como a de gallinha e de carneiro. Contra a carne de carneiro, Luccock observou no Rio uma repugnancia religiosa; era a carne do animal que symbolisava Nosso Senhor e não devia ser comida.

Em vez de pão, usava-se ao almoço beijú de tapioca, ou de massa, e no jantar, pirão ou massa de farinha de mandioca feita no caldo de carne ou de peixe. Também o arroz. Foi outro substituto do pão, á mesa patriarchal dos sobrados velhos, anterior á maior europeização da cozinha brasileira. Arroz cozido com camarões; ou então com cabeça de peixe. Manteiga se comia pouco. Quasi não se encontrava no mercado. Em compensação, havia certa fartura de queijo de Minas. Talvez o que mais se comia nas cidades maritimas ou de rio, como São Salvador, Olinda, o Recife, o Rio de Janeiro, fosse peixe e camarão, muita chacara tendo seu viveiro proprio, que dava para o gasto da casa e para o commercio, os ricos vendendo aos pobres os peixes considerados mais plebeus. Ainda hoje se segue a velha hierarchia, em classificar peixes, havendo os que, embora gostosos, são considerados peixe do povo e vendidos por preço mais barato. E ha peixes de primeira, de segunda, de terceira, de quarta, de quinta, de sexta classe, cuja categoria se acha até officializada pelas prefeituras de algumas cidades. Os peixes para a mesa dos sobrados grandes tornaram-se a cavalla, de preferencia a cavalla perna de moça, a sioba, o camorim, a carapeba, a curiman, a pescada, também se admittindo a garopa, a tainha, o pampo da cabeça molle, a enxova, a bicuda, a carapitonga, o serigado, o bijú-pirá, até mesmo o camarupin, o aribebeo, o gallo; dahi para baixo, vinha e vem o rebutalho. O peixe de mucambo e

de freje: espada, bapuruna, pirambú, palombeta, arraça, bodeão, bagre. Excepção só da agulha, que sendo um peixe de mucambo, de fogareiro de rua, também se come nas mesas fidalgas, com azeite e farofa. Mas quasi por extravagancia.

Deve-se notar, não como simples nota de pittoresco, mas como um habito que talvez explique muita doença dos tempos patriarchaes, que o brasileiro comia então, como ainda hoje, depressa e por consequente mastigando mal. Notaram o facto varios estrangeiros, entre outros Tollenare e Saint Hilaire. Este escreve dos mineiros que enguliam rapidamente a comida, deixando-o sempre num atrazo desesperado. Não conversavam durante o jantar: só faziam engulir os bolões de comida.

O modo de se arrumar os moveis nos sobrados, e a natureza e o feitio desses moveis, obedeciam á hierarchia patriarchal. Em volta da mesa de jantar, cadeiras para o senhor e as visitas; para o resto, geralmente, tamboretos ou mochos; ás vezes se comia no chão, por cima das esteiras. Parece que só nas casas mais finas sentavam-se todos em cadeiras — a do patriarcha, á cabeceira da mesa, sempre maior, de braço, uma especie de throno, como as cadeiras dos mestres regios nas salas de aula. Ainda hoje as cadeiras patriarchaes de jacarandá que nos restam desse periodo parecem uns thronos, sendo de notar sua altura, superior á das cadeiras communs. Também sua largura — como si tivessem de accomodar montanhas de carne.

Nas salas de visitas dos sobrados grandes, arrumava-se a mobilia com uma symetria rigida: o sofá no meio, de cada lado uma cadeira de braço, e em seguida, varias das cadeiras communs. Ás vezes, uma mesa, com um castiçal grande em cima. Luccock achou o sofá patriarchal das salas de visitas do Rio de Janeiro "at once clumsy and

fantastical in its patern". Essas cadeiras e esses sofás, não se supponha que no século XVIII e nos principios do XIX fossem pretos, pardos, arroxeados, côr da propria madeira nobre, de que eram feitos — em geral o jacarandá. Não; eram pintados de vermelho e branco; ornamentados com pinturas de ramos de flores. Taes os que o observador inglês viu nas casas do Rio. Alguns desses moveis pesadões lhe informaram que eram peças de quasi cem annos — isto é, do começo do século XVIII.

Saint Hilaire, mais indulgente que Luccock, louva o gosto de algumas salas de visitas que conheceu no Brasil. As paredes pintadas de côres frescas. Nas salas das casas mais antigas, viam-se pintadas figuras e arabescos; nas das casas novas, a pintura imitava papel-pintado. As mesas faziam as vezes das chaminés das casas da Europa: era nellas que se collocavam os castiçaes com as mangas de vidro, as serpentinas, os relógios. Gravuras, viam-se ás vezes; mais muito ruins. Os annuncios de jornal dão noticias de varias: as quatro estações, scenas de guerra, retratos de heroes franceses e ingleses.

A moda de arrumar os sofás e as cadeiras hierarchicamente atravessou todo o século XIX, merecendo a attenção de Fletcher quando aqui esteve por volta de 1850. O que desapareceu quasi por completo foi a moda de pintar os jacarandás nas casas. (Nas igrejas ainda se encontram jacarandás e até azulejos pintados de branco). Surgiu, porém, a de enfeitar de rendas com lacinho de fita vermelha ou azul, o encosto das cadeiras.

Nas alcovas, dominavam camas enormes, os thalamos patriarchaes quasi sagrados, "camas bem feitas porém nada modernas"; reparou tolamente Luccock, que entretanto se viu obrigado a confessar que os lençoes eram excellentes. Os colchões e os travesseiros talvez fossem de lan barriguda. Raras as casas com lençoes de cama sujos ou encardidos; só mesmo, talvez, aquellas onde fal-

tasse dona de casa ou mucama vigilante, como o casarão de Noruega do capitão-mór Manuel Thomé de Jezus já velho e quasi caduco: ahi o inglês Mansfield diz que teve de dormir numa cama immunda. Caduquice ou sovinice do velho. Porque sobre as camas dos sobrados mais ricos não era raro ver-se uma colcha da India ou da China, tradição conservada em Pernambuco desde o seculo XVI.

As camas, como em geral os moveis mais nobres, eram de jacarandá. Outras madeiras geralmente empregadas no fabrico dos moveis dos sobrados foram o vinhatico, o condurú e o pau santo.

Usava-se muito o mosquitoeiro. As muriçocas deviam ser terriveis naquella epoca de pantanos; as muriçocas e as moscas; talvez tambem as pulgas e mesmo os percevejos. Havia mulequinhos e negrotas encarregados de enxotar as moscas com abanos, do rosto dos senhores brancos e das moças quando jantavam, dormiam ou jogavam. E queimavam-seervas dentro dos quartos. Saint Hilaire diz que nas partes mais humidas do Rio de Janeiro a muriçoca era um horror.

Em volta da cama, uma variedade de balaies e de bahús de couro felpudo, que era onde se guardava a roupa melhor. Às vezes, como já referimos, a roupa era pendurada pelas paredes e pelo tecto, para evitar as baratas e os ratos. Raramente — notou Luccock — se via alguma coisa que se parecesse com um guarda-roupa.

Antes de a pessoa se ir deitar era costume lavar os pés. Antes e depois do jantar, lavar as mãos. Saint Hilaire diz que no interior de Minas Geraes, nas casas da gente de côr, era o proprio dono que vinha lavar os pés do viajante, com uma simplicidade dos tempos apostolicos. Nas casas grandes e nos sobrados, a agua vinha numa bacia grande, às vezes de prata, trazida por um dos muleques da casa. Tambem era costume, antes do jantar, se offerecer ás visi-

tas um palitô leve, de alpaca ou doutro panno, que substituisse a casaca ou o croisé de panno grosso. As senhoras quando faziam visita era para passar o dia; de modo que também ficavam á fresca, de matinée, chinelo sem meia.

Muita superstição se agarrou ao complexo “casa” ou “sobrado” no Brasil patriarchal. Varias nos vieram de Portugal. Quando a pessoa batia palmas á porta de um sobrado — até de lá dentro perguntarem “quem é” e o muleque vir abrir — devia entrar com o pé direito. Nada de chapéu de sol aberto dentro de casa: era agouro. Nem de chinelo virado: morria a mãe do dono do chinelo. Ninguém quizesse saber de morar em casa de esquina:

*“casa de esquina
morte ou ruina”.*

E no Recife se apontam para varios sobrados de esquina onde tem havido morte ou ruina. Num, incendio e saque; noutro um assassinato no pé da escada; de um terceiro, raptaram pela varanda uma moça bonita, que depois foi muito infeliz, coitada. Compreende-se: as casas de esquina são mais expostas, não a um vago destino mau, mas aos assaltos, aos raptos, ás vinganças, a tudo.

Varias aves eram consideradas agourentas, quando entravam nas casas ou pousavam no telhado: a coruja vinha annunciar a morte; o acauam também; o anum quando vinha “sentar-se nos arvoredos vizinhos das casas habitadas”, era agouro; também eram tidos por agourentos a alma de gato, o jacamim, o beija-flor “sempre que penetra em casa ao romper da aurora”. Borboleta preta, que entrasse voando dentro de casa era outro agouro. Esperança, depende: de bocca preta, agouro; de bocca encarnada, felicidade. Sapo, gafanhoto, formiga de aza, gato preto — agouro. Bezouro mangangá, um horror! Muita

gente ainda tem scisma com pavão e pombo; mas não eram poucos os casarões de sitio com seu pombal e seu pavão, este escancarando o leque no meio do jardim. Outros bichos que estavam sempre por perto das casas eram a lagartixa e a ran aos quaes entretanto não se attribuia nenhuma significação. Apenas eram os bichos mais faceis de os meninos da casa judiarem com elles. Já o sapo era outro pavor.

Plantas, já vimos que algumas eram consideradas prophylacticas: guardavam a gente e os bichos e as arvores da casa contra o olho-mau, contra o terrivel olho de secca-pimenta que bastava olhar para um nenêsinho de peito para o nenêsinho definhar e morrer; para um pé de pimenta, e o pé de pimenta seccar; para uma rosa e a rosa desfolhar-se toda. Outras plantas se evitavam em redor da casa: eram tambem agourentas. Hera nas paredes, por exemp'lo. Pinheiro que attingisse á altura da casa. Certas trepadeiras. A flor de maracujá dava-se certo sentido mystico por ter a forma da cruz de Nosso Senhor e conter os objectos da Paixão de Christo. Aliás é curioso observar que o mysticismo dos sobrados estendeu-se a uma serie de bichos, de fructas e de flores, dotando-as de significação religiosa e considerando-as tabús, inteiramente ou em parte. Já o velho Thomé de Souza sabe-se que não comia cabeça de peixe em memoria da cabeça de São João Baptista. Luccock indagando do motivo de quasi não se comer carne de carneiro no Brasil soube que, na opinião de alguns, não era animal que os christãos devessem comer: "por causa do Cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo". Carne de porco, muitos comiam, e faziam garbo de comer; mas para mostrar que não eram judeus. Já contra a banana havia quem tivesse esta superstição: "nenhum catholico verdadeiro no Brasil — observou Luçcock — corta uma banana

em sentido transversal, pois no centro se acha a figura da Cruz...”

No sobrado patriarchal não deixava nunca de haver, guardando a casa, cachorros mais ou menos terríveis. De noite se soltavam no quintal ou no sitio. Latiam como uns desesperados, ao menor barulho. Às vezes morriam de “bala” — uns bolões de comida com veneno ou vidro moído dentro — que os ladrões mais espertos lhes atiravam. Não se desprezavam, é claro orações pregadas por traz das portas e das janellas, entregando a familia á protecção de “Maria concebida sem peccado”.

Quasi sempre os cachorros tinham nomes terríveis. Chamavam-se Rompe-Ferro, Rompe-Nuvem, Trovão, Nero, Gavião. Às vezes elles se contentavam em tirar um pedaço da calça de estopa ou mesmo um fiapo de carne do muleque de rua que viesse roubar algum manguito maduro nas mangueiras do sitio; algum coração da India já se espapaçando; algum cajú ou arará inda verde. Às vezes era tanto arará, ou goiaba que o chão ficava uma lama de fructa podre. Mas nem assim certos donos perdoavam as afoitezas dos muleques.

Na estrebaria, o sobrado ou a chacara tinha seus cavallos de passeio e de carro; algumas chacaras tinham vacca de leite, cabra, carneiro; quasi nenhuma deixava de ter seu carneirinho mocho com um laço de fita amarrado no pescoço. Esse carneirinho bem tratado, bonitinho, era para os meninos passearem de tarde. Não deixava de haver galinha e peru no gallinheiro; algumas casas tinham tambem pato e capote; criação de coelho; chiqueiro de porco; caritô com gayamum engordando — tudo defendido dos ladrões pelos Rompe-Ferro e pelos Trovões.

O gato, porém, foi o animal mais ligado ao interior dos sobrados: o que tinha regalias de collo e era mais aliado pelas yayás, mais mimado pelas mucamas dengosas. Com suas patas de lan descia as escadas sem fazer barulho.

lho, sem fazer ranger um degrau ou uma tabua, correndo todos os andares, fiscalizando todos os recantos, todos os buracos de parede e todas as frinchas; entrava nas alcovas mais intimas; dormia nas melhores sombras da casa, ás vezes nos olhos das paredes, outras vezes nos colchões das camas de jacarandá; nos sofás; nas marquesas; nas esteiras; nos balaios; subia aos telhados; desaparecia pelas cafúas e pelos porões; namorava com os passarinhos gordos das gaiolas ou do viveiro. Uma vez ou outra pegava distraído um sanhassú, um gallo de campina, um canario e variava de sua dieta de peixe, de rato, de barata, de fiambre, de tudo que era resto de comida que não tivesse pimenta. Sua funcção era importante, na defesa das roupas e da comida, contra os catitas, os gabirús, os camondongos, as baratas — os inimigos internos do sobrado que estavam sempre rondando os guarda-comidas e querendo roer as roupas, os moveis, os livros, que tinham outros inimigos: o mofo, a traça e o cupim.

O mofo tambem estragava as coisas. Era difficil combatel-o como tambem ao cupim e á traça. As formigas, só com oração. De modo que ás vezes pregavam-se papeis com oração nos potes de melado ou nas compoteiras de doce, entregando sua guarda a São Braz.

Os santos mais domesticos, já sabemos que eram nas casas de engenho Santo Antonio, São João, São Pedro; falta referirmos aqui Santa Engrça e São Longuinho, tambem ligados á vida de familia dos tempos patriarchaes. Todos dois, excellentes para achar objectos perdidos. Depois de Santo Antonio, eram os mais milagrosos. Nos sobrados, nas chacaras, nas casas-grandes, com espaços enormes, recantos mal assombrados, corredores escuros, estava sempre se perdendo alguma coisa, um dedal, uma costura, um rolo de bico, uma moeda de ouro; de modo que os tres santinhos tinham sempre o que fazer. São

Longuinho, era “amante do barulho”, e para se achar o objecto perdido devia-se dar tres gritos em intenção do santo.

O sobrado grande não envelhecia sem crear fama de mal-assombrado. O Rio, São Salvador, São Paulo, o Recife — todas essas cidades mais velhas teem ainda hoje seus sobrados mal-assombrados. Num, porque um rapaz esfaqueou a noiva na escada: desde esse dia a escada ficou rangendo a noite inteira. Noutro por causa de dinheiro enterrado no chão ou na parede, apparece alma penada. Num terceiro, por causa de judiarias do senhor com os negros; ouvem-se gemidos de noite. E ás vezes, quando cae um velho sobrado desses, dos tempos patriarchaes, ou quando o derrubam, ou quando lhe alteram a estrutura, apparecem mesmo ossos, botijas de dinheiro, moedas de ouro do tempo d’el-Rei Dom José.

O sobrado, que no seculo XVII já dominava a paisagem da costa do Brasil, nos pontos mais povoados, europeisando-lhe o perfil, soffreu nos tres seculos do seu dominio uma serie de alterações não só de estrutura como de physionomia. Até certo ponto, tambem as soffreu a chacara: o palacete dos ricos retirado nos suburbios.

O mucambo é que quasi não mudou. Apresenta differenças no Brasil mais de natureza regional, conforme o material empregado na sua construcção — folha de burity, palha de coqueiro, palha de canna, capim, sapé, lata velha, pedaços de flandres ou de madeira, cipó ou prego — do que de typo, numas regiões mais africano, noutras mais indigena. Deve-se notar que o mucambo dos indios, feito de palha, os primeiros chronistas acharam parecido com a cabana portuguesa dos camponeses do Norte. Dessas cabanas algumas eram de colmo; outras construidas de madeira ou barro amassado (taipa) — usado no tempo

dos romanos e depois, pelos sarracenos. A coberta de colmo usou-se até o século XVIII. De modo que Portugal já nos trazia a tradição do mucambo.

A principio, com as proprias igrejas e casas de camara cobertas de sapé, deve ter havido uma certa igualdade de material de habitação nos povoamentos da costa. De material e tambem de dimensões. Portugal não nos communicou a tradição da casa-grande enorme, que aqui se desenvolveu. Suas casas nobres do século XVI eram divididas em quatro ou cinco compartimentos e com balcões que se projectavam sobre a rua. Enormes, só os conventos, os palacios, alguns castellos.

Mas estabelecida a lavoura de canna e firmada a industria de assucar no Brasil, (industria que a politica economica d'el-Rei cercou de tantos privilegios), assim como a população foi se definindo em *senhor* e *escravo*, a paizagem colonial, no seu aspecto humano, foi se extremado em casa de pedra ou adobe e em casa de palha; na "casa de branco" e na de negro ou caboclo; no sobrado e no mucambo.

No sentido da adaptação ao meio tropical pode-se dizer que o mucambo tem levado vantagem a typos mais nobres de habitação. Sobre os medios, principalmente: as casas ou sobrados menores, agarrados uns aos outros, a dormida dentro de alcovas sem janella nem claraboia. Não pretendemos fazer o elogio do mucambo como typo de habitação. Seus vicios são muitos, tornando as palhoças — e até as casinhas de taipa, mas sem reboco, as "cafúas" de Minas Geraes — focos de infecção terriveis. Belisario Penna diz ter verificado que a doença de Chagas é em Sete Lagoas e Curvello uma doença das "cafúas". Não seria talvez difficil estabelecer ligação semelhante entre o mucambo e a anquilostomiase, por todo o interior mais humido do Brasil.

Mas pela qualidade do seu material, e até pelo plano

de sua construcção, o mucamo corresponde melhor ao clima quente que o sobrado ou a "casa de porta-e-janela" do pequeno burguês. Esse material e esse plano não são culpados, pelo menos directamente, do systema de saneamento no quintal, commum a muitos mucambos — muitas vezes junto do poço d'agua de beber — nem da dormida sobre o chão puro; nem da falta de acabamento na casa de taipa (reboco), coberta de palha. Referimo-nos ao plano na sua pureza por assim dizer ideal e ao material, tambem puro, que reunidos dão ao mucambo melhores condições de arejamento e de illuminação que as dos sobrados antigos — com suas alcovas no meio da casa, seus corredores, suas paredes sorando — e das casas de porta-e-janela.

"A illuminação e a ventilação" — escreve Aluizio Bezerra Coutinho da casa de palha, do interior do Nordeste brasileiro, casa que para elle se enquadra no typo de palhoça dos indigenas da Oceania, louvado por Gerbault — "fazem-se pelas aberturas vastas do frontão e realisam-se de modo muito mais perfeito do que seria licito esperar, se se fizessem atravez de janellas, mesmo as mais altas possiveis". Esse systema, de ventilação é o mesmo de certo typo de mucambo que se encontra na zona levantica — urbana, suburbana e rural — do Nordeste. Sua superioridade é evidente sobre as casas cobertas de telha ou de zinco, materiaes "logo aquecidos pelo sol, após curta exposição e que, bons conductores do calor, vão aquecendo o ar no interior".

De modo que a casa ideal para as regiões tropicaes do Brasil não seria a que desprezasse o material empregado pelos indigenas e pelos africanos nem o seu plano de construcção — o erro que segundo M. Manosa, citado por Coutinho, se começou a praticar nas Philippinas na ancia de "modernisar" as condições de habitação pobre, isto é, de americanisal-as e europeisal-as pelo emprego do ferro e

outros “excellentes conductores de calor”, proibindo-se o uso de “ripa” na construção das casas. A casa ideal para estas regiões seria a que utilisasse melhor a experiencia dos indigenas e a dos africanos.

Os que ingenuamente, ou para enfeite de seus programmas de um messianismo simplista, messianismo de general de Exercito de Salvação — como nestes ultimos annos o general Manuel Rabello, em Pernambuco — vêem no mucambo o maior espantallo de nossa vida, e querem resolver o problema da habitação proletaria no Norte do Brasil, proibindo o uso da palha e a construção do mucambo, collocam o problema em termos falsos e inteiramente anti-brasileiros e anti-ecologicos. O mucambo higienizado, com saneamento e piso, é uma solução intelligente, não só dentro de nossos recursos economicos immediatos, como de accordo com o ambiente, o clima, a paizagem regional.

O que não é justo é julgar o mucambo de palha pelas suas deformações e pelos seus vicios. Pelos defeitos de zona — lama, mangue, beira de riacho — e não pelas qualidades puras do seu material e do seu plano de construção.

Os mucambos conservaram até hoje na paizagem social do Brasil, o primitivismo dos primeiros tempos de colonisação. Nelles se foi refugiando o caboclo; se refugiando o negro fugido; se refugiando o preto livre. Para muitos era melhor que a senzala de pedra e cal, pegada á casa do senhor, parte da casa-grande de engenho, de fazenda, de sitio.

José Rodrigues de Lima Duarte, em ensaio sobre a hygiene da escravatura no Brasil, publicado em 1849, descreve-nos senzalas que eram verdadeiros mucambos, cada casinha de negro com duas braças de largura e outras tantas de fundo e algumas até “de menor dimensão”; cobertas de sapé ou de paus de palmito; e sem janellas.

Mas o typo de senzala que predominou foi o de material mais resistente — ás vezes o mesmo que o da casa-grande. Porta e janella na frente, como em Salgado. O antagonismo de qualidade de material e principalmente de zona ou situação da casa, se estabeleceria entre a casa-grande e a palhoça do morador livre — de vida tantas vezes mais difficil que a do escravo; entre o sobrado e o mucambo.

Azevedo Pimentel fala, num dos seus estudos, de “choças de palha, levantadas sobre pantanos” no Valongo; ahi se recolhiam os negros desde o tempo do marquês de Lavradio. O negro que vinha da Africa, muitas vezes doente de “escorbuto, sarna, bobas, maculo”. Essas choças de palha foram talvez a primeira mucambaria de cidade no Brasil.

Noutras choças de palha, levantadas sobre outros pantanos, foi se acoitando a parte mais miseravel da população livre da cidade que só depois iria para os morros. Enquanto os negros mais terriveis, menos accomodatícios, foram se reunindo em mucambos como os dos Palmares, no Matto Grosso, nos sertões, perto do Amazonas.

Os morros foram, a principio, aristocraticos — como já salientamos: lugares onde era chic descer de rede ou de palanque nos hombros dos negros.

Estabeleceram-se desde então contrastes formidaveis de espaço dentro da area urbana e suburbana: o sobrado ou a chacara, grande e isolada, no alto, ou dominando espaços enormes; e a aldeia de mucambos e os cortiços em baixo, um casebre por cima do outro, os moradores tambem, uns por cima do outro, numa angustia de espaço. Isto nas cidades de altos e baixos como o Rio e a Bahia. No Recife os contrastes de espaço não precisaram das differenças de nivel. Impuzeram-se de outro modo: pelo

contraste entre o solo enxuto e o mais alagado, onde se foram estendendo as aldeias de mucambos.

Azevedo Pimentel, em 1884, encontrou no Rio cortiços que nem os das cidades européas mais congestionadas; no meio, uns espaçinhos livres onde se lavava roupa, se criava suíno, galinha, pato, passarinho. Cortiços dentro de sobrados velhos onde mal se respirava, tantas eram as camadas de gente. Uma latrina para dezenas de pessoas. Enquanto isto, havia na área urbana gente morando em casas assobradadas, com cafezeiros e matas, águas e gado dentro dos sítios; famílias onde cada um tinha seu pinico de louça côr de rosa ou então sua touça de bananeira, no sítio vasto, para defecar á vontade, descansado de seu.

VI

O BRASILEIRO E O EUROPEU

Dizem que Dom João VI quando chegou á Bahia em 1808 foi logo mandando illuminar a cidade: era “para o inglês ver”. A phrase ficou. E é bem característica da attitude de simulação ou fingimento do brasileiro como tambem do portuguez, diante do estrangeiro. Principalmente diante do inglês, em 1808, não mais o hereje nem o “bicho” que era preciso salpicar de agua benta, para se receber dentro de casa, mas ao contrario, creatura considerada, em muitos respeitos, superior. Sob o olhar desse ente superior, o brasileiro do seculo XIX foi abandonando muitos de seus habitos tradicionaes — como o de dançar dentro das igrejas no dia de São Gonçalo, por exemplo — para adoptar as maneiras, os estylos e o trem de vida da nova camada de europeus que foram se estabelecendo nas nossas cidades. Desde as dentaduras postiças ao uso do pão e da cerveja.

Em tres seculos de relativa segregação da Europa não-iberica e, em certas regiões, de profunda especialisação economica e de intensa endogamia — em São Paulo, na Bahia, em Pernambuco — definira-se ou, pelo menos esboçara-se um typo brasileiro de homem, outro de mulher. Um typo de senhor, outro de escravo. E até um meio termo: o mulato que vinha aos poucos desabrochando em

bacharel, em padre, em doutor, o diploma academico servindo-lhe de carta de branquidade.

Definira-se igualmente uma paisagem social com muita coisa de asiatico, de mourisco, de africano: os elementos nativos deformados num sentido francamente oriental e não puramente euro-português; a casa com os bicos do telhado vermelho em forma de aza de pombo lembrando as da Asia; lembrando tambem as do Levante com seus abalcoados salientes e suas janellas abertas em losangosinhos miudos; os meios de conducção da gente mais opulenta — os palanquins e os banguês — os da Asia; o ideal de mulher gorda e bonita, peitos grandes, nadegas bem cheias de carne — o dos mouros; o geito das senhoras se sentarem de pernas cruzadas, pelos tapetes e pelas esteiras, em casa e até nas igrejas — ainda o das mulheres mouras; mouro o costume dellas taparem o rosto quasi todo, só deixando de fóra os olhos, ao sahirem de casa para a igreja; mouro o gosto do azulejo na frente das casas, dos sobrados, no roda-pé dos corredores, nas fontes, nos chafarizes; porcellana de mesa, a da India e de Macau; as colchas dos ricos, tambem do Oriente; asiaticos e africanos muitos temperos, muitos adubos, muitas plantas e até processos inteiros de preparar comida como o do cús-cús; asiaticas e africanas muitas das arvores de fructo em volta das casas — o coqueiro da India, a mangueira, a fructa-pão, o dendezeiro, a gamelleira; asiatico ou africano, o gosto dos lordes pelos grandes chapéus de sol com que atravessavam as ruas. Quasi que tinham sido transplantados para cá pedaços inteiros e vivos, e não somente estilhaços ou restos dessas civilisações anti-européas; e utilizado o elemento indigena apenas como o grude humano que ligasse á terra todas aquellas importações da Africa e da Asia, e não apenas as européas.

A colonia portuguesa da America adquirira qualidades e condições de vida tão exóticas — do ponto de vista euro-

peu — que o seculo XIX, renovando o contacto do Brasil com a Europa — que agora já era outra: industrial, commercial, mechanica, a burguesia de cima — teve para o nosso paiz o caracter de uma re-europeisação. Em certo sentido, o de uma reconquista. Ou de uma renascença — tal como a que se processou na Europa, impregnada de medievalismo, com relação á antiga cultura greco-romana. Apenas noutros termos e em ponto menor.

No Brasil dos principios do seculo XIX e fins do XVIII, a re-europeisação se verificou (perdõe o leitor os muitos mas inevitaveis “ão”) pela assimilação, da parte de raros, pela imitação (no sentido sociologico fixado por Tarde) da parte do maior numero; e tambem por coerção, os ingleses, por exemplo, impondo á colonia portuguesa da America — atravez do Tratado de Methuem, quasi colonia delles, Portugal só fazendo reinar — e mais tarde ao Imperio, uma serie de attitudes moraes e padrões de vida que espontaneamente não teriam sido adoptados, pelo menos com tanta rapidez.

A reconquista, porém, teve de seguir suas cautelas. De tomar suas precauções. Porque houve resistencias, de ordem natural, umas, outras de ordem cultural. O clima, por exemplo, resistiu ao nordico. E sob o favor do clima, a malaria e a febre amarella agiram contra o europeu. A sombra das condições precarias de hygiene, agiram contra elle o cholera, a peste bubonica, a syphilis, a bexiga. Elementos, todos esses, de resistencia anti-européa; alguns de origem terrivelmente asiatica ou africana. Operaram elles no sentido de moderar a re-europeisação do Brasil e de conservar o mais possivel no paiz, os traços e as côres anti-européas, avivadas durante seculos profundos de segregação.

Houve mesmo nativistas que se regosijaram com a acção violentamente anti-européa da febre amarella. Febre terrivel, que poupando o nativo, não perdoava o extran-

geiro, principalmente o louro, de olhos azues, sardas pelo rosto. Mas o estrangeiro louro insistiu em firmar-se em terra tão sua inimiga com um heroísmo que ainda não foi celebrado. Só se visitando algum dos velhos cemiterios protestantes no Brasil, que date dos principios do seculo XIX — o do Recife, por exemplo — e se vendo quanta victima da febre, apodrece por esses chãos humidos e cheios de tapurú, debaixo de palmeiras gordas, triumpantes, se tem idéa da tenacidade com que o inglês, para conquistar o mercado brasileiro e firmar uma nova zona de influencia para o seu imperialismo, se expoz a morrer de febre tão má nesta parte dos tropicos. As inscrições se succedem numa monotonia melancolica: “James Adcock — architect of civil engineer who after nearly three years of residence died here of yellow fever in the 39th year of his age”; “in memory of Robert Short — fifth son of William Short of Harrogate — died of yellow fever — aged 19 years”; “in loving memory of my beloved husband Ernest Renge Williams who died of yellow fever — aged 26...”

Mas uma vez iniciada a reconquista do Brasil pela Europa, não cessou; e ainda hoje nos abafa. Os martyres louros é que venceram — em parte, pelo menos. A febre amarella é que terminou vencida. E essa reconquista alterou a paizagem brasileira em todos os seus valores. Re-europeisou-a ou europeisou-a quanto pode.

A re-europeisação do Brasil começou tirando de nossa vida o elemento asiatico, o africano, ou o indigena que se tornara mais evidente na paizagem ou no trajo e nos usos dos homens. Todo o excesso de côr. A côr das casas. A côr dos sobrados que eram quasi sempre vermelhos, sangue de boi; outros, roxos, amarellos; muitos de azulejos. A côr dos palanquins — quasi sempre dourados e vermelhos — e dos tapetes que cobriam as serpentinhas e as redes; a côr das cortinas dos banguês e das

liteiras. A côr dos xales das mulheres e dos ponches dos homens; dos vestidos e das roupas; dos chinelos de trançado feitos em casa; das fitas que os homens usavam nos chapéus; dos colletes que ostentavam, opulentos de ramagens; dos chambres de chita que vestiam em casa, por cima do corpo ou só de ceroulas; das flores que as moças espetavam no cabelo. A côr dos interiores de igreja — os roxos, os dourados, os encarnados vivos (em Minas, chegou a haver igrejas — uma, pelo menos — com enfeites francamente orientaes); das redes de plumas; dos pratos da India e da China; das colchas encarnadas e amarellas das camas de casal.

Tudo isso que dava um tom tão oriental á nossa vida dos dias communs foi empallidecendo ao contacto com a nova Europa; foi se acinzentando; foi se se tornando excepcional — côr dos dias feriados, dos dias de festa, dos dias de procissão, carnaval, parada militar. A nova Europa impoz a um Brasil ainda lyricamente rural, cozinhando e trabalhando ainda com lenha, o preto, o pardo, o cinzento, o azul escuro de sua civilização carbonífera. As côres do ferro e do carvão; o preto e o cinzento das civilizações “paleotechnicas” de que fala Mumford; o preto e o cinzento dos fogões de ferro, das cartolas, das botinas, das carruagens do século XIX europeu. Talvez “coloração protectora”, insinua o sociologo para explicar esse excesso de preto das coisas e do vestuario, da Europa burguesa e principalmente da victoriana. Ou o effeito de “uma depressão dos sentidos” sob o industrialismo capitalista? O certo é que nos attingiu com uma rapidez espantosa de effeitos — antes, mesmo, do carvão e do ferro nos substituirem a velha lenha de alimentar os fornos das casas e das fabricas, a Loa madeira de construir os sobrados, o pau de lei das engrenagens dos engenhos de canna, dos tornos, das prensas de espremer mandioca.

A sobrecasaca preta, as botinas pretas, as cartolas pretas, as carruagens pretas ennegreceram nossa vida quasi de repente; fizeram do vestuario, nas cidades do Imperio, um luto fechado de pae ou de mãe. Esse periodo de europeização da nossa paizagem pelo preto e pelo cinzento — côres civilisadas, urbanas, burguesas, em opposição ás rusticas, ás orientaes, ás africanas, ás plebéas — começou com Dom João VI; mas accentuou-se com Dom Pedro II. O segundo imperador do Brasil, ainda menino de quinze annos, já vestia e pensava como velho; aos vinte e poucos era o monarcha “mais triste do mundo”, na opinião de um viajante francês. Parece que só se sentia bem dentro de seu croisê e de sua cartola preta; e mal, ridiculo, desageitado, sob o papo de tucano, o manto de rei, a corôa de imperador. Só se sentia bem — vestido á européa; e de accordo com a civilização nova da Europa: a industrial, a inglesa e a francesa, a cinzenta, a que acabaria pedindo pela bocca de Verlaine — uma de suas victimas, aliás — “pas de couleur; rien que la nuance”. Com a civilização gothica e a militar, com a catholica e ecclesiastica, as affinidades de Dom Pedro II eram vagas. Não gostava nem de montar a cavallo: era o typo do europeu de cidade. Esse imperador de sobre-casaca que foi uma das primeiras pessoas no mundo a falar de telephone naquella sua vizinha fina, quasi de mulher, tornou-se um modelo para as gerações novas do Brasil: uma propaganda viva das modas recentes da Europa num paiz que se distanciara das coisas européas pela segregação de tres seculos; pelos contactos com o Oriente e a Africa; pelo seu patriarchalismo rural um tanto agreste, pelo desenvolvimento de estylos de vida adaptados ao clima — o copiar das casas de engenho e de sitio, a roupa leve dentro de casa, o chinello sem meia. Estylos de accordo com as condições regionaes de clima e talvez as psychicas e physiologicas, de raça; gente, na sua grande

maioria, escura e até negroide. Porque no tocante ao gosto das côres ha quem supponha haver nos individuos de pelle escura uma como predisposição, por influencia da maior pigmentação da retina, para o encarnado; os individuos louros seriam, por outro lado, mais sensiveis ao azul e naturalmente ao cinzento. Rivers chegou a realizar pesquisas neste sentido, cujos resultados, não podendo ser acceitos como definitivos, não deixam de ser ricos de suggestões.

Não é por simples rhetorica que dizemos que o preto trouxe para o Brasil um ar de luto perpetuo. Tudo indica que a mortalidade entre nós subiu com as primeiras manchas de re-europeisação da nossa vida e dos nossos habitos. A tuberculose tornou-se alarmante. Os homens de croisé preto, de cartola preta, de botinas pretas tinham sempre algum enterro a acompanhar nas suas carruagens tambem pretas e tristonhas.

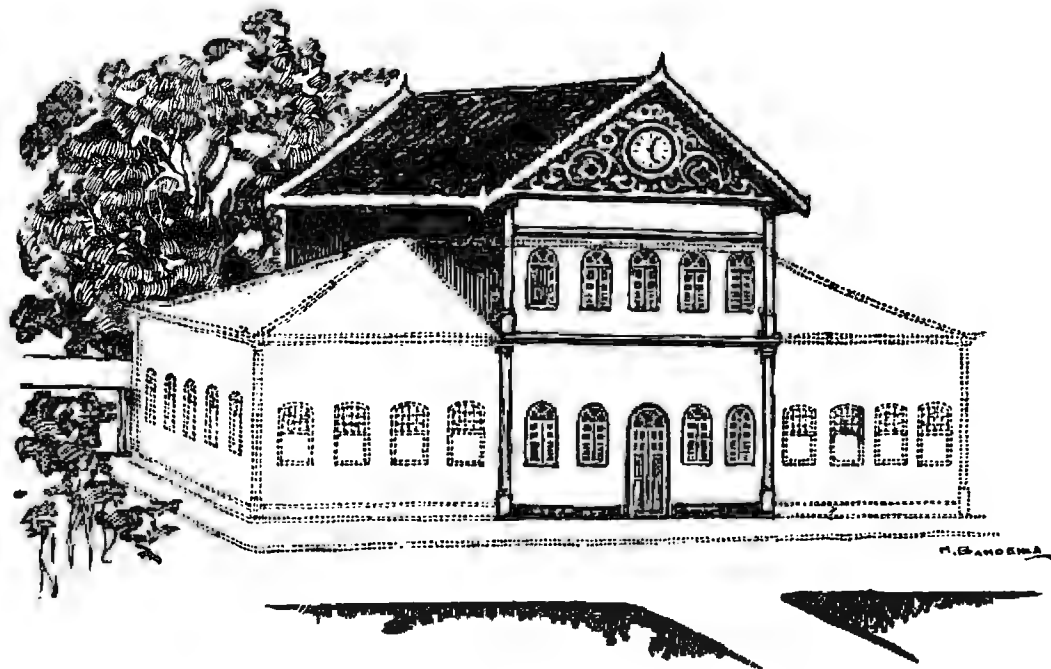
Em 1849 levanta-se uma voz de medico dando o signal de alarme diante do augmento da tuberculose no Imperio. Enumerando as causas do desenvolvimento espantoso que a thysica estava tomando no Brasil de Pedro II, esse medico, que era o Dr. Joaquim de Aquino Fonseca, salientava, entre as mais importantes, as relações mais proximas do Imperio com a Europa. Essas relações haviam modificado notavelmente os habitos de alimentação, trazendo “grande variedade de abusos”; e tambem os habitos da gente vestir-se.

Não só quanto á substituição das côres vivas pelo preto e pelo cinzento “clíc” — problema não apenas de esthetica mas de hygiene pelo menos mental, creado pela repressão de um gosto de base possivelmente physiologica, e certamente tradicional a que já nos referimos — porém quanto á espessura dos pannos: o uso, sob um sol como o nosso, de vestuarios de pannos grossos, felpudos, quentissimos, fabricados para paizes de temperatura baixa,

mas que estavam no interesse do novo industrialismo europeu sobre base capitalista, e portanto standardizador e uniformizador dos costumes e trajos, estender ás populações tropicaes. Ancia de mercado.

A parte estrictamente medica das palavras do Dr. Aquino Fonseca tem o pittoresco das terminologias archaicas; mas não lhe falta sua nota de bom senso. "Outrora os vestuarios — dizia o Dr. Aquino — eram ligeiros e feitos com amplidão; e isto estava inteiramente em harmonia com o clima quente da cidade, e facilitava não só os movimentos respiratorios, e por consequencia a hematose, como vedava que se estabelecesse a transpiração, evitando por este modo que qualquer viração, tão frequente aqui, dêsse causa a sua suppressão, donde resultam males inecontestaveis; mas as modas francesas, trazendo a necessidade do arrocho, para que se possam corrigir as formas irregulares de certos individuos ou fazer sobresahir as regulares, embaraçam o jogo respiratorio das costellas e diaphragma, e influe sobre a hematose; e os pannos espessos de lan, reduzindo os vestuarios a verdadeiras estufas, tornam os homens sempre dispostos a contrahir affecções do systema respiratorio, pela suppressão da transpiração, que por muitas vezes e com facilidade tem lugar". Dahi, ao seu ver, o augmento alarmante da tuberculose coincidir com o periodo de re-europeisação ou europeisação dos habitos de comer e de vestir: ou com as modas francesas e inglesas de roupa, a que se refere quasi furioso.

No seculo XVIII — que foi, talvez, quanto aos costumes o mais autonomo, o mais agreste, o mais brasileiro na historia social do paiz — Villhena rebatera as criticas de alguns viajantes europeus, com relação ao trajo solto, á vontade, chamado mesmo "á fresca", dos brasileiros, quando na intimidade de suas casas. Mostrara que esse relaxamento, tão repugnante para quem vinha de climas



Substituição da casa chamada "colonial" pelo chalet assobradado.

mais frios, correspondia ás condições de clima tropical da colonia. Luccock, critico tão severo das nossas maneiras nos ultimos tempos de vida propriamente colonial, (isto é, os anteriores á chegada do Principe), associou o facto de as creanças andarem em casa nuas, algumas só de roupa de baixo — “nothing but under linen garment” — os antigos sunga-nenê — ao clima quente, inimigo das roupas de panno grosso.

Mas com a re-europeização do paiz, as proprias creanças tornaram-se uns martyresinhos das modas européas de vestuario. Os maiores martyres — talvez se possa dizer. As meninas sobretudo. Os figurinos dos meados do seculo XV veem cheios de modelos de vestidos para meninas de cinco, sete, nove annos, que eram umas camisinhas de força feitas de seda, de tafetá ou de “poil de chèvre”. Meninas de cinco annos que já tinham de usar duas saias, por cima das calçólas, a de baixo bordada com “ponto de espinhos” e guarnecida com franja Tom-Pouce. Ou então saias guarnecidas com tres ordens de fôfos. Gorra de velludo preto. Botinas de pellica preta até o alto da perna. Pennas de perdiz enfeitando a gorra.

Em vão clamavam os Aquino Fonseca, os Corrêa Azevedo, annos mais tarde os Torres Homem. Corrêa de Azevedo dizendo que no caso do menino brasileiro, o vestuario devia “apenas resguardar-lhe o corpo das variedades da temperatura”. Que as creanças, num paiz tropical, não podiam nem deviam “ser criadas nem á inglesa, nem á allemã, nem á russa”. Os paes brasileiros, principalmente nas cidades, não queriam saber dessas conversas de medicos exquisitos. Vestiam seus filhos orthodoxamente á européa. Os coitados que soffressem de brotoejas pelo corpo, assaduras entre as pernas. A questão é que parecessem inglesinhos e francesinhos.

Mas não foi só o vestuario da creança: a educação toda re-europeisou-se, ao contacto maior da colonia, e mais tarde do Imperio, com as idéas e as modas inglesas e francesas. E aqui se observe um contraste: o contacto com as modas, operou principalmente no sentido de nos artificialisar a vida, de nos abafar os sentidos e de nos tirar dos olhos o gosto das coisas puras e naturaes; mas o contacto com as idéas, ao contrario, nos trouxe, em muitos pontos, noções mais exactas do mundo e da propria natureza tropical. Uma espontaneidade que a educação portuguesa e clerical fizera seccar no brasileiro.

A monocultura, devastando a paizagem physica, em torno das casas, o ensino de collegio de padre, devastando a paizagem intellectual, em torno dos homens, para só deixar crescer no individuo idéas orthodoxamente catholicas, quebrara no brasileiro, principalmente no da classe educada, não só as relações lyricas entre o homem e a natureza — ruptura, cujos effeitos ainda hoje se notam em nossa ignorancia dos nomes de plantas e animaes que nos cercam e na indifferença pelos seus habitos e pelas suas particularidades — como a curiosidade de saber, a ancia e o gosto de conhecer, a alegria das aventuras de intelligencia, de sensibilidade e de exploração scientifica da natureza; aventuras de descobrimento das coisas do mundo. Essa curiosidade, esse gosto, essa alegria nos foram communicados nos fins do seculo XVIII e atravez do XIX pelos encyclopedistas e pelos revolucionarios franceses e americanos. Atravez do seculo XIX, tambem por mestres franceses e ingleses que aqui estabeleceram collegios para grande indignação dos padres.

Esses mestres, como aquelles encyclopedistas, nos fizeram um bocado de mal, communicando-nos um liberalismo falso; mas nos fizeram tambem algum bem. Abriram-nos uma nova zona de sensibilidade e de cultura,

refazendo um pouco da espontaneidade intellectual. em tantos pontos abafada, não tanto pelo Santo Officio, como pelo ensino uniformizador dos padres da Companhia. Ensino uniformizador util, utilissimo á integração social do Brasil; mas que nos retardou e quasi nos feriu de morte a intelligencia, a capacidade de differenciação, de iniciativa, de critica.

Nada mais amollecedor da intelligencia que o ensino exclusivo ou quasi exclusivo do latim ou de qualquer lingua morta. Foi o ensino que se desenvolveu entre nós sob a influencia dos collegios de padre.

A proporção que o ensino dos jesuitas foi creando pelas cidades da colonia, élitessinhas ralas de lettrados, uns latinistas unctuosos, seraphicos, de livro de missa, dos quaes, entretanto, se desgarraram alguns temperamentos destabanados como o de Gregorio de Mattos — a leitura dos livros latinos tornou-se a unica leitura nobre e digna: Virgilio, Tido Livio, Horacio, Ovidio, e não apenas o livro de missa. Mas quem lesse Diana ou alguma novella ou romance em lingua popular tinha o olhar desconfiado do Santo Officio e do jesuita dentro de casa. O unico prazer intellectual dos bachareis e mestres em artes formados pelos jesuitas, era ler e decorar os velhos poetas latinos. Sabendo de cór trechos enormes dos auctores classicos alguns rivalisavam com os padres no conhecimento da lingua official da Igreja que, dando-lhe accesso a tão grandes riquezas antigas, segregava-os da litteratura viva, moderna, actual. Tambem nos seminarios de São Pedro e São José — fundados no Rio nos principios do seculo XVIII e no de Marianna, no de Olinda, — estabelecimentos de orientação pedagogica já diversa da dos jesuitas, e até em antagonismo com o ensino da S. J. — continuou-se a dar a maior importancia ao estudo do latim, embora, no de Olinda, cuidando-se já do estudo das

sciencias e das lettras vivas. Systematisado pelo padre Pereira na sua grammatica — o *Novo Methodo* — e começando com a leitura das Fabulas de Pedro, o ensino do latim ia até Ovidio e Horacio. Era uma disciplina severa; e teria sido optimo, si não fosse tão exclusivo. O alumno atravessava a phase mais dura das declinações e dos verbos sob a vara de marmelo e a palmatoria do padre-mestre. Mas acabava não sabendo escrever um bilhete, sinão com palavras embalsamadas, solemnes, mortas e evitando as palavras vivas até na conversa.

A rhetorica se estudava nos auctores latinos — lendo Quintiliano, recitando Horacio, decorando as orações de Cicero. Logica e philosophia, tambem: eram ainda os discursos de Cicero que constituiam os elementos principaes de estudo. A philosophia era a dos oradores e a dos padres. Muita palavra e o tom sempre o dos apologetas que corrompe a dignidade da analyse e compromette a honestidade da critica. Dahi a tendencia para a oratoria que ficou no brasileiro, perturbando-o tanto no esforço de pensar como no de analysar as coisas. Mesmo se occupando de assumptos que peçam a maior sobriedade verbal, a precisão de preferencia ao effeito litterario, o tom de conversa em vez do de discurso, a maior pureza possivel de objectividade, o brasileiro insensivelmente levanta a voz e arredonda a phrase. Effeito do muito latim de frade; da muita rhetorica de padre.

O ensino do grego — que teria dado, talvez, outro rithmo ao estylo dos nossos lettrados e outra perspectiva intellectual aos estudos dos bachareis coloniaes — não alcançou nunca a importancia do ensino do latim. Os frades franciscanos que nos fins do seculo XVIII estabeleceram no Rio de Janeiro, em virtude da ordem regia de 1772, o primeiro arremedo de universidade que se esboçou no Brasil, incluíram o grego entre as novas ca-

deiras de ensino superior. O grego e o hebraico. Mas a tentativa universitária dos bons frades de São Francisco não teve a acção nem a efficacia que promettera. Data, entretanto, do curso de estudos superiores fundado por elles o ensino official, entre nós, das linguas francesa e inglesa.

Nessas linguas se sentiria ainda, e por muito tempo, o ranço da heresia politica ou religiosa, certo gosto de peccado intellectual; mas mesmo assim foram revolucionando a vida das élites brasileiras segregadas até então das novas correntes intellectuaes pelo estudo quasi exclusivo do latim. Atravez do estudo da lingua francesa — que aliás deixara, segundo dizem, traços, porém muito vagos, no português popular do Maranhão — começou o contagio com aquellas doutrinas novas que aprendidas depois na propria França, por estudantes brasileiros de medicina e de philosophia, animaram a revolução mineira — dirigida por bachareis afrancesados — e a pernambucana de 1817, esforço de padres que já não se contentavam com a leitura do latim: liam francês e até decifravam inglês. Luccock notou no Rio de Janeiro, nos principios do seculo XIX, a procura de livros franceses; os ingleses é que continuavam evitados, talvez por ser a lingua considerada de herejes mais perigosos que os franceses. O mesmo horror deve ter cercado a lingua dos flamengos quando occuparam o Norte.

O Recife ouviu por trinta annos o ruido de muitas linguas vivas, faladas nas ruas e dentro dos sobrados. Da lingua hollandesa, porém, os philologos não acham geito de identificar outra recordação na fala daquelles nortistas, sinão uma dura palavra: "brote". Entretanto, as chronicas neerlandesas deixam claramente ver que se ensinou o hollandês em escolas para os indios, dirigidas pelos pastores e pelos missionarios calvinistas. É verdade que algumas actas de congregações indicam que os catechismos

e livros de doutrina eram escriptos não só em hollandês como em português e tupy, exigindo-se dos missionarios o conhecimento da lingua dos indios ou da portuguesa. E deve-se salientar que os proprios nomes de pessoa de holandeses que aqui ficaram, casando-se com portuguesas, aporuguesaram-se ou desapareceram. A differenciação no sentido hollandês dissolveu-se em grande parte, dentro da integração no sentido português. Mesmo assim, a influencia hollandesa marcou na parte do Brasil onde se exerceu mais imperial e profundamente, durante o seculo XVII, a europeização do Brasil, noutro sentido que o português. Atravez de uma serie de infecções de cultura norte-européa o Nordeste se differenciaria um tanto e para sempre, do grosso da colonia.

Porque varios traços dessa europeização (noutro sentido que o português) persistiram na paizagem e no espirito do povo, depois de reconquistado o Norte pelos portugueses catholicos. Dizemos portugueses catholicos, porque durante o dominio hollandês, sob nomes hebraicos traduzidos em português — Isacs, Jacobs, Abrahões — e nomes de familia impossiveis de distinguir dos portugueses — Campos, Cardoso, Castro, Delgado, Pinto, Fonseca, Sousa — actuou entre nós, no sentido da differenciação social e intellectual dos colonos, poderosa corrente de cultura sephardinica: a de judeus portugueses vindos de Amsterdam. Aliás já encontraram aqui, principalmente na Bahia, praticando a medicina, numerosos christãos novos; outros no commercio e até na industria do assucar.

Si na Bahia desenvolveu-se o primeiro centro de cultura medica no Brasil, é que na cidade de Salvador, já no seculo XVII, encontravam-se á sombra das igrejas cheias de Nossas Senhoras gordas e de santos triumphantes, maranos sonsos, magros, corcundas, oculos enormes; maranos peritos na sciencia de tratar dos doentes e receitan-

do carne de porco para que nenhum voluptuoso da delação desconfiasse delles. A medicina foi sempre uma especialisação muito dos sephardins; seu meio de competir com os padres confessores e os capellães, na influencia sobre as grandes familias e a gente poderosa dos governos. Foram decerto elles que a trouxeram para o Brasil, nas suas formas mais adiantadas, e a desenvolveram na Bahia e no Recife. Do Recife sahiria Velosino — um dos maiores medicos judeus do seculo XVII.

O Recife judaico-hollandês tornou-se o maior centro de differenciação intellectual na colonia, que o esforço catholico no sentido da integração procurava conservar extranha ás novas sciencias e ás novas linguas. Com o conde Mauricio de Nassau levantou-se do meio dos cajueiros o primeiro observatorio astronomico da America; um jardim botanico e outro zoologico surgiram dentre as gitiranas e os mangues onde outrora só havia buraco de gaiamum; appareceram Piso e Marcgraf — os primeiros olhos de scientistas a estudarem os indigenas, as arvores, os bichos do Brasil; pastores da religião de Calvino pregando novas formas de christianismo; Franz Post pintando casas de engenho, palhoças de indios, mucambos de pretos, cajueiros á beira dos rios, negras com trouxa de roupa suja á cabeça; Peter Post traçando os planos de uma grande cidade de sobrados altos e de canaes profundos por onde se pudesse passear de canôa como na Hollanda. Luxo e não apenas riqueza de differenciação intellectual, artistica, scientifica, religiosa. O exclusivismo portuguez e catholico estava quebrado em Pernambuco: exclusivismo de lingua, de architectura, de religião, de estylos de vida.

Nesse Recife que se differenciou tanto das outras cidades da colonia pelo seu genero de vida e pela sua população desigual de neerlandeses, franceses, allemães, judeus, catholicos, protestantes, negros e caboclos, não só se fala-

ram por trinta annos, quasi todas as linguas vivas da Europa e da Africa, como estudou-se e escreveu-se nas synagogas um hebreu diverso do puido e gasto pela bocca dos Ashkenazic: o velho hebreu guardado em toda a sua pureza pelos rabbins de barba preta e olhos tristes que a congregação de Amsterdam mandou para Pernambuco. Nas cozinhas dos sobrados, com a liberdade que Nassau deu aos judeus, cozinhou-se decerto muito quitute israelita; nos quintaes, debaixo dos cajueiros, criaram-se carneiros e engordaram-se gallinhas para serem sacrificados e preparados, segundo o rito de Moysés; e comidos nos dias de preceito, com o pão da Paschoa e as hervas picantes. E nos fundos das lojas, e até em publico, adorou-se o Deus de Israel; praticou-se o judaismo. E é possível que até a Kabala, tão do gosto dos sephardins de imaginação mais ardente. Circumcidaram-se meninos. Recitaram-se, nem sempre em voz baixa, nem de medo, *piyyutim* saudosos. Talvez á mesma hora em que dentro das igrejas papistas e até na rua, em procissões que sahiam com licença do conde, se entoassem louvores em latim á Virgem Maria e ao Menino-Jesus; e nas capellas dos reformados, os crentes cantassem em hollandês hymnos glorificando outro Deus: o de São Paulo e de Calvino. Emquanto dos mattos mais proximos, dos mucambos dos mangues, chegava até os sobrados, até as igrejas e as synagogas de pedra e cal, a assuada de alguma "santidade" de indios ou o alarido de bandos de negros de Xangô adorado á africana; lôas pedindo ao ceu milho que desse para encher as cuias; outras encommendando aos santos algum defunto; as mais atrevidas, chamando Exú.

No meio dos mangues, em lugares exquisitos e ermos, talvez já no trecho do isthmo ligando Olinda ao Recife, onde depois se assassinou um estudante, se fuzilou um soldado, e uma negra — conta a tradição que de toutiço gordo desapareceu uma noite, de escuro, uns dizem que en-

gulida pela lama, outros affirmam que levada por Exú; no meio dos mangues e dos ermos, perto das praias, onde se enterrava negro pagão, é que as formas mais atrasadas de religião floresciam. Nos dias de domingo, porém, sua algazarra parece que era enorme. Bandos afoitos vinham cantar e dançar no oitão das igrejas e sobrados. Contra taes excessos reclamou mais de uma vez a Assembléa dos Reformados do Recife. Contra os excessos dos negros, dos papistas e dos judeus. Os reformados queriam que dia de domingo, somente a voz delles louvasse o Senhor. Que era uma profanação do grande dia de Deus, a maneira escandalosa por que os papistas e os outros, praticavam seus cultos. Que os cantos e os pinotes dos negros provocavam a colera divina. Que tanta assuada de rua perturbava o serviço religioso nas igrejas do Deus verdadeiro (que era sem nenhuma duvida o delles: Reformados Holandeses).

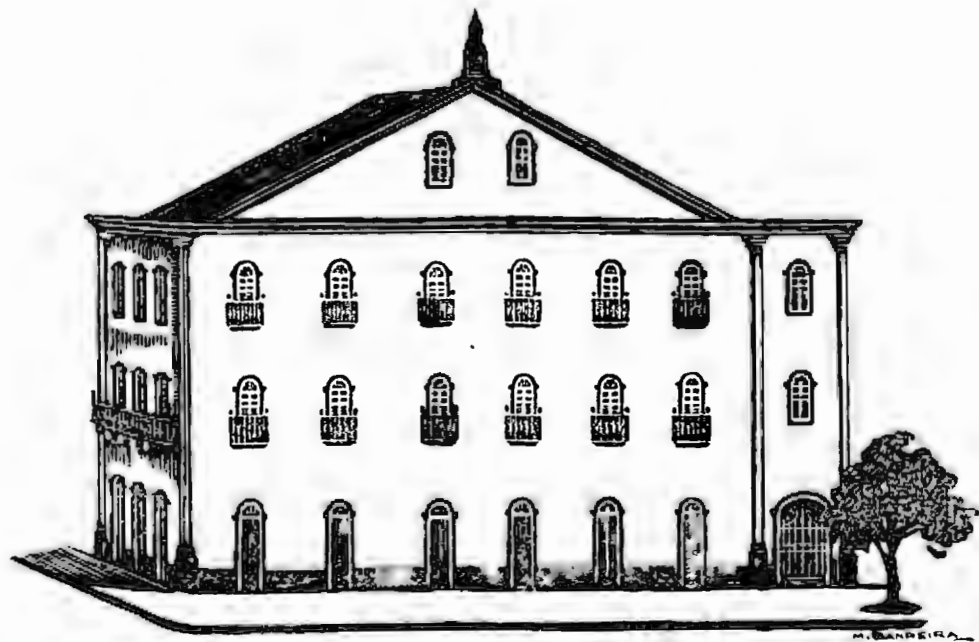
Sente-se, entretanto, atravez das queixas inuteis e ranzinzas nas assembléas religiosas que o governo hollandês, pelo menos no tempo de Nassau, teve quasi sempre ouvidos de mercador para esses incitamentos ao odio theologico. Que deixou papistas, judeus, e até negros abusar da liberdade que lhes era concedida. Foi abusando dessa liberdade, que as parteiras da terra deram para baptisar os meninos dos protestantes segundo o rito catholico; os judeus, para se reunirem publicamente no mercado e até para seduzirem christãos para o judaismo, os mais afoitos chegando a circumcidar filhos de christãos. Em Serinhaem, uns protestantes recusando-se a se ajoelhar diante dos santos de andor, na occasião em que descia pela rua uma procissão do Rosario, não somente foram insultados pelos papistas mas até levaram pancada. E quasi todos os senhores de engenho hollandeses não só cahiram na pratica portuguesa de começar a moer os engenhos dia de domingo, como alguns na de mandar benzer os engenhos

pelos padres; enquanto nas cidades, muito calvinista foi adoptando o costume da terra de fazer o signal da Cruz ao toque dos sinos. O christianismo lyrico e mais humano foi vencendo o dramatico e puritano dos reformados.

O dominio hollandês foi assim uma epoca de interpenetração de influencias diversas: conquistadores transigiram enormemente com os povos conquistados; mas estes ficaram com a experiencia do tempo dos flamengos a agir sobre a sua vida no sentido ecumenico; nunca mais seria perfeita sua accommodation ao imperio portuguez na America. Não seria absoluta sua reintegração social. Nesse sentido ecumenico, agiu de modo particular sobre o Norte do Brasil a influencia da cultura sephardinica e do commercio judeu, sempre tão cosmopolita nas relações que cria e estabelece. O mesmo commercio cosmopolita foi depois agir sobre uma zona profundamente mediterranea como a de Minas, que no seculo XVIII e nos principios do XIX se apresenta, de repente, tão cheia de relações com a Europa. O que tira um pouco a força do determinismo geographico, para accentuar o prestigio do factor cultural — ou antes dos factores culturaes — no condicionamento das sociedades. O que a pura oceanidade não fez com territorios mais facéis de soffrerem a influencia européa, (certas zonas quasi levanticas da colonia cedo se apresentando com os caracteristicos de segregação e de estagnação social, que geralmente se associam ás zonas mediterraneas, isto é, centraes) fez com Minas Geraes a variedade de contactos de cultura, creados pelo desenvolvimento da industria dos diamantes. Ao contrario da industria do ouro, a dos diamantes e das pedras preciosas, pela sua propria natureza economica, pela technica do seu commercio, não se deixou prender pela segregação da metropole sobre o producto colonial. Foi procurar os mercados proprios, que eram principalmente os da Hollanda, sob o controle da technica e da

finança dos judeus. Dahi as relações commerciaes de Minas com a Europa não-iberica — relações a que se juntaram as intellectuaes e politicas no sentido liberal; e tambem as technicas, as de estylos de vida, que se deixariam surprehender no maior uso do vidro nas suas casas-grandes e sobrados — neste ponto superiores aos do litoral, no seculo XVIII. O luxo do vidro na Minas do seculo XVIII significa verdadeiras audacias de transporte, atravez de caminhos horriveis. Grandes despesas, tambem. O luxo de vidro, como o de outros artigos finos importados da Europa para as casas dos mineiros ricos. As camas com cortinas — e não redes ou catres — o trajo dos homens e até das mulheres, as idéas e as leituras dos individuos mais instruidos, mostram como aquella sociedade, tão segregada da Europa pela distancia e pelas montanhas, ganhou ás levanticas, ás da beira mar, as thalas-sicas, as mais proximas da Europa, em qualidades e estylos urbanos e civilizados da vida.

Não se allegue o simples facto da riqueza das Minas e dos mineiros, para explicar todo esse seu esplendor de vida e de idéas no seculo XVIII. Já nos referimos áquelles ricos de Campo dos Goytacazes que o principe Maximiliano conheceu nos principios do seculo XIX morando em casebres de barro. Quasi em mucambos. Ausencia de outro estimulo cultural ou psychologico que completasse o economico. A casa nobre, o sobrado, o luxo de roupa, de movel, de carruagem, o requinte da moda, nem sempre corresponderam no Brasil á situação puramente economica dos moradores. As regiões que mais se europeisaram nem sempre foram as mais ricas. O determinismo economico falha, sosinho, na interpretação de uma serie longa de processos sociaes, do mesmo modo que o determinismo geographico, quando pretende isolado e puro, explicar factos tão complexos como os humanos. O que se vê na historia social da familia brasi-



Sobrado do pátio do Carmo, no Recife (segunda metade do século XIX).
Desenho de M. Bandeira

leira, desde o seculo XVI tão desigual nos seus typos e momentos de cultura e tão cheia de altos e baixos nos seus estylos de habitação e de trajo e na sua technica de transporte — élites de vida européa, vizinhas de tabas, o seculo XVIII português, vizinho do seculo XIX francês ou inglês — é uma grande variedade nos contactos de cultura. Essa variedade, quasi sempre, pelo estimulo — raramente pela imposição ou da determinação — de condições economicas ou de facilidades geographicas. Mas ás vezes, como no caso de Minas, o factor cultural vencendo a difficuldade geographica. Outras, como no caso dos ricos de Goytacazes, a segregação social — por motivo ainda a esclarecer: psychologico talvez — creando um genero de vida que, por imposição do puro elemento economico, devia ser outro.

A segregação social esterilisa e leva ao retardamento nos estylos da vida, como os estudiosos das culturas isoladas estão fartos de indicar. No caso brasileiro, não se supponha que a degradação da cultura atrasada, que aqui se verificou ao contacto da adiantada, desminta o facto da *cross-fertilization*. Apenas deve-se notar que a reciprocidade nunca se verifica com inteiro successo entre culturas, não diremos radicalmente diversas, mas desiguaes nos seus recursos technicos e militares, a conquistada não dispendo de meios de evitar o desprestigio moral de elementos, na apparencia decorativos ou exteriores, mas na realidade fundamentaes da sua vida e da sua economia. Elementos attingidos pela sciencia — principalmente a medica — pela religião e pela ethica do imperialismo, ancioso, por motivos economicos, não de diversidades regionaes, mas da standardisação da vida por toda a parte e em todos os climas, de mercados mais largos para a sua industria — a de materiaes de construcção, a de moveis, a de roupa, a de productos pharmaceuticos, a de alimentos em lata ou conserva, a de artigos de deco-

ração pessoal e da casa. A nudez dos primitivos, ou a diferença de trajo e a de calçado dos menos civilizados — o pé deformado e o rabicho nos chineses de outrora, — são diferenças moralmente repugnantes aos europeus imperialistas. Mas sobre essa repugnancia moral talvez actue, ás vezes, indirectamente, o desejo economico de mercados onde se possam estender as industrias standardisadas.

Do mesmo modo a casa de palha dos indigenas das terras tropicaes. O mucambo afro-brasileiro. A palhoça de palma de burity. A repugnancia do imperialista europeu pelo mucambo nem sempre terá sido exclusivamente moral ou hygienica: talvez tambem economica.

Maximiliano sentiu pelas habitações dos senhores de Campo dos Goytacazes verdadeiro desprezo. Sendo ricos, os fazendeiros viviam daquelle geito anti-europeu. Deviam ser sovinas ou então doentes. Mas no desprezo do principe, pelos ricos de Campo dos Goytacazes talvez se exprimisse uma especie de sub-consciencia creada pelo imperialismo europeu até nos seus sabios e homens de sciencia. Atravez de Maximiliano talvez falasse — do modo mais indirecto, é claro — o imperialismo europeu lamentando que á falta de estimulo, vivessem aquelles homens ricos, de uma região tropical tão fertil, sem o conforto á européa offerecido pela industria de vidro, de louça, de madeira, dos paizes da Europa.

O mesmo sentimento parece ter experimentado Saint-Hilaire no Rio Grande do Sul, ao salientar a extrema simplicidade das casas dos fazendeiros mais ricos. Uns simples ranchos. O conforto physico dos patrões, quasi o mesmo que o dos empregados. Casas cobertas de palha, acachapadas, construidas com paus cruzados e barro. A sala sem janella; e em vez de porta — muito menos, porta envidraçada — separando a sala, do quarto principal — nada mais que uma cortina, talvez de panno feito em casa

ou por escravo. O mobiliario — duas ou tres cadeiras de couro. Cama, tambem: de fundo de couro. Um estrado de tabuas sobre o qual a dona da casa trabalhava e a mesa de pau onde os proprietarios se serviam, do mesmo churrasco e do mesmo chimarrão que os moradores de casas um pouco mais rusticas, seus empregados.

Mas até nas regiões escravocratas, de maior differenciação entre o genero e as condições de vida do senhor e do trabalhador, Saint-Hilaire observou entre nós — e antes d'elle Dampier, nos principios do seculo XVII — certo desprezo dos ricos pelo conforto domestico: a grandeza que alardeavam era, nas cidades, a do trajo, no matto, a dos cavallos ajaezados de prata. E principalmente a do numero de escravos e a de extensão das terras. No Rio Grande do Sul seria a do numero de rezes e a qualidade dos cavallos — a especialisação social da area gaucha, caracterisada pela sua extrema mobilidade horizontal.

As excepções — certa area levantica, ao Norte, onde a colonisação começara no seculo XVI com casas-grandes, casas-fortes e capellas de pedra de cal — e mais tarde, no seculo XVIII, a area mediterranea, ou mineira, onde Mawe, nos principios do XIX, ainda encontraria nos sobrados, restos de conforto e até de luxo á européa — reflectem, ao lado das vantagens economicas e do solo ahi encontradas e desenvolvidas pelos colonos, a maior intensidade de contacto com a Europa, a acção de estímulos não simplesmente economicos, mas, no caso da area levantica, principalmente geographicos: a oceanidade de Pernambuco e da Bahia, sua proximidade da Europa. Estímulos, tambem, de cultura — o contingente judeu na colonisação industrial daquelles dois centros; e no outro caso — na area mediterranea-mineira — a acção de estímulos semelhantes, de cultura cosmopolita, provocados, porém não determinados, pelo factor economico.

O diamante, attrahindo para Minas os interesses do commercio europeu e sobretudo a mediação plastica da technica judia e da finança israelita, tão cheia de tentaculos por toda a parte, venceu a distancia que separava aquella região, da Europa; e creou uma serie de relações especialissimas entre a burguesia rica dos sobrados de Ouro Preto, Sabará, Santa Luzia — e a civilização industrial e urbana do Norte da Europa. Accentuaram-se, sob o estímulo da maior variedade de contactos com o estrangeiro, forças de differenciação social, que não custaram a romper, vulcanicamente, as de integração. Dahi a Revolução mineira: expressão nitida da differenciação cultural, e não apenas economica que se operara na area mediterranea. Do mesmo modo, as Revoluções pernambucanas: a de 1710, a de 17, a de 24. Sobre todas ellas actuaram motivos economicos. Forças economicas. Apenas não actuaram sozinhas. Condiçionaram, junto com outras influencias, as demais especializações de cultura — inclusive o pendor para as formas liberaes de governo — que se verificaram nas duas regiões, a mediterranea e a levantica, tão diversas na sua topographia. Mas não determinaram de modo rigido ou absoluto taes especializações.

O Brasil, nessas duas regiões tão desiguaes pela situação physica e pelas qualidades moraes da colonisação — o Recife e São Salvador, ao Norte e Minas, no centro — foi um dos paizes mais beneficiados pelo commercio internacional dos judeus. Beneficiado pelo que o judeu poude offerecer de mais substancioso á America, em valores de cultura e em estímulos ao nosso desenvolvimento intellectual.

Atravez dos doutores e dos mestres que a Congregação de Amsterdam mandou para o Recife e para São Salvador, o Brasil recebeu da velha cultura sephardinica uma somma consideravel de elementos de valor. Valor scientifico: a melhor sciencia medica da epoca. Valor intelle-

Aliás, o sephardim que aqui chegou da Hollanda não era um elemento inteiramente estranho. Os hymnos que vinha cantando eram *piyyutim* inspirados nos poetas hespanhoes e portugueses. E em vez da sovinice, da sumiticultura, da unhice-de-fome dos judeus Ashkenazic, marcava-lhe os habitos certa grandeza muitò hespanhola e muito portuguesa. O gosto de luzir na rua e de ostentar sedas e velludos nas festas. O da mesa larga e farta.

Esses traços que ainda hoje — passados tantos seculos — se encontram, embora amortecidos, nos judeus de origem hispanica, que se espalharam por Constantinopla, por Smyrna, por Salonica — o colono sephardim trouxe-o para o Brasil ainda humidos e vivos. O curto exilio na Hollanda não tivera tempo de lhe seccar o hespanholismo profundo. De modo que por um lado, a colonisação, aparentemente exotica, de sephardins no Brasil — gente cujos nomes portugueses acabariam se estropiando em caricaturas, mas de qualquer maneira conservando-se na propria Nova Amsterdam — depois Nova York — e ahi resistindo aos ww dos nomes mais terrivelmente nordicos, foi, na realidade, uma colonisação de gente quasi de casa. Colonisação que não viria perturbar o processo da integração social da nova colonia portuguesa. Viria quasi equilibrar a differenciação com a integração.

Os proprios jogos de seus meninos estavam cheios de reminiscencias da Hespanha e de Portugal, como o “castillo”; alguns dos guisados mais gostosos de sua cozinha, tambem. O “pastelico”, por exemplo. O “pan de Espana”. A adafina (do arabe al-dafina, que quer dizer coisa enterrada ou occulta e que é um prato muito parecido com o nosso cozido, e como este, talvez, de origem arabe.) Certas palavras mais intimas — as que designam as partes sexuaes do corpo, por exemplo — os sephardins do Levante ainda hoje as conhecem por nomes hespanhoes ou portugueses: “el compedron”, por exemplo. E quasi como

o hespanhol ou o portuguez de quatro costados, o sephardim, em vez de se conservar cosmopolita, indifferente ao local ou á região, regionalisou-se na peninsula, cedeu ao pegamento das affeições regionaes — o portuguez insistindo em ser portuguez, como o castelhano, em ser de Castella.

O que o judeu trouxe para o Brasil como elemento de differenciação foi principalmente a capacidade para o commercio internacional, que nos enriqueceria de uma variedade de contactos, impossiveis dentro do exclusivismo portuguez. Tambem a especialisação scientifica e litteraria que nelles se aguçara, por effeito daquella riqueza de contactos, distanciando-os dos portuguezes ruraes e christãos-velhos. Especialisação que se aguçara não só no exilio, como nas proprias Hespanhas, quando excluidos da politica e da carreira militar, acharam compensação para o recalque dos seus desejos de gloria e de successo pessoal e de grupo, nas carreiras intellectuaes e scientificas: a medicina, o professorado, a litteratura, um pouco a mathematica e a philosophia. Paes negociantes e filhos doutores — tal fôra o seu processo de ascensão social.

Dispersos pelo Norte da Europa, pelas republicas italianas, pelo Levante, pela Africa, os sephardins que a Inquisição enxotara das Hespanhas, onde quer que se fixassem, foram estabelecendo relações commerciaes uns com os outros e assim desenvolvendo um grande commercio internacional. Dos beneficios desse systema de relações internacionaes é que o Brasil viria a participar, um pouco no seculo XVII e outro tanto no seculo XVIII, communicando-se, pelos judeus, com a Hollanda e com a Inglaterra, com o Levante e com as Republicas italianas.

Assim se explica, em grande parte, o surto cultural, tanto em Pernambuco, naquella primeiro seculo — onde a força de differenciação dos judeus se juntou á dos holandeses, ou, mais rigorosamente, é de Mauricio de Nas-

sau — como, até, certo ponto, nas cidades mineiras do seculo XVIII — onde a infiltração israelita foi decerto menos ostensiva e talvez mais commercial que social e intellectual. Em Pernambuco, o proprio Bento Teixeira Pinto, parece ter sido judeu. Judeu, o primeiro poeta que cantou no seculo XVI as bellezas do Brasil e as glorias de Portugal.

No Sul, certas reminiscencias do typo israelita, entre algumas das melhores familias mineiras, com olhos, nariz ou beiços, que são os classicos, do semita, auctorisam-nos a suppor uma larga infiltração de sangue judeu na velha região dos diamantes. Pelas chronicas sabe-se que não foram poucos os individuos e até as familias inteiras, residentes na capitania das Minas — principalmente em Villa Rica, Serro Frio e Paracatú — condemnadas pela Santa Inquisição por culpas de judaismo. Em 1726, Diogo Henriques, 63 annos, homem de negocio morador em Minas de Ouro Preto, José da Cruz Henriques, 29 annos, cobrador de dizimos, morador em Marianna, David Mendes da Silva, solteiro, natural de Villa Nova da Fonseca e morador em Serro Frio. Em 1735, João Rodrigues de Moraes, de 22 annos, natural da cidade de Miranda e morador em Villa Rica, José Nunes, de 39 annos, natural da Villa de Espada á Cinta e morador em Serro Frio; Helena do Valle, 28 annos, solteira, natural do Rio de Janeiro, e moradora em Ouro Preto. Em 1732, Manoel de Albuquerque e Aguilar, de 38 annos, natural da Villa do Castello Rodrigo e morador nas minas de Ouro Preto; Antonio Fernandes Pereira, de 39 annos, natural da Villa do Mogadouro, morador nas minas de Arassuahy; Domingos Nunes, de 40 annos, solteiro, natural do Pinhal; Diogo Correia do Valle. Em 1748 Antonio Sanches, medico, residente em Paracatú e João Henriques, boticario, tambem de Paracatú, de 59 annos, medico, natural de Covilhã, morador em Ouro Preto.



Sebrado do Rio de Janeiro (meado do século XIX).
(Desenho de M. Bandeira baseado em gravura da época).

E em 1733, Antonio Rodrigues Garcia, de 39 annos, mercador natural de Pinhal; Miguel Nunes Sanches, de 39 annos, residente em Paracatú, Antonio Ribeiro Furtado, solteiro, residente em Serro Frio. Em 1739, Manoel Gomes de Carvalho, morador em Villa Rica e outros.

Manoel de Albuquerque e Aguilar — o Aguilar é nome de sabor muito judaico — vamos encontral-o, tambem, entre uma dezena de outros, na carta regia de 12 de Agosto de 1732 ao conde das Galvéas, denunciando o fabrico de moeda falsa em “Paraopeba” e depois em Itoubrava. As moedas eram de ouro e o trabalho de fundição e cunho, aperfeçoadissimo. Quasi não se distinguia o dinheiro falso dos authenticos. Technica finissima. Aliás, não se veja nessa actividade illegal, que teria sido provavelmente orientada por technicos judeus, o só aspecto de illegalidade mas um dos meios da industria mineira reagir contra o tributo exaggeradissimo que era obrigada a pagar á Metropole exploradora. Indirectamente — e por meios nem sempre leaes — a technica dos judeus parece ter concorrido para o desenvolvimento da riqueza local, nas cidades mineiras, tornando-as mais aptas ás attitudes autonomistas, fundadas quer na consciencia de sufficiencia economica, quer na revolta contra os exaggeros da exploração pela metropole portuguesa. Por outro lado, o commercio internacional dos judeus teria creado, para Minas, pontos de contacto no estrangeiro, favoraveis não só aos impulsos de differenciação social e intellectual — um mineiro, o Dr. Francisco de Mello seria condemnado pela Inquisição por idéas consideradas perigosas, á religião — mas tambem, politica. Este é um aspecto do problema extranho ao presente ensaio: a provavel projecção politica da actividade dos estrangeiros no Brasil colonial. Apenas recordaremos que em Minas, o irlandês Nicolau Jorge, que nos fins do seculo XVIII residiu no Districto Diamantino, foi um entusiasta da revolução de 1789, em

cuja devassa vem uma phrase sua, aliás bonita, mas não se pode hoje determinar si de negociante, a quem interessaria particularmente um Brasil mais livre no seu systema de commercio, si de um homem de ardores faceis, a quem tivesse contagiado o patriotismo dos bachareis e dos lettrados das cidades mineiras: "O Brasil seria um dos primeiros paizes do mundo si fosse livre!" E em Pernambuco, o inglês Bowen, de tal modo se identificou com os revolucionarios de 1817, que foi o primeiro enviado dos conspiradores aos Estados Unidos. Ha tambem quem ligue á influencia do liberalismo de Nassau sobre a mentalidade dos colonos do Norte no seculo XVII, certo pendor, porventura mais accentuado no pernambucano que nos brasileiros de outras regiões, para a insubordinação politica e para as formas liberaes de governo.

Ao facto de o commercio de diamantes e de pedras preciosas — que alguns estudiosos da expansão israelita na America affirmam ter sido dominado, no seculo XVIII, pelos judeus — haver creado para as cidades mineiras relações especialissimas com o Norte da Europa, deve-se attribuir, em grande parte, a maior europeização daquella area brasileira no seculo XVIII quanto a padrões de conforto de casa.

Mawe é até emphatico sobre o conforto europeu que encontrou em Villa Rica: "as casas de pessoas de alta classe em Villa Rica são muito mais commodas e melhor mobiladas que as do Rio de Janeiro e São Paulo, a maior parte muito bem decoradas".

O tom europeu das modas de vestuario em Olinda, no Recife, em São Salvador e até em S. Luiz do Maranhão, tom tão accentuado, nos seculos XVI e XVII, empallideceu no seculo XVIII, indo ostentar-se com maior viço nas montanhas de Minas. Montanhas aparentemente tão anti-europeas, mas, na verdade deixando-se penetrar atravez de bachareis, de mascates e até de ingleses,

pelas influencias novas, tanto de idéas como de modas, vindas da Europa. Porque foi em Minas que Mawe encontrou no Brasil os estylos de vida e os padrões de conforto physico. que mais lhe deliciaram a volupia inglesa de commodidade domestica: camas elegantes, de bella madeira, o fundo ás vezes de couro; colchões de algodão; lençoes de panno fino, enfeitados de renda; os travesseiros tambem guarnecidos de renda; as colchas de damasco amarello. Acima dos leitos, uma armação em forma de dossel, mas sem cortinados. “Nunca vi camas tão magnificas como as das pessoas ricas desta capitania, sem exceptuar mesmo as da Europa”, escreveu Mawe referindo-se aos leitos onde dormiam os burgueses dos sobrados de Ouro Preto. Em contraste com esses burgueses de sobrado, tão europeus nos estylos de vida, fazendeiros ricos, donos de muitas terras e escravos dormiam em rede ou em catre. “Não se conhece nas casas dos fazendeiros — escreveu Saint-Hilaire referindo-se aos Mineiros — nenhum dos moveis a que estamos habituados em nossos aposentos; guarda-se a roupa em bahús ou suspende-se em cordas, a fim de protegel-a da humidade e dos insectos. As cadeiras são raras, e as pessoas se sentam em bancos ou tamboretas de pau...”. Existia em algumas fazendas apenas certo luxo de damasco e de guarnição de renda nas camas, talvez imitado daquellas camas de rei dos burgueses de Villa Rica.

Quanto ao traje, Mawe reparou em Villa Rica que as senhoras imitavam de preferencia as modas inglesas. E Saint-Hilaire, tendo ido a um baile offerecido á sociedade mineira pelo governador D. Manuel de Castro Portugal não encontrou entre os estylos de vestir das senhoras montanhesas e as modas européas, a distancia enorme que esperava. De destoante, só surprehendeu, num intervallo de contra danças européa, o fandango que certa mulata dançou no meio do baile, parece que com muito arregaçar de

saías e exaggerado saracoteio do corpo; pelo menos o scien-
tista francês se scandalizou. Como que sentiu de repente
um bafo quente e para elle talvez fetido de Africa, naquelle
ambiente de temperatura agradavelmente européa e bur-
guesa.

Nas igrejas, é que as senhoras não desprezavam as
capotas, os xa'es, as mantilhas, tapando a metade do rosto.
Capotes outrora muito usados em Portugal e na Hespanha,
que por muito tempo sobreviveram no Brasil, marcando a
resistência da moda arabe á penetração da européa, trium-
phante nas salas de baile e nos theatros.

Os pés, que no tempo dos hollandeses as senhoras de
Pernambuco escondiam como uma parte intima e como que
sexual do corpo, aos poucos foi sendo mostrado, — pelo
menos aos primos fazedores de sonetos. Mas as pernas,
não; e o patriótico Pascual que procurou rebater, já no
meado do século XIX, as críticas do inglês Mansfield á
sociedade brasileira, um dos pontos em que mais orgulho-
samente insistiu foi neste: no cuidado das yayás e sinha-
donas em nunca mostrarem as pernas: só a pontinha do
pé. Ao contrario das inglesas, que não falando nunca
em pernas de mesa, exhibiam as proprias com o maior
desembaraço. Quando tinham de atravessar alguma poça
de lama, por exemplo, só faltavam levantar a saia até
os joelhos.

Em minucias de moral, em preconceitos de pudor, foi
talvez onde a brasileira, impregnada de tradições arabes,
mais resistiu á penetração inglesa ou francesa. Aliás, o
estrangeiro era sempre visto em nossa sociedade colonial,
e mesmo durante longo periodo do Imperio, como um pos-
sível Don Juan; e evitado no interior dasa casas e dos so-
brados. Tollenare, já vimos como se magoou com a
burguesia do Recife por esses excessos de retrahimento da
parte das mulheres, até vingar-se das mouras, vendo
nuas, no banho, as nadegas todas de fóra, as filhas do

Senhor N. Nas casas, porém, era o francês se annunciar e as senhoras correrem para os quartos, deixando as costuras e as rendas por cima da mesa. Saint-Hilaire notou o mesmo retrahimento nas sinhadonas de Minas. Diante do estrangeiro as mulheres só faltavam morrer de vergonha. E não só as matutonas, das fazendas, porém as mesmas burguesas finas de sobrado que elle vira nos bailes officiaes vestidas á francesa; praciasas tão desembaraçadas que no intervallo das contra-danças tocavam e cantavam.

E' curioso observar, nos nossos velhos retratos do tempo do Imperio, nas photographias antigas de familia, que amarellecem no fundo das gavetas ou dentro dos albuns comidos de bicho, a muito maior europeisação de trajo e como que de physionomia, vamos dizer social, dos homens.

As senhoras parecem ás vezes, ao lado dos maridos, as sinhasinhas, ao lado dos paes, ou dos irmãos, mulheres malaias ou chinasas ao lado de missionarios ingleses, de suissas, de medicos americanos de barbas. Duas raças — ou apparencias de raça — creadas pela profunda differenciação social entre os sexos. O homem mais europeu pelo trajo, pelo porte, pela como urbanisação da physionomia e do typo; a mulher mais oriental, mais rural, quando não pelo trajo pouco europeu, pela physionomia tristonha de recalçada ou de segregada, que lhe approximava do typo das grandes recalçadas e segregadas do Oriente.

Aliás, a maior europeisação de trajo nem sempre significou entre nós, a libertação da mulher do excessivo dominio do homem. Nem a libertação do proprio homem, dos preconceitos e tradições que creara, para elle, uma segregação intellectual profunda. O habito nem sempre faz o monge.

Em 1872 Corrêa de Azevedo lamentando ver tão generalisado nos homens o uso da "pesada casaca de Londres ou de Paris" e substituido o chapéu de palha, "por esse in-

forme canudo preto, desairoso, quente, pesado”, que era a cartola, destacou entre as senhoras da côrte e das capitaes, o francesismo de maneiras, “que só a palavra *coquetterie* definia”. Consistia em cumprimentar á francesa, em vestir á francesa, em falar um pouco de francês e de inglês, tocar no teclado de um piano walsas sentimentaes. Musica francesa ou italiana, em vez do fado com sua tristeza arabe e da modinha adocicada, meio africana.

Com a decadencia da economia apoiada no escravo, accentuou-se a importancia do europeu que aqui viesse, não como simples negociante, como os ingleses desde os tempos coloniaes, á sombra do Tratado de Methuem, nem como modistas e dentistas, para europeisar o trajo das senhoras e concertar os dentes, sempre tão estragados, dos brasileiros, mas como operarios, constructores, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, pequenos agricultores, trabalhadores de fazendas. Como operarios, artifices, trabalhadores que substituíssem o negro e a industria domestica e ao mesmo tempo viessem satisfazer a ancia, cada vez maior de europeisação dos estylos de casa e de movel.

Vieram então allemães, irlandeses, italianos e suissos para os campos, de preferencia para os lugares de clima mais doce, terras mais altas, uns se entregando ao fabrico da manteiga e do queijo, outros á pequena lavoura, alguns indo mesmo trabalhar nos cafezaes de São Paulo e até nos cannaviaes da Bahia, como o grupo de irlandeses que ahi degradou-se pelo abuso da aguardente. Outros se aventuraram, que nem doidos, a ir se estabelecer nas mattas das provincias do Norte, como aquelle bando de louros que tomou o rumo de Catucá, matto grosso e quasi virgem de Pernambuco, onde deram para fabricar carvão. Mas mesmo assim, com tanta infelicidade, que as mattas eram dominadas por quilombolas ou negros fugidos; e os negros, um dia, trucidaram muitos dos invasores ruivos.

Ainda outros europeus se installaram pelas cidades

como operários e artífices: tal o grupo que veio para o Recife, em 1839, com Augusto Koersting, a chamado do presidente da Província, o afrancezado barão de Boa Vista. Mechanicos, pedreiros, carpinteiros, canteiros. Datam dessa epoca, os chalets, as casas em estylo gothico ou toscano, que foram substituindo as chacaras de velho estylo colonial, já accomodado á paisagem: casas quadradas, de quatro aguas, o beiral com as pontas em aza de pombo. Datam tambem dos principios do seculo XIX, os sobrados com cornijas construidas a molde; o estuque; as vergas de alvenaria. A europeisação da architectura — do plano e da technica — começando nas cidades, e com os edificios publicos, terminou nas casas de engenho, onde muito sobradão esparramado, gordo, acabou substituido pelo chalet esguio, de dois andares. A casa do engenho Gaypió, em Pernambuco, casa com luxos de palacete de cidade, é dessa epoca de europeisação. Dessa epoca de casas um pouco com o ar de edificios publicos e de theatros; vistosas; salientes; sem aquelle recato das antigas, que se escondiam por traz de cercas de espinho, de muros altos, de urupemas.

No Rio, a europeisação dos edificios publicos e dos sobrados de alguns dos homens mais ricos da côrte, começara com a chegada do Principe; com a missão de artistas francesas que veio para o Brasil no tempo de Dom João VI.

Grandjean de Montigny foi quem traçou o plano para a edificação de palacios e escolas á francesa; tambem o plano ou o risco de algumas casas-grandes. O gosto francês, não só de architectura como de sobremesa, de vinho, de verniz de boneca para dar brilho ao movel, de imagem de santo, juntou-se ao do vestido, dominando os burgueses mais instruidos e mais ricos. Coincidindo com as tendencias mais accentuadas para o separatismo e para a independencia, o gosto pelo artigo ou pelo estylo

francês ou inglês, pelas idéas dos tratadistas franceses e ingleses — Montesquieu inspirou e orientou Frei Caneca, já liberto da tradição intellectual portugueza — foi se aguçando num gosto politico, de reacção ao gosto português. Tudo que era português foi ficando “mau gosto”; tudo que era francês ou inglês foi ficando “bom gosto”. As gazetas coloniaes — e mais tarde as do Imperio — a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que era a da Côrte, e a *Idade de Ouro do Brasil*, o *Diario de Pernambuco*, a *Marmota*, veem cheios de reclames de coisas francesas e inglesas; de technicos e artistas europeus annunciando suas habilitades ou suas artes. Reclames não só de classicos latinos, mas das obras completas de Voltaire, das “Viagens” de Gulliver, das Poesias de Bocage, das operetas de Bellini, da Grammatica Inglesa de Jonathan Affot, das Novellas de Saavedra, dos livros de Say e Adam Smith. O *Almanack do Rio de Janeiro* começa a apparecer cheio de nomes franceses, ingleses e italianos de parteiras, cabelleireiros, confeiteiros: Teissier, com seu “grande sortimento de cabellos postiços”; Franccioni, com seus “sorvetes a qualquer hora”; Carvalho, com seus novos processos europeus de enxertar dentes “nas raizes dos podres”, firmar “dentaduras, queixos, ceus de bocca”; outro com sua “descoberta milagrosa para curar bebados, a qual já teria curado 1900 pessoas.

Em 1818 a *Idade de Ouro do Brasil* annunciava uma companhia de dançarinos ingleses que era uma maravilha; e muito digno de nota o seu successo pelo facto de significar uma substituição social: exhibia-se na velha Praça de Touros. Em vez de ver correr os touros, como no tempo do Senhor Dom José, o povo agora se divertia com dançarinos ingleses. Dançarinos um tanto mechanicos que subiam “ao ar humma maquina com hum homem equilibrado em cima, com a cabeça para baixo e dois mais por baixo da mesma”. Terminava a funcção, segundo o annuncio,

com um "admiravel fogo artificial" mostrando no fim as Armas Reaes e um distico com "Viva Dom João VI".

Quasi pela mesma epoca — tem 1809, 1810, 1811 — a *Gazeta do Rio de Janeiro* annunciava carruagens vindas de Londres; carrinhos ingleses com seus arreios; carruagem inglesa de quatro rodas, "muito ligeira" — detalhe digno de attenção — "Lanternas de patente, Almofadas de marroquim". Era o prestigio da roda, da machina, do cavallo, seu triumpho sobre o palanquim, o braço do escravo e o boi vagaroso de carro. Quem annunciava a carruagem de quatro rodas era mesmo um inglês, Jorge Thomaz Standfast, que tinha tambem para vender na sua casa da Rua Direita n.º 35 "huns poucos de Barris de Manteiga e queijos de primeira qualidade". "Huma Ingleza", cujo nome não vem no annuncio, mas que morava na Rua dos Ourives n.º 27, se offerecia, pela mesma epoca e na mesma gazeta, para ensinar meninas a ler, escrever, contar, coser, bordar e "falar Inglez e Portuguez". Mr. Gardner, "Doutor em Medicina, Membro das Sociedades Matematicas e Filosoficas de Londres", informava pela mesma *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 27 de Junho de 1810 que suas "leituras sobre Quimica e Filosofia Natural" principiavam "Sexta feira 29 de Junho ás 6 horas da tarde infallivelmente, esperando ser honrado por um auditorio capaz de poder cooperar o grande trabalho e despesas, que elle tem feito em apparatus quimicos, proprios para fazer as leituras mais completas".

Por outro annuncio — da mesma *Gazeta*, de 27 de Julho de 1811 — se vê que as taes leituras do Doutor Gardner foram concorridas; que tiveram até "a presença de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor e sua Augusta e Real Familia". Tambem um Mr. Blake apparece pelo *Jornal do Commercio* de 16 de Outubro de 1827 annunciando "novas preparações chimicas". O prestigio do "Laboratorio Chimico". O prestigio da

droga de laboratorio ou vinda da Europa. Seu triumpho sobre o remedio caseiro, patriarchal, aprendido com a india ou com a preta velha, preparado na cozinha da casa-grande ou do sobrado, numa cuia ou numa simples tigella de sopa.

Os annuncios de comidas importadas tambem apparecem com frequencia nas gazetas coloniaes, acentuando-se nas do tempo da Regencia e do Imperio. Eram presuntos frescos de Westfalia, a 240 réis a libra como os que annunciava a Confeitaria de Horacio Meseri pelo *Jornal do Commercio* de 25 de Outubro de 1827 (confeitaria que chamava tambem a attenção dos seus fregueses para a sopa de tartaruga á inglesa que servia pelas onze horas da manhan). Era a passa, era o vinho engarrafado francês Borgonha, era o Porto em barril, o champagne, a sardinha de Nantes, o molho inglês, a mostarda inglesa, a conserva inglesa, o queijo parmezão, o queijo flamengo, o queijo suisso, o queijo londrino, o toucinho de Lisboa, o biscoito em lata, a pintura para a barba, a fazenda, o calçado, o vestido, o chapéu, tudo importado da Europa e nem sempre da melhor qualidade, embora os preços fossem os mais altos; os vestidos, os calçados, os chapéus, nem sempre os de ultima moda, embora vendidos aqui por duas, tres vezes, o preço de Paris. A louça de mesa tornou-se tambem a inglesa e a francesa. Louça quasi sempre branca e dourada: "apparelhos para chá dourados", "casaes de chicharas douradas", "apparelhos para meza dourada", tudo "francez e de muito bom gosto", como annunciava a *Idade de Ouro do Brasil* a 3 de Julho de 1818. Raro apparecerem avisos nos jornaes de "louça da India", outrora tão commum. Entretanto continuou a ser importada para um ou outro voluptuoso da tradição. Apparece num annuncio no *Jornal do Commercio* de 10 de Novembro de 1827: "louça da India chegada proximamente de Macau no Bergantin Novo

Dourado". Aparelhos de mesa de 172 e 174 pares. Meias tigela para almoço de Nankim e Cantão, tudo azul. Chicaras e pires para chá e café.

Grandes cargas de pannos, moveis, artigos de luxo, franceses, diz-nos D'Aissier que inundaram os portos do Brasil desde os tempos de Dom João e do conde de Barra. E são suas estas palavras um tanto duras para os ouvidos franceses: "Nous ne croyons pas qu'il existe dans les annales du commerce une époque ou la fièvre du gain se soit étalée dune manière aussi scandaleuse".

Antes de D'Aissier, Denis contrastava o commercio francês no Brasil com o inglês, concluindo pela superioridade do inglês. E Charles Expilly, no seu *Le Bresil tel qu'il est*, destacara horrores do commercio francês entre nós, na primeira metade do seculo XIX; num Brasil que procurava fugir tão ás tontas do "mau gosto" português e das coisas feitas em casa e por mão de negro, para agarrar-se aos artigos de fabrica, de officina, de loja, de laboratorio europeu, os mais finos fabricados por mãos côr de rosa de parisienses. "Les alliances de cuivre et de zinc furent vendus pour l'or", informa Expilly: E ainda: "le cuivre blanc de l'Allemagne passe pour de l'argent". Vestidos do tempo do Directorio, com um atrazo de dezenas de annos, eram vendidos no Rio como o "dernier gout" de Paris. O brasileiro, mal sahido das sombras do patriarchalismo e da industria caseira, deixou-se estontear da maneira mais completa pelos brilhos, ás vezes falsos, de tudo que era artigo de fabrica vindo da Europa. Um menino diante das machinas e das novidades de Paris. A situação attenuou-se com a competição: casas suissas e allemans e não somente francesas vendendo artigos de luxo e de sobremesa; mas a exploração continuou até o meado do seculo. Os annuncios de dentistas, de magicos e somnambulos, de mestres de musica e de dança, de professores, de retratistas, de tinturas para a barba, de reme-

dios, de cozinheiros, deixam suspeitas de muita charlatanice da parte de europeus, agindo sobre meio tão facil de explorar, tão fascinado pelo prestigio mystico do inglêz, do francês, do italiano, da machina, da novidade européa, do theatro em vez do carroussel, da festa de igreja, da corrida de touros. E o depoimento de D'Aissier confirma o facto quanto aos franceses. No meado do seculo XIX — que foi quando elle esteve no Imperio — não era raro encontrar-se o mesmo aventureiro francês, praticando no Brasil as mais differentes profissões: saltimbanco aqui; dentista ali; professor de francês mais adiante. Dahi, reparava D'Aissier, a expressão “negocio afrancesado” ter-se tornado na bocca dos brasileiros o mesmo que *fides punica*, na bocca dos latinos.

Num navio, informa ainda o pedagogo ter ouvido uma conversa bem característica da attitude dos negociantes franceses com relação ao Brasil. Era um grupo que conversava na intimidade. Um contava como fazia contrabando de relógio. Outro que chegara ao Brasil apenas com “40 sous” no bolso: sua fortuna já subia a 200 contos. Ganhara tão gorda somma vendendo chapéu de sol. Chapéus de sol de panno e de armação ordinaria; mas tão bonitos, que brasileiro nenhum resistia ao encanto delles. E quando algum ingenuo lhe apparecia para se queixar da má qualidade do artigo, elle allegava todo espantado que a mercadoria era de Paris — Paris, o nome magico! Que nos climas temperados resistia admiravelmente ao tempo. Mas que não havia chapéu de sol de seda, por mais fina, que resistisse ao clima do Brasil, ás chuvas dos tropicos.

Ainda outro falou para dizer como explorava as senhoras na sua loja de modas da Rua do Ouvidor. E quando alguém objectou que vender por cem mil réis o que custava cinco francos talvez fosse roubo, todos perguntaram a um tempo, e indignados, que especie de roubo.

Roubo, o delles, que se aventuravam ao perigo da febre amarella, ás picadas dos mosquitos, á vida no meio do negro fedorento? Além do que, tudo era tão caro no Brasil — caríssimos, na verdade, os alimentos, com a monocultura difficultando a sua producção — que si os negociantes europeus não vendessem por tão alto preço seus artigos aos subditos de Dom Pedro II, elles é que acabariam se arruinando no Brasil. “E os brasileiros” — perguntava um francês do grupo — “não roubam os negros?”

Com a maior europeização e a mais larga industrialização da vida, o Brasil atravessou um periodo de muito artigo falsificado e velho fazendo as vezes do bom, do novo, do vindo directo de Pariz para as lojas do Rio, do Recife, de São Salvador, de São Paulo. Epoca de muito alimento adulterado. As cozinhas das casas-grandes e dos sobrados eram decerto umas imundicies; mas a comida preparada nellas, mais san que a vinda em conserva da Europa. Que a servida nos hoteis franceses. Comida ás vezes posta á venda já azeda ou começando a feder e a ficar podre. Foi entretanto se tornando *chic* comer á francesa. O chá e a cerveja dos ingleses se propagaram entre a burguesia dos sobrados. Mais tarde o macarrão dos italianos. O queijo flamengo ou suíço. A propria doçaria das casas-grandes, das yayás solteironas dos sobrados, das freiras dos conventos, das negras de tabuleiro, foi desaparecendo, perdendo o encanto, o “it” até para os meninos. E os doces e os doceiros elegantes tornando-se os franceses e os italianos. Denis escreveu em 1839 que os confeitores da moda no Rio já eram os franceses e os italianos. Que na Côrte já se tomava sorvete tão bom como na casa Tortini. E os annuncios de jornaes da epoca veem cheios de cozinheiros franceses se offerecendo com muita mesura e riquefife para as casas ricas; de hoteis annunciando pratos franceses ou cozinha francesa.

Os moveis tambem se afrancesaram no estylo. Vieram mestres francezes para as cidades do Imperio, trabalhar, com as suas mãos brancas, o jacarandá e as outras madeiras nobres e boas da terra, até então só trabalhadas pelas mãos grandonas dos pretos, ás vezes pelas mãos de moça dos mulatos effeminados. As velhas cadeiras portuguezas, pesadonas e largas, foram desapparecendo das salas de visitas, com outras velharias do tempo dos Affonsinhos; foram desapparecendo dos santuarios, as imagens feitas pelos santeiros de agua doce; e apparecendo os sofás á Luiz XV, as poltronas graciosas e finas, os armarios de carvalho de Hamburgo, os espelhos de sala de Nuremberg, as imagens francezas e italianas. Ou então cadeiras inglesas, que já veem annunciadas na *Gazeta do Rio de Janeiro* no anno remoto de 1809. Moveis importados da Europa. Moveis fabricados, não mais nos engenhos, nem nas casas particulares, mas nas officinas e segundo estylos francezes e ingleses, por artifices e operarios brancos e louros.

Natural que fosse se accentuando a rivalidade entre o artifice ou o operario da terra — em geral, o mulato livre, porque o escravo negro não podia dar-se ao luxo de rivalidades com ninguem — e o operario ou o artifice estrangeiro, que surgia com grande reclame pelos jornaes ou protegido pelos governos. A rivalidade tambem, entre o funcionario publico menor, o pequeno burguez brasileiro, o proletario caboclo ou mulato, e o vendeiro portuguez, o marinho da venda, do botequim, da quitanda. Portuguez gordo, porcalhão, economico, que vendia o bacalhau e a carne secca áquelles magrisselas doentes.

Em artigo na revista *O Progresso* perguntava H., em 1846, a proposito do problema da colonisação do Brasil, por que razão “em vez de aprenderem os officios de alfaiate, pedreiro, carapina, — que iam sendo cada vez mais dominados pelo operario estrangeiro — “os filhos das fa-

mílias pouco favorecidas”, continuavam no empreguinho publico, os do matto buscando as villas? Reconhecia as difficuldades do mancebo de familia pobre que quizesse viver do proprio trabalho, cultivando seu bocado de terra ou vendendo seu bacalhau ou seu xarque. Na agricultura, a “Grande Propriedade Territorial” — é do auctor o luxo de maiusculas — tornava impossivel a figura do pequeno lavrador independente. No commercio, só si fizessem uma lei que tornasse o commercio a retalho privativo dos nacionaes.

A idéa de o operario ou artifice estrangeiro estar fazendo sombra ao mulato, o portugûes da venda estar tirando a oportunidade ao filho de familia pobre de enriquecer no commercio a retalho, foi crescendo nas cidades, a ponto de explodirem, em algumas, reacções nativistas contra o europeu. No Rio, no Recife, no Pará.

Mas a europeisação do trabalho, e até certo ponto a do commercio, se impuzera com o declinio da economia patriarchal e fechada, com a industrialisação da vida brasileira. Novo rythmo de vida — por signal que exigindo relógios, tão raros na epoca em que o tempo quasi não se contava por horas, muito menos por minutos, só pelo nascer do sol, pelo sol a pino, pelo pôr do sol. Novos estylos de vida, de conforto, de architectura, para satisfazer os quaes não estava apto o artifice de engenho, o mulato livre, o operario da terra. Só o estrangeiro, do typo dos que o barão de Boa Vista mandou vir. E que fizeram a gloria do seu governo, e ao mesmo tempo a impopularidade do seu nome na politica da epoca.

Com o rapé, o vinagre, a vela, o panno, a escova, o colchão de cama, a vassoura, o carvão, o vinho de cajú, o sabão, o tamanco, o sapato, com tudo que era industria ou arte de casa-grande, de negro, de mulato, quando muito de mestre portugûes — fabricado não mais dentro de casa, mas nas cidades e á grande, por novos processos; com a

paizagem economica do Imperio enriquecida de fabricas de gelo, de fumo picado a vapor, de macarrão, de aletria, de licor de genebra, de caixa de papelão, de piano, de órgão, de chapéu de sol, de vidro, de chocolate, de armazens de serrar madeira; com os trens, com o saneamento das cidades, a illuminação, o gaz — quasi tudo obra de engenheiro inglês; o operario europeu, o artifice branco, o technico estrangeiro se tornara tão necessario como o proprio ar á organização mais industrial e á estrutura mais burguesa, mais urbana, mais mechanica, da vida brasileira. O nativismo gritou contra a concorrência do louro ao caboclo da terra. A febre amarella matou muito louro. A malaria tambem. E a peste bubonica — outra inimiga de gringo. Mas, em parte, o technico europeu acabou triumphando. Até que o mulato aprendeu com elle a dirigir os trens, a fabricar o vidro, a fazer macarrão e aletria. O sabio americano John Casper Branner, viajando no fim do seculo XIX pelo interior do Brasil, se espantou da rapidez com que, deante d'elle, dos seus olhos claros de anglo-saxão, um mulatinho de Minas, endireitou as rodas e as peças de enorme balduina, que se desconcertara no meio da viagem. Era a assimilação da technica do europeu pelo mulato da terra.

VII

ASCENSÃO DO BACHAREL E DO MULATO

É impossivel defrontar-se a gente com o Brasil de Dom Pedro I, de Dom Pedro II, da Princeza Izabel, da campanha da Abolição, da propaganda da Republica por doutores de pince-nez, dos namoros de varanda de primeiro andar para a esquina da rua, a moça fazendo signaes de leque, de flor ou de lenço para o rapaz de cartola e sobrecasaca, sem attentar nestas duas grandes forças, novas e triumphantes, ás vezes reunidas numa só: o bacharel e o mulato.

Desde os ultimos tempos coloniaes que o bacharel e o mulato vinham se constituindo em elemento de differenciação, dentro de uma sociedade rural e patriarchal que procurava integrar-se pelo equilibrio, e mais do que isso, pelo que os sociologos modernos chamam accommodação, entre os dois grandes antagonismos: o senhor e o escravo. A casa-grande, completada pela senzala, representa verdadeira maravilha de accommodação.

A urbanisação do Imperio, a consequente diminuição de tanta casa-grande gorda, em sobrado, mais tarde até em chalet; a fragmentação de tanta senzala em mucambo, não já de negro fugido, no meio do matto grosso, mas de negro livre, dentro da cidade, que foi um phenomeno do 1830 brasileiro, (accentuando-se depois com a campanha da Abolição), tornou quasi impossivel o equilibrio antigo, da epoca de ascendencia quasi absoluta dos senhores de

escravos sobre todos os outros elementos da sociedade; sobre os proprios vice-reis e sobre os proprios bispos.

A valorisação social começara a fazer-se em volta de outros elementos: em torno da Europa, mas uma Europa burguesa, donde nos foram chegando novos estylos de vida, contrarios aos ruraes e patriarchaes: o chá, o governo de gabinete, a cerveja, a botina Clark, o pão torrado. Tambem roupa de homem menos colorida e mais cinzenta; o maior gosto pelo theatro, que foi substituindo a igreja, pela carruagem de quatro rodas que foi substituindo o cavallo, pela bengala e pelo chapéu de sol, que foram substituindo a espada de capitão e sargento mór dos antigos senhores ruraes. E todos esses novos valores foram se tornando as insignias de mando de uma aristocracia: a dos sobrados. De uma nova nobreza: a dos doutores e bachareis.

Eram valores encarnados principalmente pelo bacharel, filho legitimo ou não do senhor de engenho ou do fazendeiro, que voltava da Europa — de Coimbra, de Montpellier, de Paris, da Inglaterra, da Allemanha — onde fôra estudar por influencia ou lembrança de algum tio-padre mais liberal, de algum parente maçon mais cosmopolita. As vezes rapazes da burguesia mais nova das cidades. Filhos ou netos de “mascates”. Valorizados pela educação européa, voltavam socialmente iguaes aos filhos das mais velhas e poderosas familias de senhores de terras. Do mesmo modo que iguaes a estes, muitas vezes seus superiores pela melhor assimilação de valores europeus e pelo encanto particular, aos olhos do outro sexo, que o hybrido, quando eugenico, parece possuir como nenhum individuo de raça pura, voltavam os mulatos claros. Alguns delles filhos illegitimos de grandes senhores brancos; e com os traços, a mão pequena, o pé bonito dos paes fidalgos.

A ascensão dos bachareis brancos se fez rapidamente

no meio político como no social. O começo do reinado de Pedro II é o que marca, entre outras alterações na physionomia brasileira: o começo do “romantismo juridico” no Brasil, até então governado mais pelo bom senso dos velhos que pelo senso juridico dos moços. Com Pedro I, typo de filho de senhor de engenho destabanado, quebrara-se já quasi por completo, para o brasileiro, a tradição ou a mystica da idade respeitavel. Mystica ou tradição já compromettida, como vimos, por alguns capitães-generaes de vinte e tantos annos, para cá enviados pela Metropole, quasi como um acinte ou uma pirraça aos velhos poderosos da terra. Mas foi com Pedro II que a nova mystica — a do bacharel moço — se systematisou.

Os bachareis e doutores que iam chegando de Coimbra, de Paris, da Allemanha, mais tarde os que foram sahindo de Olinda, de São Paulo, da Bahia, a maior parte delles formados em direito e medicina, alguns em philosophia e todos uns sophisticatedos, trazendo com o verdor brilhante dos vinte annos, as ultimas idéas inglezas e as ultimas modas francesas, vieram accentuar, nos paes e avós senhores de engenho, não só o desprestigio da idade patriarchal, por si só uma mystica, como a sua inferioridade de matutões atrasados. Ao segundo imperador, elle proprio um meninote meio pedante presidindo com certo ar de superioridade européa, gabinetes de velhos acabocladados e até amulatados, ás vezes matutos profundamente sensatos, mas sem nenhuma cultura francesa, apenas a latina, devia attrahir como attrahiu, nos novos bachareis e doutores, não só a solidariedade da juventude, a que já nos referimos, mas a solidariedade da cultura européa. Porque ninguem foi mais bacharel e doutor neste paiz que Dom Pedro II. Nem menos indigenia, e mais europeu.

Mas o bacharel não appareceu no Brasil com Dom Pedro II é a sombra das palmeiras imperiaes plan-

tadas por el-Rei seu avô. Já os jesuitas tinham dado á colonia ainda sombreada de matto grosso — a terra inteira por desbravar, indios nús quasi dentro das igrejas, de olhos arregalados para os padres dizendo missa, cobras cahindo do telhado por cima das camas ou enroscando-se nas botas dos colonos — os primeiros bachareis, os primeiros arremedos de mestres de arte. E no seculo XIX, graças aos esforços dos padres, aos seus cursos de latim, São Salvador já reunia bachareis como Gregorio de Mattos e seu irmão Euzebio, como Rocha Pitta e Botelho de Oliveira. Alguns se aperfeiçoaram na Europa, é certo; mas na propria Bahia, e com os padres velhos, é que todos fizeram os estudos de humanidades.

Entretanto, é do seculo seguinte que data verdadeiramente a ascensão do homem formado na vida politica e social da colonia. Gonzaga, Claudio, os dois Alvarenga, Basilio da Gama marcam esse prestigio mais accentuado do bacharel na sociedade colonial; a intervenção mais franca do letrado ou do clerigo na politica. Marcam, ao mesmo tempo, o triumpho politico de outro elemento na vida brasileira — o homem fino da cidade. Nesses bachareis de Minas se faz, com effeito, antecipar a decadencia do patriarchado rural, phenomeno que se tornaria tão evidente no seculo XIX. Elles são de aristocracia dos sobrados: mas uma nova aristocracia de sobrado, diversa da commercial. Aristocracia de toga e de beca. Embora sentindo-se differenciados da Metropole, onde estudaram, e querendo um Brasil independente e republicano, a formação européa lhes tirara o gosto pela natureza bruta e quente substituindo-o por um naturismo mórno e apenas litterario, á sombra de mangueiras de sitio e entre macacos amansados pelos negros da casa. Embora mulatos, alguns delles, quando escrevem verso para celebrar a paizagem dos tropicos, é sentindo dentro do peito, inflammando-o, “pastor louro” do doce lyrismo rural da Europa:

*"o pastor louro que meu peito inflamma
Dará novos alentos a meu verso"*

diz Alvarenga Peixoto no seu *Canto Genethliaco*.

Claudio Manoel da Costa, de volta ao Brasil, depois de cinco annos da Europa, não contem nem disfarça o desencanto diante da paizagem tristonha. Não eram estas na verdade "as aventurezas praias da Arcadia" onde "o som das aguas inspirava a harmonia dos versos". Depois de cinco annos de voluptuosa formação intellectual, junto ao Mondego, de aguas tão azues, só lhe restava aqui, á sombra dos cajueiros, á margem de rios feios e barrentos e entre gente tão perversa como a paizagem, pela "ambiciosa fadiga de minerar a terra", "entregar-se ao ocio, sepultar-se na ignorancia". O mesmo desconsolo sentiriam, depois de Claudio Manoel, uma série de brasileiros que tendo estudado fóra, aqui experimentariam, de volta á casa, verdadeiro tormento: a difficil readaptação ao meio. á paizagem á casa, á propria familia. "A desconsolação de não poder subestabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego me faz entorpecer o engenho dentro do meu berço" conclue melancolicamente o bacharel mineiro; e pela sua bocca parecem falar centenas de outros bachareis e doutores, que voltaram formados da Europa, sonhando com Arcadias, para encontrarem campos feios e tristes, a terra acinzentada pelas "queimadas" e devastada pela mineração. Adolescentes que se europeisaram de tal modo e se sophisticaram de tal maneira, que o meio brasileiro, sobretudo o rural — menos europeu, mais bruto — só lhes deu a principio nojo, enjão physico: aquella vontade de vomitar aos olhos de que fala o pregador.

E sendo elles os mais moços, por conseguinte os mais inclinados á libertinagem do corpo, como á da intelligencia, tornaram-se, entretanto, os censores dos mais velhos e dos exaggeros de vida sexual, que aqui substituíam para os senhores de escravos, principalmente nos

engenhos, gostos mais finos, preocupações mais intellectuaes. De volta á colonia, um dos bachareis mais europeizados não esconde a repugnancia que lhe causou ver as margens do riacho que banha Villa Rica, transformadas em lugares de bacchanal; e o batuque africano dançado não apenas nos mucambos de negros, mas nos sobrados grandes dos brancos:

*"Oh, dança venturosa! Tu entravas
Nas humildes choupanas, onde as negras
Aonde as vis mulatas, apertando
Por baixo do bandulho, a larga cinta,
Te honravam c'os marotos e brejeiros,
Batendo sobre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e palacios!!!"*

Entretanto esses desencantados quando deram para patriotas foi para se tornarem nativistas exaltados, alguns indo até ao martyrio que nem estudantes de romance russo. Passado o enjôo dos primeiros annos, os bachareis e doutores formados na Europa tornaram-se — alguns pelo menos, porque noutros o desencanto durou a vida inteira, havendo até os que se deixaram reabsorver pelo meio agreste, como o Doutor José de Mello Franco, sertanejo de Paracatú — um elemento de differenciação creadora, dentro da integração brasileira que se processava em volta das casas-grandes patriarchaes. Por um lado, inimigos da aristocracia matuta, a cujos gostos e maneiras difficilmente se readaptavam, por outro lado, encontraram nella, esses bachareis novos, seus alliados naturaes para os planos revolucionarios de independencia politica da colonia, para as aventuras de acção romantica.

Alvarenga Peixoto, o mesmo que se sentia “pastor louro” diante destes “sertões feios e escuros”, seria também o cantor desta

“barbara terra mas abençoada”

e até dos seus escravos, trabalhadores de campo, homens já de varias côres, os sangues misturados — pretos, pardos, morenos — tão diferentes dos taes pastores louros da Europa:

“...homens de varios accidentes

pardos, pretos, tintos e tostados

...os fortes braços feitos ao trabalho”

E José Basilio da Gama, como Santa Rita Durão, caprichariam em exaltar no seu estylo de lettrados querendo ás vezes se fazer de instinctivos puros, as arvores, os bichos, as plantas, as fructas mais picantemente brasileiras.

Deu-se em varios bachareis e clerigos essa meia reconciliação com o meio nativo, ainda que “feio e escuro” tornado não só objecto de planos de reforma politica e de reconstrucção social, como campo de maior approximação do homem com a natureza. Porque os brasileiros que se formaram na Europa, principalmente na França, na segunda metade do seculo XVIII, tinham lido lá, e mais a commodo do que entre nós os padres e maçons mais curiosos das novidades politicas — padres e maçons que só muito na sombra podiam entregar-se a essas libertinagens intellectuaes — os livros franceses em que se exaltava o idyllio do homem com a natureza; idyllio sobre o qual vinham se levantando novas theorias de Liberdade, de Estado, de Direitos do Homem, de Contracto Social. Talvez já sob a influencia desse naturismo revolucionario é que Alvarenga Peixoto vira nos homens “pardos, pretos, tintos e tostados”, nos negros, indios e mestiços de “fortes braços feitos ao trabalho”, os verdadeiros constructores

do Brasil: os que vinham mudando as correntes aos rios, e rasgando as serras “sempre armados de pesada alavanca e duro malho”. Em nossa litteratura colonial, essa voz de bacharel é talvez a primeira que exalta o trabalho do escravo, a acção creadora, brasileiramente creadora, do proletariado negro, indio e principalmente mestiço.

A Inconfidencia Mineira foi uma revolução de bachareis, como revolução de bachareis — pelo menos de clérigos que eram antes uns bachareis de batina, alguns educados em Olinda, no seminario liberal de Azeredo Coutinho, “em todos os principaes ramos da litteratura propria não só de um ecclesiastico mas tambem de um cidadão que se propõe a servir ao estado” — seriam as duas revoluções pernambucanas, preparadas por homens ainda do seculo XVIII: a de 1817 e a de 1824. Esses intellectuaes, anciosos de um Brasil independente e republicano, repita-se que a melhor alliança que encontraram foi a de poderosos senhores de escravos e de terras. Aristocratas já com varias gerações na America, alguns com sangue de indio e até de negro. Gente a quem convinha precisamente a Republica ou um Brasil independente — pelo menos independente de Portugal. A republica, aliás, já fôra tentada em 1710 por senhores de engenho de Pernambuco, diz-se que inspirada no modelo da de Veneza. O que parece, entretanto, é que áquelles revolucionarios, quasi todos fidalgos, embora rusticos, faltara justamente a direcção intellectual de alguma grande figura de bacharel ou de clérigo mais esclarecido. O que não faltaria, antes sobraria, á conspiração mineira e ás duas insurreições de Pernambuco, nos principios do seculo XIX.

Mas em qualquer uma dessas, si porventura tivesse triumphado o ideal revolucionario, teria talvez se verificado, dentro da victoria, o choque entre os partidarios da independencia que visavam interesses de productores de assucar ou de mineradores, e os partidarios da indepen-

dencia por motivos menos economicos e mais ideologicos, ou pelo menos mais psychologicos. Entre estes estariam os bachareis, ou pelo menos, grande numero delles. Principalmente os bachareis mulatos.

Sentiriam estes, como ninguem, a necessidade de um melhor ajustamento social que viesse dar aos intellectuaes, aos homens formados, a essa especie de aristocracia nova, mais indifferente que a outra á pureza de sangue, maior responsabilidade na direcção politica do paiz. Bem caracteristico da dualidade ou do antagonismo de interesses que separava, pelo menos em dois grupos, os homens de 1817, é o choque entre a opinião do ouvidor Andrada, encarnando preconceitos de branquidade, e as idéas de extrema democracia social do Dr. Manoel de Arruda Camara.

Arruda Camara era um afrancesado. Seus biographos informam que foi egresso carmelita secularizado por um breve pontificio. Estudou em Coimbra e formou-se depois em medicina na Universidade de Montpellier. Foi companheiro de José Bonifacio em viagens de estudo pela Europa. Nelle, porém, o afrancesamento não deu para que perdesse o sentido social do Brasil — um Brasil já de muito mulato e muito pardo. Para Arruda Camara, a revolução separando o Brasil de Portugal não devia ser simplesmente politica mas a reconstrucção inteira da sociedade. E nessa reconstrucção, incluído o melhor ajustamento de relações entre senhores e oprimidos. Entre brancos e homens de côr. Em contraste com a opinião do ouvidor Antonio Carlos, brasileiro e querendo a Independencia, mas a exagerar-se no horror, não só politico, como até physico, por uma revolução de extremistas, como a de 17, revolução capaz de derrubal-o, si victoriosa “da ordem da nobreza” e de pol-o — fale o proprio ouvidor — “a par da canalha e ralé de todas as côres” e até de “segarrhe em flor as mais bem fundadas esperanças de ulterior avanço e de mores dignidades”; em contraste com pala-

vas tão características do sentimento de raça superior que se ligara ao dominio de classe, a opinião de Arruda Camara, em carta-testamento que deixou para o padre João Ribeiro, seu discipulo, datada de Itamaracá em 2 de Outubro de 1810, chega aos nossos ouvidos com outra comprehensão do problema brasileiro de relações entre as raças e entre as classes. "Acabem com o atrazo da gente de côr", escrevia Arruda Camara ao discipulo de quem elle mais gostava, o pobre padre cuja cabeça de sonhador sete annos depois ia apodrecer espetada num pau, para servir de exemplo aos revolucionarios; "isto deve cessar para que logo que seja necessario se chamar aos lugares publicos, haver homens para isto, porque jamais pode progredir o Brasil sem elles intervirem collectivamente em seus negocios; não se importem com essa acanhada e absurda aristocracia "cabundá" que ha de sempre apresentar futeis obstaculos. Com monarchia ou sem ella, deve a gente de côr ter ingresso na prosperidade do Brasil".

A ascensão do bacharel ou doutor afrancesado trouxe para a vida brasileira muita fuga da realidade atravez de leis quasi freudianas. Leis copiadas das francesas e das inglesas. Mas, por outro lado, afrancesados como Arruda Camara é que deram o grito de alarme contra certos artificialismos da obra patriarchal de integração do Brasil.

Quando Mello Moraes apparece, no meado do seculo XIX, recordando cheio de saudade os velhos do seu tempo de moço, o prestigio que tinham, o bom senso com que administravam a então colonia, é para lamentar, entre outros horrores dos novos tempos, o predominio dos bachareis afrancesados; para contrastar-lhes a inexperiencia de puros letrados com a sabedoria pratica dos velhos administradores. Destes se pode dizer, na verdade, que estavam para os filhos e netos, formados em direito e em philosophia na Europa, ou sob a influencia francesa e inglesa, como muito curandeiro da terra para os rapazes formados

em medicina em Montpellier e em Paris: superiores aos doutos — os curandeiros — pelo seu traquejo e pela sua pratica; pela sua sabedoria de grandes intuitivos, lidando cara a cara com os males e as doenças de um meio tão diverso do europeu; conhecendo pelo nome e ás vezes pela experiencia do proprio corpo as resinas, as hervas e os venenos indigenas ou trazidos da Africa pelos negros. Na mesma relação de curandeiros para medicos, estiveram, entre nós, os guerrilheiros para os guerreiros. A guerra contra a Hollanda, por exemplo, foi ganha pelos guerrilheiros da terra contra os guerreiros da Europa.

Gilberto Amado salienta que á politica e á administração do Imperio, os homens mais uteis não foram os mais bem preparados com “sua facil e inexaurivel erudição á margem dos factos e das coisas”, diz elle num dos seus estudos. E noutro: com “sua erudição abstracta”, “preocupados mais com o espirito que com o fundo dos problemas”, fazendo discursos cheios de “citações de estadistas francezes e inglezes” sem entretanto se darem “ao pequeno trabalho de fazer um estudo ligeiro das condições de raça, de meio, das contingencias particulares” do Imperio. Os estadistas mais realisadores foram, muitas vezes, homens de feitio opposto ao dos bachareis mais cultos: “os menos preparados”. Isto sem excepção, “desde Paraná a Cotegipe”.

Si houve doutores e bachareis formados na Europa do fim do seculo XVIII que reuniram, como Arruda Camara, a theoria européa, a qualidades de curandeiros dos nossos males sociaes por processos brasileiros, muitos se exaggeraram na doutrina. E foram uns romanticos ou então uns livrescos, imaginando que dirigiam paiz europeu, e não uma população mulata.

Em 1845, já em pleno dominio o segundo Imperador e em pleno funcionamento as Faculdades de Direito do Recife e de São Paulo, á frente da administração das pro-

vincias e nas maiores responsabilidades politicas e de governo começaram a só apparecer homens formados. Os edificios onde foram se installando as sédes de governo e as repartições publicas mais importantes — uns novos, em estylo francês ou italiano, outros, antigos casarões de convento adaptados á burocracia do Imperio principiaram a avultar na paizagem brasileira. Ao mesmo tempo, começaram a ir diminuindo de tamanho as casas-grandes dos particulares: dos capitães, dos brigadeiros, dos senhores de escravos. Á gente do povo não passou despercebida a transferencia de poder de uns edificios para outros. Mas de tal modo se habituara ao prestigio das casas-grandes patriarchaes que em algumas provincias os palacios dos presidentes ficaram conhecidos pelas “casas-grandes do governo”; e em quasi todas parece que o povo custou a admittir nos bachareis, nos doutores e até nos barões e nos bispos, a mesma importancia que nos “capitães-móres” e nos “maiores” e “coroneis”. Ainda hoje ha uma mystica popular no Brasil em torno dos titulos militares: para a imaginação da gente do povo o Messias a salvar o Brasil será antes um Senhor Capitão que um Senhor Bacharel ou um Senhor Doutor.

Entretanto, o prestigio do titulo de “bacharel” e de “doutor” foi crescendo; e apparecendo nos jornaes noticias e avisos sobre “Bachareis formados”, “Doutores” e até “Senhores Estudantes”. Era um novo poder aristocratico que se levantava, envolvido nas suas sobrecasacas e nas suas becas de seda preta.

É verdade que, ás vezes, eram avisos indiscretos. Alfaiates que revelavam depois de annos de pachorrenta espera, que o Senhor Bacharel Formado Fulano, o Senhor Doutor Sicrano ou o Senhor Estudante Beltrano continuava a lhe dever uma sobrecasaca ou um fato feito por medida no mês tal ou no anno qual. Mas os alfaiates foram sempre inimigos da aristocracia. Em archivos particulares

de velhas casas-grandes de engenho que pudemos examinar, verificamos o mesmo quanto a filhos de barões e viscondes: não uma nem duas, mas varias cartas de alfaiates, já perdendo a paciência com o atrazo no pagamento das contas. Filhos e netos de senhor de engenho — nem sempre bachareis — que ficavam a dever croisés, colletes de ramagens, calças de listras, até que a conta ia para o pae visconde ou o avô barão ou simplesmente major, que as mandava pagar pelo correspondente.

A ascensão social do bacharel pobre, que abandonado aos proprios recursos não podia ostentar sinão croisés ruços e fatos sovados, ou então sujeitar-se a indiscreções de alfaiates pelos a-pedidos dos jornaes; que não dispunha de elementos politicos para chegar á Camara nem subir á diplomacia, se fez, muitas vezes, pelo casamento com moça rica ou de familia poderosa.

Diz-se de alguns moços intelligentes, mas pobres ou simplesmente remediados, que não foi de outro geito que chegaram a deputado ás côrtes e a ministro do Imperio. Uns, de nome bonito, ou sonoro, e a quem só faltava o calor da riqueza ou do poder para se ennobrecerem ou ganharem o prestigio. Outros, de nome vulgar, mas que ligando-se pelo casamento com moças de nome illustre, os filhos do casal adoptaram o nome da familia da mãe.

Si no tempo de Koster, proprietarios ruraes dos lugares mais afastados ou segregados, encommendavam aos correspondentes, caixeiros que ao mesmo tempo servissem para genros, rapazes que fossem brancos e soubessem ler e contar, com o Imperio a exigencia augmentou. Já não serviam simples caixeiros brancos — aliás uteis á economia patriarchal e á pureza de raça das familias de engenho. Os desejados agora — mesmo com risco da economia patriarchal, de que alguns genros se tornariam puros parasitas — e da pureza de raça das familias matutas — que outros genros macularam — eram bachareis e doutores,

nem sempre se fazendo questão fechada do sangue rigorosamente limpo. Saliente-se, entretanto, que a ascensão social do bacharel, quando mulato evidente, chapado, só raramente ocorreu de modo menos dramático.

Em mais de um caso de bacharel casado em família rica ou poderosa — sobretudo família poderosa, de engenho ou de fazenda — elle é que se tornou o nervo político da família. No caso de João Alfredo Correia de Oliveira em relação com o sogro, o barão de Goyanna, sente-se essa ascendencia politica do genro bacharel sobre o patriarcha senhor de engenho. Ao que tudo faz suppor, no interesse da carreira politica do genro bacharel é que a propria séde da família transferiu-se da casa-grande de Goyanna para o sobrado, tambem grande do Recife, onde o sogro, bonito, alto, olhos azues, mas um tanto amatutado, se tornaria uma figura secundaria, ao lado do bacharel de croisé bem feito, e modos urbanos, que ia ser ministro do Imperio aos vinte e tantos annos. Este, tempo depois, já tendo experimentado desenganos politicos, lamentaria ter deixado a sombra da casa-grande de engenho pelo sobrado de azulejo brilhando ao sol do Recife. Mas era tarde. Convém, entretanto, não esquecer que houve bachareis formados na Europa que, de volta ao Brasil, preferiram a casa-grande de engenho do pae ou do sogro á vida na Côrte ou nas grandes cidades do littoral. O caso do Dr. Antonio de Moraes Silva, que morreu senhor de engenho em Pernambuco.

A ascensão politica do bacharel, dentro das famílias não foi só de genros: foi principalmente de filhos, como indicamos em capitulo anterior. Si destacamos aqui a ascensão dos genros é que nella se accentuou com maior nitidez o phenomeno da transferencia de poder, ou de parte consideravel do poder, da nobreza rural para a burguesia intellectual. Das casas-grandes dos engenhos para os sobrados das cidades.

Gilberto Amado, numa de suas paginas mais intelligentes, refere-se á influencia que alcançou na segunda metade do seculo XIX, a “fulgurante plebe intellectual, dos doutores pobres, jornalistas, oradores que de todos os pontos do paiz, surgiam com a penna, com a palavra e com a acção, em nome do pensamento liberal, para dominar a opinião”. E accrescenta que “elles é que no eclipse das grandes familias arruinadas em consequencia da extinção do trafico e de outras causas accumuladas, substituem aos poucos nos prelios partidarios, os filhos dos senhores de engenho, os viscondes, marqueses e barões, apparecendo no centro da arena á primeira luz da ribalta politica”.

Já aqui se assignala phenomeno um tanto diverso do que procuramos fixar. Diverso e mais recente: o da geração sahida das Escolas em setenta e oitenta. Mas essa geração de bachareis foi um prolongamento da outra: accentuou a substituição do senhor rural da casa-grande, não já pelo filho doutor, nem mesmo pelo genro de origem humilde, mas pelo bacharel que se foi impondo de modo mais violento: atravez de choques e attritos com o velho patriciado rural e com a propria burguesia dos sobrados. Entretanto, a geração que fez a Republica teve seus meios-termos burgueses entre a velha ordem economica e a nova. Mesmo alguns dos bachareis mais evidentemente mulatos e de origem mais rasgadamente plebéa, como Nilo Peçanha, representaram a accommodação entre os dois regimens. Nem todos se extremaram em radicalismos, embora alguns ostentassem idéas anti-clericaes e outros, certo republicanismo jacobino, mais de rua do que de pratica domestica.

Aliás, já Sylvio Romero escrevera que depois dos primeiros trinta annos do Imperio, durante os quaes o Brasil — já paiz de mestiços — fôra governado por um

resto de elite de brancos — “resto de gente valida”, diz elle, identificando que nem um lapougeano a superioridade moral e o senso de administração e de governo com a raça branca — as condições se foram modificando com “as centenas de bachareis e doutores de raça cruzada”, atirados no paiz pelas academias: a do Recife, a de São Paulo, a da Bahia. Mais tarde, a Escola Militar, a Polytechnica, a Escola de Medicina do Rio.

O sagaz sergipano parece ter comprehendido o phenomeno que nestas paginas procuramos associar ao declinio do patriarchado rural no Brasil: a transferencia de poder, ou de somma consideravel de poder, não só da aristocracia rural, quasi sempre branca, para o burguês intellectual — o bacharel ou doutor ás vezes mulato — como para o militar — o bacharel da Escola Militar e da Polytechnica, em varios casos, negroide. Mas aqui já se toca noutro aspecto do problema que foge um pouco aos limites deste estudo: a farda do Exercito, os galões de official, a cultura technica do soldado, a carreira militar — sobretudo a hybrida de militar-bacharel — foi outro meio de accesso social do mulato brasileiro. E é possível que se possa ampliar a suggestão: a actividade politica, no sentido revolucionario, do Exercito Brasileiro — sempre tão inquieto e trepidante, desde os dias de Silva Pedroso, mas principalmente desde a Guerra do Paraguay — talvez venha sendo, em parte, outra expressão de descontentamento ou insatisfação do mulato mais intelligente e sensitivo, ainda mal ajustado ao meio.

A Marinha, que até recentemente, atravez de dissimulações, de pretextos de ordem technica os mais subtis, conservou fechados de modo quasi absoluto, ao mulato e mesmo ao caboclo mais escuro, os postos de direcção, sua aristocracia de officiaes formando talvez a nossa mais perfeita selecção de quasi-aryanos, tem sido, como se sabe, o opposto do Exercito. Dominada ainda mais do que a

Igreja — entre nós também trabalhada, embora não tanto como no Mexico, pela insatisfação do padre pobre e do padre mestiço — pelo espirito de conformidade social, pela mystica de respeito á auctoridade. Sua unica revolução foi na verdade uma contra-revolução. O heroe do movimento, um dos brasileiros mais brancos do seu tempo: Saldanha da Gama. Enquanto do lado opposto, um official do Exercito, typo do caboclo sonso e desconfiado, foi quem encarnou a nova ordem politica estabelecida por bachareis e doutores unidos a maiores e capitães, não sendo poucos desse grupo revolucionario, os hybridos não só de sangue como de vocação: os capitães-doutores, os majores-doutores, os coroneis-doutores.

É aliás facil de comprehender a attracção do mulato pela farda cheia de dourados de official do Exercito. Farda agradavel á sua vaidade de igualar-se ao branco pelas insignias de auctoridade e de mando, e ao mesmo tempo instrumento de poder e elemento de força nas suas mãos inquietas.

O conde de Valladares, em Minas, organisou regimentos de homens de côr com officiaes mulatos e pretos. Um desprestigio para a melhor aristocracia da terra. Aliás, nos tempos coloniaes, chegara a haver sargento-mór e até capitão-mór mulato; mulato chapado até como o que Koster conheceu em Pernambuco. Mas esses poucos mulatos exercendo postos de senhores, aristocratisados em capitães-móres, eram oficialmente brancos, tendo chegado á posição de mando por alguma qualidade ou circumstancia excepcional. Talvez acto de heroismo, acção brava contra rebeldes. Talvez grande fortuna herdada de algum padrinho vigario. Quando o inglês perguntou, em Pernambuco, si o tal capitão-mór era mulato — o que aliás saltava aos olhos — em vez de lhe responderem que sim, perguntaram-lhe “si era possivel um capitão-mór ser mulato”.

O titulo de capitão-mór aryanisava os proprios mulatos chapados — poder magico que não chegaram a ter tão grande as cartas de bacharel transformadas em cartas de branquidade; nem mesmo as corôas de visconde e de barão que Sua Majestade o Imperador collocaria sobre cabeças nem sempre revestidas de macio cabello louro ou mesmo castanho. Aliás verificaram-se casos semelhantes nos Estados Unidos. Em certo velho burgo do Estado de nos foi um dia apontado um individuo illustre admittido e até cortejado na sociedade branca mais fina e mais exclusivista do lugar, e de quem entretanto se sabia ter ascendente africano, embora remoto. Numa terra em que a simples suspeita de tal ascendencia basta para determinar o mais cruel ostracismo social, o caso nos pareceu espantoso. Esclareceram-nos, porém, que o individuo em questão tivera outro ascendente — ou seria o mesmo negroide? — entre os heroes mais gloriosos da guerra da Independencia. O que lhe aryanisara e lhe aristocratisara o sangue.

Que outros mestiços no Brasil, semi-aristocratisados pelo posto militar, não se sentiram tão confortavelmente brancos como o capitão-mór conhecido de Koster, prova-o o caso de Pedroso, commandante de armas no Recife, em 1823. Pedroso fez da espada um instrumento revolucionario; e instrumento revolucionario, não a serviço de alguma causa politica ou de simples levante de quartel, mas de um dos movimentos mais nitidos de insatisfação social da gente de côr que já occorreram entre nós. Pedroso andava pelos mucambos, confraternizando com os negros e os mulatos, bebendo e comendo com elles. E por alguns dias não se cantou no Recife sinão a quadrinha:

*Marinheiros e caiados
Todos devem se acabar
Porque só pretos e pardos
O paiz hão de habitar".*

Nem se falou sinão do Rei Christovão e da Revolta de São Domingos.

Esse mesmo sentimento de insatisfação talvez esclareça, por outro lado, a presença de bachareis mulatos, como Natividade Saldanha, em movimentos revolucionarios que talvez corresponderam menos ao seu idealismo afrancesado de doutores e de patriotas, que ao seu mal-estar quasi physico e certamente psychologico de mulatos; á sua ancia de ajustamento ou, pelo menos, á sua insatisfação de individuos mal ajustados á ordem social então predominante, com a élite branca, typo Antonio Carlos, querendo governar sosinha. Por outro lado, talvez, explique tambem a nota, não de clara revolta social, mas aparentemente de simples resentimento mal dissimulado em tristeza romantica, em magoa individual, em dor abafada de namorado infeliz, que se encontra em alguns dos nossos maiores poetas do seculo XIX. Mulatos que tendo se bacharelado em Coimbra ou nas Academias do Imperio foram individuos que nunca se sentiram perfeitamente ajustados á sociedade da epoca; aos seus preconceitos de branquidade, mais suaves que noutros paizes, porém não de todo inoffensivos.

Tal o caso do grande poeta maranhense Dr. Antonio Gonçalves Dias. O typo de bacharel mulato. Filho de português com cafusa, Gonçalves Dias foi a vida inteira um inadaptado tristonho. Uma ferida sempre sangrando embora escondida pelo croisé de doutor. Sensível á inferioridade de sua origem, ao estigma de sua côr, aos traços negroides gritando-lhe sempre do espelho: "lembra-te que és mulato!" Pior, para a epoca, do que ser mortal para o triumphador romano.

O indianismo litterario que Gonçalves Dias adoptou como uma cabelleira ou uma dentadura postiça, mal disfarça essa sua dôr enorme de ser mulato; uma dôr quente mas abafada, que Sylvio Romero attribuiu errada-

mente ao “sangue de indio”. O sangue de indio *per se* seria, porém, o menor responsavel por aquella tristeza toda do bacharel maranhense; e o maior responsavel, a consciencia do sangue negro da mãe, a sensibilidade aos reflexos sociaes dessa origem. Em *Marabá* talvez haja alguma coisa de freudianamente auto-biographico quanto á situação fluctuante do mulato romantizado na figura da mameluca de olhos verdes, de quem diziam os homens de raça pura:

“Tu és Marabá!”

ou então, guardando distancia:

“Mas és Marabá!”

E na poesia *O Tempo* a mesma consciencia apparece, sem disfarce nenhum a romantisal-a, numa explosão ainda mais auto-biographica:

*“... Por que assim choro?
E direi eu porque? Antes meu berço
Que vagidos d’infante vividoiro
Os sons finaes d’um moribundo ouviisse”.*

Não somos nós, agora: foi um seu collega de Coimbra e, mais do que isso, pessoa de sua intimidade — Rodrigues Cordeiro — que escrevendo em 1872, deu seu depoimento: a consciencia de filho de cafusa amigada com portuguez era o que Gonçalves Dias “nas noites de insônia lhe cobria o coração de nuvens”, rebentando em poemas como *O Tempo*.

Não importa que noutros poemas, em torno de assumptos mais puramente africanos como *Escrava*, Gonçalves Dias se conservasse a distancia do negro, sem fazer de sua fa'a a portuguesada de bacharel de Coimbra, a voz da raça degradada pela escravidão da qual nasceu tão tragicamente perto, roçando pelos seus horrores.

Mesmo porque sua consciencia não era, nem podia ser entre nós (paiz onde o negro quasi nunca foi “quem escapa de branco”, como no dictado antigo — “quem escapa de branco, negro é” — depois substituido pelo mais brasileiro — “quem escapa de negro, branco é”, a consciencia de negro, a consciencia de africano, que noutros paizes quasi absorve a consciencia do mulato. O resentimento nelle foi caracteristicamente o do mulato, sensivel ao lado socialmente inferior de sua origem, embora gosando pela sua qualidade de bacharel, vantagens de branco.

O romantismo litterario no Brasil — vozes de homem gemendo e se lamuriando até parecerem ás vezes voz de mulher — nem sempre foi o mesmo que outros romantismos: aquella “revolta do Individuo” de que fala o critico francês. Em alguns casos, parece ter sido menos expressão de personalidade revoltada, que de homens de meia-raça sentindo, como os de meio-sexo, a distancia social, e talvez psychologica, entre elles e a raça definidamente branca ou o sexo definidamente masculino e dominador. É o que se sente tambem — a revolta do homem de meia-raça sentindo, como os de meio-sexo, a distancia social, mica e européa, como os poetas bachareis, mas até anti-academica e anti-européa, que foi o Aleijadinho. O esculptor mulato das igrejas de Minas. Nesse mulato doente — distanciado socialmente dos dominadores brancos não só pela côr e pela origem, como pela doença que foi lhe comendo o corpo e lhe torando os dedos até só deixar os cotôcos, um resto de homem e de sexo — o resentimento tomou a expressão de revolta social, de vingança de sub-raça opprimida, de sexo insatisfeito, do donjuanismo incapado. De modo que na esculptura do Aleijadinho, as figuras de “brancos”, de “senhores”, de “capitães romanos”, apparecem deformados menos por devoção a Nosso Senhor Jesus Christo e odio religioso aos seus inimigos, que por aquella sua raiva de ser mulato e doente; por aquella sua revolta contra os dominadores brancos da colonia, a um

dos quaes sabe-se que retratou, ou antes, caricaturou, numa figura terrivelmente feia, exaggerando principalmente o nariz: o maior ponto de contraste somatico ou plastico entre opprimidos e oppressores. Aliás todas as figuras de capitães e mesmo de soldados romanos, para não falar nas de judeus, que se vêem nos "passos" de Congonhas de Campos, se apresentam com narizes caricaturescos, a forma e o tamanho dos narizes semitas e caucasicos exaggerada ao ponto do ridiculo.

O sentido brasileiro, nitidamente brasileiro, ou pelo menos anti-europeu e — Deus nos perdõe — até anti-catholico, da obra do Aleijadinho, não passou de todo despercebido, embora sob outro aspecto, aos criticos mais recentes do esculptor mulato. Entre outros, Manuel Bandeira e Mario de Andrade. O aspecto revolucionario, salientou-o Affonso Arinos de Mello Franco, em artigo sobre a viagem que fizemos juntos a Minas Geraes, em 1934. O mesmo aspecto procurámos fixar, ao nosso geito, em trabalho apresentado, de collaboração com Cicero Dias, ao Congresso Afro-Brasileiro do Recife, tambem em 1934, sobre reminiscencias africanas na arte popular do Brasil. Incluída a arte das promessas e dos *ex-votos*, a arte dos santeiros cujos santonofres e Nossas Senhoras de cajá, ás vezes não teem que ver iansans e orixás. O caso, em ponto grande, grandioso mesmo, do Aleijadinho, em cujas figuras christans ha uma evidente deformação em sentido anti-europeu, anti-greco-romano, anti-catholico-romano, embora não se possa dizer, que em sentido caracteristicamente africano.

Esse sentido e essa expressão artistica anti-européa dos santeiros e dos pintores de "promessas", sentido e expressão que por meio do mulato foram tambem ganhando a musica brasileira e por intermedio d'elle e do negro, a culinaria, hoje tão pouco européa nos seus quitutes mais caracteristicamente nacionaes; esse sentido e essa expressão custa-

ram a se fazer notar nas artes menos espontaneas e mais dirigidas, mais officiaes, digamos assim, de tal modo ia lhes quebrando a espontaneidade, a tradição academica européa, greco-romana, latina, francesa, de pintura, de escultura, de poesia, de architectura. É verdade que na poesia uma convenção não resistiu á influencia das suggestões anti-européas que a miscegenação foi creando para o lyrismo brasileiro: a convenção do typo louro ou alvo da mulher. A influencia de suggestões anti-européas nesse sentido já se fizera sentir no seculo XVII, em "Romances", de Gregorio de Mattos, atravez dos disfarces freudianos indicados recentemente pelo professor Renato Mendonça. Re-bentou depois mais livre na poesia do povo, onde tanto se exalta o quindim da mulata ou o dengue da moreninha; e no proprio lyrismo dos bachareis, em cujos versos e romances começaram a apparecer mais moreninhas do que virgens louras. Moreninhas que em tantos casos eram typos de quadrarunas ou octorunas idealisadas naquelle disfarce delicado.

Pella belleza physica e pela attracção sexual exercida sobre o branco do sexo opposto, é que, em grande numero de casos, se elevou socialmente o typo mulato em nosso meio: pelo prestigio puro dessa belleza e desse "it" pegagento ou por esse prestigio accrescido de attrativos intellectuaes, ganhos pelo homem na Europa ou mesmo em Olinda, em São Paulo ou na Bahia. O caso de tantos bachareis mulatos — rhetoricos e affectados no trajo, uns, outros tão á vontade na sobrecasaca e nas idéas francesas e inglesas, como si tivessem nascido dentro dellas.

Aluisio de Azevedo deixou-nos em romance — verdadeiro "documento humano" recortado da vida provinciana do seu tempo, segundo a technica realista que foi um dos primeiros a seguir — o retrato do bacharel mulato educado na Europa. De volta ao Maranhão, "o mulato" desperta um grande amor de moça branca. Moça de sobrado. Moça de familia cheia de preconceitos de branqui-

dade. A familia queria que a moça se casasse com portu-
guês — já estando escolhido um, sujeito feio e sujo cujo
typo contrastava com o fino, eugenico e asseado do mulato.
Este não era, aliás, nenhum pobretão. Herdara do pae e
pudera viajar pela Europa depois de formado. Dá-se, en-
tretanto o choque desse amor romantico com os preconcei-
tos sociaes — talvez não tanto provocados pela côr do ba-
charel, mas pelo facto de ser elle filho de escrava, uma
pobre negra de engenho. Negra que ainda vivia, embora
maluca, mulambenta, vagando pelo matto.

Os preconceitos de branquidade, de sangue limpo —
o facto teria occorrido no meado do seculo XIX — quem
os tinha mais vivos na familia, era a avó da moça, senho-
ra de formação ainda colonial.

“Pois olha — diz ella á moça — se tivesse de assistir
ao teu casamento com um cabra, juro-te por esta luz que
está nos illuminando que te preferia uma boa morte, mi-
nha neta! porque serias a primeira que na familia suja
o sangue!”

E para o genro: “Mas creia, seu Manoel, que si ta-
manha desgraça viesse a succeder, só a você a deveríamos,
porque no fim de contas, a quem lembra metter em casa
um cabra tão cheio de fumacas como o tal doutor das
duzias?... Elles hoje em dia são todos assim! Dá-
se-lhes o pé e tomam a mão! Já não conhecem o seu
lugar, tratantes! Oh, meu tempo, meu tempo! que não
era preciso estar cá com discussões e politicas! Fez-
se de besta? — Rua! A porta da rua é a serventia
da casa! E é o que você deve fazer, seu Manoel.
Não seja pamonha! despeça-o por uma vez para o sul,
com todos os diabos do inferno! e trate de casar sua filha
com um branco como ella!”

Si em sociedade, o bacharel mulato, retratado no ro-
mance de Aluisio, era por todas as familias illustres da
capital do Maranhão recebido com constrangimento, com

frieza até, em particular “via-se provocado por varias damas solteiras, casadas e viuvas, cuja leviandade chegava ao ponto de mandarem-lhe flores e recados”. A attracção sexual do mulato exercendo-se sobre as brancas mais finas do lugar, a despeito dos escrupulos de branquidade contra elle. Attracção de que se conhecem varios exemplos no Brasil, em circumstancias semelhantes, iamos dizendo identicas, ás do romance de Aluisio.

Era de facto um mulatão bonito o Dr. Raymundo, heroe do romance. Alto, cabello um tanto crespo, mas de um preto lustroso; a pelle amulatada, mas fina; os olhos, grandes e azues — azul que puxára do pae; o nariz direito, a fronte espaçosa, o pescoço largo; “dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode”. Para ser completo o perfil anthropologico que ahi se traça de mulato eugenico, o corpo com todo o chamado “vigor do hybrido”, falta referencia ás orelhas, que não se diz si eram pequenas e bem feitas, e aos beiços, que ficamos sem saber si seriam grossos; referencia aos pés e ás mãos; á proporção dos braços e das pernas com relação ao corpo. O que sabemos é que nesse mulato fino por quem se apaixonaram tantas senhoras brancas, talvez enjoadas dos maridos alvos ou pallidos, a quem se entregavam já sem gosto, no silencio das noites quentes do Maranhão, sobre as enormes camas de jacarandá das alcovas dos sobrados, os traços mais caracteristicos da physionomia eram os olhos: “grandes, ramalhudos, cheios de sombras azues; pestanas eriçadas e negras, palpebras de um roxo vaporoso e humido, as sobrancelhas muito desenhadas no rosto, como a nankin...”.

Pelo perfil psycho'logico que delle se traça — e diz-se que Aluisio não inventou o seu Dr. Raymundo, mas photographou-o do vivo, quasi sem retoques, segundo o seu methodo e o da sua escola — não era nenhum novo-culto ou arrivista intellectual, querendo brilhar todo o tempo, como tantas vezes o bacharel mulato (por motivos, talvez,

sociaes, como adiante havemos de suggerir). Ao contrario: homem de gestos sobrios, a voz baixa, vestindo-se com seriedade e bom gosto, amando as sciencias, a litteratura e um pouco menos, a politica. No comportamento, quasi um mulato a Machado de Assis — menos o aca-nhamento doentio, excessivo; ou então a Domicio da Gama — o “mulato côr-de-rosa”, como na intimidade chamava o Eça de Queiroz ao diplomata brasileiro.

Esses mulatos côr-de-rosa, alguns louros, olhos azues, podendo passar por brancos em lugares onde não soubessem direito sua origem, não foram raros no Brasil do seculo XIX. A favor da transferencia delles do numero dos escravos para o dos livres ou da sua ascensão social, de pretos para brancos houve sempre uma poderosa corrente de opinião, ou antes, de sentimento. Isto desde o seculo XVIII. Em 1773 já um alvará d’el-Rei de Portugal falava de pessoas “tão faltas de sentimento de Humanidade e de Religião” que guardavam, nas suas casas, escravos “mais brancos do que elle com os nomes de pretos e de negros”. Walsh ficou impressionado com os escravos louros e de olhos azues que viu no Brasil nos principios do seculo XIX — alguns delles bastardos, filhos de senhores estrangeiros que os vendiam por excellentes preços. E Perdigão Malheiro, no seu ensaio sobre a escravidão no Brasil, destaca a tendencia que foi se accentuando entre os senhores de escravos mais liberaes para alforriar de preferencia os mulatos mais claros, que eram tambem os escolhidos para o serviço domestico mais fino e mais delicado. Os mais beneficiados pelo contacto civilisador e aristocratisante dos sinhôs e das sinhás.

Dahi, talvez, o numero consideravel de mulatos eugenicos e bonitos, valorisadissimos pelos senhores que se encontram nos testamentos e inventarios do seculo XIX, que passam pelos annuncios de escravos fugidos, nas gazetas coloniaes e do tempo do Imperio. Uns de “ar alegre”, outros com “physionomia de quem soffre”, ou então, como

a extranha Joanna, de um annuncio de 1835, no *Diario de Pernambuco*, “bem alva, cabellos soltos, já assemelhando-se a branca” — com alguma coisa de mysterioso no seu passado que o annunciante não ousava dizer de publico: só em particular á pessoa que a conservasse em casa. Varios os mulatos e as mulatas alvas e bonitas, de estatura alta, de dentes perfectos, mãos e pés bem feitos, mas “os braços compridos” talvez compridos de mais em relação ao corpo, o que viria comprovar a idéa de asymetria do mestiço, particularmente do mulato, sustentada por alguns anthropologistas, entre outros Davenport. Um encontramos, adolescente de dezoito annos, não só alvo, de estatura alta, os taes braços compridos, cabellos corridos e pretos, mãos e pés bem feitos e cavados, olhos pardos e bonitos, sobrancelhas pretas e grossas, de “dedos finos e grandes, sendo os dois minimos do pé bastante curtos e finos”. Varios altos, bem feitos de corpo, mas os pés, ao que parece exaggeradamente compridos, e os dedos da mão, tambem. Algumas mulatas puxando a sarará, cabelo carapinho e russo, côr alvacenta, todos os dentes, o corpo regular, mas pernas e mãos muito finas. É consideravel o numero de sararás, cabras, cafusos, mulatos de cabelo liso ou cacheado ou encarapinhado, mas russo e até arruivado, que passam pelos annuncios de jornaes. E si alguns são mulatos doentes, typos cacogenicos — mulatas com “boubas nas partes occultas”, cabras com syphilis, pardos, com dentes pôdres, sararás com os hombros arqueados dos tuberculosos — a maioria dos mestiços que se deixam identificar pelos traços, tão realistas, de escravos fugidos — ás vezes verdadeiros perfis anthropologicos e psychologicos — são figuras admiravelmente eugenicis: homens e mulheres altos, bem feitos de corpo, os dentes bons, alguns, como “o mulato por nome Vicente”, que apparece num annuncio do *Diario de Pernambuco*, francamente athletico: boa estatura, rosto comprido, nariz mediano,

as ventas um tanto arregaçadas, espadaudo, faltando-lhe apenas um dente de cima.

Não é raro destacar-se nos mulatos fugidos o tronco grosso como o da maioria dos negros, mas os pés pequenos e os dedos da mão finos e compridos, como os de quasi todos os senhores. Dedos compridos como a pedirem aneis de doutor ou bacharel. Como a pedirem pennas de escrivão, de burocrata e até de jornalista, punhos de espada de official, agulhas de costureiro e de alfaiate, as cordas de uma boa viola de acompanhar modinhas, espingarda de passarinhar, as redeas de um bom carro de cavallo. Officios e especialisações a que alguns delles conseguiram subir, não só pelo prestigio da intelligencia, mais plastica que a dos negros, e das feições do rosto, mais proximas das dos brancos, como por essas suas mãos de dedos finos e compridos. Mãos mais aptas que as grandonas, dos negros, para os officios polidos, urbanos e delicados.

Os pés, tambem, foram para o mulato um elemento de ascensão social: pés compridos, bem feitos, finos, "nervudos" — diz-se de alguns que passam aristocraticamente pelos annuncios, em forte contraste com os pés do grande numero, da maioria mesmo, dos negros: esparramados, espalhados, apapagaiados, de a'guns repontando calombos, joanetes, dedos grandes separados; noutros, faltando o dedo mindinho ou o grande, talvez comido pelo ainhum; varios com aritim. Os pés negros deviam ser particularmente rebeldes aos sapatos e ás botinas de molde europeu; ás proprias chinelinhas em que se especializou, entre nós o pé da mulata. Quando o uso dos sapatos e das botinas — a principio elegancia quasi somente de reinoes — generalizou-se entre a aristocracia brasileira de homens e mulheres de pé pequeno, comprehende-se a difficuldade dos pretos para se accommodarem, mesmo quando pagens, a esse elemento aristocratisante e europeisante, tão contrario á anatomia dos seus pés largos e chatos. Os mulatos, não;

bem feitos de pé pelo criterio europeu — os pés finos e compridos — puderam adaptar-se mais facilmente ao uso dos sapatos, que Handelman observa ter se constituido no Brasil do seculo XIX num dos signaes de distincção de classe: o individuo calçado em contraste com o descalço ou de pé no chão. Pode-se accrescentar tambem que num signal de distincção de raça. Os proprios pretões bonitos, elevados a pagens no serviço domestico dos sobrados ricos e vestidos pelos donos a rigor — chapau de oleado com pluma, libré toda enfeitada de dourado, as mãos enormes calçadas de luvas — andavam pela rua e dentro de casa, descalços, os grandes pés inteiramente nús. Descalços, embora vestido dos pés para cima, é que os retratou Koster, num dos seus flagrantes de rua colonial. Viu-os o inglês nas ruas do Recife, carregando palanquins de brancas finas, das taes que quando mostravam a ponta do pé era um pesinho de nada, de menina pequena. Quasi um pé de chinesa. Quanto menor o pé, e mais fino, mais aristocracia. Não só os escravos negros, como nem mesmo os mazombos — isto é, os portugueses de origem baixa — podiam rivalisar com os senhores finos da terra no tamanho do pé. Já na guerra chamada dos Mascates, entre a nobreza de Olinda e os mercadores portugueses do Recife, estes eram tratados pelos aristocratas brasileiros de “marinheiros pé de chumbo”, “calcanhar de frigideira”. Os mazombos, diz a tradição folk-lorica que por sua vez, chamavam aos fidalgos “crioulos” de “pés raspados” e “pés de cabra”.

Quando a arte de sapateiro deixou de ser no Brasil uma industriasinha semi-domestica, das muitas que quando sahiram da sombra das casas-grandes foi para florescerem no patamar ou no pé-de-escada dos sobrados, quasi medievalmente: quando a arte de sapateiro tornou-se uma industria de fabrica, e o fabrico, europeu, a principio, principalmente inglês deve ter tido uma difficuldade consideravel para os fabricantes, a falta de um pé medio

brasileiro. É verdade que por essa epoca o pé que se calçava á botina era quasi exclusivamente o pé fidalgo das casas-grandes ou o dos doutores, bachareis e burgueses mais finos de sobrado — o pé comprido e pequeno, que foi se tornando mais numerozo com a ascensão social do mulato. Os portuguezes de venda, de quitanda, de loja pequena preferiam a commodidade dos tamancos; e diz-se de “marinheiros” que por conveniencia do commercio de escravos, ou por outro qualquer motivo, tornaram-se senhores de engenho, que até a cavallo andavam de tamancos. A historia anecdotica do Imperio fala mesmo de “barões de tamancos”. Em contraste com os aristocratas de pé de moça que até decadentes e andando dentro de casa de ceroulas e nús da cintura para cima, conservavam as botas de montar a cavallo. Ou então as botinas inglesas. Tal o caso do velho Casusa Sô (Wanderley), gordo, alto, louro, mas os pés pequenos; e sempre mettidos nas suas botas pretas de montar a cavallo, as esporas de prata tilintando dentro de casa.

Nas gazetas dos tempos coloniaes que examinamos já começam a apparecer annuncios de sapatos estrangeiros. Sapatos ingleses e francezes. Mas foi em 1822 que James Clark, dono, juntamente com o irmão, de uma fabrica de calçado na Escocia, montou na rua do Ouvidor sua loja de sapato, para vender no Brasil os productos daquella fabrica. O calçado escossês ganhou fama. Foi-se tornando o calçado da gente mais polida — magistrados, advogados, estudantes e tambem dos militares e até de senhores gauchos, homens pouco burgueses e muito rusticos no trajo e no gosto, mas uns cavalheiros em questão de calçado. Tanto que annos depois installavam-se filiaes no Rio Grande do Sul — especializando-se, naturalmente, em botas de montar a cavallo — e não apenas na Bahia, em São Paulo e no Recife — as cidades por excellencia dos doutores, dos bachareis, dos academicos, dos senhores de terras mais aristocraticos e mais cavalheiros.

Faltam-nos elementos para julgar a orientação técnica no fabrico de calçados adoptada pelos escoceses da Clark com relação ao Brasil; as varias alterações de estylo ou de fôrma européa, para corresponder aos exaggeros de pé pequeno e de pé grande entre nós; de pé aristocratico e de pé de negro á proporção que foi sendo necessario calçar o negro soldado de exercito, soldado de policia, marinheiro, bombeiro. O mais que conseguimos saber é que ainda hoje se fabrica um sapato de pouca altura, de maior consumo entre as populações negroides do littoral do Norte. Gente de pé mais chato. Por outro lado, com a incorporação á burguesia e ao proletariado brasileiro, de allemães, portugueses, italianos, hespanhóes, gente de pé grande, mas de altura consideravel, o pé brasileiro deve vir se approximando do *standard* de calçado europeu, em varias zonas do littoral. O pé caracteristicamente brasileiro pode-se entretanto dizer que continua em largos trechos do paiz, o pé pequeno que o mulato tem certo garbo em contrastar com o grandalhão, do portuguez, do inglêz, do negro, do allemão.

O chapeu, tambem deve ter soffrido entre nós, quando sua industrialisação exigiu padrões nacionaes de tamanho, de fôrma e de estylo e a população consumidora deixou de ser apenas a reduzida élite de senhores e burguezes finos, adaptação em mais de um sentido. No meado do seculo XIX já havia negros, mestres de meninos, padres, engenheiros, medicos, sangradores — para não falar nos boleeiros e nos pagens, aos quaes os donos obrigavam a usar chapeu alto ou de oleado — que não dispensavam a cartola ou o chapeu de feltro dos brancos. Mas foi pelo mulato que o chapeu deixou de ser privilegio do aristocrata ou do burguez branco. Pelo mulato bacharel é que se generalizou entre nós o uso do chapéu alto e de feltro da burguesia européa, a principio só dos brancos afrancesados.

Alfred Mars ainda conheceu um Brasil onde o chapéu de palha “manilha” e a roupa de panno nan-kin, feita em casa, eram de uso corrente entre os grandes da terra. Tendo se desembaraçado dos veludos e das sedas dos primeiros seculos coloniaes elles iam se adaptando ás condições de clima quente e de vida nos tropicos. Com a ascensão do bacharel e do mulato, interrompeu-se a adaptação. O traje re-europeisou-se segundo estylos mais burgueses, mais urbanos.

Foi quando appareceram lojas como a do velho Armada, no Rio, com chapéus importados da Europa que foram substituindo os de “manilha”, de fabricação indigena e até domestica. Chapéus europeus de todos os estylos e do material mais diverso: de pelucia, de seda, de castor, de filó, de fe'tro, de velludo, de setim, de palha inglesa, de palha da Italia, de palha de arroz. O proprio Armada, entretanto, foi transigindo com as condições do meio. Nos chapéus do seu fabrico procurou adaptar o estylo europeu ao clima brasileiro. E entre outras adaptações, lhe attribuem a da guarnição da carneira tubular no chapéu de seda de copa alta — o chapéu typico do bacharel mulato e cujo maior defeito era aquecer terrivelmente a cabeça. Foi esse defeito attenuado pela penetração do ar, atravez da carneira do novo typo. Attenuado tambem o excesso do peso do chapéu europeu, pelo emprego de materia prima mais leve e mais de accordo com o clima.

Foi além mestre Armada: iniciou o fabrico de chapéus de palha para o verão e para o campo, com a fibra de palmeira do Pará. Esse re-abrasileiramento de material, typo e fôrma do chapéu europeu — sobretudo da cartola de bacharel — como o abrasileiramento do typo e da fôrma da botina e do sapato burguês, coincidem com a maior ascensão do mulato, do quasi-negro e até do negro em nosso meio social. Suas fôrmas de cabeça e de pé foram

encontrando maior facilidade em supprir-se de artigos europeus já abasileirados. Ou exigiram mesmo, mais que as dos brancos, alguns desses abasileiramentos.

Tambem as alfaiatarias devem ter modificado estylos e medidas europeas de corte de fraque, de calças e de croisés burgueses para bachareis e doutores mulatos e até negros; para alguns, pelo menos — si é certo que entre os nossos mestiços e fulos aristocratisados pelo ambiente fino, se notavam, além de exhuberancias de nadegas, desproporções de comprimento e de grossura de braços ou pernas com relação ao corpo, que os annuncios de escravos fugidos parecem accusar para numerosos mulatos, talvez inferiorisados pela situação social de escravos. Dessas desproporções, como effeito inevitavel da hybridisação — negadas, aliás, pelo professor Herskovits, embora sustentadas por Myoen e por Davenport — ainda não se fez entre nós nenhum cuidadoso estudo anthropometrico. Apenas possuimos dados — e estes interessantissimos — sobre a relação entre o comprimento do radio e o diametro bi-cristiliaco (indice radiopelvico de Lapique) de varios grupos de nossa população, recolhidos pelos professores Roquette Pinto e Froes da Fonseca e por Bastos de Avila e Ermiro Lima.

Os cabelleiros e barbeiros são outros que nem sempre terão conseguido dar á barba e ao penteado dos bachareis mulatos, á cabelleira crespa ou mesmo um tanto zangada das sinhá-donas quadraronas — ás vezes noras de viscondes — as mesma flexões e o mesmo geito que á barba loura, que ao cabelo ruivo, que ao bigode castanho ou preto, mas docil ao pente, dos brancos e dos quasi-brancos. Atravez de retratos e daguerreotypos do seculo XIX, quasi se pode affirmar dos cabelleiros e barbeiros franceses, que desde o começo do seculo foram apparecendo com lojas elegantes no Rio, no Recife e na Bahia, que desenvolveram, no Brasil, composições de penteados de

mulher e feítios de corte de barba de homem adaptado á situação anthropologica dos mestiços que sob o reinado de Dom Pedro II já tinham se tornado numerosos na melhor sociedade. Algumas photographias da epoca é o que parecem indicar, sendo curioso que em certos retratos de mulher o penteado de cabello evidentemente amerindio é composto mais á hespanhola do que á francesa; ou mais á oriental do que á européa. São sinhá-moças que nos surgem das photographias e dos daguerreotypos com um ar chinês ou malaio accentuado pela fórma do cabello; não teem que ver mulheres polynesias, o penteado parecendo combinar, numas com o obliquo dos olhos, nas outras com certo arregalado do olhar que o sangue africano, reunido ao indio ou ao branco, ou aos dois, parece dar a algumas physionomias brasileiras. Aliás, Yan de Almeida Prado surprehendeu alguma coisa de vagamente malaio, como a accusar sangue indio, embora remoto, na photographia de sinhá-dona pernambucana (Wanderley de 1870) que publicamos em ensaio anterior.

Diante de retratos de sinhá-donas e sinhá-moças que incluimos neste estudo, é vivissima a impressão de estarmos em face não de européas, mas de typos polynesios, melanesios, malaio, hispano-arabes. Impressão que nos comunica não só a forma dos olhos, o proprio geito de olhar — tão prompto a accusar mestiçagens — como a armação ou a disposição oriental ou semi-oriental do cabello. No que talvez interviesse a arte do cabelleireiro francês, tirando partido de elementos um tanto rebeldes a estylos europeu de penteado e procurando harmonisar o cabello com o rosto.

A mulata ao natural, ou enfeitada e artificialisada pela arte do cabelleireiro francês, do sapateiro inglês, da modista parisiense, do perfumista europeu — e cremos que povo nenhum no mundo chegou a abusar tanto de perfumes europeus como o mulato brasileiro, talvez para

combater a inhaca de negro, aliás tão apreciada por certos brancos voluptuosos — sempre teve o seu quindim ou seu “it” para o branco. Também o teve para a mulher branca o mulato brasileiro, sinão ao natural — a tradição guarda a lembrança de crimes raros mas terríveis por causa de sinhás-brancas que num momento de grande ardor se entregaram a escravos inultos — quando aristocratisado pela educação, sobretudo a educação na Europa, como no caso do Dr. Raymundo do romance de Aluisio. A moda européa de pentear-se, de calçar-se e vestir-se, accentuaria no mestiço a exquisita suggestão que a Aluisio de Azevedo pareceu ter sua séde nos olhos e que para outros está sobretudo nesse modo de sorrir, agradando aos outros, tão do mulato; tão do “brasileiro sympathico” de que fala Gilberto Amado.

A mulata pela suggestão sexual não só dos olhos como do modo de andar e do geito de sorrir, alguns acham até que dos pés, porventura mais nervosos que os das brancas e os das negras; dos dedos da mão, mais sabios que os das brancas nos cafunés e noutros agrados aphrodisiacos; do sexo, dizem que em geral mais adstringente; do cheiro de carne, affirmam certos voluptuosos que todo especial na sua provocação, já se tem attribuido, um tanto precipitadamente e em nome de sciencia ainda tão verde e em começo como a genetica, uma como permanente “super-excitação sexual”, que faria della uma anormal; e do ponto de vista da moral européa e catholica, uma grande e perigosa amoral. No que chegaram a acreditar entre nós dois homens serissimos: Nina Rodrigues e José Verissimo. O bom senso popular, a sabedoria folk-lorica, tantas vezes cheia de intuições felizes, mas outras vezes convicta de inverdades profundas — de que a terra é chata e fixa, por exemplo; o bom senso popular continua a acreditar na mulata diabolica super-excitada por natureza, e não pelas circumstancias sociaes que quasi sempre a rodeiam, esti-

mulando-a ás aventuras do amor physico como á nenhuma mulher de raça pura — melhor defendida de taes excitações pela propria fixidez de sua situação social, decorrente da de raça tambem mais estavel.

Por essa super-excitação, verdadeira ou não, de sexo, a mulata é procurada pelos que desejam colher do amor physico os extremos de goso, e não apenas o commum. De modo que tambem esse aspecto nas relações psychologicas entre os homens de raça pura e as mulheres de meio-sangue, deve ser destacado como elemento, em alguns casos, de ascensão social da mulata. Talvez seja o factor de alguns casamentos de brancos já idosos, cincoentões de familia illustre — filhos de barões e bem situados na vida — com mulatas, quadrarunas e octorunas bonitas, vestindo-se com geito de brancas e com a apparencia ou aura de ardencia sexual fóra de commum que lhes dá a circumstancia de serem mestiças. Esses casos se teem verificado em nosso meio e talvez nelles ou em alguns delles é que estivesse pensando Bryce quando comparou o escandalo social causado entre nós pelo casamento de um senhor fino e branco com uma moça não de todo branca, sua pinta de sangue negro accusando-se nas feições, no cabello ou na côr, com o escandalo que provoca na Inglaterra o casamento de um "gentleman" com uma simples creada. Surpresa a principio, mas depois accommodação á união desigual não só pela differença de idade como de situação social entre os conjugues.

Mas no Brasil, sendo a mestiça clara, e vestindo-se bem, comportando-se como gente fina, torna-se branca para todos os effeitos sociaes. Sempre, entretanto, ou quasi sempre, porém, acompanha-a a aura de mulher mais quente que as outras, — que as brancas finas, principalmente — expondo-a a maiores audacias do donjuanismo elegante, a maiores riscos de conducta nas suas relações com os homens.

A mesma aura cerca a figura do mulato: o “cabra sarado” do folk-lore, o “mulato bamba”, o “mulato escovado”, o “mulato sacudido”, o “mulato bicho-cacau”. Correm boatos sobre vantagens de ordem physica que fariam d'elle, como do negro, o superior do branco puro e louro no acto do amor. Vantagens ainda mais concretas que as de natureza priapica attribuidas á mulata, em comparação com a branca fina, considerada mulher mais fria.

Si é certo que Hrdlicka, em estudo de anthropologia comparada, attribue ao negro, em geral, superioridade no tamanho dos órgãos sexuaes, essa superioridade nem sempre se tem verificado, nas pesquisas regionaes emprehendas entre grupos de individuos de raça preta comparados com os de raça branca. Léon Pales, depois de investigação realisada na Africa Francesa e resumida no seu trabalho “*Contribution à l'étude anthropologique du noir en Afrique Equatoriale Francaise*”, em numero recente de *L'Anthropologie*, (tomo XLIV) contesta as alegações de Pruner Bey (1860), Duckworth (1904) e Kopenicki (1871), talvez os auctores que mais contribuíram para a lenda “*d'une grandeur extraordinaire, desmesurée, du penis chez le nègre*”. Pales encontrou realmente negros de “*penis volumineux, hors des proportions habituelles*”, mas sem constituírem a media, o typico, o normal dos homens de sua côr, tanto mais quanto — lembra o pesquisador — “*il est des blancs qui n'ont rien à leur envier sous ce rapport*”. Davenport no estudo comparativo de pretos e pardos com brancos, que realisou na Jamaica, não se occupou infelizmente do assumpto, talvez por pun-donor anglo-saxonico.

Entretanto basea-se em parte na crença nessa superioridade physica do macho, accrescida de certo gosto pelo differente, pelo bizarro até, o interesse sexual da mulher branca pelo mulato e mesmo pelo negro. Crença que vem

de longe. No primeiro capítulo das *Mil e Uma Noites* — recordava ha poucos annos no *The Spectator*, Owen Berkeley Hill — já se encontra um caso nitido de atracção sexual exercida sobre mulher fina por homem de raça primitiva e escura. E o tenente-coronel Berkeley Hill salientou o facto de o negro desempenhar papel saliente na vida sexual dos turcos, dos persas, dos hindus, dos parisienses, como que attrahidos por individuos de raça mais escura e porventura mais elementar nas suas reacções nervosas e mais vigorosa physicamente que a sua. O mesmo papel desempenhara o negro, segundo Seneca em carta a Lucilio, na vida dos romanos antigos, já muito chegados, os homens, ao culto da Venus fusca, as mulheres, á admiração voluptuosa pelos machos de côr. De onde o grande numero de negros de um e outro sexo introduzidos em Roma.

Para Berkeley Hill parece evidente que tanto o homem como a mulher, mas especialmente a mulher, a branca e fina, a femea que elle chama um “typo racialmente superior” (“a racially superior type”) é “susceptivel de tornar-se presa da mais forte atracção sexual por individuos de um typo racialmente mais primitivo”. Dahi, furioso ciúme ou inveja sexual do macho de raça adiantada com relação ao de raça primitiva, que explicaria, junto com motivos de ordem economica certos odios de raça. Principalmente da parte do macho branco com relação ao macho de côr. Para contrariar o encanto do macho negro sobre a mulher branca, o branco civilisado teria procurado desenvolver uma aura de ridiculo e de grotesco em volta do preto e do seu primitivismo e — pode-se accrescentar — uma aura de antipathia em torno do mulato, tão accusado de falso ou inconstante na affeição, de incapaz de igualar-se ao branco em verdadeiro cavalheirismo, e na authentica elegancia masculina; para não falar na intelligencia, no seu sentido mais nobre e com todas as suas

qualidades mais solidas de equilibrio, de discernimento e de poder de concentração, que seriam — para os criticos do mulatismo — raramente attingidos pelos meio-sangues, ou pelos negros puros. Os meio-sangues apresentariam sobre estes apenas a vantagem de um brilho mais facil na expressão verbal e talvez na plastica.

Esta não foi, entretanto, a observação dos beneditinos, frades argutos que no Brasil andaram sempre a fazer experiencias quasi de genetica com os seus escravos para chegarem á conclusão, no seculo XVIII, de que os melhores, os mais dotados de intelligencia e de talento, eram os mulatos. Sir George Stauton que aqui passou com Lord Macartney a caminho da China, nos meados daquelle seculo, ouviu dos frades do Mosteiro do Rio os maiores elogios á intelligencia dos mulatos por elles instruidos nas proprias artes liberaes. E citavam-lhe o exemplo de um mulato que acabara de ser escolhido para reger importante cadeira em Lisboa.

Os jesuitas tambem estimularam o cruzamento nas senzalas de suas fazendas. Cruzamento de caboclo com escravo. De indio com negro. Nas fazendas loyolistas — salienta Lamego Filho — “deu-se o cruzamento mais intenso de etiopees e amerindios, tão difficil, dada a repulsa destes por aquelles”. Nesses cruzamentos que encheram as senzalas jesuitas de cafusos e curibocas, alguns criticos da obra dos padres julgam encontrarem a intenção mal dissimulada de augmentarem a massa escrava pela absorpção do sangue indio — sendo o indio um elemento mais facil dos padres adquirirem do que o negro, e menos commercializado. O que é certo é que não se encontra evidencia nenhuma de interesse dos jesuitas pela elevação intellectual ou social do negro e do mulato, que os padres parece terem quasi sempre evitado nos seus collegios e até nas suas senzalas. Interesse demonstrado, entretanto, pelos beneditinos.

A estes — repita-se — devemos no Brasil experiencias de genetica, cujos resultados teem tido as interpretações mais diversas. Si no fim do seculo XVIII, Stauton, baseado nas informações dos proprios padres, destacava nos mulatos dos mosteiros, alguns dos quaes os religiosos fizeram subir das senzalas a cathedras e a responsabilidades intellectuaes na propria Metropole — intelligencia igual á dos brancos, annos depois, agitado entre os medicos do Imperio o problema da mestiçagem, um delles, e dos mais sabios, o Dr. Nicolau Joaquim Moreira, em trabalho sobre o cruzamento das raças encarado ao mesmo tempo pelo lado anthropologico e pelo ethico, invocaria a favor da degradação do mulato o exemplo da fazenda de Campos, tambem dos benedictinos — de “proliferação mixta pouco extensa” — em contraste com outra fazenda dos mesmos padres, a de Camorim, “fundada ha quasi tres seculos”, escreveria o medico em 1870, e ainda com “uma população negra, homogenea e vigorosa, augmentando de intelligencia e modificando seu cranio que se approxima hoje ao da raça caucasica”.

A experiencia referida — a conservação pelos frades de escravaria negra, tanto quanto possivel pura, numa das suas grandes fazendas, em contraste com as outras, onde se estimulou o cruzamento do branco com o preto — é dos mais interessantes, suggerindo-nos a conveniencia de se tentar o estudo dos remanescentes de populações negras, ainda em 1870 consideradas tão homogeneas. E digno da maior attenção é o reparo do Dr. Moreira quanto ao cranio vir se modificando em população apresentada como tão pura e homogenea. No que talvez se antecipasse numa das possiveis interpretações dos resultados das experiencias de Boas com innuigrantes europeus nos Estados Unidos.

Quanto ao “augmento de intelligencia”, é provavel que resultasse de estimulos sociaes a que os negros teriam

sido submettidos de modo todo particular na fazenda dos beneditinos, talvez os mais doces senhores de escravos que teve o nosso paiz. Fôra casos particularissimos como o da experiencia beneditina, a esses estimulos foram expostos mais largamente, no Brasil escravocrata, os mulatos mais claros que os negros mais escuros. Dahi — em grande parte, pelo menos — a fama que crearam os mulatos, de mais intelligentes — embora mais cheios de defeitos moraes — do que os pretos. Aqui como nos Estados Unidos verificou-se não só a ascensão do mulato escravo, dentro das casas-grandes, onde eram os preferidos para pagens e mucamas, como do mulato livre, nas cidades e na Côrte. Sua urbanisação foi mais rapida que a do negro livre, em consequencia da selecção social se dirigir sempre no sentido não só do individuo de pelle mais clara e de feição mais européa, como de formação ou traquejo, tambem mais europeu.

Ainda que alguns senhores — isto desde o tempo de Pombal — conservassem em casa escravos mais brancos do que elles, a tendencia no Brasil foi no sentido de se favorecer a alforria dos individuos de formas mais caucasicas e de pelle mais clara e cabello mais louro. Alguns individuos de origem escrava, assim favorecidos, não raro conseguiram passar, em cidades distantes da sua, por brancos de ascendentes livres. Os annuncios de negros fugidos referem constantemente casos de escravos mulatos “muito poetas no falar”, “pacholas”, “rhetoricos”, “cabello cortado á francesa”, ou então “capadocios e politicos”, cuja astucia estava sobretudo em se fazerem passar por livres. Os de pelle mais clara e traços, vamos dizer, mais “aryanos”, mais finos, e criados na maior intimidade dos brancos e das casas-grandes, deviam ser os que melhor simulavam a condição de livres. No traje, tambem, alguns não tinham que ver brancos: chapéus europeus, botinas, collete, e até guarda-sol, insignia burguesa de au-

ctoridade. É de presumir que varios desses ex-escravos tivessem encontrado oportunidade de rapida ascensão social, alguns tornando-se brancos para todos os effeitos.

Com o seculo XIX, e o desenvolvimento das cidades, as fazendas e os engenhos de frades deixaram de ser as fabricas quasi exclusivas de mulatos. As cidades maiores é que se tornaram o "paraíso dos mulatos" a que já se referira um chronista do seculo XVIII.

O mulato brasileiro, dizia D'Aissier em 1867 que era mais um producto das cidades e das fazendas do littoral que do interior mais afastado ou do sertão. E suas funções, aquellas que o indio não desempenhava, por ser muito indolente, o negro por não ter a precisa intelligencia, o branco para não descer da sua dignidade. Assim elle era principalmente o soldado, o alfaiate, o pedreiro.

Os mulatos desde o começo do seculo começaram a sahir em grande numero dos "quadros", dos "cortiços" e dos "mucambos", onde immigrants portuguezes e italianos mais pobres foram se amigando com pretas. Não só por nenhuma repugnancia sexual desses europeus pelas negras, ao contrario, talvez até encontrando nellas algum pagamento encanto sexual, como pelo facto das pretas, principalmente as Minas, representarem consideravel valor economico: mãos de lavadeira, de boleira, de doceira, de cozinheira, de fabricante de bonecas de panno, capazes de os auxiliar nas suas primeiras lutas de immigrants pobres. Os immigrants portuguezes e italianos, tão numerosos nos meados do seculo XIX, sobretudo nas cidades, tornaram-se grandes procriadores de mulatos.

Esses mulatos foram os de vida mais difficil, os que, muitas vezes, se esterilizarão em capadocios, tocadores de violão, valentes de bairro, capangas de chefes politicos, malandros de beira de caes, as mulheres, em prostitutas, faltando-lhes as facilidades que amaciaram os esforços de ascensão intellectual e social de muitos dos mulatos de

origem rural, com sangue aristocrático nas veias. Sobre elles agiu poderosamente o desfavor das circunstancias sociaes, predispondo-os ao estado de fluctuação e de inadaptação aos quadros normaes de vida e de profissão, ao de inconstancia no trabalho, ao de rebeldia a esmo — estados, todos esses socialmente pathologicos, que tantos associam ao processo biologico de miscegenação. Nesses mulatos, a má origem era completa e para todos os effeitos sociaes: illicita a união de que resultavam; socialmente despreziveis os paes; socialmente inferior o meio em que nasciam e se criavam — cortiços, “quadros”, mucambos, É verdade que o meio urbano mais trepidante — “a rua” — com que desde cedo se punham em intimo contacto os muleques — muleques ainda mais diferenciados de meninos brancos que os das bagaceiras dos engenhos, dos sinhôsinhos; é verdade que o meio urbano mais trepidante accelerava nelles o desenvolvimento de certos aspectos da intelligencia. Mas esse desenvolvimento no sentido de revolta precoce, e a esmo, no sentido, até certo ponto, anti-social — a travessura, o roubo de fructa dos sitios dos lordes, o furto de doce e de bôlo dos tabuleiros das “bahianas” e das quitandas dos portuguezes, as pedradas nas vidraças dos sobrados, a caricatura de muro e de parede, onde era muitas vezes o mulatinho, mais afoito que o preto, quem riscava a carvão ou mesmo a pixe safadezas, desenhos de órgãos sexuaes, calungas obscenos, palavrões. Os muros das casas-grandes de sitio, as paredes dos sobrados, ficavam ás vezes immundas de porcarias riscadas por esses caricaturistas mulatos e pretos dos mucambos, cuja raiva, consciente ou não, das casas lordes tambem se exprimia no habito de muleques, mendigos e malandros, de fazerem dos umbraes de portões illustres, das esquinas de sobrados ricos, dos cantos de muro, uns verdadeiros mictorios e ás vezes até latrinas. Os donos de alguns sobrados viram-se mesmo obrigados a collocar semi-circulos de ferro com espigões, em torno dos umbraes de portões.

O mulato livre de cidade, filho de português, filho de imigrante italiano, crescia nêsse ambiente de maior antagonismo entre mucambo e sobrado grande, entre cortiço e chacara — ambiente que mal chegava a conhecer, na meninice, o mulato de engenho ou de fazenda, tão beneficiado, quando no serviço domestico, por uma mais doce confraternisação entre os dois extremos — os senhores e os escravos. Beneficiado pela selecção de côr e de traços, pela qual se aristocratisavam desde pequenos os mais geitosos, mais vivos, mais intelligentes, mesmo quando não eram filhos de senhores. Mulatinhos que se tornavam discipulos dos padres capellões e até dos mestres regios, dos seminarios, das faculdades, as despesas correndo por conta dos senhores brancos.

Na Africa do Sul, os estudiosos da miscegenação veem reconhecendo — como em commentario recente a um livro de Ray Phillips, o critico do *Journal of the African Society* — que os resultados da miscegenação se apresentam desfavoraveis em consequencia de causas sociaes que teriam de ser reconhecidas, antes de podermos encarar o problema biologico na sua pureza. O verdadeiro mal estaria nos “illicit connections” que constituem lá, como nos outros paizes de população meio-sangue, a grande porcentagem das uniões de brancos com negras. A união illicita cria por si só uma situação de nitida inferioridade para o bastardo, inferioridade que se torna maior, tratando-se de bastardo mestiço. Isto na Africa, como nos Estados Unidos.

Tal o caso, tambem, dos eurasiaticos — hybridos de europeus com hindus, renegados por ingleses e hindus e constituindo hoje uma das populações mais melancolicas do mundo. Um meio termo doentio, menos entre duas raças que entre duas civilisações hirtas. O caso é unico porque nenhuma das duas raças, nem a imperial nem a dominada, nenhuma das duas civilisações, nem mesmo a

christans, dos conquistadores, tão cheia de humildade e de doçura na sua doutrina, se rebaixa para absorvel-os ou se contrae para toleral-os. Cada qual se conserva mais alta e mais rigida diante delles. E o estigma que os marca é para uma, como para a outra civilização, o do coito damnado que os trouxe ao mundo. O destino das mulheres euroasiaticas — este quasi não se afasta do de prostitutas para os brancos. Os homens, por muito favor, chegam a funcionarios publicos subalternos. Mas a população inteira é de individuos doentes, gente morbida. A pathologia da miscegenação se apresenta nesse grupo tristonho e molle de hybridos nos seus traços mais grossos e mais salientes. Talvez na sua expressão mais dramatica. Nelles é que melhor se sente e se vê o problema social dos renegados ao lado do biologico, dos meio-sangues. O mulato americano tem onde se acolher: a sombra cada dia mais poderosa da raça “negra”, da qual mais de um terço são mestiços. O eurasiatico não tem sombra nenhuma onde se refugiar da claridade que o dia inteiro lhes denuncia a “origem infame”. A sombra da noite é a unica que lhe permite confraternisar com os individuos de raça pura: mas só nos requeimes do goso physico.

Não é de extranhar num grupo de renegados desses, a inferioridade physica — que faz delles uma população tão fraca. Tão mofina. Tão sensual e incapaz, — mesmo para o Oriente. O facto se observa nas populações mestiças em geral, ao que parecê, por motivos principalmente sociaes. Sem ser preciso negar ou desconhecer a tendencia de certas raças para certos estados morbidos — o amok por exemplo — que alguns associam de modo absoluto a grupos ethnicos, outros a climas, precisamos de estar attentos ás poderosas influencias sociaes que parecem favorecer o desenvolvimento da tuberculose, e de certas formas de doenças mentaes entre as populações mestiças. Sabe-se que o negro, em regra — pelo

menos o norte-americano, mais estudado que o de outras regiões — é menos predisposto que o branco a doenças de espinha, á obesidade, á surdez, ás doenças dos olhos, das fossas nasaes e da garganta, a uma séria de outros males. Menos susceptível á febre typhoide, á malária, á bexiga, ao cancer. O mulato também apresenta varias dessas felizes predisposições do negro, mas se excede extraordinariamente ao branco nas estatísticas de tuberculose e de doenças venereas. A tuberculose parece ser, não só entre os mulatos americanos, como entre os mestiços em geral, o traço mais commum de fraqueza physica. Davenport, que o salienta nas suas conclusões sobre a miscegenação, salienta que talvez nelle persista a falta de resistencia herdada de uma raça primitiva, em contacto com os portadores europeus da doença.

Mas além dessa possível persistencia, deve-se ter sempre em vista o ambiente social — incluída a situação economica — do mulato, do mesmo modo que a do negro, transplantado para as Americas. Já no caso do rachitismo — tão commum entre os negros das cidades norte-americanas — o estudo do ambiente social do negro urbano, nos Estados Unidos, das sombras enormes que envolvem os cortiços e “quadros” de New York e de outras cidades durante os dias de inverno, o pouco sol, o ar viciado, a alimentação rala, tudo agindo sobre a possível susceptibilidade especial do preto á doença, veio esclarecer a frequencia da deformação de corpo entre os meninos de côr. O maior inimigo dos nenês, seja qual for a sua côr, é a “pobreza”, a que Reuter dá todo o relevo no seu estudo sobre a saúde do negro e do mulato nos Estados Unidos.

As variações regionaes de mortalidade por tuberculose nos Estados Unidos parecem indicar a força com que actuam sobre a doença as influencias de natureza social e

de base economica: a tuberculose, embora em declínio, ainda se apresenta preeminentemente urbana. Doença de cortiço, de "quadro", de "slum". E quem tiver visitado um dia os cortiços negros ou os bairros pretos mais miseráveis, de certas cidades americanas — Waco, Texas, por exemplo — não achará exaggero nenhum no lyrismo com que uma vez se referiu aos mucambos do Recife o General Clement de Grandprey. E depois d'elle, o escriptor Ribeiro Couto. Os 20.000 mucambos dos pretos, dos pardos, dos mulatos de Afogados, do Pina, de Sant'Anna de Dentro, do Oiteiro, de Motocolombó, que são os mais typicos do Brasil. Desses 20.000 mucambos os levantados no chão secco, na terra enxuta, não podem horrorisar a ninguem só pelo facto de serem de palha. O sol entra por elles, como um amigo rico e generoso da casa. Do ponto de vista da tuberculose, a palha é um excellente material de construcção pobre para os tropicos, de habitação para as suas populações mestiças.

Ha — como procuramos suggerir em capitulo anterior — os mucambos construidos dentro da lama. Uns, mais felizes, trepados em pernas de pau sobre os alagadiços e os mangues tem até um ar doce de palhoça lacustre: guardam uma distancia hygienica do chão humido ou da agua pôdre. Mas outros deixam-se ficar bem dentro da podridão, os moradores numa intimidade doentia com a lama; taes os mucambos de Joaneiro, dentro da propria area do Recife. O problema é o ecologico, de distribuição humana desigual, o rico se estendendo pelo secco, o pobre se ensardinhando na lama. As populações miseráveis em lucta com a lama muitas vezes acabam saneando o chão. Mas o chão enxuto e saneado é espaço aristocratisado: o mucambeiro é enxotado d'elle; e veem então ricos que levantam casas de pedra e cal. Os mucambos vão apparecer mais adiante, noutros trechos de lama, dentro doutros mangues. Uma reportagem em forma de romance feita

ha pouco no Recife por Chagas Ribeiro revela um caso desses com luxo de pormenores.

O mesmo se dá nos morros, com as favellas — que são casebres talvez mais anti-hygienicos que os mucambos. Casebres de tabuas pôdres e de folhas de flandres. Casebres quasi tão abafados, durante as noites humidas, como os “quadros” e “cortiços” onde se apertam quasi sem ar e sem sol — esse ar e esse sol que são o luxo facil dos moradores de mucambos — outras camadas de população pobre das cidades brasileiras. População, em grande parte, negra e mulata.

Sendo a tuberculose como é, doença que se aproveita das condições precarias de vida, inclusive, como salienta Alvaro de Faria, “o deficit no balanço nutritivo”, não é de espantar que tambem a nossa população mulata e negra offereça aos cemiterios tão grande massa de tuberculosos. E, ainda, porque os pretos não “teem a defesa especifica que os brancos veem accumulando ha seculos de convivio com doentes da peste branca”, sendo, ao contrario, “terreno ainda virgem” para a infecção, a tão falada susceptibilidade do negro e do mulato á tuberculose é quasi um aspecto desprezível no confronto da resistencia ou do vigor physico dos brancos com os pretos, dos brancos com os mulatos. A verdade é que trazido da Africa para o “ambiente differente, tão cheio de aggressores sociaes e organicos” a que se refere Alvaro de Faria, o negro no Brasil, e o mulato mais escuro, tendo nestes quatro seculos “produzido mais do que consumido das riquezas sociaes”, se apresentam hoje cheios não só de possibilidades, como de affirmações de vigor physico e de capacidade intellectual.

Destaque-se, porém, ainda uma vez que essas affirmações e possibilidades reune-as hoje, no Brasil, mais o mulato que o negro puro, ha quasi meio seculo — o periodo de maior ascensão do homem de côr entre nós — tão raro entre nós. Aliás na propria Republica norte-ameri-

cana, os especialistas no estudo do negro como Herskovits salientam o facto do negro puro constituir provavelmente menos de um quarto da massa de côr, os outros tres quartos sendo de mulatos. Dahi, para Herskovits, o erro de Reuter que, pretendendo demonstrar a superioridade do mulato sobre o negro puro, esquece que este quasi não existe em numero que permita o justo confronto.

As mesmas influencias de ambiente social invocadas no caso da tuberculose, da sua generalisação entre populações mestiças, devem ser tomadas em conta na interpretação das doenças mentaes entre pretos e mulatos. Ulysses Pernambucano, em Pernambuco, constatou em estatística levantada entre os doentes da Tamarineira que no grupo das psychoses toxicas e infecciosas dominam, entre os negros, o alcoolismo, que determina 11,81% dos internamentos, enquanto os brancos e mestiços são apenas 7,01%. E Cunha Lopes verificou no Rio de Janeiro a "habitual alcoolisação das mulheres negras ou sua pouca resistencia ás bebidas alcoolicas", enquanto "o phrenotypo mestiço começa de divergir da raça negra, visto que a mulher mulata já revela attenuado o referido phenomeno em face do grande toxico social". Nessa linha descendente de alcoolismo da mulher preta — que é socialmente a mais degradada, a prostituta de becco, a femea de soldado de policia e de marinheiro bebado — para a branca, que é a mulher socialmente mais fina, talvez se reflecta a influencia do factor social, de modo mais poderoso que qualquer outro. São tambem as mulheres de côr do Rio de Janeiro que mais avultam no quadro da syphillis cerebral. Cunha Lopes verificou ainda o excesso de negros entre os individuos comprehendidos na idiotia e imbecilidade mental, concluindo dessa e doutras observações que, em face da psychopathologia, o mestiço, o mulato brasileiro, vem assimilando constantemente as qualidades do typo branco. O mesmo que se dá anthropologicamente, segundo as indicações das pesquisas de Roquette Pinto:

Divergimos de Ulysses Pernambucano quando affirma que as condições de vida dos negros não differem, sob qualquer ponto de vista, da dos brancos e mestiços das classes pobres — a maioria dos doentes por elle examinados. Quer nos parecer que mesmo entre as classes pobres actuam ás vezes influencias desfavoraveis aos negros — desfavoraveis ao seu successo ou triumpho social e sentimental no amor, por exemplo. Influencias que podem muito bem intervir na sua saude mental e na sua normalidade social de vida.

Ao Congresso Afro-Brasileiro do Recife, dois velhos folk-loristas, Alfredo Brandão e Rodrigues de Carvalho apresentaram uma massa consideravel de trovas, glosas e dictados que accusam o desprezo pelo preto retinto, mesmo da parte dos seus iguaes em condições de vida — mulatos, caboclos, cafusos. Tambem o é o caboclo do matto pelo mulato da cidade — que ostenta sua maior proximidade de sangue e de civilisação do branco — inclusive o facto de calçar sapato:

*“Mulato é filho de branco
Branco é filho de rei
Caboclo eu lá não sei
Por ser um filho do matto,
Elle não calça sapato
Não fala sinão asneira”.*

Mas o negro é que é o mais duramente attingido pela satyra, na qual se exprime o desprezo social por elle, da parte dos mulatos e dos brancos das classes pobres. Isto atravez de numerosos dictados: “Negro quando não suja na entrada suja na sahida”. “Negro de pé é um toco, deitado é um porco”. “Negro só nasceu para espoleta dos brancos”. Ou nas cantorias de feira:

*"Negro velho quando morre
Tem catinga de xexeu,
Permitta Nossa Senhora
Que negro não vá ao ceu"*

E ainda:

*"O branco come na sala
Caboclo no corredor
O mulato na cozinha
O negro no cagador
O branco bebe champagne
Caboclo vinho do Porto
Mulato bebe aguardente
E negro mijo de porco"*

O negro é ridicularizado e desprezado não só pelas suas diferenças somaticas — a venta chata, o beijo grosso, o cabelo pixaim, a bunda grande, de alguns — e pelo seu "cheiro de xexeu", sua "catanga de sovaco", seu "budum" ou sua "inhaca", como por accessorios e formas de cultura africana que, no Brasil, se conservaram peculiares do preto e não foram assimiladas pelos mestiços nem pelos brancos. O berimbau, por exemplo:

*"Sua mãe é uma coruja
Que mora no ôco de um pau
Seu pae um negro d'Angola
Tocador de berimbau"*

Tambem o preto é ridicularizado no folk-lore brasileiro e desprezado pelos seus iguaes em condições sociaes, pelo uso daquelles artigos de vestuario que tomaram entre nós um sentido de, quasi caracteristicos de raça e principalmente de classe: o sapato, o chapéu alto, o chapéu de

mulher, o chapéu de sol, as luvas, o anel com brilhante, a bengala, a sobrecasaca e mesmo o paletó. Nos tempos coloniaes foi a propria lei que chegou a prohibir ao negro, o uso de joias, de espada, de punhal. Numa velha cantiga do Norte se caçoa muito do “negro de chapéu de sol”. O maior absurdo: negro de chapéu de sol. Negro andando de chapéu de sol “não presta, não presta pra nada, neste mundo inteiro”. E em livro recente, *Suor*, Jorge Amado recolheu na Bahia esta trova bem caracteristica:

*“Chique-chique é pau de espinho,
Umburana é pau de abeia,
Gravata de boi é canga,
Paletó de negro é peia”.*

Tambem se diz em Pernambuco, por debique ao preto:

“Negro de luva é signal de chuva”.

Pereira da Costa já registrara em Pernambuco:

*Bacalhau é comer de negro
Negro é comer de onça.*

E Arthur Ramos colheu na Bahia:

*Negro nagô quando morre
Vae na tumba de banguê.*

O leitor, si já tem trinta annos, lembra-se de que no seu tempo de menino, nas zonas brasileiras de localisação mais espessa de população negra, juntava gente e provocava pateada de muleque a preta que atravessasse a rua de chapéu de senhora branca na cabeça — aquelles cha-

peus de senhora cheios de flores, de fitas, de plumas que se usavam ha trinta annos. E chapeu de sol, a negra ou quasi negra só podia gosar pelo Carnaval: chapeu de sol grande, enorme, mais bonito que qualquer guarda-chuva burguês. O chapeu de sol das rainhas de maracatú.

Outros traços e usos tornaram-se peculiares ao preto, ligados ao seu physico, e, por essa ligação, ridicularisados pelo mulato e pelo branco pobre: o palito de dente enfiado no pixaim, por exemplo; o vicio de mascar fumo em contraste com o aristocratico dos brancos, de tomar rapé. Nem todos os vicios dos negros foram adoptados pelos mulatos e pelos brancos pobres, como o da maconha.

Já contra o mulato, não: o folk-lore não accusa o mesmo desprezo pelas suas affirmações exteriores de ascensão social. Referimo-nos, é evidente, ao mulato mais claro: a situação do mais escuro, quando a seu favor não intervenham motivos especialissimos, é quasi igual á do negro.

Nos albuns de familia do tempo do Imperio, não é tão raro deparar a gente com um mulato claro, de sobre-casaca, annel bem grande no dedo, corrente de ouro, cartola ou guarda-sol de lado — todas as insignias de aristocrata branco; ou então, uma mulatona de vestido de seda preta, a saia cheia de refolhos, o cabello ageitado em tufos um tanto anti-europeus, muita joia, o ar perfeito da grande senhora. O conde de Gobineau escreve ter visto entre as damas de honra da Imperatriz tres mulatas evidentes, citando uma dellas pelo nome: Dona Josephina da Fonseca Costa. Aliás, exaggerando um tanto, escreveu o aryanista que falar de brasileiro era o mesmo que falar de homem de côr. Rarissimas as excepções. O sangue negro ou indio corria pelas melhores familias. O Ministro dos Extranjeiros do seu tempo de representante diplomatico no Rio affirma Gobineau que era mulato: o barão de Cotegipe. Mulatos, alguns senadores. Nas

familias mais illustres se encontravam typos amulutados. Das taes damas de honra mulatas, uma era “marron”, outra “chocolat clair”, a terceira “violette”.

Numa epoca como foi o seculo XIX, entre nós, de grande mortalidade não só de creanças, como de senhoras, só o marido vivendo patriarchalmente até idades provectas, casando-se successivamente com tres, quatro, mulheres, e com cada uma tendo cinco, seis, oito filhos; numa epoca como foi entre nós o seculo XIX, não deviam ser raros os casos de irmãos por parte de pae que fossem, uns brancos, outros negroides, outros acabocladados. Sob o mesmo nome patriarchal de familia os tres sangues. Brancos puros com irmão ou irman mulata. Individuos louros, ruivos até, com irmão ou irman de cabello encarpinhado e beiços grossos. Esses casos de tres mulheres para um marido tornam difficeis generalisações sobre certas familias. Vê-se como era facil, debaixo do mesmo tecto de casa-grande ou de sobrado, haver irmãos diversos na raça, na côr, nos traços, na qualidade do cabello, no proprio teor de sangue.

Resultavam, na verdade, desse facto, ou da circumstancia de ser mulata a mãe ou a avó da casa, situações muitas vezes dramaticas, de que vamos encontrar o reflexo em alguns romances e contos brasileiros. Individuos alourados evitando que as visitas lhes vejam a avó ou a mãe, mulata gorda, culatrona. Outros, o irmão ou a irman escura, o “tira-teima” da familia, o tal ou a tal em quem viriam se revelar com toda a nitidez de traços ou de côr a origem menos nobre ou menos aryana. Ainda outros, ostentando com a emphase de brancos-novos — especie de christãos-novos da côr orthodoxa e socialmente dominante — não só as joias, o chapéu de sol, as polainas, a bengala, o dente de ouro, o annel de diamantes, outrora prohibidos por lei ou pelo costume, aos pretos e mulatos escuros, como idéas e escrupulos de branquidade exagge-

radamente arianos. Isto, os mais sofisticados; os mais simples fingindo não tolerar catinga de negro; simulando um horror physico aos pretos, procurando requintar-se no uso daquelles accessorios de *toilette* que o negro chapado é, pela sua condição physica, incapaz de usar sem ridiculo ou incommodo evidente: o pince-nez, por exemplo; certas formas de penteado e de barba; a botina de bico fino.

Referimo-nos ao arrivismo de brancos-novos. Só, ou associado a outras formas de arrivismo — a de novo-culto, a de novo-poderoso, a de novo-rico, e, ao nosso ver, igualmente social na sua origem e nos seus motivos — encontram-o em alguns dos nossos mulatos mais illustres, que pela ascensão economica ou intellectual, tornaram-se officialmente brancos. Mas não se encontra nem sombra d'elle em Machado de Assis, por exemplo: a sobriedade o equilibrio, a reticencia desse mulato pallido já se tornaram classicas. Nem no barão de Cotegipe — tão fino, tão malicioso, tão subtil, incapaz do menor gesto ou signal de arrivismo. Nem em Gonçalves Dias, Juliano Moreira, Domicio da Gama, Dom Silvero Gomes Pimenta. Nem mesmo nesse outro bispo, mulatão, gordo e côr-de-rosa, doido por feijoada, que ainda conhecemos menino: Dom Luiz Raymundo da Silva Brito. Entretanto o arrivismo de mulato, com todo o seu “complexo de inferioridade”, ligado ao arrivismo de novo-culto, esplende de um modo tão forte que doe na vista, na grande figura de Tobias Barretto. Na de Nilo Peçanha, porém, o arrivismo de novo-poderoso, deixou-se adoçar por uma sympathia que é um dos melhores caracteristicos do mulato brasileiro, quando já triumphante ou em caminho do triumpho.

A sympathia á brasileira — o homem sympathico de que tanto se fala entre nós, o homem — “feio, sim, mas sympathico” e até “ruim ou safado, é verdade, mas muito sympathico”; a “cordialidade”, a que se referem Ribeiro Couto e Sergio Buarque de Hollanda — essa sympathia

e essa cordialidade, transbordam principalmente do mulato. Não tanto do retrahido e pallido: do côr-de-rosa, do marron, do esbranquiçado. Ninguém como elles é tão amavel; nem tem um riso tão bom; uma maneira mais cordial de offerecer ao extranho a classica chicrinha de café; a casa; os prestimos. O proprio conde de Gobineau que todo o tempo se sentiu tão mal entre os subditos de Pedro II, vendo em todos uns decadentes por effeito da miscegenação, reconheceu, no brasileiro, o supremo homem cordial: “très poli, très accueillant, très aimable”. Evidentemente, o brasileiro typico, que é aquelle que tem sua pinta de sangue africano; não o branco puro, cheio de reservas; nem o caboclo desconfiado e rindo pouco.

Essa sympathia do brasileiro — evidentemente maior no mulato “em quem a lympha aryana” — escreve Gilberto Amado — “não dissolveu ainda a abundancia animal do temperamento negro” — não nos parece ter origem principalmente ethnica. Não nos parece que se derive da pura “alegria carnal das primeiras africanas que riam com os seus bellos dentes e se espanejavam contentes na doçura das novas senzalas onde os senhores iam procurar-as com o seu amor”. “O riso abundante”, que Amado salienta no mulato brasileiro, cremos que é antes um desenvolvimento social; e estamos de inteiro accordo com o eminente ensaista quando escreve dos mulatos risinhos: “o que lhes resta do habito de servir, adquirido na longa passividade da escravidão, dá-lhes um character prestativo e obsequioso”, certa “molle doçura que oppoem aos obstaculos”. Naquelle riso abundante” haverá extroversão africana; talvez maior plasticidade de musculos da face, do que no branco. Mas o que elle exprime parece que é principalmente um desenvolvimento ou uma especialização social. Terá se desenvolvido principalmente dentro das condições de ascensão social do mulato: condições

de ascensão atravez da vida livre e não apenas nas senzalas e nos harens dos engenhos.

O mulato formado, em competição com o advogado branco, com o medico, com o politico, procurou vencer o competidor, agradando, mais que elles, aos clientes, ao publico, ao eleitorado, ao povo; e em seu auxilio moveram-se, sem duvida mais facilmente que no branco os musculos do rosto negroide. Seu riso foi não só um dos elementos, como um dos instrumentos mais poderosos de ascensão profiissional, politica, economica; uma das expressões mais caracteristicas de sua plasticidade, na transição do estado servil para o de mando ou dominio, ou pelo menos de igualdade com o dominador branco, outrora sosinho, unico. Na passagem não só de uma raça para a outra como de uma classe para outra.

Ao mesmo tempo que facil no riso — um riso, não já servil, como o do preto, mas quando muito, obsequioso e, sobretudo, creador de intimidade — tornou-se transbordante no uso do diminutivo — outro creador de intimidade. O “desejo de estabelecer intimidade”, que Sergio Buarque de Hollanda considera tão caracteristico do brasileiro, e ao qual associa aquelle pendor, tão nosso, para o emprego dos diminutivos — que serve, diz elle, para “familiarisar-nos com os objectos”.

Podemos accrescentar que serve tambem para familiarisar-nos com as pessoas — principalmente com as pessoas socialmente mais importantes — “sinhosinho”, “doutorsinho”, “capitãosinho”, “yoyôsinho” “seu Pedrinho”. E esse desejo de intimidade com as pessoas nos parece vir, não só de condições communs a todo povo ainda novo, para quem o contacto humano tende a reduzir-se á maior pureza de expressão, como particularmente, de condições peculiares ao periodo de rapida ascensão de um grupo numeroso, da população, — o grupo mulato — ancioso de encurtar, pelos meios mais doces, a distancia social entre

elle e o grupo dominante. No uso brasileiro de diminutivo, uso um tanto dengoso, ninguém excede ao mulato. Elle foi pelo menos quem deu mais força e nitidez a esse nosso pendor; quem o enriqueceu de tendencias e de significados sociaes. Para os seus interesses, para as suas difficuldades de individuo em transição de uma classe para outra, quasi de uma raça para outra, o diminutivo, adoçando as palavras, representava a maneira de ser ainda respeitoso, sendo já intimo, dos antigos senhores e tambem dos assumptos, outrora distantes e nos quaes só os brancos tocavam.

Essas qualidades e essés recursos plasticos de mulato em ascensão para branco, e de filho ou neto de escravo, em ascensão para senhor, encarnou-as Nilo Peçanha do modo mais expressivo. Quasi ninguém se lembra de o ter visto sinão sorrindo ou então rindo, os dentes enormes todos de fóra. E sua conversa dizem que era das que logo estabelecem intimidade entre as pessoas e em torno dos assumptos, pelo uso exuberantemente brasileiro de diminutivos. No que, aliás, se requintava — por mulatismo moral, é claro — o seu antecessor no Itamaraty: o teuto-catharinense Lauro Muller.

Essa exuberancia de diminutivos, indo até a denguice, no trato social como na litteratura, em muitos casos se apresenta ligada, no mulato em ascensão, a extremos no sentido opposto, que vem a ser o uso immoderado de termos difficeis, de palavras solemnes, de expressões de alta cerimonia, o Vossa Excellencia pra cá, Vossa Excellencia pra lá, que Sylvio Romero já observava em alguns mulatos do seu tempo. É talvez a expressão mais commum de arrivismo não só intellectual como social, no mulato. Expressão, porém, de cunho social — e não revelando, como pretendem interpretar alguns, a incapacidade de assimilação intellectual do mestiço, sempre mais proximo da raça negra ou parda, do que da branca. Tambem

a surprehendemos no adolescente, no seu periodo de arrivismo intellectual e social; no meninote que aos primeiros signaes de homem, aos primeiros estudos de curso superior, dá para falar difficil e solemne. Arrivismo que se observa não só no adolescente semi-bacharel, como na mulher bacharela. Não ha que extranhal-o no bacharel mulato.

A dengueice do mulato, é certo que vae ás vezes ao extremo da mollicie — certas ternuras de moça, certos modos doces, gestos quasi de mulher agradando homem, em torno do branco socialmente dominante. Alguma coisa tambem do adolescente diante do homem sexual e socialmente maduro, o homem completo e triumphante que elle, adolescente, no intimo quer exceder; que imita, exaggerando-lhe os caracteristicos de adulto — a voz grossa, a força, a superioridade intellectual e physica; e junto a quem se extrema em agrados e festas, em desejos de intimidade. Socialmente incompleto, o mulato procura completar-se por esse esforço doce, oleoso, um tanto feminino. Até que attingida a madureza social, pelo menos nas suas qualidades e condições exteriores, elle se torna muitas vezes o arrivista, o rastacuera, o novo-culto, extremando-se alguns naquella “hyperesthesia do arrivismo” a que se refere um publicista hispano-americano.

Mas não é dahi — desse arrivismo a que seria difficil dar uma interpretação biologica — que se pode concluir pela incapacidade do mulato para estabilisar-se num typo igual do branco, social e intellectualmente completo. De capacidade inte'lectual, o mulato tem dado no Brasil, como noutros paizes de miscegenação, quasi todas as evidencias, chegando mesmo, com Machado de Assis e Cotegipe, ao mais alto “humour” — humour puro e não fingido — e com Auta de Souza á mais elevada espiritualidade poetica.

Faltam-nos *tests*, segundo a technica mais recente, que nos habilitem a falar sobre base mais segura e com

referencia, não já a homem notaveis e sós, mas a grupos inteiros, grupos verdadeiramente representativos, acerca das differenças mentaes que os tres grupos apresentem porventura entre nós. Remexendo-se velhos papeis — relatorios de mestres dos primeiros tempos do Imperio, por exemplo, alguns meticolosos, indicando com todo o cuidado o aproveitamento de alumnos classificados pela côr: brancos, pardos e pretos, um ou outro indio — encontram-se evidencias, não de inferioridade intellectual do mestiço — que seria tanto o mulato como o cafuso e o curiboca, mas principa'mente o mulato — mas de sua aptidão para os estudos. Dois desses relatorios, sobre grupos mais representativos de pardos, comparados com brancos e pretos, publicamos no fim deste estudo.

A mesma aptidão fô-a encontrada nelles, como vimos, pelos mestres beneditinos dos tempos coloniaes. E si essa aptidão revelava-se mais fraca no preto, convém não esquecer a maior oportunidade dos mulatos mais claros para os contactos sociaes melhores e mais favoraveis ao desenvolvimento da intelligencia.

Na resistencia á tuberculose, no que essa resistencia pode depender da alimentação e das condições de vida, é que o mulato livre, mas pobre, do tempo da escravidão, teria contra si desvantagens, em comparação com o escravo preto, melhor a'imentado e nutrido nas senzalas das casas-grandes e mesmo dos sobrados. Na resistencia á tuberculose e na longevidade.

Luiz Robalinho Cavalcante, assistente do Professor Antonio Austregesilo, em estatistica procedida no Hospital de Psycopathas do Rio de Janeiro, em 1.198 doentes acima de cincoenta annos, verificou maior longevidade nos brancos e nos pretos do que nos pardos (mestiços de branco x negro, branco x indio, indio x negro, ou do inter-cruzamento). Para explicar os resultados da pesquisa, valeu-lhe em parte a suggestão de Roquette Pinto: a des-

igualdade de garantias sociaes de longevidade entre mulatos e brancos brasileiros. Mas entre mulatos e pretos? Talvez a melhor adaptação do negro ao meio tropical. Não nos esqueçamos, porém — por maior importancia que se attribua á essa melhor adaptação — da differença de condições sociaes, sob o regimen patriarchal de escravidão, entre negros escravos e grande numero de pardos livres e desamparados. Differença cujos effeitos talvez repercutam ainda vantajosamente sobre os negros de idades quasi biblicas que todos conhecemos: os pretos velhos que ostentam setenta, oitenta e até noventa annos, sobre pés ainda capazes de dançar seu batuque ou seu xangô.

Observa-se, entretanto, nas gerações mais novas de brasileiros, gerações menos attingidas por aquella differença de garantias sociaes, a ascensão do mulato não só mais claro, como mais escuro, entre os atletas, os nadadores, os jogadores de *foot-ball*, que são hoje, no Brasil, quasi todos mestiços. O mesmo é certo do grosso do pessoal do Exercito, da Marinha, das Forças Publicas e dos Corpos de Bombeiros: dos seus campeões nos *sports*, entre os quaes os negros retintos parece que são cada vez mais raros. Predomina o pardo. O mestiço. Pardos e mestiços fortes, enfrentando vantajosamente os brancos e os pretos nos jogos, nos torneios, nos exercicios militares.

Não convem esquecer a resistencia dos cabras de engenho — mulatos e cafusos quasi todos — e a dos estivadores de muitas das nossas cidades — quasi todos mulatos. Como não convem esquecer que passa por negro no Brasil muito mulato escuro, sendo hoje quasi impossivel encontrar entre nós, africanos ou pretos em sua pureza anthropologica. Muitos dos assim considerados são mestiços, dando a falsa impressão de negros pela maior riqueza da pelle em melanina. Mas, levantado seu perfil anthropologico, identifica-se o mestiço, descobre-se o mulato. Mulato escuro, mas mulato. Roquette Pinto chega a affir-

mar: "é quasi certo que não existem hoje negros puros no Brasil". Um ou outro talvez. O negro, no Brasil, está quasi reduzido ao mulato. O problema do negro, entre nós, está simplificado pela miscegenação larga — que alagou tudo, só não chegando a um ou outro resto mais só e isolado de quilombo, ou a um ou outro grupo de brancos mais intransigente nos seus preconceitos no problema do mulato. Os proprios grandes *leaders* dão que o negro conserva de mais intimamente seu entre nós — as tradições religiosas — são hoje mulatos. Mulatos, alguns delles já muito desafricanizados nos seus estylos de vida, mas que se reafricanisaram indo estudar na Africa. Tal o Pae Adão, do Recife, que se fez pae-de-santo em Lagos; que fala africano, com a mesma facilidade com que fala português.

Mas essas tradições religiosas, como outras formas de cultura, ou de culturas negras, para cá transportadas, junto com a sombra dos proprios irôcos sagrados, com o cheiro das proprias plantas mysticas — a maconha ou a diamba, por exemplo — é que veem resistindo mais profundamente á desafricanisação. Muito mais que o sangue, a côr e a forma dos homens. A Europa não as vencerá. O Brasil nunca será, como a Argentina, um paiz quasi europeu, nem como o Mexico, quasi amerindio. A substancia da cultura africana permanecerá em nós atravez de toda a nossa formação. O mulato nem sempre será, com os Machado de Assis — sophisticated á inglesa — com os Cote-gipe, os Montezuma, os Bilac, o cúmplice do branco contra o preto. Tambem, o cúmplice do negro contra o branco. Essa sua influencia africanisante vem se exercendo atravez das mulatas que ainda hoje ensinam os meninos brancos a falar, e dentro desse primeiro ensino de português transmittem-lhes superstições, cantos, tradições africanas; atravez das mulatonas gordas que cozinham para as casas dos brancos, africanizando com seus temperos as proprias re-

ceitas francesas; atravez das oitavonas bonitas que pelo prestigio da belleza e do sexo sobem dos mucambos até os sobrados de azulejo — amantes de negociantes, de officiaes da Policia e do Exercito, de funcionarios publicos, de portuguezes ricos, italianos, e allemães. Mulatas que, nessa ascensão, levam de seu meio de origem muita coisa africana para os ambientes europeus, reavivando nuns e introduzindo noutros a preferencia por quitutes quasi puramente africanos, por temperos africanos, por utensilios de cozinha africanos, pela chinela, pelo culto dos santos Cosme e Damião, pelo excesso de joia na decoração do corpo, pe'lo de vermelhos, amarellos e roxos vivos na decoração da casa, dos pannos de vestido e da roupa de cama. E ainda o abuso de material e de estylos decorativos africanos, adaptados a coisas européas — o emprego de conchas no enfeite de moldura de retrato ou de photographia, por exemplo; o culto de *orixás* africanos — culto de mucambos — disfarçado sob as formas de culto de santos catholicos. Vieira Fazenda, no Rio, e Nina Rodrigues na Bahia, foram encontrar dentro de sobrados illustres, os quartos de santos e as capellas de certas casas-grandes patriarchaes das cidades, transformadas, em certos dias do anno, nuns verdadeiros *pegiss*. O vigario orthodoxo que entrasse num delles havia de gritar de horror. As mesmas velas de illuminar Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços, illuminando santos africanos dissimulados em catholicos; imagens vindas não de Portugal nem da Italia, nem douradas na França, mas algumas vindas da Africa e varias feitas aqui mesmo, a quécé, de cajá ou de cedro por mão de mulato. Porque o mulato, sobretudo o amarricado, foi uma das funcções em que se especializou entre nós: a de santeiro. A de escultor de santonofres, de santoantoninhos, de nossas-senhoras de cajá. Santeiro para mucambos e santeiro para os sobrados aonde foram chegando formas semi-africanas de religião — tantas ve-

zes por intermedio daquellas quadaronas e oitavonas que a belleza e o sexo elevaram de mulatinhas de mucambo a “senhoras morenas”, donas de çasas assobradadas. E que ahi se constituíram, pelo muito que lhes ficou de sua formação meio-africana, em elementos africanisantes, ás vezes a contra-gosto dellas, que prefereriam se parecer em tudo ás brancas.

Já hoje ninguem tem a illusão de sermos nós brasileiros, (quasi todos mulatos ou parentes de mulatos) um povo verdadeiramente latino, muito menos rigorosamente christão, no sentido em que o é, por exemplo, o povo francês. (Não nos esqueçamos, de passagem, com relação aos franceses, que o christianismo que Renan encontrou á sombra severa de Saint-Sulpice era um tanto differente do christianismo da gente do povo da Bretanha). O catholicismo, cremos ter sido um elemento poderoso de integração brasileira; mas um catholicismo que ao contacto — desde as Hespanhas — com as formas africanas de religião, como que se amorenou e se amulatou, os santos adquirindo dos homens da terra uma côr mais quente de carne, que a européa. Adaptou-se assim ás nossas condições de vida tropical e de povo de formação hybrida. De modo que a porta de vidro dos santuarios se abriu, no Brasil, se escancarou mesmo, para deixar entrar *orixás* de cajá disfarçados em S. S. Cosme e Damião; São Benedictos prettissimos, Santas Ephigenias retintas, Nossas Senhoras do Rosario morenas. Santos de côr que tomaram lugar entre santoantonios côr-de-rosa e cherubinsinhos louros, ruivos, numa confraternisação que nem a dos homens. Os santos e os anjos, tradicionalmente louros, foram aqui obrigados a imitar os homens — nem todos brancos, alguns pretos, muitos mulatos — tornando-se, elles tambem, brancos, pretos, mulatos. Até Nossa Senhora amulatou-se, engordou e criou peitos de mãe preta nas mãos dos nossos santeiros. E do proprio Christo

a imagem que mais se popularizou nos altares do Brasil foi a do judeu bem moreno, o cabelo e a barba pretos, ou então castanhos, e não a do Nosso Senhor ruivo, que se suppõe ser o historico ou orthodoxo. É possível que qualquer insistencia da parte dos padres em impôr á gente do povo santos todos orthodoxamente louros, tivesse resultado em desprestigio para o catholicismo, formando-se talvez em volta dos altares e dos santos, o mesmo ambiente de distancia e de indiferença que foi crescendo em torno do throno e dos imperadores e regentes louros, a tal ponto de poder dizer-se, com muito exaggero, mas não sem certo fundo de verdade, que o primeiro imperador fôra desthronado por não ser nato, o segundo, por não ser mulato.

Para Azevedo Amaral, os heroes authenticos para a gente do povo, no Brasil, os que "se fixam como idolos na consciencia popular" são "os que exprimem nas suas attitudes e nos seus gestos os traços mais fortemente anti-europeus do psychismo brasileiro". Os traços negroides e caboclos. E contrasta a indiferença pela figura de branco de Caxias com o enthusiasmo pelos traços caboclos de Floriano. Talvez exagere o arguto publicista. Nada, porém, mais natural que essa preferencia pelos heroes em cujas figuras a massa encontre o maximo de si mesma. Seu nariz, sua bocca, seus olhos, seus vicios, seus gestos, seu riso. Ha mesmo ahi uma das formas mais poderosas de integração vencendo a diferenciação: o heroe, o santo, o genio se diferencia pelo excepcional da coragem, da santidade, da intelligencia; a massa, porém, o reabsorve pelo muito ou pelo pouco que encontra nelle de si mesma. Afinal, não existe heroe, nem genio, nem mesmo santo, que não tenha tirado da massa alguma coisa de sua grandeza ou de sua virtude; que não guarde traços da massa. Alguns chegam a considerar o genio um ladrão: ladrão do thesouro que o povo juntou e elle só fez revelar. A

riqueza transbordou nelle, mas vinda de outros. De qualquer geito, a massa recupera o que o heroe ou o genio lhe tira, exaggerando os traços de semilhança e os pontos de contacto entre os dois: os traços caboclos de Floriano ou de Carlos Gomes, como os negroides de Montesuma, de Torres Homem, de Rebouças, de José do Patrocinio. Ha no culto dos heroes um pouco de agrado de gato — o classico agrado do gato ao homem: parecendo estar fazendo festa á perna do dono, o gato está mas é afagando voluptuosamente o proprio pêlo. Assim a massa negroide ou cabocla quando encontra um heroe ou santo de bello de indio ou de barba encarapinhada regosija-se nelle mais do que num heroe louro: é um meio de afagar os proprios pêlos nos do heroe, nos do genio, nos do santo.

Essa tendencia não se limita aos paizes de miscegenação, como o nosso, com relação aos typos negroides ou indianoides em quem a massa surprehenda, não sem certo narcisismo, talento superior ou qualidades de direcção iguaes ás dos brancos — outrora os senhores unicos ou exclusivos; os generaes, os sabios, os doutores, os barões, os bispos. É a “consciencia de especie” agindo de baixo para cima. Essa tendencia se encontra nos paizes onde domina no povo o typo louro, com relação aos vultos superiores que sejam tambem louros: são os preferidos. Do mesmo modo que os vultos superiores mais afastados desse typo difficilmente ganham popularidade em paizes de gente ruiva. O segundo Coleridge — quasi tão genial quanto o primeiro — nunca teve na Inglaterra a popularidade merecida; e a razão está, pelo menos em parte, na barba de turco que lhe dava ao rosto, mesmo escanhado, uma sobra anti-inglesa e quasi negroide. Os seus biographos destacam não só os vexames como a antipathia que lhe valeu barba tão dura no rosto desde os tempos de adolescente.

Na Russia, si um mulato, como Pushkin, alcançou popularidade tão facil, tornando-se o maior poeta de todas

as Russias, é que o povo, em grande parte, louro, se habituara entretanto aos homens de genio de feições nitidamente mestiças e profundamente anti-européas: mongoloides do typo que teria em Dostoiewski sua expressão mais completa; do typo de Gorki e de Lenine, em nossos dias.

Não ha duvida de que no Brasil “em contraposição a mestiçagem ethnica” persistem, como salienta Azevedo Amaral, as culturas “identificadas com as tres raças formadores da ethnia nacional”. Principalmente a européa e a negra — as negras, diria Herskovits. Duvidamos, porém, que se possa dizer dessas culturas que se mantem entre nós “isoladas e oppondo umas ás outras os seus valores ethicos, metaphysicos, sociaes, economicos e politicos”. Precisamente o caracteristico mais vivo do ambiente social brasileiro parece-nos hoje a reciprocidade entre as culturas, e não o dominio de uma pela outra, ao ponto da debaixo nada poder dar de si, conservando-se, como noutros paizes de miscegenação, num estado de crispação ou de recalque. Reciprocidade entre culturas que se tem feito acompanhar de intensa mobilidade social — entre classes e entre regiões. Mobilidade vertical e mobilidade horizontal. Talvez em nenhum paiz da extensão do nosso, o individuo do extremo Norte — do Pará, digamos — se sinta tão á vontade no extremo Sul e encontre tantas facilidades de ascensão social e politica. Entretanto é o caso de centenas de bachareis cearenses, paraenses, sergipanos, bahianos, pernambucanos — tantos delles mulatos ou caboclos — que tem feito carreira no Rio Grande, no Paraná, em São Paulo e até governado esses Estados e os representado no Congresso. Talvez em nenhum outro paiz seja possivel ascensão social mais rapida de uma classe a outra: do mucambo ao sobrado. De uma raça a outra: de negro a “branco” ou a “moreno” ou “caboclo”. Juliano Moreira dizem que era filho de uma negra de tabuleiro. Luiz Gama, de uma simples escrava. O negro Rebouças,

conta-se que acabou dançando quadrilha nos bailes da côrte com a loura Princeza Izabel.

Por outro lado encontram-se brancos, no Brasil, — brancos, quasi brancos e até louros — que desceram de classe, em vez de se conservarem na de origem; e são hoje os “brancos”, os “amarellos”, os “come-sapo-com-banana”, tão desdenhados pela gente da classe inferior, de côr mais carregada que a delles. Como a maioria dos negros, dos mulatos e dos caboclos mais escuros, elles moram em mucambos; em casa toda de palha, ou coberta de palha de côco, como as da Africa, comem com os dedos em cuias á maneira dos indios e dos negros; andam de pé no chão; dormem em rêde ou em palha de coqueiro. E como os africanos, elles se servem de folhas de bananeira em vez de pratos; seus meninos já taludos andam nús; suas mulheres dão preferencia aos vestidos vermelhos, como as indias e as negras. Mulheres e homens preferem se receitar com os curandeiros e com aservas do matto a se servir dos remedios de frasco, preparados nas boticas e nos laboratorios; outros preferem os paes-de-santo aos vigarios. Onde a cultura, o estylo de vida, rigidamente identificado com a raça?

Si é certo que somos assim moveis nos dois sentidos — no horizontal como no vertical — é que não são tão rigidas as psychologias de raça e de classe no nosso paiz. O pernambucano julga encontrar mais affinidades com o riograndense-do-sul, ou então com o paulista, do que com o bahiano. E não deixa de ter suas razões. O pernambucano é, como o gaúcho, e ao contrario do bahiano, amigo da lucta e cavalheiresco. Como o paulista, secco e calado e não como o bahiano, facil de acamaradar-se com todo o mundo. Rigida a psychologia de raça a que Azevedo Amaral attribue importancia tão grande em nossa formação, pretendendo explicar as divergencias psychologicas mais profundas, entre os varios grupos de brasileiros, con-

forme a parcella desta ou daquella raça que predomina em cada um; rigida a psychologia de raça, como esclarecer aquellas evidentes affinidades do pernambucano com o riograndense-do-sul, quando absoluta a repercussão da raça sobre o comportamento do homem, as affinidades do pernambucano deveriam ser todas com o bahiano do Recôncavo e não tanto com o gaúcho hespanholado do extremo Sul?

É que talvez as affinidades venham antes de pontos de semilhança na formação social dos dois: do pernambucano e do riograndense-do-sul. Formação menos voluptuosa e menos descansada que a do bahiano; mais guerreira, mais independente, mais avivada pela responsabilidade de estar sempre defendendo a terra com o proprio esforço e o proprio sangue. Atravez dessa formação, teriam se desenvolvido nos dois grupos tradições de lucta, de independencia, de caudilhismo, de separatismo e, ao mesmo tempo, de liberalismo. Apontam-se hoje verdadeiros traços de união entre as revoluções pernambucanas e as riograndenses-do-sul, nos principios do seculo XIX. Entre os dois separatismos, os dois republicanismos — o do Norte e o do Sul.

Pelo menos no caso da affinidade, vamos provisoriamente dizer psychologica, de um grupo de nortistas de composição ethnica quasi igual á dos bahianos, com sulistas de formação ethnica predominantemente européa, pelo menos quasi isenta de sangue africano, o factor raça empallidece sob a actuação, evidentemente mais poderosa, de semilhanças de formação historica.

Já hoje não se dá tanto credito, como outrora, á facil psychologia de raça que por tanto tempo consistiu em associar de modo absoluto á raça do individuo ou do povo, qualidades ou defeitos. Facil psychologia, segundo a qual o homem mediterraneo seria sempre, por dura determinação de raça, volátil, apaixonado, instavel, imaginoso, com

muita queda para as artes plasticas e graphicas, mas sem a pertinacia dos nordicos, nem a sua coragem, o seu amor de independencia, a sua fleugma, a sua capacidade de direcção. De positivo, ou atravez de meios technicos de mensuração e comparação, pouco se sabe ainda das differenças mentaes e de temperamento entre raças; e nada dessas differenças, em termos claros de superioridade e de inferioridade. As superioridades e inferioridades de raça se acham consagradas apenas, umas pelo bom senso popular, outras só pela meia-sciencia, sempre tão emphatica, dos psychologos de segunda e dos sociologos de terceira ordem. No mesmo caso se acha o caso da relação da intelligencia e do temperamento do mulato com a intelligencia e o temperamento das raças mais puras; a idéa de que o mulato reúne sempre todos os defeitos, sem possuir nenhuma das qualidades, do branco e do preto. A idéa tambem, de que o mulato não passa de uma sub-raça instavel, incapaz dos grandes esforços de criação intellectual e de direcção politica. Só das improvisações e dos brilhos faceis.

Entretanto, nunca será insistencia demasiada recordar este facto: dentro do regimen de economia escravocrata, a parte branca, e quando muito a mameluca, da população brasileira, é que desfructou as melhores oportunidades — pelo gosto dos jesuitas teria desfructado as unicas — de desenvolvimento intellectual e social. Mesmo assim, alguns dos maiores exemplos de capacidade intellectual e artistica em nosso paiz, deram-nos, sob a sombra abafada daquelle regimen de privilegios para os brancos e para os mamelucos, homens do genio de Antonio Vieira — neto de negra; mulatos como Caldas Barbosa, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Montezuma, os Rebouças, José Mauricio, Torres Homem, Olavo Bilac, Juliano Moreira. Todos elles foram capazes de esforços notaveis de criação intellectual e artistica; e foram tambem expressões da

maior firmeza de qualidades moraes. Honestos na sua vida pessoal como na publica e na artistica.

Deve-se, aliás, salientar este aspecto honroso para a honestidade intellectual do mestiço brasileiro: ser capaz de assumir attitudes contra o facil narcisismo que o levaria, tão docemente, a considerar-se a solução ideal para o problema de relações entre as raças. Com effeito, os maiores apologistas do "aryanismo" entre nós teem sido mestiços como, em certa phase de sua vida de guerrilheiro intellectual, Sylvio Romero e recentemente, Oliveira Vianna e Jorge de Lima.

Ninguem ousará negar que varias qualidades e attitudes psychologicas do homem possam ser condicionadas biologicamente pela raça. Condicionadas, porém, e não determinadas de modo exclusivo ou absoluto. Libertandonos do determinismo ethnico, como do geographico e do economico e vendo na raça, como no meio physico e na technica de producção, forças que condicionam o desenvolvimento humano, sem o determinarem de modo rigido e uniforme, ao contrario, influenciando-se reciprocamente e de maneira sempre diversa, ficamos com liberdade para interpretar esse desenvolvimento, segundo o seu proprio dynamismo.

Muitas das qualidades ligadas á raça, ou ao meio, vê-se então que se desenvolveram historicamente, ou antes, dynamicamente, pela cultura, no grupo e no homem. Condicionadas talvez pela raça e certamente pelo meio, mas não creadas por uma ou determinadas pelo outro. A raça dará as predisposições; condicionará as especializações de cultura humana. Mas essas especializações desenvolve-as o ambiente — o social mais do que o puramente physico — peculiar á região ou á classe a que pertença o individuo.

Assim o mulato — especialização sobretudo social, com defeitos mentaes e de temperamento, principalmente

sociaes. E o mulato é, em traços mais evidentes, o que a raça é, em traços mais pallidos: a negação do biologicamente estatico. A affirmação mais clara da mobilidade biologica das raças. "A raça é dinamica", salienta Dixon, desenvolvendo-se e alterando-se pela renovação de elementos primordiaes da mesma raça ou pelo accrescimento de elementos de outra raça.

A mobilidade das raças, offerece nos seus primeiros momentos de transição — a phase brasileira, que tanto alarmou o conde de Gobineau e o professor Agassis — aspectos dramaticos. As combinações tendem, porém, quando profunda e demorada a miscegenação, a typos novos relativamente estaveis que já se esboçam em certas regiões do Brasil.

Hooton — para quem a miscegenação cria novas raças — salienta que se observam em productos de cruzamento entre raças primarias, combinações e traços que recordam os das grandes raças secundarias. Por exemplo: typos cruzados de branco, negro e indio, que muito se assemelham ao polynesio, hoje classificado como raça. E' o que já vae succedendo entre nós, nas regiões de cruzamento mais longo e maior daquelles tres typos: o novo typo adquire traços semelhantes aos dos polynesios e esboça tendencias para a estabilisação em raça. Relativa estabilisação, é claro, porque nem no caso das raças chamadas puras ella é absoluta.

Para essa relativa estabilisação de traços combinados e não propriamente para uma "synthese cultural" que importe em alguma coisa de definitivo, de bronzeo, de estatuesco, de acabado, é que se dirigem tambem as culturas diversas que veem concorrendo para a formação brasileira, mais pela reciprocidade que pelo choque de antagonismos. O dynamismo dessas culturas a se combinarem é ainda maior que o das raças.

Os choques de antagonismos na vida social ou cultu-

ral do Brasil são ainda frequentes; reflectem-se na politica, estimulando attrictos e rivalidades entre grupos e regiões. Rivalidades entre "gauchos" e "bahianos"; entre paulistas e "cabeças chatas". Mas a sua interpretação não se póde fazer pelo criterio simplista de conflictos entre raças que fossem biologica ou psychologicamente incapazes de se entenderem e de se conciliarem. Como não se póde fazer pelo criterio, igualmente simplista, da pura lucta de classes. A disparidade vem antes do conflicto entre as phases ou os momentos de cultura que, encarnados a principio pelas tres raças diversas, hoje o são por populações ou "raças" puramente sociaes. Por differenças regionaes de progresso technico. Pela maior ou menor facilidade de contactos sociaes e intellectuaes de grupos ou regiões.

Tambem a disparidade procede das distancias sociaes ainda grandes que se accentuaram, entre nós, com o desenvolvimento da economia industrial. As cidades passaram a conservar dentro dellas, no alto dos morros, á sombra dos seus boeiros de fabricas e de usinas, mucambarias e favellas profundamente diferenciadas da parte nobre da população. Uma especie de inimigos á vista; de mouros sempre na costa ou sempre nos morros. Populações diferenciadas de tal modo da dominante pela diversidade de condições materiaes de vida — coincidindo, pelas consequencias da escravidão, com a diversidade de côr — que a psychologia de grupo, e não de raça, é que provisoriamente, pelo menos, se mostra mais viva e mais distincta entre os brasileiros: os da area mais europeizada com relação aos das manchas, não tanto de sangue, como de vida mais africana ou mais elemental.

Mesmo, porém, nessa phase de maior diferenciação social entre sobrados e mucambos, não teem faltado elementos de intercomunicação entre esses extremos sociaes ou de cultura. De modo que os antagonismos não

foram nunca absolutos, nem o são hoje. E um dos elementos mais poderosos de intercomunicação, pelo seu dynamismo de raça e, principalmente de cultura, tem sido e é o mulato.

O encontro de culturas, como o de raças, em condições que não sacrifiquem a expressão dos desejos, dos gostos, dos interesses de uma ao dominio exclusivo de outra, parece ser particularmente favoravel ao desenvolvimento de culturas novas e mais ricas. A desvantagem maior, do ponto de vista desse desenvolvimento, está justamente no isolamento ou na distancia social que difficul-te as oportunidades de contacto de um grupo com os outros, de uma raça com as outras. Por isto, Lars Ringbom vê no mestiço a melhor solução para os extremos de individualismo ou de collectivismo, nas grandes raças e nas grandes culturas, que elle considera puras.

Hooton, por sua vez, lembra que o Egypto chegou á sua riqueza extraordinaria de civilisação pela miscegenação profunda: sobre o fundo de raça mediterranea, o elemento negro, o armenoide e possivelmente o nordico. A Grecia tambem: uma mistura de mediterraneos, armenoides, nordicos e provavelmente alpinos. A' formação de Roma concorreram mediterraneos, nordicos e alpinos. Os puristas de raças não devem esquecer esses muitos exemplos de riqueza de cultura pela miscegenação. Um delles, Günther, admite no grupo de genios que procurou estudar anthropologicamente, dentro da theoria de que a capacidade de invenção e criação é suprema nos nordicos, sangue de outras raças, ao lado do sangue nordico — raramente encontrado triumphalmente puro, mesmo nos heroes dos paizes chamados nordicos. Porque meio-sangue foi Lutheró; meio-sangue Schopenhauer; meio-sangue, Schumann; meio-sangue Ibsen. Mas o sal dos paizes nordico-alpinos e nordico-mediterraneos seria, para Günther, o sangue nordico; a força daquelles genios, es-

taria na metade de sangue nordico em suas veias de híbridos. Argumento perigoso e frouxo. Ao mesmo tempo que reconhece a vantagem do cruzamento — pelo menos entre raças menos distanciadas nos seus característicos somáticos e nas suas especializações psicológicas — dá a Hertz o direito de perguntar com toda a fleugma: “Mas si é verdade que a cultura da Grecia, a de Roma, a da Italia, a da Hespanha, a dos slavos é criação dos elementos nordicos que entraram na formação desses povos, por que então o começo de todas essas culturas não foi nos centros de origem dos nordicos — na Scandinavia e no norte da Allemanha? Por que essas regiões só fizeram seguir, em épocas relativamente recentes, os caminhos abertos pelos povos híbridos do Sul?”

No Brasil, uma coisa é certa: as regiões de mestiçagem mais intensa se apresentam as mais fecundas em grandes homens. A nossa Virginia durante a monarchia — a mãe de grande parte dos presidentes de conselho e dos ministros de Estado — foi a Bahia, penetrada não só do melhor sangue que o trafico negreiro trouxe para a America como da cultura mais alta que se transmittiu da Africa, ao continente americano. A chamada Athenas brasileira, o Maranhão, foi outra região de mestiçamento intenso, com seus muitos curibocas idealizados ou romantizados em caboclos. O maior delles, Gonçalves Dias. Em contraste com os riograndenses-do-sul, mais brancos e tão cheios de radicalismos e de intransigencias nas suas attitudes, os homens da região de maior e mais profundo amalgamento de raças, alguns delles mulatos chapados, teem levado para a administração publica em nosso paiz, para a politica, para a diplomacia, para a direcção da Igreja Catholica, uma sabedoria de contemporisação, um senso de oportunidade, um equilibrio que fazem delles os melhores pacificadores, os melhores bispos, os diplomatas mais finos, os politicos mais efficientes.

E sem desprimor nenhum para a nossa Marinha de Guerra, recordaremos ainda uma vez que tendo-se constituído no maior viveiro de brancos ou quasi brancos no Brasil apresenta numero relativamente insignificante de grandes homens. Nem mesmo um professor de mathematica da estatura de Benjamin Constant. O contraste com o Exercito, de officialidade em grande parte mestiça, e até negroide, immediatamente se impõe. E com o contraste, a idéa de que pelo menos no sentido de melhor correspondencia com o meio brasileiro e de adaptação mais facil e talvez mais profunda aos seus interesses, aos seus gostos, ás suas necessidades, o mestiço, o mulato, digamos delicadamente, o moreno, parece vir revelando maior intelligencia de *leader* que o branco ou o quasi branco.

Aqui, já não é mais o caso da ascensão de mulatos ou de mestiços á sombra do dominio social, já agora em declínio, dos brancos e dos quasi brancos. É o triumpho mais largo e menos individual do mestiço, do curiboca e principalmente do mulato, atravez de melhor correspondencia, não diremos rigidamente psychologica — derivando essa correspondencia de imposições biologicas — mas socialmente psychologica, entre o *leader* mestiço e a massa, em sua maioria tambem mestiça. Ha entre os dois uma especie de maçonaria, uma linguagem secreta como a dos namorados e a dos pedreiros livres.

APPENSOS

Relação dos Alumnos q̃ apprendem na Aula Regia das Primeiras Lettras
desta Villa de Goianna, (Pernambuco, 1828).

Nomes e filiações	Idades	Qualidades	Moradias	Naturalidades	Progressos
Genuino Florentino de Francisco de Paula.	10	Pardo	Goianna	Goianna	Com adiantamento em escripta, leitura e contas de regra de tres
Pedro de Alcantara de Antonia Alz do Carmo.	12	Branco	Goianna	De Sam Miguel de Taipú	Com adiantamento na escripta, leitura e em contas derepartir.
José Joaquim de Santa Anna adotivo de Bento.	11	Branco	Goianna		Idem
Francisco da Silva Brandam de Vicente da Silva Brandam.	12	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Manoel Ribeiro da Purificação de Luiza Ribeiro.	14	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Francisco José Cte. de Mel. Alz Cte.	13	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Domingos José de Mello de Domingos José de Mello.	9	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Martinho José Andrade de José de Andrade.	13	Pardo	Goianna	Goianna	Idem
José Guedes de Paiva de José Guedes de Paiva.	13	Pardo	Goianna	De Sapumim	Com adiantamento na escripta, leitura e contas de multiplicar.
Manoel Franco Vidal de Franco Vidal.	13	Branco	Goianna	Goianna	Idem

Nomes e filiações	Idades	Qualidades	Moradias	Naturalidades	Progressos
Manoel Antonio de Figueredo de Marianna Francisca.	13	Pardo	Goianna	Do engenho do Borra	Com adiantamento na escripta, leitura e em conta de multiplicar.
José de Andrade de José Pereira de Andrade.	13	Pardo	Goianna	Goianna	Com adiantamento na escripta, leitura e em conta de diminuir.
Antonio da Silva Barreto de Manoel da Silva Barreto.	14	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na escripta, leitura e em conta de multiplicar.
Antonio João Garcia adotivo de Antonio João Garcia.	9	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na escripta, leitura e em conta de diminuir.
Antonio Ferreira Christovão de Antonio Christovão.	11	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Joaquim Barboza do Reis de Vicente Barboza.	10	Branco	Goianna	Goianna	Idem
João Baptista Pereira de Antonio Pereira Maciel.	12	Pardo	Goianna	Goianna	Idem
Ricardo Benecdito de Quiteria Maria.	12	Pardo	Goianna	Goianna	Idem
Joaquim Rafael adotivo de Bento Pinto Crespo.	9	Pardo	Goianna	Goianna	Idem e em conta de sommar.
João Alz Camello de Leonor Ma. da Conceição.	13	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Lucio José das Onze Mil Virgens de Benta do Sacramento.	8	Pardo	Goianna	Goianna	Idem

Antonio Affonso de Carvalho de Thomaz de Aquino de Carvalho.	10	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na escripta leitura e em conta de diminuir e sommar.
Caetano Henriques de Carvalho do dito acima.	9	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Amancio de Aquino adotivo de Bento Pinto Crespo.	11	Pardo	Goianna	Goianna	Idem
Manoel da Sensão de Thomé Ribeiro.	14	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Joaquim da Silva Monteiro de José da Silva Monteiro.	12	Branco	Goianna	Goianna	Idem
José Ignacio de Souza de An- tonio de Souza.	13	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Manoel Roiz Courço de Marcos Roiz Couro.	13	Branco	Goianna	Do Engenho Bôa Vista	Idem
Epifanio José da Silva de Ben- ta do Sacramento.	9	Pardo	Goianna	Goianna	Idem
João Muniz da Silva de João Muniz da Silva.	8	Branco	Goianna	Goianna	Idem
João Baptista de Araujo de Ma- noel Gonçalves Ferreira.	8	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Antonio Francisco Soares de Lourença Maria.	13	Pardo	Goianna	Goianna	Idem
Benedicto de Mello de Franco José de Freitas.	8	Branco	Goianna	Goianna	Idem
Manoel Alz de Manoel Alz Cavte. de Albque.	8	Branco	Goianna	Goianna	Idem

Nomes e filiações	Idades	Qualidades	Moradias	Naturalidades	Progressos
Francisco Marques de José Marques	9	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na escripta, leitura e em conta de diminuir e sommar.
Antonio Ferreira de Pedro de Brito	14	Branco	Goianna	Goianna	Idem.
Alexandre de Albuquerque de Antonio da Trindade	10	Pardo	Goianna	Goianna	Idem.
Herculano José dos Santos de Antonio José dos Santos	10	Preto	Goianna	Goianna	Idem.
Ciro Antonio Saraiva de Antonio Saraiva	10	Branco	Goianna	Goianna	Idem.
Pedro Joaquim de Lima de Manoel Joaquim	11	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura e em desenho e taboada.
Manoel Florentino adotivo de Jacinto	8	Indio	Goianna	Goianna	Idem.
Bento Ribeiro da Silva de Antonio Ribeiro da Silva	14	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura e escripta e principia a sommar.
Francisco Antonio Ribeiro de Antonio Ribeiro da Silva	13	Branco	Goianna	Goianna	Idem.
Henrique José Nunes de Victorino Nunes Cardoso	12	Preto	Goianna	Do Engenho Novo	Com adiantamento na leitura escripta e taboada.
Antonio de Souza de Antonio de Souza	12	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento em conta de sommar, leitura e escripta.

Ignacio José Joaquim Barreto de José Joaquim Barreto	9	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na escripta, leitura e taboada.
Domingos Alz da Silva de Andrade Medeiros	8	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento em leitura e riscunho.
Manoel Baptista de João Baptista	8	Pardo	Goianna	Goianna	Idem.
João Antonio Barboza de José Luiz da Silva	7	Branco	Goianna	Goianna	Idem.
Manoel da Silva Barreto Manoel da Silva Barreto	10	Branco	Goianna	Goianna	Idem.
Joaquim de Sant'Anna de Manoel da Silva Barreto	9	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento em leitura riscunho e taboada.
Antonio José Vieira de Manoel da Silva Barreto	8	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento em leitura somente.
Trajano Antonio dos Santos de Antonio José dos Santos	9	Pardo	Goianna	Goianna	Com adiantamento em leitura, escripta de riscunho.
André Vilino de Antonio José dos Santos	10	Preto	Goianna	Goianna	Idem.
Sylvestre de Souza de Floren- cia Joaquina	9	Pardo	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura e escripta.
Dufino Bezerra de Francisco Be- zerra	8	Pardo	Goianna	Goianna	Idem e em escripta de riscunho.
Joaquim Alz Ferreira de Mano- el Gonçalves Ferreira	9	Branco	Goianna	Goianna	Idem.
Feliciano Barboza de Damiana da Costa	8	Pardo	Goianna	Goianna	Idem.
José Pinto de Anna Joaquina	7	Branco	Goianna	Goianna	Idem.

Nomes e filiações	Idades	Qualidades	Moradias	Naturalidades	Progressos
Angelo dos Reis de Miguel Joaquina	10	Pardo	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura e escripta de riscunho.
Antonio Alz Ferreira de Manoel Alz Ferreira	7	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura somente.
Manoel Alz Ferreira de Manoel Alz Ferreira	9	Branco	Goianna	Goianna	Idem.
Joaquim Garcia do Amaral de Marcos Roiz do Amaral	10	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura, na escripta e em conta de sommar.
Joaquim Cordeiro Campos de Mathias Ribeiro Campos	9	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura e taboada.
Belarmino de Souza de Joanna Baptista	8	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura e na escripta de riscunho.
Thomazio Dias de Caetano Dias	11	Branco	Goianna	Goianna	Com adiantamento na leitura e nada mais.
Leopoldo Dias de Caetano Dias	10	Branco	Goianna	Goianna	Idem.

O Professor Publico, o Padre Antonio José de Barros.

Goianna, 11 de Julho de 1828.

(Ms. das Camaras Municipaes, 1828, Archivo do Estado de Pernambuco).

Relação dos Alumnos que de presente aprendem na Aula das Primeiras Letras da Freguezia de S. Lourenço de Tijucupapo, de Pernambuco (1825)

Nomes e filiações	Idades	Qualidades	Moradias	Naturalidades	Progressos
Francisco de Deos Neto de João de Deos Barboza	12	Pardo	Povoação de Carne de Vacca	Tijucupapo	Com bom adiantamento na escripta, na leitura e já principia em conta de regra de 3. Tem sufficiente habilidade.
Francisco Delgado do mesmo Professor.	11	Branco	Da Povoação	Alhandra	Com os mesmos principios e habilidades do acima.
Manoel Roiz Ventura de Patri- cio Roiz Ventura	14	Branco	Ladeira	Tijucupapo	Com adiantamento sofrivel na escripta e leitura e em conta de multiplicar e tem habilidade
Ignacio da Costa de João da Costa Ribeiro	13	Branco	Itapenoca	Recife	Com sofrivel adiantamento na escripta, mesma habilit. para a leitura, e já multiplicando. Tambem principia a repartir.
Joaquim José da Costa de Antonio José da Costa	13	Branco	Carrapixo	Tijucupapo	Tem mesmos principios menos habilidoso, principia a repartir.
Maximo Gomes de Gonçalo Gomes da Rxa	10	Preto	Carne de Vacca	Do.	Tem bom principio na escripta menos na leitura e já multiplica sofrivelmente.
Joaquim Pereira de Manoel Pereira	13	Preto	Da.	Do.	Tem os mesmos principios porem menos habilidoso em tudo.
Manoe da Costa de João da Costa	10	Branco	Da.	Do.	Principiante em tudo e já so- mando.
Sylvestre Gomes de Gonçalo Gomes da Rxa	9	Pardo	Da.	Do.	Idem.

Claudio Jm. Bezerra do Capm. Leonardo Bezerra	9	Branco	Abiai	Tacoava	Idem e menos habilidoso.
José Coriolano de Patricio Roiz Ventura	9	Branco	Ladeiro	Do.	Principiante em leitura, escrever e sommar.
José Rofino de José Coelho Castanho	9	Branco	Massavanduba	Tijucupapo	Principiante do mesmo modo.
Pedro Emilio Roiz do mesmo pai	8	Branco	Da.	Do.	Principiante em ler, escrever e tabuada.
Manoel dos Santos Neto de Do- rothêa da Sa.	13	Pardo	Carne de Vacca	Do.	O mesmo que o acima.
Constancio Camilo de Franco Antonio Cesar	7	Pardo	Ponta de Pedras	Do.	O mesmo que o acima.
João Franco da Costa de Ma- noel de Barros	7	Branco	Carne de Vacca	Do.	Principiante em Cartas de Sila- bas.
Pedro de Albuquerque do Tente. Antonio de Albuquerque	8	Branco	Negassa	Do.	O mesmo.
José Thomaz de Januario Gomes	9	Pardo	Carne de Vacca	Do.	O mesmo.
Estevão Cavalcanti de Joaquim Manoel Cavalcanti	7	Branco	Da.	Do.	O mesmo.
Lourenço Roiz de Maria Fran- cisca	10	Pardo	Itapeisoca	Do.	O mesmo.
Raymundo Martins de Gonçalo Martins	7	Pardo	Ladeira	Do.	O mesmo.
Manoel Pessoa de Manoel Pessoa	7	Pardo	Carne de Vacca	Do	O mesmo.

O Professor, João Angelo de Souza Franco

(Mes. das Camaras Municipaes, 1825, Archivo do Estado de Pernambuco).

CARTA DE UM BACHAREL EM
DIREITO AO PAE, SENHOR DE ENGE-
NHO, QUE ACCUSA A DECADENCIA
DO PATRIARCHADO RURAL NO BRASIL

Meu Pai, e Senr. Abenção

Olinda, 15 de Jun.º de 1844.

Recebi duas cartas de Vm.^{co}, uã escripta em Maio q.^o me foi entregue p.^{lo} Senr. Q, e outra, escripta agora em Jun.º q.^o me foi entregue p.^{lo} S,: nesta encomendou-me Vm.^{co}, q.^o comprasse 10 arr.^s de carne, a q.^l remetto p.^{lo} m.^{mo} p.^{or}, e supponho, q.^o não será m.^{to} má; e na q.^{la} outra falla-me do negocio, q.^o me foi offerecido o anno p. passado, e bate com todas as forças o homem, q.^o se sujeita ao dr.^o; meu Pai, é impossivel imaginar-se o desespero de q.^e me acho possuido, desde q.^e recebi esta nunca m.^s esquecida carta de Vm.^{co} somente p.^r ser lida em flagrante delicto, isto é, p.^r ser lida logo depois, q.^o pratiquei uã acção, q.^e era absolutam.^e opposta ao preceito sagrado de Vm.^{co}, sim commetti este horrendo crime, e p.^r q.^o commetti? seria p.^r ventura p.^r q.^e me vendesse p.^r dinheiro? Não certamente; rasões m.^o poderosas me obrigarão, p.^o q.^e commettesse sem.^e crime, os q.^{os} passo a expor á Vm.^{co}. Quando me foi offerecido este casam.^{to}, eu respondi, q.^e era do meu gosto, mas sem q.^e consultasse a vontade de meus Pais, eu nada podia decidir, nesse interin fui p.^o ahi, e havendo solicitado a opinião de algũas pessoas, já que não me animei a de

solicitar a de Vm.^{co} a resp.^{to} do m.^{mo} objecto, conclui, que não approvavão sem.^e casam.^{to}, e deste modo escrevi ao R.^{mo} Senr. F. (de saudosa memoria) desculpando-me, que não podia effectuar este neg.^{co} p.^r occorrerem certas circumstancias, e assim suppuz ficar dezonerado da m.^a promessa, mas logo que aqui cheguei, elle mesmo mandou-me chamar, e achando-o m.^{to} muribundo, prometti lhe cumprir o seu pedido, não só p.^a não descontental-o; p.^r isso que achava-se nos ultimos arrancos da morte, como tbem p.^r haver me offerecido m.^s cinco mil crusados alem dos quinze, mas ainda não foi isto som.^e; q.^o obrigou-me a acceital-o; vendo tbem por outro lado a quebrad.^a de Vm.^{co} e q.^e havia uma urgentissima necessidade de casarem logo, e logo as m.^{as} manas, p.^s q.^o ellas m.^{mas} já se queixavão de Vm.^{co} não realisar logo os seus consorcios e suppoem haver pouca vont.^e de Vm.^{co} p.^a este fim, resolvei-me p.^r esta razão a satisfazer o pedido, tbem p.^a soccorrer á Vm.^{co} em taes circumstancias; por isso q.^e não era e nem é preciso, que Vm.^{co} concorra m.^s p.^a os meus estudos, e ao m.^{mo} tempo dava, e dou (assim queira Vm.^{co}) os vinte mil crusados, p.^a q.^o se effectue logo o cam.^{to} das m.^{mas} manas; em fim uã outra razão convicente obrigou-me; e foi q.^o a criação, a educação, o bom genio, e as bellas qualid.^{es} da moça, e as suas maneiras agradaveis me embutirão tal amor, que fui obrigado logo, e logo a cumprir a minha palavra sem mais conselhos de pessoa algũa. A vista pois de taes rasões, e de outras m.^s q.^e tornar-me-hia enfadonho, se as numerasse vim a commetter um peccado tal, que talvez mereça p.^r amor delle o anathema de Vm.^{co}, mas o q.^e fazer-se, se esta triste sorte foi determinada p.^{la} Divina Providencia? Emq.^{to} o lançar-se em rosto a naturalid.^e da moça, isto não é m.^s q.^e um prejuiso, orgulho, e impostura de fam.^{as}, q.^o não observão os preceitos do filho de Deus, q.^o nos recommendou a

humild.,^e esta virtude q.^o sem ella não ha virtude, e q.^e é o fundam.^{to}, o alicerce, e o terreno (p.^a assim dizer) onde assentão todos os outros, e que em todos os exemplos foi-nos recommendado por Jesus Christo. O verbo humanado dep.^s de dar os m.^s edificantes exemplos de uã santa humild.^e, não permite ao Evangelista S. Matheus, q.^o mencione na sua arvore genealogica, senão á 4 mulheres, e q.^m são ellas?! serã p.^r ventura as Mathronas m.^e illustradas do antigo testam.^{to}?! Não por certo. Taes mulheres teve elle em sua inclyta ascendencia, mas as q.^o dictou ao seu Evangelista, forão estas = Tamar, incestuosa, Bernabé adultera, Raab e Ruth estrangr.^{as} humildes de fam.^a e fortuna; p.^a com isto dar aos peccadores confiança, aos Gentios em penhor de sua vocação, ao Evangelho, e a todos um exemplo de singular humild.^e = S. Jeronymo citado p.^{lo} insigne Theolo Portuguez, o P.^o Ant.^o Per.^a em suas anotações á Biblia Sagrada: E não servirá um facto tão estrondoso; para q.^o nós, deitando o orgulho, e impostura q.^o ornão nossas acções, sigamos o fim da nossa inclinação?! Seria p.^r ventura causa do seu nascimento o infeliz Ismael, f.^o de Aggar em seu adulterio com Abrahão?! Não certamente. E como o será do seu esta que o Céu me concedeu como Espôsa? O homem q.^o tem a gloria de nascer catholico, não poderá certam.^e, sem contradizer o fim p.^a q.^o foi creado, lamentar em ù seu f.^o, ù irmão, ou ù parente, o casamento, q.^o tem os caracteres do seu; p.^r q.^o ser Catholico, ser dicipulo de Jesus Christo, e não procurar imittal-o na humild.^e é ideia que repugna com a razão, ainda a m.^e depravada. E' um erro portanto, e athe um crime dos paes o influirem sobre o estado, q.^o devem tomar os seus filhos, e sobre a escolha da pessoa, q.^o lhes devem dar por espôsa. A Moral individual nos obriga a respeitar as nossas inclinações, e q.^m o não faz, ou por interesse pecuniario, ou por honras

mundanas, pecca contra uã lei, cuja observancia nos dá um premio immediato a satisfação interna, e mediato, a bemaventurança, q.º é a sancção da Moral. A vista pois do q.º levo dito, deixo a descripção de Vm.ºº o premio ou o castigo das m.ºº acções. Emq.ºº á vantagem, ou desvantagem do meu casam.ºº tenho consultado á varias pessoas, e todas (entre ellas J.º Cor. Fi., q.º se encontrou commigo no R.º) não tem desapproado; p.º tt.º espéro na summa benevolencia do meu Deus, que elle tbem não será desapproado p.º Vm.ºº.

Remetto as cartas q.º Vm.ºº mas enviou p.º serem entregues a seus donos q.º já não se axão por cá. Mando tbem o G., p.º q.º lá tem elle mais em q.º se occupe.

Nada m.º tenho á dizer, senão que fui, sou, e sempre serei

De Vm.ºº

f.º am.ºº e obd.º

João.

BIBLIOGRAPHIA (1)

*Manuscriptos, documentos e impressos cuja consulta mais
aproveitou ao preparo deste ensaio*

Manuscriptos e documentos ineditos da epoca (da segunda
metade do seculo XVIII até á Abolição):

Archivos de familia ou de engenho, livros de assento, diarios, correspondencia particular e commercial de Bento José da Costa, Manoel Thomé de Jesus, Luiz Pinto, Barão de Jundyá, Felix Cavalcanti de Albuquerque, José Lins Cavalcanti. Archivo (incompleto) da Sé de Olinda. Correspondencia com o Ministerio do Imperio, Archivo Nacional. Inventarios e testamentos do seculo XIX no Cartorio de Ipojuca. Collecção de Cartas Regias, Decretos e Provisões (seculos XVIII e XIX) do Archivo de Pernambuco, hoje na Bibliotheca do Estado. Collecção de Actas das Camaras de Pernambuco, referentes ao mesmo periodo, parte do mesmo archivo. Livros, de Sesmarias (seculos XVII e XVIII), parte do mesmo archivo. «Apontamentos historicos, biographicos e genealogicos sobre a fundação de Alagoas» — trabalho em Ms de Pedro P. da Fonseca. «Brazil under the Monarchy» e «Chronicas Lageanas», trabalhos em Ms de R. Creary, conservados na Bibliotheca do Congresso, em Washington.

(1) Alguns trabalhos aqui incluídos, que serviram ao preparo do capítulo sobre o mestiço, nos foram indicados pelo nosso collega Professor Donald Pierson, da Universidade de Chicago e actualmente na Bahia, onde estuda aspectos sociologicos das relações de raça e cultura em nosso paiz, e pelo eminente anthropologista Professor Melville J. Herskovits, que gentilmente nos enviou varios dos seus estudos publicados em revistas.

Gazetas, jornaes, revistas, albums e figurinos da epoca:

«Gazeta do Rio de Janeiro», «Idade do Ouro do Brasil», «Aurora Fluminense», «Sentinella da Liberdade, na sua primeira guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada alerta!!», «O Censor Brasileiro», «O Auxiliador da Agricultura Nacional», «A Marmota», «Jornal do Commercio», «Diario do Rio de Janeiro», «Diario de Pernambuco» «Revista das Familias», «O Progresso», «Monitor das Familias», «O Mosquito», «O Academico», «O Carapuceiro», «O Sete de Setembro», *The Times* (Londres), «Debret», «Voyage pittoresque et historique au Brésil», Rugendas, «Voyage pittoresque dans le Brésil», «Album Brésilien», (agoas tintas), de Ludwig & Briggs, sobre o Rio de Janeiro, «Memoria de Pernambuco» (Lith. de Carl e desenhos de Shappriz). Collecções de estampas (casas, jardins, aspectos de ruas e cidades) do Museu Paulista, do Museu do Estado de Pernambuco, da Bibliotheca Oliveira Lima e da Bibliotheca Nacional. Varios daguerreotypos e albums de familia, com retratos e photographias, especialmente os da collecção Braz Ribeiro.

Annaes, almanacks, publicações officiaes da epoca:

«Pequeno Almanack do Rio de Janeiro», «Almanack do Brasil» (Serigué), «Almanack administrativo, mercantil e industrial do Rio de Janeiro», «Almanack de Lembranças, Luso-brasileiro», «Almanack dos negociantes do Imperio do Brasil», «Almanack administrativo, mercantil, industrial e agricola da Provincia de Pernambuco», «Annaes do Parlamento», «Annaes Brasilenses de Medicina», «Annaes do Rio de Janeiro» (Silva Lisboa), «Memorias Historicas do Rio de Janeiro» (Pizarro), Relatorios da Junta Central de Higiene Publica do Imperio (annos diversos); Relatorios da Inspectoria Geral de Higiene do Rio de Janeiro (annos diversos); Relatorios dos Ministros da Justiça, da Agricultura e do Imperio, para diversos annos; Relatorios do Inspector Geral da Instrucção Publica; «Relatorio da Commissão encarregada de

examinar os esgotos da cidade do Rio de Janeiro» (1875), «Relatorio sobre medidas de salubridade reclamadas pela cidade do Rio de Janeiro e acerca da febre amarella em particular», por Francisco de Paula Candido (1851), «Inspectoria Geral da Higiene — Higiene das habitações — parecer do Dr. Pires de Almeida» (1886).

Documentos antigos publicados recentemente:

«Ordens e Provisoes Reays» (Archivo do Districto Federal), «O Rio de Janeiro no seculo XVII», Accordãos e Vereanças do Senado da Camara copiados do livro original existente no «Archivo do Districto Federal», «Documentos interessantes para a historia e costumes de São Paulo», «Actas» e «Registro Geral da Camara de São Paulo», «Archidiocese de Marianna» (Subsidios para a sua historia), «Synopsis das Sismarias Registradas nos livros existentes no Archivo da Thesouraria da Fazenda da Bahia» e outros documentos recolhidos pelo Archivo Nacional em suas «Publicações»; ordens, provisões, relatorios, posturas, cartas jesuiticas, memorias, biographias, publicados pela «Revista de Documentos para a Historia da Cidade do Rio de Janeiro», pela «Revista do Archivo do Districto Federal», pelos «Annaes da Bibliotheca Nacional», pela «Revista» do Instituto Historico Brasileiro, pela «Revista» do Instituto Archeologico, Historico e Geographico de Pernambuco, pela «Revista» do Instituto Historico de São Paulo, pela «Revista» do Instituto Historico da Bahia, pela «Revista» do Archivo Publico Mineiro, pelos «Annaes do Museu Paulista».

Diarios e livros de viajantes estrangeiros:

Quanto aos livros e diarios de viajantes estrangeiros, veja-se a bibliographia do trabalho anterior, *Casa-grande & Senzala*. Aqui vão apenas destacados alguns que não apparecem naquella bibliographia, ou mais directamente ligados aos assumptos tratados com maior attenção no presente ensaio.

BIBLIOGRAPHIA ESPECIALISADA

Sobre os judeus no commercio, nas industrias e nas cidades brasileiras, particularmente no Recife hollandês:

Block, *Les Juifs et la prospérité publique à travers l'histoire* (1899), M. C. Peters, *The Jews in America* (1906), F. Rivas Puiquervert, *Los Judios y el nuevo mundo* (1891), P. M. Netscher, *Les Hollandais au Brésil*, (1853), M. Kayserling, *Geschichte der Juden in Portugal* (1867), Ellis, *An introduction to the history of sugar as a commodity* (1905), Lippmann, *Geschichte des Zuckers* (1890), Bento Carqueja, *O capitalismo moderno e as suas origens em Portugal* (1908), João Lucio de Azevedo, *Historia dos christãos novos portugueses* (1922), *Epocas de Portugal Economico* (1930), H. Wätjen, *Das Hollandische Kolonialreich in Brasilien* (1921), Raynal, *Histoire Philosophique et Politique des Etablissements et du Commerce des Europeens dans les deux Indes* (DMCCLXXV), Angel Pulido, *Los Israelitas españoles y el idioma castellano* (1904), Nieuhoff, *Voyages and Travels in Brazil* (1703), *The 250th Anniversary of the Settlement of the Jews in the U. S. A.* (1905), *Ephemerides Mineiras* (1926), Pierre Moreau, *Histoire des Derniers Troubles du Brésil* (MDCLI) W. Sombart, *The Jews and Modern Capitalism* (tr., 1913), Solidonio Leite Filho, *Os Judeus no Brasil* (1922), Afranio Peixoto e outros, *Os Judeus na historia do Brasil* (1936). Varios artigos em *Jewish Encyclopedia*: «Marano», «Sephardim», «Brazil». Artigos em *Transactions da Jewish Historical Society of America*, especialmente: «The Colonization of America by the Jews» por M. Kayserling, vol. II, «Jewish activity in American Colonial commerce», vol. III, por M. J. Kohler, «Contributions to the history of the Jews in Surinam», por R. Gottheil, vol. IX, «The First Jews in America», por M. Kayserling, vol. X, «The earliest rabbis and Jewish writers of America», por M. Kayserling, vol. III, «Phases of Jewish life in New York before 1800», por M. J. Kohler,

vol. II, Artigos em *Revue des Etudes Juives*, especialmente: «Les Juifs protégés français aus échelles du Levant et en Barbarie», por Jonas Weyl, vol. XII, «Les Juifs dans les colonies hollandaises», por A. Kohut, vol. XXXI, «Les Juifs dans les colonies françaises au XVIII siècle», vols. IV e V.

Tambem os volumes editados por Paulo Prado sobre a *Visitação do Santo Officio ás partes do Brasil: Confissões da Bahia* (1922), *Denúncias da Bahia* (1925), *Denúncias de Pernambuco* (1929).

Sobre a casa, no seu aspecto social, e, em particular, sobre a casa brasileira durante o declínio do patriarchado:

Faville, *Les Maison-Types* (1894-1899), Aarousseau, *Recent Contributions to urban Geography* (1924), Waterman, *Geography of Indian Dwellings* (1924), G. Schmoller, *Princípios d'économie politique* (1905) Spengler, *Decadencia do Occidente*, tr. (1926), Wätjen, *Das Hollandische Kolonialreich in Brasilien* (1921), A. J. de Sampaio e A. Magalhães Correa, «Nota sobre o habitat rural rudimentar, no Brasil» (1932), Aluizio Bezerra Coutinho, «O Problema da habitação hygienica nos paizes quentes em face da Architectura Viva» (1930), W. C. Watson, *Portuguese Architecture* (1908), Costa Ferreira, *O Rio de Janeiro e o seu termo* (1935), Maximiliano de Wied-Neuwied, *Travels in Brazil in the years 1815, 1816, 1817*, tr. (1820), Whiffen, *The North-West Amazons* (1915), Maria Graham, *Journal of a Voyage to Brazil* (1824), Kidder, *Sketches of Residence and Travels in Brazil* (1845), Roy Narsh, *The Conquest of Brazil* (1926), Aluizio Azevedo, *O Cortiço*, L. de Freycinet, *Voyage autour du monde* (1817-1820), Koster, *Travels in Brazil* (1816), J. Henderson, *History of Brazil* (1821), A. de Saint-Hilaire, *Voyages dans l'interieur du Brésil* (1852), Spix e Martius, *Reise in Brasilien* (1832), Mawe, *Travels in the interior of Brazil* (1812), F. Denis, *Le Brésil* (1837), Burton, *The Highlands of the Brazil* (1869), Barão de Lavradio, *Apointamentos sobre a mortalidade na cidade*

do Rio de Janeiro (1878), Aquino Fonseca, *Algumas palavras acerca da influencia benefica do clima do sertão de Pernambuco sobre a phthisica pulmonar e da causa mais provavel da frequencia desta affecção na capital da mesma provincia* (1849), Luccock, *Notes on Rio de Janeiro and the Southern Parts of Brazil* (1820), Fletcher e Kidder, *Brazil and the Brazilians* (1866), Ewbank, *Life in Brazil* (1856), Stauton, *Voyage dans l'interieur de la Chine, et en Tartarie, fait dans les années 1792, 1793 et 1794 par Lord Macartiney* tr. (1799), José Maria Teixeira, *Causas da Mortalidade das crianças no Rio de Janeiro* (1887), Johan Brelín, *Beskrifning öfver en Afventyrlig Resa til och ifran Ost-Indien, Södra America, och en del af Europa, Åren 1755, 56 och 57* (1758), Oliveira Lima, *D. João VI no Brasil* (1905) e *Notas á Revolução de 1817*, do Padre Muniz (1917), José Mariano Filho, «*Architectura Mesologica*» (1931), Luis Edmundo, *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis* (1935), Alcantara Machado, Ida Pfeiffer, *Voyages autour du monde* (1868), João Alfredo de Freitas, *Len-das e superstições do Norte do Brasil* (1884), *Vida e morte do bandeirante* (1929), Lamego Filho, *Planície do solar e da senzala* (1933), Pedro Calmon, *O espirito da sociedade colonial* (1934), C. de Mello-Leitão, *Visitantes do Primeiro Imperio* (1935). Artigos nos «*Annaes Brasileenses de Medicina*», principalmente: «A Salubridade do Rio de Janeiro e os cortiços», por Costa Ferraz, XLIX; «Exgotos do Rio de Janeiro», por Corrêa de Azevedo, XXXIX, «Habitacões para classes pobres», LIII, «Pantanos do Rio de Janeiro», por Jobim, VII, «Da insolação domiciliar e sua applicação á cidade do Rio de Janeiro», por Alfredo de Sá Pereira, LXXV, «Parecer sobre o projecto de saneamento das habitacões para operarios, proletarios e empregados subal-ternos», por Soeiro, Guarany, Conselheiro Carlos Frederico e Costa Ferraz, LIII, «Contribuição ao estudo das molestias mais frequen-tes nas crianças das classes pobres da cidade do Rio de Janeiro», pelo Barão de Lavradio, LV. Artigos na «*Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*», principalmente: «Das artes plasticas no Brasil em geral e na cidade do Rio de

Janeiro em particular», por Araujo Vianna, LXXVIII, «Quadros alternados de viagens terrestres e marítimas, aventuras, acontecimentos políticos, descrição de usos e costumes de povos durante uma viagem ao Brasil», por Bosche, tr., LXXXIII, «A missão artística de 1816», por Affonso d'E. Taunay, LXXIV, «Cousas do passado», por Escragnolle Doria, LXXI, «A expedição do consul Langsdorff ao interior do Brasil», XXXVIII, «Quadro da população do Rio de Janeiro no anno de 1799, XXI, «Subsidios para a historia da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro», por Morales de los Rios, Congresso de Historia, I.

Sobre a mulher, sua situação no patriarcalismo e no semi-patriarcalismo, particularmente no Brasil dos fins do seculo XVIII, principios do XIX e durante a Regencia e o Imperio:

Patrick Geddes e J. Arthur Thompson, *The Evolution of Sexes* (1889), Helen B. Thompson, *The Mental Traits of Sex*, (1903), Ploss e Bartels, *Das Weib* (1907), Havelock Ellis, *Man & Woman* (1930), *Sex in Relation to Society* (1912), Alfred Fouillée, *Tempérament et caractère selon les individus, les sexes et les races* (1895), Torres Homem, *Elementos de clinica medica* (1870), Thomas, *Sex and Society* (1907), Westermarck, *The Origin and Development of Moral Ideas* (1926) e *The History of Human Marriage* (1921), Lecky, *History of the European Morals*, E. Legouné, *The Moral History of Woman* (1860), Paul Lapie, *La femme dans la famille* (1908), Paul Gide, *Etude sur la condition privée de la femme* (1867), L. T. Hobhouse, *Morals in evolution* (1906), Mary R. Coolidge, *Why women are so* (1912), M. Vaerting, *Dominant Sexes*, tr. (1929), Elsie Clews Parsons, *The Old Fashioned Woman*, Charlotte Perkins Gilman, *Women and Economics* (1898), K. von den Steinen, *Durch Central-Brasilien* (1886), Briffault, *The Mothers, a study of the origins of sentiments and institutions* (1927), Catharine Cox Miles, *Sex in Social Psychology* (1935), Calverton e Schmolhau-

sen (ed.), *Sex in Civilization* (1929), Bloch, *The Sexual life of our time*, tr. (1928), Davis, *Love in the machine age: a psychological study of transition from patriarchal society* (1930), Flugel, *The psycho-analytic study of the family* (1921), Mencken, *In Defense of Woman* (1926), Pruette, *Woman and leisure* (1924), Cowdry, ed., *Human biology and racial welfare* (1932), May, *Social control of sex expression* (1931).

Artigos nos *Annaes Brasileenses de Medicina*, depois *Annaes da Academia de Medicina*, especialmente: «A mulher perante o medico» por Corrêa de Azevedo, XXXVIII, «Causas da mortalidade dos recém-nascidos no Rio de Janeiro», XLII, «Estatística mortuária no Rio de Janeiro», por Haddock Lobo, XV, «O medico», por Corrêa de Azevedo, XVII, «Posição do medico», por Feital, XI, «O medico», por Sá Pereira, XVII, «Discurso», por Nicolau Moreira, XXXIV, «A educação da mocidade e o desenvolvimento do homem entre nós», por Corrêa de Azevedo, XXXVII, «Aborto provocado sobre o ponto de vista medico-legal e humanitário», por Nicolau Moreira, XXV, e por Feijó, XXV, «Prostituição» por Pereira Rego, X, «Prostituição no Rio de Janeiro», por Corrêa de Azevedo, XXXV, «Prostituição e syphilis no Brasil», por Soeiro Guarany, XLIV, «Regulamentação da prostituição», por Costa Ferraz, LV, «Medidas contra a prostituição no Brasil» por João Francisco, XLII, «Prostituição no Brasil» por Menezes Brum, XLIV, «Regulamentação sanitária da prostituição», por Silva Araujo, LV, «Centenario de Madame Durocher», LXXXII.

Sobre o mestiço, especialmente no Brasil durante o século XIX:

Davenport e Steggerda, *Race Crossing in Jamaica* (1929), Herskovits, *The American Negro* (1928) e *The Anthropometry of the American Negro* (1930), Silva Corrêa, *Les Luso-descendants de l'Inde portugaise* (1928), Reuter, *The mulatto in the United States* (1918), *The American race problem* (1927), *Race Mixture* (1931) e *Race and culture contacts* (1934), Günther, *Rassen-*

kunde des deutschen Volkes, (1922), Bouglé, *Essai sur le regime des castes* (1908), Castle, *Genetics and eugenics* (1924), S. J. Holmes, *Studies in evolution and eugenics* (1923), Schultz, *Race or mongrel* (1908), Gates, *Heredity in man* (1929), Fur, *Races, nationalités, états* (1922), Jennings, *The biological basis of human nature* (1930), Baur, Fischer e Lentz, *Human heredity*, tr. (1931), Boas, *Changes in the bodily forms of immigrants* (1910) e *Anthropology and modern life* (1929), Fischer, *Die Rehobother Bastards* (1913), e *Rasse und Rassenentstehung beim Menschen* (1927), Rodenwaldt, *Die Mestizen auf Kisar* (1927), Grant, *The Conquest of a continent* (1933), Corre, *Nos Créoles* (1890), Lars Ringbon, *The renewal of culture* (tr.), Rouma, *Le développement de l'écolier cubain: Blanc, Nègre et Mulâtre* (1921), Garth, *Race Psychology* (1931), Vidil, *Histoire des mutins de la «Bounty» et de l'île Pitcairn* (1932), Huber, *Evolution of facial musculature and facial expression* (1931), Johnston, *The Negro in the New World* (1910), Lafcadio Hearn, *Two Years in the French West Indies* (1890), Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902), Aluizio Azevedo, *O Mulato* (1889), Salmon, *Immigration and mixture of races in relation of mental health of the Nation* (1919), Wcdson Work, *A bibliography of the Negro in America* (1928), Shamon, *The Negro in Washington* (1930), Adams, *The peoples of Hawai* (1925), Radin, *The Racial myth* (1923), Thompson, *Danger spots in world population* (1928), Pitt-Rivers, *Clash of culture and contact of races* (1929), Puvion, *La pathologie des juifs est due non à la race, mais aux moeurs* (1930), F. von Luschan, *Volker, Rassen, Sprachen* (1922), Neuville, *L'espèce, la race et le métissage en anthropologie* (1933), Roquette Pinto, *Ensaio de anthropologia brasileira* (1933), P. Guimarães, *Hereditariedade normal e pathologica* (1935), Keith, *Ethnos* (1931), Rossel i Vilar, *La Raça* (1930), Faure, *Trois gouttes de sang* (1929), Siemens, *Theorie de l'heredité. Higiène des races et politique de peuplement*, (tr. 1929), Hooton, *Up from the ape* (1932), Gilberto Amado, *Grão de Areia* (1916), e *Dança sobre o abysmo* (1933), Sylvio Romero, *Historia da Litteratura Brasileira* (1888), Alberto

Torres, *A organização nacional* (1933), Paulo Prado, *Retrato do Brasil* (1929), Hirsch, *A study of natio-racial mental differences* (1926), Jorge de Lima, *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* (1934), Oliveira Vianna, *Raça e assimilação* (1932), e *Evolução do Povo Brasileiro* (1933), Kehl, *Sexo e civilização* (1934), Azevedo Amaral, *O Brasil na crise actual* (1935), Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil* (1933), A. Ramos, *O Negro Brasileiro* (1934), e *O folk-lore negro no Brasil* (1935), M. Bomfim, *O Brasil* (1935), Sigaud, *Du climat et des maladies du Brésil* (1844), José Americo de Almeida, *A Parahyba e seus problemas* (1934), Bastos de Avila, *Questões de Anthropologia Brasileira* (1935), Estevão Pinto, *Os indigenas do Nordeste* (1935), Nicolle, *Biologie de l'invention* (1932), Couty, *L'esclavage au Brésil* (1881), George Readers, *Le comte de Gobineau au Brésil* (1934), M. de Andrade, «O Aleijadinho e Alvares de Azevedo» (1935), Ellis Junior, *Raça de gigantes* (1926) e *Populações paulistas* (1935), J. de Castro, *Alimentação e raça* (1935), Isaac Brown, *O normotipo brasileiro* (1934), Wallace, *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* (1852), Miller, *Races, nations and classes* (1924), Boldrini, *Biometrica-problemi della vita delle specie e degli individui* (1928), A. Jurema, *Insurreições negras no Brasil* (1935), Curlin, *Negro poets and their poems* (1923), Chevkett Aziz, *Sur la tache bleue congenitale chez les nouveaux nés turcs* (1934).

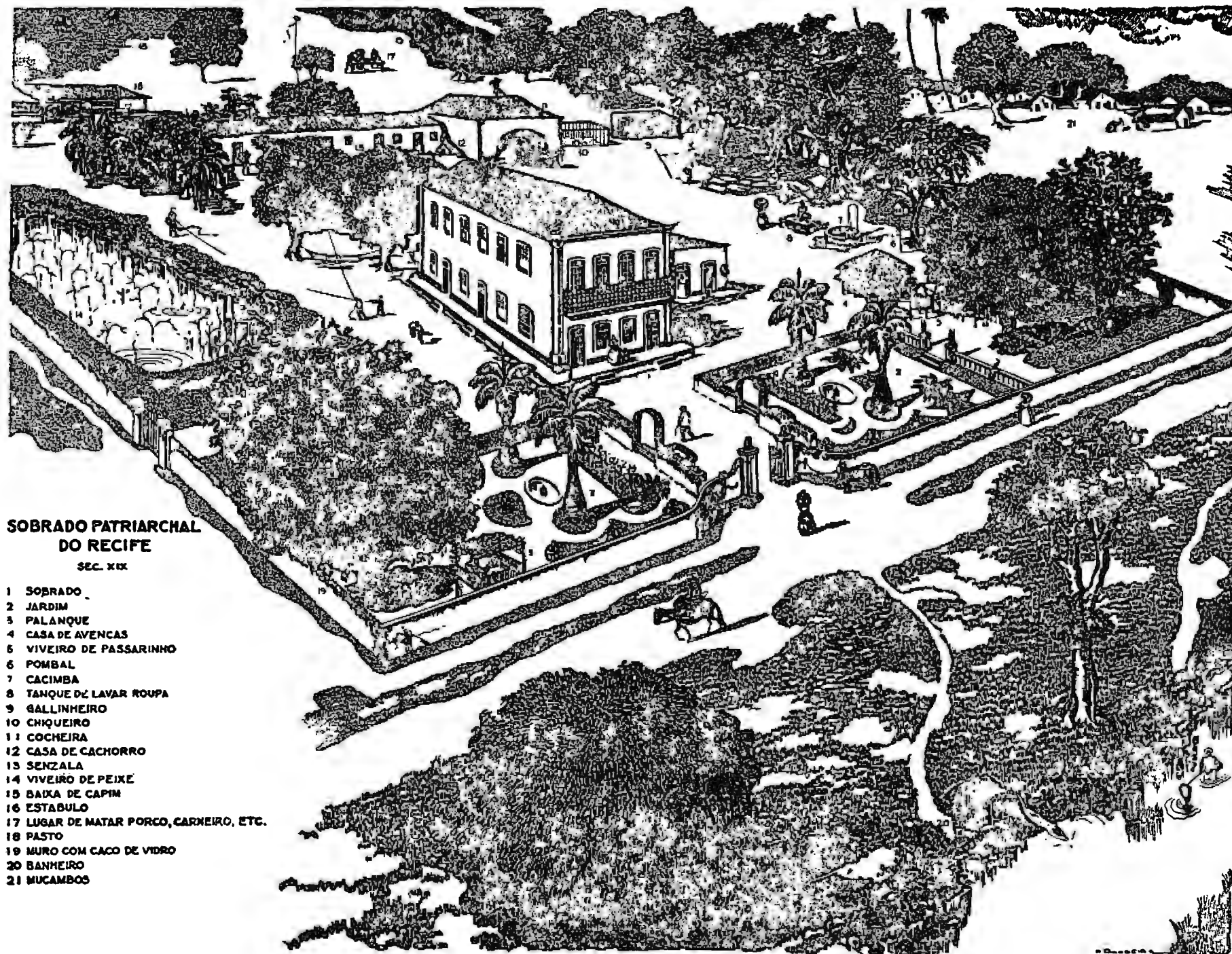
Artigos de revista ou de anthologia: «Methods of racial analysis», por E. A. Hooton, *Proceedings, American Philosophical Society*, LXV, «Biological and social consequences of race-crossing», por Castle, *American Journal of Physical Anthropology* IX, «A critical discussion of the Mulatto Hypothesis», por Herskovits, *Journal of Negro Education*, (1934), «Evidences of disharmony in Negro-White crossings», por Davenport, *Eugenics News*, XIV, «The New World Negro as an anthropological problem», por Herskovits, *Man*, XXXI, «The effects of race intermingling», por Davenport, (*Proceedings, American Philoso-*

phical Society, LVI), «Race mixture and physical disharmonies» por Castle, *Science*, LXXXI, «Some criticism of Race Crossing in Jamaica», por Davenport, *Science*, LXXII, «Brazil, laboratory of civilization», por R. Bilden, *The Nation* (1929), «Essai anthropologique sur les Nègres et Mulâtres du Congo», por Daniel, *Revue anthropologique* (1914), «The question of racial purity», por Boas, *The American Mercury* (1934), «La selva», por Waldo Frank, *Sur* (1931), «Progress in the study of race mixtures with special reference to work carried on at Harvard University», por Hooton, *Proceedings, American Philosophical Society*, LXV, «The variability of hybrid population», por K. Wagner, *American Journal of Physical Anthropology*, XV, «Mendelian heredity and racial differences», por R. R. Gates, *Journal of the Royal Anthropological Institute*, LV, «The physical characteristics of two Pitcairn Islanders», por Keith, *Man*, XXV, «An anthropometric study of Hawaiians of pure and mixed blood based upon data collected by Alfred M. Tozzer», por Dunn, *Papers of the Peabody Museum*, XI, «On the provenience of New World Negroes», por Herskovits, *Social Forces*, XII, «The physical form of Mississippi Negroes», por Herskovits e Cameron, *American Journal of Physical Anthropology*, XVI, «The half-blood Indians», por Boas, *Popular science Monthly*, (1894), «Mingling of the races», por Davenport, in *Human biology and race welfare* (1930), «Human hybrids. Racial crosses in various parts of the world», por Fleming, *Eugenics Review*, XXI, «Métis de Cochinchine», por Holbe, *Revue anthropologique*, XXIV, «Observations and queries as to the effect of race mixture on certain physical characteristics», por Hooton, e outros estudos, *2nd International Congress of Eugenics, Papers*, II, «Hybrid types of the human race. Race mixture as a cause of conspicuous morphological changes of the facial type», por Lundborg, *Journal of Heredity*, XII, «The métis or half-breeds of Brazil», por Lacerda, e outros estudos, *Papers on inter-racial problems* (1911), «Mentality of racial hybrids», por Park, *American Journal of Sociology* XXXVI, «The beginnings of the

miscegenation of the Whites and the Blacks», por Woodson, *Journal of Negro History*, III, «Anthropological observations of the Anglo-Indians of Calcutta», por Mahalanobis, *Records of the Indian Museum*, XXIII, «Changing concepts of race», por Miller, *Publications of the American Sociological Society*, XXI, «The problem of cultural differences», por Park, *Proceedings of the Institute of Pacific Relations* (1931), «Racial contacts and racial research», 28th. *Annual meeting of the American Sociological Society* (1933), «The concept of social distance as applied to the study of racial attitudes and racial relations differences as bases of human symbiosis», por Mc Kenzie, in *Social attitudes*, ed. por Kinball Young (1931), «A race relations survey» por Park, *Journal of Applied Sociology*, VIII, «Racial differences in mortality and morbidity», por Clemens, *Human Biology*, III, «Are the races potentially equal?», por Goldenweiser, *Proceedings, American Philosophical Society*, LVIII, «Alguns dados anthropologicos da população do Recife», por U. Pernambucano e A. Di Lascio, *Archivos da Assistencia a Psicopathas de Pernambuco* (1935), «On the relation of anthropology to psychology», por Hrdlicka, *American Association for Advancement of Science, Address* (1920), «Race and Civilization, por Dorsey, in *Whither Mankind* ed. por Beard (1929), «Racial differences in mental traits» por Woodworth, e outros estudos in *Source Book of Anthropology* (1931), «Raça e constituição individual», por A. Ferraz, *Archivos de Assistencia a Psicopathas de Pernambuco* (1935), «As condições physicas na formação das raças», por Mendes Corrêa, *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, XII, «The changing effects of race competition», por Holmes, *Science* (1932), «The Bantu are coming», por A. W., *Journal of the African Society*, XXIV, «The personality of the mixed blood», por Reuter, *Publications, American Sociological Society*, XXII, «Race segregation in cities», por Haynes, e outros estudos in *Readings in Social Problems* (1916), «Social history of the Negro», por Herskovits e outros estudos in *A Handbook of Social*

Psychology (1935), «Os grandes problemas da anthropologia», por Froes da Fonseca e outros estudos nos *Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, (1929), «Longevidade, sua relação com os grupos ethnicos da população», por L. Robalinho Cavalcanti e outros trabalhos in *Estudos Afro-Brasileiros* (1935), «The methodology of racial testing: its significance for sociology», por M. Meade, *American Journal of Sociology* (1926), «Molestias que mais affligem a classe pobre no Rio de Janeiro», por Jobim, *Annaes Brasilenses de Medicina*, X, «Molestias tratadas no Hospital da Misericordia», por Pereira do Rego, *Annaes Brasilenses de Medicina*, VIII, «Cruzamentos de raças e degeneração do producto resultante», por Nicolau Moreira, *Annaes Brasilenses de Medicina*, XXXV, «The colour bar» (carta), por Owen Berkeley-Hill, *The Spectator*, (1931), «Aspectos psychopathologicos das raças no Brasil», por Cunha Lopes, *Revista de Pathologia e Clinica* (Dez. 1935), «Concerning racial differences», por Goldenweiser, *Menorah Journal*, VIII, «Race and culture in the modern world», por Goldenweiser, *Journal of Social Forces*, III, «A mestiçagem humana e o problema das culturas», por A. Bezerra Coutinho, *Revista Medica de Pernambuco*, (1934), «Mentality of racial hybrids», por Park, *Address, Fourth Pacific Science Congress*, Batavia-Bandoeng, Java, (1929), «Contribution à l'étude anthropologique du noir en Afrique Equatoriale Française», por Léon Pales, *L'Anthropologie*, XLIV.

*** Este livro foi composto e impresso na Empreza Graphica da «Revista dos Tribunaes», á Rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo-Brasil, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, ns. 118 a 140, em Agosto de 1936 ***



SOBRADO PATRIARCHAL DO RECIFE

SEC. XIX

- 1 SOBRADO
- 2 JARDIM
- 3 PALANQUE
- 4 CASA DE AVENCAS
- 5 VIVEIRO DE PASSARINHO
- 6 POMBAL
- 7 CACIMBA
- 8 TANQUE DE LAVAR ROUPA
- 9 GALLINHEIRO
- 10 CHIQUEIRO
- 11 COCHEIRA
- 12 CASA DE CACHORRO
- 13 SENZALA
- 14 VIVEIRO DE PEIXE
- 15 BAIXA DE CAPIM
- 16 ESTABULO
- 17 LUGAR DE MATAR PORCO, CARNEIRO, ETC.
- 18 PASTO
- 19 MURO COM CACO DE VIDRO
- 20 BANHEIRO
- 21 MUCAMPOS



Brasileiras da segunda metade do século XIV de apparencia mais oriental do que européa.



Mucambo todo de palha



Mucambos de praia, com alpendre.